UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Tradição e renovações da identidade romana
em Tito Lívio e Tácito

Juliana Bastos Marques

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor.

Orientador: Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello

São Paulo
2007

Para meus pais.

Para Cinília Tadeu Gisondi, in memoriam.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Norberto Luiz Guarinello, pela dedicação e amizade.

Aos Profs. Drs. Ana Teresa Marques Gonçalves, Anderson Zalewski Vargas, Fábio Faversani, Francisco Murari Pires, Gilvan Ventura da Silva, Maria Luiza Corassin, Pedro Paulo Abreu Funari e Vicente Dobroruka, pelo apoio e valiosos comentários.

Ao Univ.-Prof. Dr. Ernst Baltrusch e a todos os professores, funcionários e alunos que me auxiliaram na Freie Universität Berlin, bem como ao DAAD – Deutsche Akademische Austauschdienst, pela concessão de bolsa de pesquisa complementar.

A todos os amigos que me apoiaram, em especial Bruna Dutra de Oliveira Soalheiro Cruz, Carolina Kesser Barcellos Dias, Luciana Caminha Afonso, Luís Ernesto Barnabé, Maria Angela Raus, Marina Regis Cavicchioli e Tatiana Bina.

Aos funcionários da biblioteca da FFLCH e de outras bibliotecas consultadas.

Aos meus pais.

A Bianca Miarka.

À FAPESP, pelo apoio financeiro e institucional.

"Il bisogno pratico, che è nel fondo di ogni giudizio storico, conferisce a ogni storia il carattere di 'storia contemporanea', perché, per remoti e remotissimi che sembrano cronologicamente i fatti che vi entrano, essa è, in realtà, storia sempre riferita al bisogno e alla situazione presente, nella quale quei fatti propagano le loro vibrazioni."

Benedetto Croce - **La storia come pensiero e come azione.**

RESUMO

Há uma leitura particular da identidade no mundo romano, entre tantas possíveis, que deriva da tradição historiográfica latina. Os historiadores romanos criaram um discurso específico do passado, que buscava uma uniformidade, mas também demonstrava suas peculiaridades distintas de acordo com as circunstâncias de suas próprias realidades. Pretendemos aqui discutir o caso de dois deles, Tito Lívio e Tácito, para compreendermos o que eles entendiam por "ser romano", baseado nas premissas da interação entre o gênero historiográfico e os contextos contemporâneos dos autores. As dificuldades ao reconstruir este segundo tópico são um tema comum nos estudos sobre Tito Lívio e Tácito, concentrando-se principalmente na relação deles com os imperadores, mas aqui tencionamos fazer uma relação desse ponto com as singularidades das suas reconstruções do passado, que eram baseadas num conjunto relativamente regular de regras da narrativa. Os novos caminhos nos estudos sobre identidades no mundo antigo trazem interessantes leituras para esse problema, pois ajudam a renovar a análise de, no recorte que escolhemos, quatro dos principais conceitos que definem a identidade romana em Tito Lívio e Tácito: *concordia*, *pietas*, *fides* e *mos maiorum*. Finalmente, tanto o processo de reconstrução do passado através de uma memória compartilhada e regulada quanto a busca constante de padrões morais fixos revelam, em última instância, as mudanças pelas quais passa a cidade de Roma no desenvolvimento do principado, de forma que essa identidade romana acaba por fazer da própria cidade um símbolo.

Palavras-chave: Historiografia Antiga, Historiografia Romana, Historiografia Latina, Tito Lívio, Tácito, tradição, identidade.

ABSTRACT

There is one particular reading of identity in the Roman world, among many possible others, that derives from the tradition of Latin historiography. Roman historians have created a specific discourse on the past, aiming at uniformity but also showing their distinctive peculiarities due to the circumstances of their own times. We aim here to discuss the case of two of them, Livy and Tacitus, with a goal to understand their views on what "being Roman" meant, based on the premises of the interplay between the historiographical genre and the authors' contemporary contexts. The difficulties when trying to reconstruct this second topic are a standard issue in the studies about Livy and Tacitus, focusing primarily on their relationship with the emperors, but here we intend to make a connection of this issue with the singularities of their reconstructions of the past, which were based on a fairly regular set of writing rules. The new trends on the question of identities in the Ancient world add to this inquiry, helping to refresh the analysis of, as we chose, four concepts that help to define the Roman identity in Livy and Tacitus: *concordia*, *pietas*, *fides* and *mos maiorum*. In the end, both the process of reconstruction of the past through a shared and regulated memory and the constant call for a fixed set of moral standards ultimately reveal the changes that the city of Rome goes through under the development of the Principate, so that this Roman identity end up making a symbol out of the city itself.

Keywords: Ancient Historiography, Roman Historiography, Latin Historiography, Livy, Tacitus, tradition, identity.

SUMÁRIO

Introdução.....	1
- Tito Lívio, Tácito e a tradição historiográfica latina.....	1
- O conceito de identidade no mundo romano.....	16
- Concepções definidoras da identidade romana em Tito Lívio e Tácito.....	21
 Parte I – Tito Lívio.....	 27
1. Tito Lívio e a formação, consolidação e crise de uma identidade do povo romano.....	28
1.1. Os objetivos de Tito Lívio e seu presente.....	31
- O prefácio.....	31
- Tito Lívio e Augusto.....	39
2. <i>Ab urbe condita</i> e os valores do passado em Tito Lívio.....	50
2.1. <i>Concordia ordinum</i>	61
2.2. <i>Fides</i>	72
2.3. <i>Pietas</i>	86
2.4. <i>Mos maiorum</i>	101
 Parte II – Tácito.....	 111
1. Tácito e a readequação dos valores no principado.....	112

1.1. Os objetivos de Tácito e seu presente.....	112
- Dos Flávios a Trajano.....	115
2. Os valores do passado em Tácito.....	128
2.1. Da <i>concordia</i> à <i>moderatio</i>	131
2.2. A <i>fides</i> e o papel do exército.....	147
2.3. <i>Pietas</i>	158
2.4. <i>Mos maiorum</i>	183
Conclusão.....	198
Referências bibliográficas.....	205

INTRODUÇÃO

- Tito Lívio, Tácito e a tradição historiográfica latina

Nos principais manuais de literatura latina, ou mesmo na maior parte da bibliografia específica sobre os historiadores antigos, a definição da historiografia não tem sido apresentada através de grandes reflexões teóricas. É absolutamente comum deparar-se com textos que enumeram as características individuais de cada historiador latino numa sucessão cronológica padrão, desde os primórdios da historiografia em Roma com Fábio Pictor até o surgimento da historiografia cristã, sem no entanto problematizar de maneira abrangente o que define tal sucessão em termos teóricos - literários, retóricos ou do gênero histórico propriamente dito¹. Mais ainda, o *corpus* dos estudos sobre historiografia geralmente se apresenta, além dos manuais, como uma coleção de monografias sobre cada determinado historiador antigo, onde a ênfase é dada na relação do autor estudado com seus predecessores em termos de tratamento de conteúdo, abordagem e estilo². Algumas vezes, também, os critérios de agrupamento de autores em tais obras seguem uma definição bem mais contemporânea do que baseada nos conceitos antigos sobre o que deveria se entender como uma obra histórica – e assim vemos, por exemplo, autores considerados biógrafos na Antigüidade sendo estudados juntamente com historiadores no sentido mais restrito: Cornélio Nepos e Suetônio são os exemplos mais evidentes.

¹ O que acontece dos antigos, como SHOTWELL, 1940 (original, 1922), PARATORE, 1993 (original, 1950) aos recentes, como CONTE, 1987; DIHLE, 1994 (original, 1991); HARTOG, 2001 (original, 1999) ; KENNEY & CLAUSEN, 2000, entre outros. Um contraste é MARTIN; GAILLARD, 1992.

² A bibliografia aponta alguns títulos importantes para Tito Lívio e Tácito, onde isso geralmente ainda acontece.

É característica do séc. XIX, presente até ainda meados do séc. XX, a necessidade de considerar os historiadores antigos como importantes ou não de acordo com sua relevância estilística e com seu tratamento de cada determinado período, de acordo com certos critérios do que seria uma história mais fidedigna, verdadeira e correta no uso das fontes. Assim, Tucídides seria admirado como o “pai da história científica” por muitos, história essa baseada nos padrões metodológicos positivistas do séc. XIX, e tomado então como definidor de um certo padrão de validade e relevância para historiadores em todo o resto da Antigüidade³. Ou também, em termos estilísticos, a valorização da “Idade de Ouro” da língua latina certamente legitimou muito mais o estudo, por exemplo, de Salústio em detrimento de autores do Baixo Império, como Dión Cássio - um autor com pouquíssima bibliografia⁴ - e Amiano Marcelino, sobre o qual a ênfase dos estudos recai geralmente em aspectos militares (CARVALHO; FUNARI, 2007) e no governo do imperador Juliano⁵. Portanto, se por um lado os trabalhos mais recentes sobre historiografia latina têm finalmente reabilitado autores antes considerados pouco relevantes por aqueles padrões, como Veleio Patérculo (HELLEGOUARC'H, 1984) e Floro (HALL, 1990), ainda há muito espaço para repensar as noções antigas de tradição historiográfica e da legitimidade dos autores latinos dentro dela.

O debate, na verdade, é antigo, se considerarmos a classificação de Felix Jacoby dos fragmentos dos historiadores gregos, na compilação *Die Fragmente der griechischen Historiker*, de 1923⁶. Em seu trabalho, Jacoby priorizou uma classificação em subgêneros dos textos e temas dos historiadores gregos, ao invés de uma classificação

³ "Thus historiography became, like theology, the study of error." BENTLEY, 2002, p. xiii. Sobre a teleologia de Felix Jacoby, com a historiografia grega se desenvolvendo na sucessão Hecateu-Hérodoto-Tucídides, ver MARINCOLA, 2004, p. 287.

⁴ Destacando-se MILLAR, 1964. Cf. GONÇALVES, 2003.

⁵ Em especial no caso de obras até a metade do século XX. Após a publicação do trabalho pioneiro de E. A. Thompson (1947), passaram-se mais algumas décadas até que ocorresse um interesse maior por Amiano, seguindo uma tendência de valorização de temas de pesquisa sobre o Baixo Império. Cf. CARVALHO, 2003.

⁶ Baseado em seu artigo de 1909, "Über die Entwicklung der griechischen Historiographie und den Plan einer neuen Sammlung der Historikerfragmente". *Klio*, 9, p. 80-123.

meramente cronológica. Assim, os fragmentos foram divididos nas seguintes categorias: mitografia/genealogia, etnografia, cronografia, história contemporânea (*Zeitgeschichte* – que Jacoby considerava como o paradigma da historiografia grega) e horografia, ou história local. Tal divisão foi a base para as reflexões posteriores a respeito dos objetivos e formas da historiografia grega, embora não tenha sido seguida nas compilações de fragmentos dos historiadores latinos. A mais utilizada destas, *Historicorum Romanorum Fragmenta*, feita por Peter Hermann, é ainda de 1883, mas mesmo as compilações mais recentes de Chassignet (2003, 2004) também apresentam uma disposição cronológica, e mais conservadora, dos fragmentos.

A pesquisa de Fornara (1983) é uma releitura crítica das classificações de Jacoby, e também os trabalhos de Arnaldo Momigliano e Luciano Canfora apontaram na direção de uma reflexão teórica mais sistematizada dos mecanismos de identidade e legitimação dos historiadores antigos dentro da tradição do gênero historiográfico. No entanto, é apenas com o recente livro de John Marincola (1999b) que vemos um estudo focado exclusivamente nas diversas formas de apresentação desses mecanismos⁷.

Também se inclui nesse novo questionamento a valorização da importância dos estudos sobre retórica e sua influência no discurso histórico antigo, e nesse sentido os estudos de A. J. Woodman (1988) e de seus pares britânicos têm apontado novas possibilidades de abordagem. A retórica antiga já foi um tópico muito importante, quando servia de base e exemplo para o estudo da expressão escrita e oral no mundo erudito e acadêmico, especialmente no campo do direito. No entanto, a ênfase na rigidez das regras e na exaustiva e minuciosa enumeração das características do discurso retórico definidas por Cícero e Quintiliano já não faz mais sentido nas novas leituras propostas (McDONALD, 1975). De maneira concomitante, têm-se hoje de certa forma

⁷ Lacy (1999) também aponta para essa tendência.

superadas as abordagens centradas na *Quellenforschung*, dando-se maior ênfase às particularidades da visão histórica do autor antigo estudado⁸. Assim, repensar a importância da teoria retórica para o mundo antigo é também parte dessa necessidade de definir a historiografia latina sob uma nova ótica.

Também seria interessante apontar brevemente a diferença conceitual entre historiografia "romana" e "latina". Aparentemente, é muito simples: "romana" por que escrita no mundo romano, ou por romanos, e "latina", quando é escrita em latim. Mas os termos podem se confundir, já que isso implica na importante distinção entre a tradição historiográfica estritamente característica de Roma, com temas, ênfases, estilo e identificação com a literatura latina, e os autores que viveram no mundo romano mas escreviam em grego. Esta segunda categoria é bastante heterogênea, e pode ser dividida entre os autores gregos que viviam no mundo romano (Políbio, Dioniso de Halicarnasso, Dión Cássio, Herodiano, etc), outros autores que viviam no Império Romano mas não eram nem gregos nem romanos (especialmente Flávio Josefo), e ainda os primeiros historiadores romanos, como Fábio Pictor, que se baseavam nos padrões gregos - até mesmo usando a língua grega - para escrever história, mas que representam o início da tradição historiográfica estritamente latina (MOMIGLIANO, 1972).

Em termos de formação dessa tradição, analisemos antes alguns pontos sobre o mundo grego antes de entrarmos na análise da historiografia latina, para podermos compreender de que forma a historiografia latina se deriva da grega, e o quanto também se constitui em uma singularidade. Afinal, também, quando se fala em tradição, o ponto de partida é de fundamental importância para definir seu desenvolvimento. A princípio, a história como gênero narrativo surge não com Heródoto, mas com Hecateu, pelo que podemos ler a partir de seus poucos fragmentos. Heródoto - e talvez também Hecateu - é

⁸ Ver, como exemplo, as diferenças entre a "velha escola" da *Quellenforschung* e a "nova escola retórica-temática" sobre Tito Lívio, assim discutidas em MILES, 1995, p. 1-7.

sucessor e continuador nada menos do que do próprio Homero (BREISACH, 1994). Sem aqui nos aprofundarmos na questão da validade da épica como fonte histórica no mundo antigo⁹, vemos ainda que para Heródoto é possível de certa forma encontrar a verdade no relato épico, pois que este também compartilha com a História a relevância do tema¹⁰. Se a guerra de Tróia é um tema de tal magnitude para que seja relatado por Homero, assim também Heródoto vê essa como a mesma justificativa para sua obra. Ainda mais: a fixação do relato para preservação da memória é outra característica comum aos dois autores. E assim, todos os continuadores de Heródoto, que ajudarão a confirmar a definição do que é, e para que serve, a escrita da história, partirão daqui para frente desses mesmos princípios.

O aspecto da legitimidade é fundamental na tradição historiográfica antiga, e no mundo latino também reflete o que acontece na historiografia grega. Um autor só justifica seu esforço de pesquisa (no próprio sentido de *historêin* - relato) e a relevância e importância de sua obra se ele se apresentar como herdeiro digno de seu ou seus antecessores. Se Heródoto - ou ainda mais, Homero - foi grande e cumpriu com maestria o seu intento, cada autor seguinte deverá alegar que sua obra é tão ou principalmente *mais* importante, grandiosa, completa, verdadeira, bem escrita, etc. para justificar sua autoridade. Muitas vezes o historiador precisa depreciar explicitamente seus antecessores para justificar sua escolha de tema e período e assim se impor - é o que acontece por exemplo no caso de Políbio em relação a seu antecessor, Timeu¹¹. No mundo latino, essa é uma característica que permanece, enquanto necessidade de justificativa do trabalho do autor (MARINCOLA, 1999b).

⁹ Para tal debate, ver FUNARI, 2005.

¹⁰ "It has long been recognized that Homer's Iliad is, in an important sense, the father of fifth-century Greek historiography. The reception of epic plays a crucial role in the shaping of the kind of universal histories that become closely identified with histories of empires." DENCH, 2005, p. 55. Cf. HUNTER, 1982.

¹¹ Políbio, *Histórias*, livro 12.

Fábio Pictor, o primeiro historiador latino (séc. 3 a.C.), sofre certamente uma influência direta dos padrões historiográficos gregos do período helenístico, ao escrever uma história de Roma em grego¹². O mesmo acontece com Cíncio Alimento e outros autores do período imediatamente posterior a Fábio Pictor, mas os fragmentos de que dispomos infelizmente são tão esparsos que tornam altamente controversa a questão do quanto essa influência é determinante para seus textos, e quais podem ser os elementos mais tipicamente locais que os caracterizam (CORNELL, 1986; TIMPE, 1972; MOMIGLIANO, 1990).

Quando Catão escreve as *Origens*¹³, iniciando enfim a história escrita especificamente na língua latina, as características que vimos já estão consolidadas e se mantêm. Além disso, agora são reforçadas ainda mais claramente pela influência dos anais pontificiais e das tradições particulares das famílias aristocráticas romanas na narrativa histórica latina, enfatizando o caráter tipicamente romano da importância da preservação da memória dos antepassados e da valorização de seu exemplo (FREDERICKS, 1969; RAWSON, 1985; WALTER, 2004). É também já a partir da República que a historiografia latina passa a se caracterizar definitivamente pela forma analística, pois derivada dos anais pontificiais, e que apresenta um balizamento e uma divisão rígidos ano a ano – distanciando-a portanto da história temática que caracteriza o mundo grego (VERBRUGGHE, 1989; JAL, 1997; RICH, 1997).

Várias conjecturas têm sido feitas sobre a sucessão dos historiadores latinos antes de Salústio, mas, dado o estado precário dos fragmentos (CHASSIGNET, 2003, 2004), ainda são inconclusivas. Dessa forma, fica muito difícil estabelecer como se forma a sucessão entre os historiadores latinos do período republicano e a legitimidade que

¹² Mas como bem coloca Mellor, "We cannot be certain whether this was due to the desire to appeal to a wider readership, the undeveloped state of Latin prose, or cultural pretentiousness." MELLOR, 1999, p. 17.

¹³ Sobre a importância da obra de Catão para a construção identitária romana, ver PIÑA-POLO, 2004, p. 154-157.

cada autor apresenta ao se inserir na tradição. Resta como exemplo, e talvez com um pouco mais de segurança, o caso do próprio Salústio (FUNARI, 2007b). Mas não é em suas monografias, *Catilina* e *Jugurta*, que ele se apresenta como continuador da tradição, e sim nas *Histórias*, texto de caráter analítico do qual temos apenas fragmentos. Porém, já que um trecho do seu prefácio sobreviveu até nós, preservou-se a sua referência sobre o balizamento de sua obra, mencionando que a narrativa se inicia em 78 a.C.¹⁴ - assim, Salústio provavelmente continuaria a obra do historiador precedente, Sisena, cujos fragmentos remanescentes indicam que tratou do período anterior a esse.

Mas a questão da sucessão e da legitimidade nos historiadores latinos começa em termos mais precisos apenas com Tito Lívio. O grandioso plano de sua obra é de longe a tentativa mais ambiciosa feita por qualquer historiador latino até então de narrar a história de Roma – das suas mais remotas origens até o presente do autor. Ora, como vimos, uma característica da historiografia latina é que, ao apresentar sua escolha de balizamento, os autores pretendem continuar mais ou menos do ponto onde seu antecessor parou¹⁵. Isso significava que, ao admitir determinados antecessores como representantes legítimos na narrativa do passado, o historiador assumia que a tradição por eles estabelecida se tornava geralmente canônica. As falhas apontadas seriam assim apenas intrínsecas à falta de habilidade de alguns – metodológica, estilística, enfim – e esses erros significariam uma imperfeição particular na substância da “verdade histórica”¹⁶.

¹⁴ "Compus a história militar e civil do povo romano desde o consulado de Lépido e Catulo e os anos seguintes", "*res populi Romani M. Lepido Q. Catulo consulibus ac deinde militiae et domi gestas composui*."

¹⁵ No caso da historiografia grega, apesar da sequência Hecateu-Heródoto-Tucídides, a tendência é mais controversa (FORNARA, 1983; MARINCOLA, 2004).

¹⁶ "... when writing up a period already blessed with historical narratives, ancient writers did not add bogus 'facts' out of their imagination. The nature of the game was to operate with the material at one's disposal, identifying and criticizing falsehood and bias, combining details from several sources into a composite picture not paralleled in any single source, but not adding invention of one's own." . BOSWORTH, 2003, p. 94.

Tito Lívio, através do escopo temporal de sua obra, procura superar essas questões. Ele reescreve toda a tradição anterior, pretendendo refazer a narrativa dos seus antecessores – tanto os que critica quanto os de mérito reconhecido -, já que começa seu texto não de alguma obra já previamente aceita, mas sim novamente das origens remotas do povo romano, com o exílio de Enéas e seu estabelecimento na Itália¹⁷. No seu prefácio, entretanto, Tito Lívio aparece muito humilde em relação aos seus antecessores, que de várias maneiras são apresentados como melhores, mais capazes ou mais completos e exatos do que ele – embora nenhum nome seja mencionado.

"... aparecem sempre novos escritores que dizem superar os outros, ao tratar dos fatos mais corretamente, ou suplantando o estilo rude dos antigos... E, se no meio dessa turba de escritores, minha fama permanecer obscura, a nobreza e a magnitude dos que me ultrapassarem serão o meu consolo."¹⁸

Mas isso é uma pista falsa, já que, para começar, o propósito mesmo de reescrever a história romana contradiz essa humildade. O ponto principal aqui nada mais é do que uma fórmula retórica, amplamente conhecida no mundo latino, de cativar a audiência e estabelecer a autoridade dos argumentos quando o autor se diz inferior e mais incapaz do que os outros, e na verdade, ao escrever, prova justamente o contrário¹⁹.

Vemos em Tito Lívio, como em geral entre os historiadores antigos, uma avaliação de mérito dos antecessores, que distingue entre os autores mais antigos e os

¹⁷ Não é o único, mas certamente se torna canônico no período imperial, já que os historiadores latinos seguintes ou o seguem, ou o tomam como fonte de suas epítomes (CORNELL, 1995, p. 3).

¹⁸ "...novi semper scriptores aut in rebus certius aliquid allaturos se aut scribendi arte rudem vetustatem superaturos credunt... et si in tanta scriptorum turba mea fama in obscuro sit, nobilitate ac magnitudine eorum me qui nomini officient meo consoler". *Ab urbe condita*, 1.1.

¹⁹ Cf. Cícero, *De Oratore*, II, 43 et seq.

mais recentes. Os mais antigos, *ueteres auctores*, são tratados como fontes mais definitivas, embora às vezes incompletas ou contraditórias, devido ao problema da antigüidade em si dos fatos e da dificuldade em conseguir informações confiáveis e completas. Mas o que os faz mais confiáveis é justamente o fato de pertencerem a uma tradição consolidada, e Tito Lívio, quando os cita, apresenta as versões das fontes mais antigas mas não as reconstrói. Já no caso dos seus antecessores mais recentes, Tito Lívio irá questionar com mais críticas seus relatos, sua pesquisa e sua metodologia²⁰. Trata-se assim da continuidade com uma tradição anterior e contraste com a recente, o que busca legitimar Tito Lívio por aproximá-lo aos autores antigos já consolidados (LUCE, 1977).

Ainda outro aspecto justifica a decisão de Tito Lívio de reescrever a história romana. A estrutura dos seus livros segue um objetivo temático determinado, que é a formação e consolidação do povo romano. Assim, diversos estudos recentes têm demonstrado com clareza o propósito didático em especial da primeira década, ao apresentar temas específicos em períodos e personagens²¹. As virtudes do povo romano, como *pietas*, *fides*, *grauitas* etc. são personificadas em determinados personagens, como nos primeiros reis ou em Camilo, e a grandeza do caráter dos romanos é simbolizada em episódios como o estabelecimento da República ou a reconstrução de Roma após a invasão gaulesa. É nesse sentido que no prefácio Tito Lívio aponta para a utilidade de sua obra, que não apenas tem a função de deleitar mas também de ensinar seu público²², o que se torna especialmente adequado para o período de reconstrução da identidade romana com a reforma institucional e cultural de Augusto (FORNARA, 1983, p. 73-75; GALINSKY, 1996).

²⁰ Como no caso de Valério Ântias (CHASSIGNET, 2004, p. 104-150), que Tito Lívio não perdoa em XXVI, 49 e XXXIII, 10.

²¹ A partir de LUCE, 1977, numa leitura paralela à de Dumézil (citada em BEARD; NORTH; PRICE., 1998, p. 14-16). Cf., em especial, MILES, 1986, p. 1-33.

²² Enfatizando o aspecto utilitário da História, assim como o apresenta Políbio, em relação ao aspecto de entretenimento, também fundamental e definidor da historiografia antiga.

Tópicos como esses são exemplares para definirmos que aspectos da tradição são característicos da historiografia latina e também para entendermos como um historiador, no caso Tito Lívio, se legitima e se inclui nela. Ele nos mostra, ainda, através de seu balizamento, que incluir-se na linha sucessória dos historiadores latinos formadores de um *continuum* narrativo da história romana não significava necessariamente começar de onde o antecessor parou. Mas embora Tito Lívio reescreva a história romana, aceitar a tradição do passado significa identificar-se com a historiografia consolidada mais remota, e também procurar superá-la estilisticamente. Dessa forma, lembramos que, assim como no caso de outros gêneros literários na Antigüidade, a emulação é uma busca fundamental do bom autor em relação aos seus antecessores²³.

Tácito nos traz mais elementos para reflexão. A pergunta que fazemos aqui é, ele se coloca como continuador de Tito Lívio? Ou na verdade essa tradição historiográfica que estamos tentando compreender não corresponde necessariamente à preservação dos textos, hoje disponíveis, a partir da Idade Média? O estado dos textos históricos latinos dos períodos Júlio-Cláudio e Flávio é terrivelmente lacunar: em melhor situação temos Veleio Patérculo, que é epitomador e portanto está ao largo dessa tradição historiográfica, mas outros textos estão disponíveis apenas em fragmentos ou mesmo nomes. Sabemos por várias referências, inclusive no próprio Tácito, de vários historiadores antigos que são considerados importantes nesse período, como Asínio Pólio, Sêneca, o Velho, Aufídio Basso, Servílio Noniano²⁴, Cúrcio Rufo, Fábio Rústico e

²³ "... the element of emulation - which might easily be seen as arrogance or foolishness if one failed - is what is at issue here: for if you continue an author such as Ephorus or Livy or even Timaeus, who were seen as the definitive writers on their topics, you are inviting comparison with them, and claiming that your performance will rival theirs and likewise be 'definitive'. Both aspiration and emulation, linking one's work to a predecessor's is a way of making a claim, without overt advertisement of one's own abilities". MARINCOLA, 1999b, p. 241, cf. CARTLEDGE, 1997, p. 5.

²⁴ Estes dois valorizados por Quintiliano, *Instituições Oratórias*, I, 102-103.

Plínio, o Velho, mas agora podemos apenas conjecturar sobre suas pretensões de legitimação na tradição historiográfica latina.

Teríamos, a rigor, um problema de seqüência cronológica quebrada entre Tito Lívio e Tácito, pois ocorre um intervalo entre o fim da obra de Tito Lívio, que, embora não tenhamos, sabemos que é em 9 a. C., e o início dos *Anais*, em 14 d. C. Porém, é importante lembrar que, na verdade, o propósito inicial de Tácito ao escrever historiografia era continuar a história romana a partir da guerra civil que se segue ao fim do período Júlio-Cláudio, com as *Histórias* começando no início de 69 d. C. Isso significaria inicialmente que Tácito pode ter considerado a legitimidade de determinados autores do período Júlio-Cláudio antes de decidir reescrever o período que eles tratam. Mas, vejamos: no prefácio das *Histórias*, Tácito afirma que sua escolha ao iniciar a obra em 69 d. C. se deve ao fato de que, antes desse período, da fundação de Roma até então, havia muitos outros historiadores. Mas, se na República eles “escreveram com iguais eloqüência e liberdade”²⁵, ele afirma que depois de Ácio a verdade acabou por ceder à adulação. Estaria ele já condenando o mérito de todos os autores desde Augusto? A questão fica nebulosa até o prefácio dos *Anais*, onde ele finalmente afirma com mais clareza que tanto na República quanto sob Augusto - certamente numa menção indireta a Tito Lívio - havia “grandes talentos”. É então só a partir de Tibério que, devido ao medo ou ao comprometimento, não foi possível escrever a história imparcialmente:

"Mas as antigas glórias e desastres do povo romano já foram recordadas por eminentes escritores; e não faltaram grandes talentos para narrar a época de Augusto, até que a crescente adulação os fez interromper. As histórias de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram adulteradas por conta do medo, e ainda depois de suas mortes, escritas sob ódios recentes. Portanto

²⁵ "*pari eloquentia ac libertate*".

resolvi escrever um pouco sobre os últimos tempos de Augusto, e depois sobre o Principado de Tibério adiante, sem rancor ou partido, pois não tenho motivos para isso."²⁶

As contradições surgidas a partir da confrontação entre os dois prefácios são questões controversas e vêm sido exaustivamente debatidas nos estudos taciteanos. Porém, pela lógica, temos que, ao escrever finalmente os *Anais*, Tácito se coloca de fato como continuador da narrativa histórica latina do período augustano, já que nos faltam subsídios seguros para afirmar que ele continua necessariamente Tito Lívio – no que ele deveria portanto começar os *Anais* em 9 d.C, não em 14 d.C²⁷. Talvez uma pista fortaleça a conclusão de que Tácito continua Tito Lívio mesmo com essa lacuna: se vimos acima como aproximar-se dos antecessores mais antigos é uma forma de pretender à legitimidade, Tácito afirma exatamente isso em relação a Tito Lívio no *Agricola*, onde diz que este e Fábio Rústico são *eloquentissimi auctores*, o primeiro entre os antigos (*veterum*) e o segundo entre os recentes²⁸. Considerando-se ainda que o *Agricola* precede em muitos anos os *Anais*, outra pista adiante descarta a autoridade de Fábio Rústico: no *Agricola*, Tácito questiona a imparcialidade do historiador, alegando que suas informações sobre Sêneca são tendenciosas, já que os dois eram amigos²⁹.

Outro fator ainda, extremamente significativo para compreendermos a atribuição que Tácito faz de sua legitimidade na tradição, é sua digressão em *Anais*, IV, 33, onde ele lamenta não poder tratar de assuntos elevados e edificantes, mas de trivialidades e baixeiras da corte imperial.

²⁶ "sed veteris populi Romani prospera vel adversa claris scriptoribus memorata sunt; temporibusque Augusti dicendis non defuere decora ingenia, donec gliscente adulatione deterrentur. Tiberii Gaique et Claudii ac Neronis res florentibus ipsis ob metum falsae, postquam occiderant, recentibus odiis compositae sunt. inde consilium mihi pauca de Augusto et extrema tradere, mox Tiberii principatum et cetera, sine ira et studio, quorum causas procul habeo." *Anais*, I. 1.

²⁷ Para uma crítica à rigidez dessa regra, MARINCOLA, 2004.

²⁸ Tácito, *Agricola*, 10.3.

²⁹ Tácito, *Anais*, 13.20.

"Descrições geográficas, vicissitudes das batalhas, mortes gloriosas de generais, são o que retêm e renovam a mente do leitor. Meus temas são ordens cruéis, acusações incessantes, amizades falsas, a ruína da inocência, as mesmas causas levando aos mesmos resultados, numa constante monotonia de assuntos."³⁰

Diminuir a importância de sua própria obra é um argumento raro entre os historiadores – vimos antes como, desde Heródoto, um dos principais motivos para se escrever história é a grandeza do tema. Mas, assim como Tito Lívio aparentemente se diminui perante seus antecessores no prefácio, Tácito também usa sua pretensa inferioridade como exemplo da mesma fórmula retórica. Na verdade, seu trabalho é ainda maior e mais importante do que o dos seus antecessores, pois, superando um tema a princípio vil, sua obra pretende ser mais merecedora ainda de valor ao deleitar e ao instruir - num mundo onde o leitor deve aprender a sobreviver na delicada relação entre as elites e o imperador e sua corte. Sua identificação com os grandes historiadores republicanos está simbolizada na história da condenação do historiador Cremúcio Cordo, trecho esse que é imediatamente posterior à digressão, e onde Tácito faz uma apologia à liberdade senatorial.

De Tácito inferimos aqui mais outra característica da tradição historiográfica latina: o uso de determinadas fontes não tem relação direta com a pretensão de continuidade dos antecessores. Ou seja, os fatos que a fonte narra podem ser reutilizados e retrabalhados, mesmo que se reconheça que esta não é fidedigna o suficiente. O parcial Fábio Rústico é, por exemplo, uma das fontes utilizadas por Tácito³¹. E, se não podemos garantir totalmente que Tácito continua Tito Lívio, lembremos ainda

³⁰ *"nam situs gentium, varietates proeliorum, clari ducum exitus retinent ac redintegrant legentium animum: nos saeva iussa, continuas accusationes, fallaces amicitias, perniciem innocentium et easdem exitii causas coniungimus, obvia rerum similitudine et satietate."*

³¹ Diretamente mencionado nos *Anais*, em XIII.20, XIV.2 e XV.61.

que não é necessário partir exatamente do ponto onde este parou. A questão da legitimidade passa, como vimos, pelo questionamento da autoridade das fontes, em especial das recentes, e principalmente pela identificação com a narrativa consolidada pelos autores mais antigos.

Devemos, no entanto, fazer duas importantes críticas à problemática do estabelecimento da tradição historiográfica latina e da sua caracterização. Em primeiro lugar, dado o estado fragmentário de todas as nossas fontes, algumas das quais sobreviventes apenas em algumas dezenas de frases citadas em autores posteriores, o nível de elocubrações sobre a representatividade dos autores e sua relevância no conjunto da historiografia latina é grande o suficiente para correremos o risco de perder a objetividade. Sabemos indiretamente que certos autores antigos, dos quais temos referências mínimas, eram considerados importantíssimos – como vimos no caso de Catão, por exemplo. O fato do texto de Tácito praticamente desaparecer nos séculos seguintes à sua publicação³² também nos parece paradoxal, dada a importância que hoje damos a ele. Portanto, é perigoso traçar uma interpretação absoluta a partir de indícios às vezes tênues. Como ressalta Cornell (1995, p. 1):

"Scholars sometimes use the blanket term 'literary tradition' to encapsulate the mass of data contained in ancient texts and representing what the Romans of the late republican and imperial periods knew, or thought they knew, about their own past. This is a convenient label, but it is important not to exaggerate the consistency and uniformity of what is in fact a variegated and often fragmentary corpus of material."

A segunda crítica consiste na falta de contextualização dos historiadores latinos dentro de seu próprio mundo, com a tendência de se ler os textos considerando-se

³² A referência na *História Augusta* ao imperador Tácito (10.3), que pretendeu reabilitar o autor já no séc. III (275-275 d. C.), independentemente da veracidade do fato, já revela o problema.

apenas o conjunto de outros textos historiográficos relacionados a ele em termos de regras do gênero literário, mas também – e por vezes muito - distanciados em termos temporais³³. De fato, isso ocorre com os textos de Fornara (1983) e Marincola (1999b), entre outros que tratam dessa abordagem, onde os nomes dos autores antigos analisados, gregos e romanos, mais antigos e mais recentes, misturam-se com frequência nas mesmas páginas. Dench (2005, p. 29) sumariza a questão:

"... the relatively new sub-discipline of Roman historiography that has played such an important role in questioning the assumed narrative authority of ancient texts (...) that has also encouraged the study of individual texts in a vacuum, referring to other texts but not engaging as one mode of cultural expression with others in the dynamics of a broader social and political world."

No que pese a relevância e a propriedade dessas críticas, ainda assim escolhemos uma leitura de Tito Lívio e Tácito baseada na leitura de uma determinada tradição de textos. Isso porque, em primeiro lugar, mesmo que hoje se tenha a maioria dos historiadores latinos apenas em estado fragmentário, e que seja perigoso estabelecer a verdadeira relevância dos nossos dois autores dentro do seu conjunto, ainda assim é mister reconhecer que a) a existência de tal determinado grupo de autores latinos, preocupados com o mesmo tipo de leitura de seu mundo, com abordagens metodológicas e objetivos em comum, é um fato concreto – em um simples exemplo: tanto Salústio quanto Amiano Marcelino se apresentam como historiadores, Virgílio e Marcial não; e b) é possível ao menos procurar uma determinada coerência nessas abordagens e nesses objetivos para, ao menos, inserir Tito Lívio e Tácito seguramente

³³ Um caso exemplar é a conclusão do texto de LARUCCIA, 1975, p. 202: *"From Sallust Tacitus learned to be suspicious of peace."*

nesse conjunto - que pode ser chamado de tradição no sentido que constitui uma certa unidade e continuidade na forma³⁴.

Quanto à segunda crítica, é exatamente esse problema que este trabalho tem por objetivo superar. Uma análise comparativa entre as visões históricas de Tito Lívio e Tácito não pode deixar de lado seus momentos de produção, e assim não importa apenas verificar as similaridades entre os dois autores, tais que demonstrem sua coerência interna dentro de uma determinada tradição, mas importa exatamente apontar as diferenças advindas de seus contextos, pois elas revelam como uma tradição pode ser dinâmica e se reinventar em diferentes tempos, mesmo pretendendo uma continuidade.

Sendo assim, as conclusões deste trabalho apontarão para um reflexo da sociedade romana nos períodos de Tito Lívio e de Tácito, o que é explicitado pelas suas abordagens historiográficas. Ambas têm preocupações em comum, um senso parecido de importância de um determinado passado – construído pela tradição historiográfica a eles anterior - e ao mesmo tempo são indicadores das mudanças políticas e sociais do mundo romano. Portanto, podemos ler esses dois autores como construtores, e também reafirmadores, de uma determinada visão de mundo – ou seja, de uma identidade romana em particular.

- O conceito de identidade no mundo romano

Utilizamos o termo "identidade" no título desta obra para designar uma leitura específica de Tito Lívio e Tácito, mas reconhecemos que esse conceito tem sido freqüentemente utilizado nas últimas duas décadas - alguns diriam, "virou moda" – nos

³⁴ É apropriado lembrar que o termo tradição vem do latim *traditio*, que por sua vez deriva de *trado*, *tradere*: entregar a, transferir.

estudos históricos para representar uma determinada visão das sociedades. De fato, o termo "identidade" extrapola hoje em dia o mundo acadêmico e se torna facilmente inteligível pelo senso comum. Porém, devemos refletir sobre o que ele realmente constitui, e, especialmente, o que significa utilizá-lo para pensar um mundo que nunca o concebeu da forma como nós o fazemos.

Nas últimas décadas, novas propostas de interpretação para um sem-número de temas nas Humanidades têm sido formuladas para abarcar uma maior multiplicidade de definições representativas dos mais variados grupos sociais. O pós-modernismo e os estudos culturais (RAJCHMAN, 1995; JENKINS, 1996), com destaque para a produção no mundo acadêmico norte-americano, têm sido novos caminhos para a interpretação de identidades culturais multifacetadas, incluindo também o debate no campo da História Antiga.

De fato, o estabelecimento dos estudos sobre identidade é um fenômeno do meio do século XX, e o primeiro estudioso a se utilizar largamente do termo foi não um historiador, mas sim um psicólogo – Erik H. Erikson. Respondendo às demandas culturais da sociedade multi-étnica norte-americana³⁵, surgiu então um campo de trabalho multidisciplinar composto majoritariamente por psicólogos, a partir da linha pioneira de Erikson, mas também de sociólogos e antropólogos³⁶. Sendo essa uma abordagem recente e inovadora, falta ainda um trabalho norteador em termos teóricos que estabeleça de vez os balizamentos dessa abordagem, como citado por Coté e Levine

³⁵ Uma análise histórica desse processo é citada em HANDLER, 1994, p. 34. Cf. COTÉ; LEVINE, 2002, p. 10.

³⁶ Mas veja-se a crítica de Handler (1994, p. 27): *"... we should be suspicious of 'identity' as we have learned to be of 'culture', 'tradition', 'nation', and 'ethnic group'. Identity has become a salient scholarly and cultural construct in the mid-twentieth century, particularly in social-scientific scholarship in the United States. Its prominence in that context, however, does not mean that the concept can be applied unthinkingly to other places and times. To the contrary, its use as a cross-culturally neutral conceptual tool should be avoided, for, as historical analysis and ethnographic data suggest, the concept of 'identity' is peculiar to the modern Western world."*

(2002, p. 218): *"The scientific community, as well as the community at large, is in need of a normative science applied to the study of identity."*

Particularmente no campo dos estudos sobre a Antigüidade, a releitura e formulação de novos conceitos de identidade têm sido tarefas ainda mais complexas, devido ao peso de uma forte tradição erudita³⁷. Esta tradição, vinda desde a Renascença, se afirma até o século XIX com um discurso eurocêntrico, elitista e moralista, que construiu e constantemente reafirmava a superioridade cultural de um determinado modelo greco-romano e, por conseguinte, também, a afirmação de uma herança e continuidade cultural e/ou racial desse modelo nas nações européias³⁸.

O antigo e ultrapassado modelo de identidade romana, herança do século XIX, se baseia-se numa visão específica fornecida pelas fontes literárias antigas, que são representativas de um recorte aristocrático determinado. É certo que representam a voz de um grupo restrito, social e economicamente, definido por uma série de privilégios e interesses, e que dialoga internamente na construção e consolidação de uma determinada imagem do mundo antigo. Essa identidade se pretendia unificadora e representativa da "mentalidade romana" como um todo, mas, para o historiador contemporâneo, ela pode ser vista através de dois diferentes ângulos: o que ela propunha e o que ela realmente representava. Formava assim um discurso conscientemente construído que revela um conjunto de anseios, interesses e

³⁷ "... Classics frequently supplies a prime target for attack, labelled as the quintessential representative of elitism, the custodian of the western tradition, the pillar of Eurocentrism. The current drive for multiculturalism appears in this light as the enemy, a menace to those old dead languages, that bygone civilization, that one-dimensional and stodgy academic pursuit that largely studies and is studied by aging white males of European extraction", GRUEN, 1993, p. 1.

³⁸ Particularmente nas recém-unificadas Alemanha e Itália. Para um debate mais extenso do tema, ver FUNARI, 1999, 2001; MENDES, 2001 e GUARINELLO, 2005.

expectativas do grupo que o produziu. Nesse sentido, é também um instrumento de poder, dado que tal grupo se constituía na elite culta do mundo romano³⁹.

De certa forma, foi essa mesma imagem que acabou sendo trabalhada pela erudição posterior, transformando-se num modelo único de “cultura greco-romana” e portanto de percepção identitária. Porém, se aquela construção do século XIX toma o mundo romano como um espelho das fontes literárias antigas⁴⁰, a releitura contemporânea que desconstrói essa identidade em uma relação com várias outras procura rever a idéia de que tal visão das fontes seria a única legítima definidora do mundo romano⁴¹. Sendo assim, o que pretendemos fazer aqui é resgatá-la e reconsiderá-la, tomando-a em seu contexto e reconhecendo-a finalmente como uma dentre as várias identidades possíveis no mundo romano.

As novas abordagens sobre identidades no mundo antigo – e particularmente em nosso caso, romano – procuram agora desconstruir esse modelo, em primeiro lugar com uma releitura crítica, e em segundo com novas propostas de interpretação de um mundo multifacetado, possibilitando a valorização de outros grupos sociais e culturais que não o do padrão elitista, masculino e centrado na cidade de Roma mostrado nas fontes literárias antigas e consolidado pela erudição europeia até meados do século XX. Assim, diversos novos estudos têm se focado em questões de gênero (POMEROY, 1975; FOLEY, 1981) e etnicidade (JONES, 1997; HALL, 1997), bem como numa busca da natureza das relações e trocas culturais entre Roma e as províncias (WOOLF, 1999; HOWGEGO; HEUCHERT; BURNETT, 2005), agora não mais vistas apenas como repositório

³⁹ Cf. WALLACE-HADRILL, 1997, p. 13: *“Tradition, far from being the common ground of a cohesive society, is the focus of a power struggle: an instrument of dominance of old over young, insider over outsider, male over female. Those who can carry their vision of ‘how we have always done things’ have a powerful instrument of control over society.”*

⁴⁰ Para uma interpretação relacionada, MOMIGLIANO, 1979.

⁴¹ Cf. o manifesto de DENCH, 2005, p. 92: *“... I resist the Latinist's' or art historian's, or indeed traditional ancient historian's tendency to view artistic production in a vacuum, in isolation from social and political contexts, from action and from 'policy'.”*

incontestemente de um determinado “modelo” imposto pelo conquistador. E mesmo esse próprio modelo tem sido repensado (GALINSKY, 1992), através por exemplo da relativização da representatividade cultural da cidade de Roma nos diferentes períodos de sua história em relação ao resto do império, da extensão e caráter da “romanização” (HARRIS, 1979; NORTH, 1981; MENDES, 2001; HINGLEY, 2005; BUSTAMANTE, 2006), e de como entender a cidadania⁴² ou mesmo a auto-representação do que seria o “ser romano” na Itália e nas províncias.

Os historiadores entraram recentemente no debate sobre identidade no mundo antigo (WOOLF, 1999; TREGGIARI, 2002; DENCH, 2005), tendo sido precedidos pelos arqueólogos envolvidos nas novas abordagens teóricas pós-modernas a partir dos anos 70 (HINGLEY, 2005; FUNARI, 2006, 2007a). Tal demora em incorporar o debate em relação às outras áreas das Humanidades e mesmo da História se deveu, em boa parte, à postura tradicionalista da análise filológica dos Estudos Clássicos tradicionais, sobretudo anglo-germânicos, e que se reflete na grande maioria da bibliografia consultada neste trabalho. Como vimos, os classicistas, de uma forma ou de outra, acabam se centrando por vezes numa leitura pontual do texto das fontes, ainda que novas abordagens tenham surgido além da tradicional *Quellenforschung*, mas, de fato, é ainda novidade encontrar estudos na área de historiografia antiga que se utilizem dessa leitura multidisciplinar (GRUEN, 1993).

Portanto, procuramos aqui repensar e redefinir, de tantas possíveis, uma identidade específica no mundo romano, lembrando sempre que se trata daquela construída pela tradição historiográfica latina no Principado. Analisando Tito Lívio e Tácito, vemos como eles trabalham exatamente com as mesmas representações

⁴² A cidadania romana, ao se estender gradualmente ao resto do império, “*is the mechanism though which urbs and orbis are equated.*” EDWARDS; WOOLF, 2003, p. 3.

abstratas dos elementos que definem o “ser romano”⁴³ – representações essas que são construídas com o passar do tempo no discurso literário (mas por que não também oral e imagético), e já no final da República constituem um conjunto uniforme de conceitos vividos – ou melhor, exemplares – e aplicados dentro do discurso dessa elite produtora de textos.

Sendo assim, podemos ler a construção de uma identidade determinada em Tito Lívio, ainda que não necessariamente coerente, e que é fruto da sua adequação em um determinado gênero literário e uma tradição historiográfica específica, e que reflete também seus objetivos e as perspectivas de seu tempo. O mesmo caso ocorre em Tácito. Mas é também necessário ter em mente as limitações, ou melhor, os objetivos a que se prestam a leitura dos textos pelo viés dos recentes estudos sobre identidade⁴⁴. Nesse sentido, este trabalho pretende funcionar como um convite para uma conciliação entre esses novos estudos e uma crítica ao trabalho filológico mais tradicional que norteia as análises dos dois historiadores.

- Concepções definidoras da identidade romana em Tito Lívio e Tácito

O conceito de identidade é útil porque ajuda a contextualizar a análise tradicional do papel das virtudes romanas e de seu estado no tempo - criação, decadência e retomada. Ela nos ajuda a atentar para o fato de que o discurso historiográfico é

⁴³ Procuramos evitar o uso do termo *romanitas*, “romanidade”, ainda freqüente nos estudos sobre identidade romana (ADAMS, 2003), e que tem uma ressonância atual em outros como “brasilidade”, “latinidade” e todas os inúmeros neologismos cunhados nos estudos culturais anglo-saxônicos adicionando-se o sufixo *-ness* para um determinado grupo. No caso da *romanitas*, trata-se de um anacronismo, pois a palavra simplesmente não ocorre nas fontes escritas latinas até Tertuliano, *De Pallio*, 4.1. Dominik (2003, p. 474) reconhece o anacronismo no uso do termo mas o defende mesmo assim.

⁴⁴ Vide o ponto de vista de Williamson (2005, p. 23): “... we cannot simply analyse written texts in order to establish ‘beliefs’ about identity, because identity was most often carved out through practice, in a series of locations (within the family, within religious groups, and in encounters with outsiders), and was rarely interpreted by the Romans themselves.”

específico: a) de uma parcela da sociedade romana, a elite concentrada na cidade de Roma, e b) da tradição historiográfica antiga, que, como gênero literário, obedece a uma determinada lógica interna.

Em nosso mundo atual, reconhece-se uma necessidade premente de definições sociais; a crise das identidades tradicionais está sendo gerada pelo contexto da globalização, pelo fim da bipolaridade política da Guerra Fria, pela ascensão do terrorismo sem fronteiras e pelo crescimento da imigração de egressos dos países em desenvolvimento para a Europa e os Estados Unidos. Assim, acentuam-se tanto as diferenças como também as semelhanças econômicas e culturais, e, como resposta, busca-se a construção de novas identidades, mais fragmentadas e que podem se acumular dentro de cada indivíduo (COTÉ; LEVINE, 2002).

Nesse contexto de crise das identidades tradicionais, onde repensamos o que nos define e qual é o nosso papel no mundo, nada mais apropriado do que repensar e reconstruir também a(s) identidade(s) romana(s). Ambos os autores que lemos aqui também viveram em períodos de crise de identidade: Tito Lívio viveu em um momento onde se percebia uma *degeneração do que é ser romano*, com a inversão dos valores na Guerra Civil e o colapso da República, e ajudou a redefinir e reafirmar as virtudes constituintes desse "ser romano" no período de retomada política e cultural de Augusto; Tácito também viveu em outro momento de crise de identidade, dessa vez com a *expansão do que é ser romano*, com o crescimento da importância política, econômica e cultural das províncias em detrimento da centralidade da cidade de Roma, com a Guerra Civil de 69 d.C., o exacerbamento do papel do exército na vida política e com a submissão cada vez mais consolidada do Senado à autoridade do imperador, o que implicou numa constante reflexão sobre a readequação do papel dos senadores. Ele também viveu um

período de reconstrução, com Nerva e especialmente Trajano, que pode ser visto como um paralelo em menor escala da reconstrução dos valores romanos em Augusto.

Assim, como podemos ler o que constitui a essência dessa "identidade romana" em Tito Lívio e Tácito? O que é "ser romano" para eles? A definição de um conjunto de características unificadoras da sociedade romana tem sido focada nos estudos atuais através do debate jurídico sobre a cidadania – o que remete na verdade à visão institucional do mundo romano apresentada ainda por Theodor Mommsen. Richard Hingley (2005) procura repensar e expandir essa visão, adicionando à necessidade jurídica da cidadania romana a noção de *humanitas*, vinculada a uma idéia de disseminação da "civilização romana", e o conhecimento do latim (cf. ADAMS, 2003). Para Hingley, apenas a elite e o exército teriam condições de assimilar todas essas três características, deixando de fora todos os outros grupos sociais que não teriam acesso à educação formal e aos direitos jurídicos garantidos, como mulheres e escravos. Porém, basta citar Tácito e lembrar do episódio da liberta Epícaris durante as condenações pela conspiração de Pisão (*Anais*, XV, 57)⁴⁵ para ver um exemplo de que não necessariamente isso seja verdade. O ponto de contato com a leitura de Hingley se dá no fato de que as atitudes que demonstram virtudes "essencialmente romanas" são uma construção da elite, certamente uma construção literária mas também possivelmente expandida não só no olhar do senador que reconhece essa atitude em uma mulher, ex-escrava, como talvez até mesmo na própria. Ou seja, queremos dizer que essa construção ideológica do conjunto de características de uma identidade romana ideal, ainda que criada pela elite

⁴⁵ Diferentemente dos ilustres senadores e eqüestres, a liberta se suicidou na sessão de tortura, recusando-se a entregar nomes: "mais brilhante exemplo deu tal mulher, liberta, protegendo sob tanto extremo outros que mal conhecia, quando homens livres, eqüestres romanos e senadores, intocados pela tortura, traíam os seus mais queridos e mais próximos." - "*clariore exemplo libertina mulierin tanta necessitate alienos ac prope ignotos protegendo, cum ingenuiet viri et equites Romani senatoresque intacti tormentis carissimasuorum quisque pignorum proderent.*" Cf. WALKER, 1960, p. 135.

romana, pode muito bem se expandir para outros grupos como modelo de atitudes para a vida⁴⁶ (PIÑA-POLO, 2004).

E qual seria esse modelo? Propomos aqui um recorte baseado em quatro conceitos bastante comuns e recorrentes no mundo romano, que entendemos como um conjunto coeso e fundamental para definir o "ser romano" em Tito Lívio e em Tácito: trata-se das idéias de *concordia*, *pietas*, *fides* e *mos maiorum*. Nas páginas seguintes veremos um pouco do debate atual sobre elas e sobre sua presença e influência no mundo romano, e em nossos autores em particular. Os três primeiros conceitos são atitudes individuais ou coletivas, e o quarto remete a um passado ideal, construído no imaginário romano e especificamente na narrativa historiográfica, que apresentaria essas três virtudes no seu estado mais ideal, formando um exemplo para o presente⁴⁷. Não pretendemos dizer com este recorte que outras definições da identidade romana não sejam importantes, como a *auctoritas*, a *dignitas*, a *clementia*, a *humanitas* e a *virtus* como idéia geral, mas propomos uma leitura dos conceitos de *concordia*, *pietas*, *fides* e *mos maiorum* que demonstre como existe uma correlação e uma coesão *sui generis* entre elas, e que elas revelam, através de sua presença em Tito Lívio e em Tácito, as peculiaridades dos contextos históricos dos dois autores e as permanências e as mudanças no mundo romano espelhadas em suas visões de mundo.

Podemos traçar uma relação particular entre os conceitos de *concordia*, *fides* e *pietas*, que nos ajudará a entender melhor os seus mecanismos de funcionamento ou de perversão. Entre *fides* e *pietas* existe uma relação que reflete as trocas sociais e de poder

⁴⁶ O que também afeta a percepção provincial de como se inserir nessa identidade romana. O assunto está vinculado ao debate sobre "romanização", mas citemos Tácito, *Agricola*, 21, na introdução do modo de vida romano na Britânia, como exemplo de modelo cultural imitado pelos provinciais – cf. WOOLF, 1999; DENCH, 2005, p. 83-86.

⁴⁷ "In gewisser Weise besaß der mos maiorum eine ähnliche Funktion wie ein Mythos. Er erklärte die Gegenwart und ermöglichte sozusagen die ewige Rückkehr in eine goldene Epoche Roms, nämlich die ursprüngliche Zeit der maiores." PIÑA-POLO, 2004, p. 167.

entre duas partes; veremos adiante significados mais expandidos dos dois conceitos, mas *grosso modo* podemos entender que há obrigatoriamente uma certa desigualdade entre as duas partes envolvidas, que determina a forma como agirão em relação à outra, com *fides* ou *pietas*. A *fides* é um atributo de confiança, lealdade, que é possível numa relação entre iguais ou do mais poderoso para o menos poderoso⁴⁸. Já a *pietas* pressupõe a ação do lado menos poderoso, submisso ou inferior, para benefício do lado mais poderoso ou superior⁴⁹. Assim, entre Roma e seus aliados há (ou não) uma relação de *fides*, mas entre um filho e seu pai há *pietas*. Talvez o melhor exemplo seja a relação dos deuses com os romanos: em se havendo uma postura de *pietas* do romano perante os deuses, com o estrito cumprimento de toda a observância religiosa prescrita, a resposta dos deuses é a *fides* para com a cidade. E, se essas relações funcionam, são positivas e harmoniosas, temos a *concordia*, a harmonia entre as partes – determinante, portanto, para o correto funcionamento da sociedade. Assim, se essa relação se desequilibra, por falta de cumprimento de uma das partes, ocorre então a *discordia*, que abala a ordem social e gera o desequilíbrio e o caos. Dentro desse contexto, o *mos maiorum* aparece como modelo ideal de passado onde a *pietas* e a *fides* são equilibradas com a *concordia*, através dos exemplos nos textos de Tito Lívio e de Tácito em que os antepassados romanos agem de maneira virtuosa.

Um aspecto importante que não devemos perder de vista nessa proposta de leitura é o fato de que os três primeiros conceitos, *concordia*, *fides* e *pietas*, são tidos no

⁴⁸ Para Cícero (*De Officiis*, 1.7.23), "Fides... is a quality of trust which we place in those who we feel have a better insight and can better apply their knowledge in times of crisis. But more important than acting prudently in an emergency is to act in accordance with justice. Wisdom that lacks justice is unable to inspire fides." FROMCHUCK, 1972, p. 5. Cf. *De Officiis* 2.9.31-34 e *De Legibus* 2.18-19.

⁴⁹ "Like fides, pietas was a solemn religious concept which from time immemorial was at the very heart of Roman ethics. In the earliest era pietas and pius probably had basically familial connotations – i. e., duty towards one's parents, whether living or dead. From this developed the other connotations which pietas came to have, namely, a sense of devotion and duty towards the gods in general, towards the res publica, and later towards the princeps, both as the head of the state and as a sort of paterfamilias to all Romans." CASTRO, 1972, p. 37.

mundo romano como divindades. Nós tomamos essas idéias como abstratas e relacionáveis entre si em termos teóricos, mas os romanos construíram templos e dedicaram sacrifícios a elas⁵⁰. As definições de cada uma serão apresentadas individualmente nos tópicos a seguir, quando analisarmos os textos de Tito Lívio e Tácito, mas basta por ora lembrar que não estamos apenas lidando com um discurso intelectual nos historiadores romanos, com o qual podemos moldar conclusões como formas na argila. Os romanos viam tais atributos como a expressão de um determinado *numen*, divindade, com o que, em primeiro lugar, inferimos a absoluta importância do aspecto religioso na definição das relações sociais, e também, como consequência, a gravidade imensamente determinante da desestabilização social quando do afastamento da atitude ideal esperada do cidadão – e também do imperador.

⁵⁰ “Realizing that a blessing such as concordia could only be the result of a divine dispensation, but not finding in their ritual books the proper name of the god who governed concordia, they chose to call the god by the name of the gift desired. Thus, they simply designated the god who grants concordia by the name Concordia [lembrando-se que essa seria uma grafia contemporânea - não há maiúsculas em latim]; Virtus is the god that grants virtus, as Victoria grants victoria and Honos, honos.” RUFUS FEARS, 1981, p. 840. Sobre *fides*, ver também PICCALUGA, 1981.

PARTE I – TITO LÍVIO

“Livy the historian is another in a series of founders and refounders of Rome’s history. Rather than accumulating the past, Livy negotiates with it to produce a new Rome, an identity born of negotiated memory.”⁵¹

⁵¹ DAVIES, 2005, p. 25.

1. TITO LÍVIO E A FORMAÇÃO, CONSOLIDAÇÃO E CRISE DE UMA IDENTIDADE DO POVO ROMANO

Podemos dividir os estudos sobre Tito Lívio entre aqueles que utilizam as técnicas da pesquisa comparativa das fontes, a *Quellenforschung*, e as tendências que valorizam aspectos particulares originais da construção narrativa do autor. Autores alemães do século XIX e início do século XX⁵² foram em grande parte os responsáveis pelo gigantesco trabalho de compilação de análises comparativas entre o texto de Tito Lívio e as fontes que o autor parece ter utilizado, e dominaram por muitas décadas as conclusões a respeito de seus méritos como historiador. Já há um certo tempo, porém, as conclusões da *Quellenforschung* têm sido consideradas esgotadas, numa situação em que, ou se tem consenso geral sobre as fontes utilizadas por Tito Lívio em algumas partes de seu texto, ou as dúvidas se revelam insolúveis por conta da própria falta dos textos dos historiadores latinos republicanos (CORNELL, 1995, p. 5; OAKLEY, 2004, p. 15-16). Como afirmava Walsh, em 1961 (p. 114):

"In Livy's case, after more than a hundred years' systematic research (chiefly by German scholars), the boundaries between reasonable certainty and ingenious speculation are now closely defined. We have a clear idea of the sources for the fourth and fifth decades: in the third the area of obscurity is more extended, but certain general conclusions can still be reached: whilst in the first decade the information available is so vague that no more than a speculative hypothesis can be advanced."

Segundo essas conclusões, Tito Lívio teria se utilizado, para a primeira década, das histórias de Valério Antias, Cláudio Quadrigário, Licínio Macer, Élio Tubero, Fábio

⁵² Amplamente citados na bibliografia de WALSH, 1961.

Pictor e Calpúrnio Pisão, autores muitas vezes citados nominalmente. Para as duas outras décadas de que dispomos, as obras de Célio Antipater e Políbio parecem ter sido utilizadas – já que justamente um dos maiores estímulos para a abordagem da *Quellenforschung* em Tito Lívio é o fato de que se pode, por conta da comparação com o texto remanescente de Políbio, comparar diretamente os dois textos e ver como Tito Lívio se utiliza, às vezes de maneira quase literal, da narrativa do historiador grego (LUCÉ, 1977). Mas ainda que se reconheça que os méritos desses estudos sejam válidos, a abordagem geralmente apresentada neles sobre Tito Lívio nos oferece uma visão muito negativa: ele aparece como pouco mais do que um compilador irrefletido de suas fontes, e seu valor como historiador deve-se, para esses estudos, mais ao seu aspecto estilístico do que propriamente histórico. As conclusões desses estudos apontam para o fato de que, quando comparado com o texto de Políbio, Tito Lívio praticamente o copia, por vezes selecionando alguns fatos e omitindo outros para valorizar um espírito nacionalista romano. E quando sua fonte principal entra em conflito com outras, o resultado quase sempre é uma mescla confusa de informações contraditórias entre si. Nessa leitura, portanto, Tito Lívio careceria de um método apropriado e de originalidade nas análises. Comparado com Tácito, que sempre expressa sua opinião, analisando com críticas ou sarcasmo os fatos narrados, ele mal passaria de um resumidor acrítico⁵³.

Novos rumos nos estudos sobre Tito Lívio surgiram a partir dos anos 60, especialmente dentre os acadêmicos ingleses. Ao trabalho pioneiro de Walsh⁵⁴, citado acima, somam-se os comentários de Ogilvie (1965), Briscoe (1972, 1981), Kraus (1994) e Oakley (1998), e vários outros trabalhos procuraram, às vezes timidamente, criticar as conclusões da *Quellenforschung* e sugerir que Tito Lívio poderia sim ser lido como um autor de reflexões e interpretações próprias (MILES, 1986; MOORE, 1986, 1989;

⁵³ Vide a opinião de Erich Burck, citada em MILES, 1986, p. 3.

⁵⁴ Uma bibliografia para o período de 1959 a 1979 pode ser encontrada em PHILLIPS, 1982.

LEVENE, 1993; JAEGER, 1997; FELDHERR, 1998; CHAPLIN, 2000; DAVIES, 2005). Ainda há, por vezes, uma grande ênfase na questão do estilo do latim do historiador, especialmente nos comentários, e, nesse sentido, de sua adequação aos princípios de Cícero no *De Oratore*⁵⁵ (AILI, 1982; MARCHAL, 1987; WOODMAN, 1988), mas agora também aparece um reconhecimento maior da importância de alguns aspectos pontuais, como os prefácios (nos livros I, II, VI, XXI e XXXI) e conseqüentemente do significado da estrutura do *Ab Urbe Condita*.

O grande divisor de águas em todo o conjunto dos estudos sobre Tito Lívio é, no entanto, a obra de T. J. Luce, *Livy – The Composition of His History*, publicada em 1977. Trabalho solidamente argumentado, tem como objetivo primário de análise justamente a comparação estrutural e de abordagem entre Políbio e Tito Lívio, nos livros 31-45 do último. Mas isso é apenas o ponto inicial do seu propósito de leitura: criticando proposições consolidadas sobre a falta de consciência de mudança histórica em Tito Lívio⁵⁶, Luce pretende demonstrar como existe originalidade no autor e que também a estrutura de sua obra reflete conscientemente seus objetivos:

*"he was nevertheless still free to omit, expand, abridge, and change sources over long stretches; hence (...) he was able to impose a design and structure of his own on the larger units of his history. In this respect, I believe, he was in control of his sources, rather than an immovable victim caught in their toils."*⁵⁷

Mesmo outra nova corrente alemã tem valorizado essa perspectiva, especialmente com os trabalhos de Erich Burck (1987, 1992), numa valorização da originalidade de Tito Lívio talvez por demais oposta à visão da *Quellenforschung*

⁵⁵ *De Or.*, II, 11-15.

⁵⁶ Como em Collingwood. LUCE, 1977, p. XX-XXII.

⁵⁷ *Ibid.*, p. XXVI.

tradicional⁵⁸. Mais recentemente, a partir da década de 90, novos trabalhos, como os citados acima, têm reforçado a propriedade da abordagem de Luce e ressaltado novos pontos, através de análises minuciosas de aspectos pontuais da leitura de Tito Lívio, como a importância da reciprocidade do conceito de Estado romano e da cidade de Roma (JAEGER, 1999) e, principalmente, a construção de elementos – personagens e valores – simbólicos da identidade romana (MILES, 1986; LEVENE, 1993; CHAPLIN, 2000; DAVIES, 2005).

1.1. Os objetivos de Tito Lívio e seu presente

- O prefácio

Para iniciar e ordenar a análise das instâncias de recriação e consolidação de uma identidade romana em Tito Lívio, devemos primeiramente fazer uma leitura crítica detalhada do prefácio de sua obra, tendo sempre em vista nossos questionamentos principais. O prefácio de Tito Lívio tem sido exaustivamente analisado (Cf. OGILVIE, 1965, p. 25), mas sua importância e relevância para nossas questões fazem com que essa análise seja imprescindível, pois é nele que encontramos o ponto primordial de um possível pessimismo do autor, que dessa forma veria uma decadência irremediável do império e um tempo presente corrupto, e isso supostamente daria o tom dos livros seguintes. Esse pessimismo contrastaria então com o otimismo da era de Augusto, de franca renovação dos costumes e da euforia da paz dentro de um novo arranjo político. Daí temos a questão do relacionamento entre o historiador e o imperador, que deveria resolver esse paradoxo, e que será tratada adiante. Para isso, também será necessário

⁵⁸ Vide nota 53 (Burck). Cf. HEUSS, 1973.

fazer um breve apanhado das questões concernentes à datação do prefácio, já que o assunto é crucial para que possamos saber se Tito Lívio o escreveu antes ou depois da consolidação de Augusto no poder (LUCE, 1965; WOODMAN, 1998, p. 128-135).

O prefácio de Tito Lívio apresenta muitos elementos que estão de acordo com as regras de retórica aplicadas no gênero historiográfico na Antigüidade (WALSH, 1955; OGILVIE, 1965; SEBASTIANI, 2006), não se diferenciando em certos aspectos dos prefácios que iniciam as obras dos outros historiadores greco-romanos desde Heródoto. Assim, ele apresenta seu tema, mostra como tratará de um objeto grandioso e que demandará um imenso trabalho e dedicação, assume-se como imparcial e declara a utilidade de seu trabalho para o leitor. Porém, logo nas primeiras linhas ele apresenta uma peculiaridade em relação aos outros historiadores, pois se pretende mais humilde em relação aos autores precedentes, e não procura dizer que seu trabalho será melhor, mais correto ou mais verdadeiro. Os outros historiadores, segundo Tito Lívio, procuram superar os anteriores em conteúdo (pois mais precisos, "*rebus certius*") ou em um estilo mais grandioso, mas ele se diz contente em apenas acrescentar seu trabalho a tantos outros. Vimos como isso é na verdade mais um recurso retórico, e portanto sua pretensa modéstia acaba inversamente por engrandecer seu mérito: seu trabalho é na verdade mais importante, pois acabará superando os anteriores e estimulando os seguintes, e também porque é mais extenso e difícil.

Tito Lívio, como escreve no prefácio, escolhe narrar a história romana não de um ponto de partida recente, mas sim dos primórdios de sua existência, muito antes ainda da fundação da cidade, com a fuga de Enéias de Tróia para a Itália (KRAUS; WOODMAN, 1997). Seus leitores, porém, irão apreciar menos a narrativa das origens da cidade do que os tempos mais recentes, que trazem o relato do auge e decadência dos *mores* em Roma. Quanto a essa idéia, é interessante destacar um elemento que irá ser

evidenciado ao longo de todo o texto: a inevitabilidade da queda. O desenvolvimento do império é, numa situação paradoxal, a causa suficiente, lógica e fatal de sua ruína – uma idéia que encontramos já nos autores gregos, com destaque para Políbio⁵⁹, e que aqui é enfatizada por Tito Lívio como o ponto de maior interesse e utilidade da obra. Embora mais adiante ele atribua ao contato com o Oriente a degeneração dos costumes que irá corromper a sociedade romana (na quarta e quinta décadas, pelas guerras macedônicas e novas relações com a Ásia Menor), isso só é possível por causa da própria expansão do império e afirmação do poderio romano. É também isso que interessa ao leitor, na visão de Tito Lívio, pois, como ele nos diz um pouco adiante, a função de sua obra é exatamente fazer com que o leitor aprenda com os bons exemplos de virtude e também com aqueles exemplos desvirtuados que se deve evitar – tal é o *topos* da utilidade da história no mundo antigo, por sinal. O historiador, que sabe a importância do que está na origem de tudo isso, prefere, como diz Tito Lívio, concentrar-se no relato dos acontecimentos mais antigos e menos atribulados. É assim que apresentará a essência e origem dos *exempla* virtuosos.

A seguir, Tito Lívio trata do problema do estabelecimento da verdade no relato desses acontecimentos mais antigos, que, justamente por sua distância temporal, tornam-se mais lenda do que passíveis de verificação. Esse ponto é a base de críticas muito freqüentes feitas a Tito Lívio por estudiosos até o fim do séc. XX, acusando-o de falta de precisão e veracidade no relato da primeira década, e em especial do primeiro livro, concernente ao período dos reis. Essas leituras buscavam uma reconstituição histórica do período baseada em relatos das fontes, acabando invariavelmente por questionar a competência dos historiadores antigos em compilar e analisar

⁵⁹ Especialmente no livro VI.

informações⁶⁰. As abordagens mais atuais, no entanto, têm procurado entender o primeiro livro de Tito Lívio mais como uma construção simbólica, no sentido que representa a origem de conceitos e instituições moldadoras da identidade romana⁶¹.

Tito Lívio afirma que a antigüidade desses relatos justifica a confusão possível entre a história construída pela força e consciência humanas e a determinação dos destinos, que é obra dos deuses, mas também que ambas são histórias válidas na medida em que engrandecem a história de Roma. Se é impossível fazer uma separação entre a história e as lendas que relatam a interferência divina, Tito Lívio conclui que mais grandiosas e legítimas ainda são a origem de Roma e a glória militar romana, já que é na verdade o deus Marte o fundador da cidade. Eis que temos aqui exatamente uma evidência do caráter mais simbólico do que factual dessa narrativa, já que na verdade o que Tito Lívio diz aqui sobre Marte nem é exatamente o que escreve depois no livro I. Em I, 4, ele afirma que Réia Sílvia, mãe de Rômulo e Remo, atribuiu a Marte a paternidade de seus filhos como modo de legitimar o crime de sua violação, já que era uma vestal – ou seja, o próprio Tito Lívio não aceita incontestavelmente essa origem divina da cidade. Mas por que então ele a cita no prefácio? Justamente porque é simbólica, vinda de uma tradição amplamente reconhecida em sua época, e serve como legitimadora de sua escolha ao abordar o problema da verdade no trabalho com os relatos mais antigos.

Porém, de fato, como ele mesmo diz em seguida, isso tudo é menos importante do que as lições que serão aprendidas a partir das atitudes dos próprios homens. Temos então o trecho onde Tito Lívio apresenta mais diretamente seus objetivos:

⁶⁰ Por exemplo: *“The first question that must be asked about any account of the early history of Rome is simply, ‘Is it the truth or fantasy?’ (...) our problem here is to consider what evidence these later historians had for their accounts of early Roman history, and what trust we can put in Livy’s own account.”* BRISCOE, J. “The First Decade”, em DOREY, 1971, p. 3.

⁶¹ Daí por exemplo o retrato esquematizado dos reis, proposto por LUCE, 1977; cf. BARNABÉ, 2006.

“Os assuntos aos quais, para mim, devemos voltar a atenção agudamente são como foram a vida e os costumes antigos, por quais homens e por que obras internas e dos exércitos o império foi conquistado e aumentado.”⁶²

Uita e mores, o primeiro um indicador da importância dos indivíduos na sua obra, o segundo do tema subjacente ao relato como um todo. Nesse sentido, o texto de Tito Lívio é portanto uma história do conjunto das realizações individuais dos personagens e da forma como elas influenciam, modelam e determinam as realizações coletivas do povo romano. Mas não se trata apenas de questionar então qual seria exatamente a ênfase do individual sobre o coletivo, pois o sentido dessa predominância, que o prefácio mostra, é caracterizar esses indivíduos como forma de exemplificar o caráter romano, que se constitui no todo. Trata-se portanto novamente de destacar o sentido utilitário da história, exatamente como Tito Lívio explica em seguida:

“Aquilo que é essencial no conhecimento da história por ser salutar e fecundo são todos os exemplos instrutivos que podem ser admirados por ti⁶³ sob a clara luz da obra [*monumento*]. Nela se encontra, para o teu benefício e o da república, o que ser imitado, bem como coisas indignas na sua origem e em seu fim, que deves evitar.”⁶⁴

A renovação para Tito Lívio passa, portanto, pela contemplação e emulação dos modelos antigos de conduta virtuosa. A contemplação se dá através da aprendizagem proporcionada ao cidadão pela leitura do texto, numa metáfora que remete à visão

⁶² “*ad illa mihi pro se quisque acriter intendat animum, quae uita, qui mores fuerint, per quos uiros quibusque artibus domi militiaeque et partum et auctum imperium sit*”.

⁶³ Em segunda pessoa, mostrando explicitamente que o alvo do texto é o cidadão romano. Cf. KRAUS; WOODMAN, 1997, p. 55.

⁶⁴ “*Hoc illud est praecipue in cognitione rerum salubre ac frugiferum, omnis te exempli documenta in inlustri posita monumento intueri; inde tibi tuaeque rei publicae quod imitere capias, inde foedum inceptu foedum exitu quod uites*.”

propriamente dita, como se o leitor estivesse diante de um monumento⁶⁵ e pudesse admirá-lo. Aliás, não é só neste prefácio que essa metáfora está presente - no segundo prefácio que temos dentro da obra, no livro VI, aparece novamente a idéia de visão, quando Tito Lívio diz que a história que relatou até então era tão obscura e distante que “a torna, por assim dizer, semelhante aos objetos difíceis de discernir a grande distância”⁶⁶. A emulação é justamente a atitude que o leitor deve ter a partir dessa contemplação. Portanto, retomando os exemplos virtuosos do passado e evitando aqueles que levaram à decadência, o cidadão leitor de Tito Lívio poderá finalmente reafirmar e reviver a grandeza inicial dos romanos, pois nenhum outro povo “foi maior, mais religioso e mais rico em bons exemplos”⁶⁷.

Isso significaria então dizer que o momento presente seria inferior ao passado para Tito Lívio, e ele apresenta os motivos ao dizer que “o paulatino declínio da disciplina ocasionou, por assim dizer, a negligência dos costumes”⁶⁸. Esse enfraquecimento da disciplina poderá ser notado a partir da quarta e da quinta década, quando os exércitos romanos entram em contato com o mundo asiático⁶⁹ - contato esse que, para o autor, constitui-se primeiro, como vimos, na conseqüência inevitável da expansão mas também na origem dos males que corromperam os *mores* virtuosos romanos. O luxo e libidinagem são conseqüências dessa riqueza e da cobiça desmedida, contraponto às antigas e nobres pobreza (*paupertatis*) e contenção (*parsimonia*). Nesse sentido, vemos pontos em comum com outros autores antigos, tais como Salústio⁷⁰,

⁶⁵ Uma introdução sobre o significado de *monumentum*, com bibliografia, pode ser encontrada em WISEMAN, 1986 e MILES, 1995, p. 16-20.

⁶⁶ “*uelut quae magno ex interuallo loci uix cernuntur*”. VI, 1.

⁶⁷ “*nec maior nec sanctior nec bonis exemplis ditior fuit*”, prefácio.

⁶⁸ “*labente deinde paulatim disciplina uelut desidentes primo mores sequatur animo*”. *ibid.*

⁶⁹ XXXIX, 6: “Com efeito, o luxo dos povos estrangeiros invadiu Roma vindo com o exército da Ásia.” “*luxuriae enim peregrinae origo ab exercitu Asiatico inuecta in urbem est*.”. Vide a discussão sobre a disciplina militar em LUCE, 1977, p. 250-275.

⁷⁰ Veja-se *Catilina*, 6-12 e *Jugurta*, 41.

Políbio⁷¹ e mesmo Tácito⁷². Quanto a Salústio, embora também esteja presente a idéia de que a opulência traga a corrupção, há uma diferença fundamental em relação a Tito Lívio, pois aquele atribui a decadência também ao fim do *metus hostilis*, por conta da destruição de Cartago, o mais poderoso inimigo de Roma. Em Tito Lívio é possível ver essa degradação já ocorrendo antes, por causa dos novos contatos nas guerras macedônicas.

O que seria então o possível reverso dessa decadência, senão simplesmente agir de forma antagônica a essa posição desmedida e corrupta? Vemos duas instâncias diferentes de renovações possíveis, em contextos temporais diversos. Uma delas é o convite que Tito Lívio faz ao leitor para aprender com os exemplos de sua obra, e copiá-los para que se retorne a uma sociedade tão virtuosa quanto a dos primórdios de Roma⁷³. A outra é interna ao texto, pois não apenas o presente pode ser corrupto. Quaisquer atitudes contrárias ao exercício das virtudes, em qualquer tempo, são também os exemplos que se deve perceber e aprender a evitar. Não há portanto um único tempo de renovação possível, mas diversos pontos no passado onde essa vivência virtuosa retoma o ponto ideal onde Roma foi “*maior*”, “*sanctior*” e “*bonis exemplis ditior*”.

As duas referências ao tempo atual de Tito Lívio no prefácio são, primeiramente, onde ele escreve que pretende esquecer, ao escrever os primeiros livros, os males que afligem sua própria época (“*nostra aetas*”) e, mais adiante, onde ele qualifica seu tempo como um período em que não se pode suportar nem os vícios nem seus remédios (“*nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est*”). Essas são as pistas para a

⁷¹ VI, 57.

⁷² *Anais*, III, 26, num contexto mais geral.

⁷³ “His patriotism leads him to depict the Roman people as a whole as uniquely possessed of these virtues, and successive Roman leaders as typical examples of her uniqueness. Hence moral and patriotic considerations are united for didactic purposes, to demonstrate to posterity that national greatness cannot be achieved without the possession, especially by the leading men of the state, of the attributes which promote a healthy morality and wisdom in external and domestic policies”, WALSH, 1961, p. 66. Cf. Id., 1955, p. 370.

polêmica em relação ao período em que o prefácio foi escrito. Teria sido ele escrito antes ou depois da vitória de Augusto em Ácio? Se antes, isso significa que seu pessimismo condiz com as tribulações da guerra civil, mas, se depois, isso estaria na contramão da *pax augustana*.

O debate sobre a datação do prefácio⁷⁴ parte do trecho onde Tito Lívio menciona Augusto pela primeira vez, das raras em que o faz: trata-se de I, 19.3, onde o autor faz referência ao fechamento das portas do templo de Jano pelo imperador:

"Depois do reinado de Numa, foi fechado duas vezes; uma no consulado de Tito Mânlio, depois do fim da Primeira Guerra Púnica, e ainda, o que os céus permitiram que nossa geração visse, depois da batalha de Ácio – quando a paz na terra e no mar foi assegurada pelo imperador César Augusto." ⁷⁵

Essa passagem nos permite presumir que o livro I foi escrito entre 27 e 25 a.C., já que 16 de Janeiro de 27 a.C. é a data em que foi conferido o título de “Augusto” a Otaviano – termo usado por Tito Lívio neste trecho -, e também considerando-se que em 25 a.C. o imperador fechou as portas mais uma vez, sinalizando a paz depois das campanhas de 26 e 25 a.C. na Hispânia. O prefácio certamente não se refere apenas ao livro I, mas também aos livros II a V, já que existe outro prefácio no livro VI, mas na verdade pode ter sido escrito não de início mas sim depois da finalização do livro V, para a publicação completa dessa primeira pêntade.

O que temos nos faz inferir, por enquanto, que o prefácio foi escrito após o triunfo final de Augusto, em 31 a.C., e portanto significaria uma visão pessimista da realidade pós-guerra civil. Quando Tito Lívio menciona os *remedia* que curariam a

⁷⁴ Cf. HENDERSON, 1998, p. 309-319, com bibliografia.

⁷⁵ "Bis deinde post Numae regnum clausus fuit, semel T. Manlio consule post Punicum primum perfectum bellum, iterum, quod nostrae aetati di dederunt ut videremus, post bellum Actiacum ab imperatore Caesare Augusto pace terra marique parata"

corrupção de seu presente, mas que também seriam insuportáveis⁷⁶, essa seria talvez uma crítica à centralização do poder pelo imperador ou mesmo às reformas da legislação sobre aspectos morais conduzidas por Augusto em 28 a.C. Porém, alguns estudos recentes têm reconhecido que isso estaria em contradição com o tom de otimismo do período, e mesmo com a própria intenção de Tito Lívio em reafirmar a importância dos mesmos valores fundamentais para a ideologia augustana (GALINSKY, 1996), como veremos adiante. Mas também há um aspecto técnico que pode invalidar a interpretação do prefácio como crítico em relação a Augusto, pelo simples detalhe que a referência em I, 19 pode muito bem ser uma inserção posterior⁷⁷. E isso significa, portanto, que não há evidências conclusivas para afirmar que Tito Lívio tenha escrito o prefácio antes ou depois de 31 a.C.⁷⁸, e seu pessimismo não pode ser automaticamente atribuído a uma oposição à política de Augusto.

Como consequência, devemos nos dedicar agora ao debate sobre a relação entre Tito Lívio e Augusto, na medida em que representa a posição do historiador perante sua época, na clara retomada de uma série de valores emblemáticos da identidade romana relacionados às medidas do primeiro imperador.

- Tito Lívio e Augusto

A questão tradicionalmente colocada a respeito da relação entre Tito Lívio e Augusto constrói uma gama de possibilidades quanto à aderência do historiador às medidas e à postura adotadas pelo imperador - visões opostas são as do pessimismo em

⁷⁶ *"haec tempora quibus nec uitia nostra nec remedia pati possumus peruentum est"*, I, 1.9.

⁷⁷ Vide a argumentação relativa à evidência em IV, 20, sobre a dedicação de Cornélio Cosso no templo de Júpiter Ferétrio, em SYME, 1959 - a questão da datação é tratada nas págs. 42 a 57. Cf. LUCE, 1965.

⁷⁸ Como na análise de WOODMAN, 1988, p. 128-35.

Hoffman (1954) e otimismo em Syme (1939, 1959)⁷⁹. Isso se deve ao fato de que temos pouco material disponível nas fontes para verificar o quanto Tito Lívio teria ou não apoiado Augusto, em relação às evidências sobre os outros autores do período. Em primeiro lugar, há o pessimismo evidenciado no prefácio em relação ao presente do historiador – que porém é inconclusivo, dados os problemas suscitados pela datação do texto. Outro fator considerável é a existência de apenas três referências diretas a Augusto nos livros que foram preservados, sendo elas pouco reveladoras – a não ser em uma tentativa de imparcialidade e de objetividade de Tito Lívio (BRISCOE, 1971; METTE, 1987; BURCK, 1992). A primeira delas, como vimos, é a menção ao fechamento das portas do templo de Juno, em I, 19; a segunda, em IV, 20, é em uma digressão utilizada para refutar versões das fontes usadas por Tito Lívio relacionadas aos espólios que Aulo Cornélio Cosso teria depositado no templo de Júpiter Ferétrio. A passagem menciona que Augusto teria lido uma inscrição que confirmaria essa história, e também faz uma alusão à restauração dos templos mais antigos empreendida pelo imperador. A terceira referência está em XXVIII, 12, e menciona a conquista definitiva da Hispânia sob Augusto – mais uma pista no debate sobre a datação.

Somado a isso, é importante destacar que não há evidências de que Tito Lívio tenha feito parte ou convivido com o círculo de Mecenas, ou mesmo recebido qualquer auxílio financeiro direto. Isso demonstra uma certa independência do autor na pesquisa e produção de sua obra⁸⁰, pelo menos no que podemos comparar com o comprometimento direto de Virgílio, Ovídio ou Horácio (MATTINGLY, 1934; RYBERG, 1958; KENNEY; CLAUSEN, 2000. Cf. HAFFTER, 1987). Considerando-se que Tito Lívio não tenha sido um senador ou ocupado qualquer cargo público, é fácil então imaginar a

⁷⁹ Cf. PETERSEN, 1961; OGILVIE, 1965; DEININGER, 1985; KRAUS, 1994; FELDHERR, 1997 e GALINSKY, 2005 para um resumo do debate e bibliografia.

⁸⁰ *"Alles in allem wird man also festhalten dürfen, dass Livius bei der Erwähnung des Augustus an allen Stellen in Distanz zu ihm steht und sachlich - nüchtern von ihm spricht."* BURCK, 1992, p. 167.

figura do historiador trabalhando isolada e autonomamente. Temos ainda a menção feita por Tácito nos *Anais*, IV, 34, onde, durante o relato da perseguição de Tibério ao historiador Cremúcio Cordo, ele afirma que a amizade entre Augusto e Tito Lívio não foi abalada pelo fato deste ter sido chamado de “pompeiano” pelo imperador – implicando novamente na autonomia e liberdade de Tito Lívio em possíveis críticas que teria feito. Mais um argumento a favor dessa postura seria a questão da publicação dos últimos livros, 121 a 142, após a morte de Augusto, pois seriam exatamente estes os que relatam os anos de governo do imperador até 9 d. C. Talvez isso também seria uma indicação de possíveis críticas e oposição que estariam presentes nesses livros, tendo Tito Lívio então conservado sua segurança até que o imperador estivesse morto.

Porém, outros argumentos podem ser levantados para demonstrar o contrário – que Tito Lívio poderia ter sido apoiador ou até mesmo entusiasmado partidário das reformas de Augusto. Em contraposição aos argumentos acima, temos que, como visto, o prefácio pode ter sido escrito antes do estabelecimento definitivo de Augusto no poder e da série de medidas institucionais por ele tomadas. Não se pode também fazer uma análise que se pretenda definitiva a respeito do ponto de vista de Tito Lívio sobre Augusto tomando como evidência a contagem direta das passagens relativas ao imperador no texto que chegou até nós, dado que devemos sempre nos lembrar que este se constitui numa pequena parte da obra total de Tito Lívio – apenas 35 de 142 livros.

A independência de Tito Lívio em relação aos outros autores do período não implica necessariamente na oposição dele a Augusto. Como observa Syme a respeito da passagem de Tácito, o termo “pompeiano” não estava apenas ligado a Pompeu, mas sim poderia ser entendido como uma expressão indicativa de seu apoio à República⁸¹ - o que, devido ao fato de que Augusto tenha se colocado oficialmente como continuador da

⁸¹ “The Romans lacked a word for ‘Republican’”. SYME, 1939, p. 464, n. 2.

mesma, não poderia ser visto como oposição clara e direta ao seu governo. Quanto à publicação posterior dos livros referentes ao período augustano, há de se considerar primeiro que isso não implica automaticamente num conteúdo subversivo do texto, já que uma perseguição sob o próprio Tibério também poderia assim ocorrer. Além disso, as evidências recolhidas através da comparação dos autores posteriores a Tito Lívio com as fontes por eles utilizadas, como por exemplo no caso de Dión Cássio, parecem revelar que seu texto não foi largamente utilizado para o período após 29 d.C.⁸² - o que poderia revelar parcialidade positiva do autor em relação a Augusto⁸³.

Sendo assim, o estado atual da questão aponta, a nosso ver, no mínimo uma confluência de interesses entre Tito Lívio e Augusto. De fato, os mesmos elementos e conceitos da história romana que são fundamentais para Tito Lívio, como *pietas*, *fides*, *mos maiorum*, *auctoritas*, *gravitas* e *iustitia* são também parte essencial das reformas promovidas pelo imperador durante todo o seu governo⁸⁴. Mesmo sem precisar conectar os dois diretamente, é possível ver como Augusto procurou em diversas instâncias utilizar esses mesmos conceitos como forma de legitimar seu poder⁸⁵, através de reformas institucionais⁸⁶, religiosas⁸⁷, urbanísticas⁸⁸ e artísticas - além, é claro, de todo o conjunto literário do período e de seu caráter encomiástico. Como exemplo,

⁸² Cf. GALINSKY, 1996, p. 286-287. Sobre Dión, ver SYME, 1959, p. 73: "*Cassius Dio no doubt read Livy to the end; but his account of this period does not appear to reflect Livy in any way after 29 BC. (...) In fact, Dio can be invoked as negative testimony, to show how Livy did not write - and could not write - secret politics, scandal, anecdote and depreciation of the government.*"

⁸³ Sobre a posição dos historiadores contemporâneos a Augusto, bem como as razões para a falta de narrativas históricas feitas no período, ver TOHER, 1990.

⁸⁴ Virtudes que, no seu conjunto, formam o *mos maiorum* idealizado: "*Die Vergangenheit wurde idealisiert mit dem Ziel, die Gegenwart mit der auctoritas der Vorfahren zu rechtfertigen. Die Vorgänger dienten als Archetypen für die zeitgenössischen Römer, die stillschweigend ein Bündnis mit ihren maiores schlossen.*" PIÑA-POLO, 2004, p. 167.

⁸⁵ Esse é o debate sobre a "propaganda" augustana. Trabalhos importantes sobre o assunto são GALINSKY, 1996; ZANKER, 1992 e RAAFLAUB; TOHER, 1990.

⁸⁶ As leis sobre reformas morais e casamento, por exemplo. Cf. Tácito, *Anais*, III, 25-28.

⁸⁷ Como a reforma dos templos citada acima, Tito Lívio, IV, 20. Cf. GALINSKY, 1996, p. 288-331 (cap. VI - "Religion").

⁸⁸ Em especial, o conjunto arquitetônico do fórum de Augusto. Cf. CHAPLIN, 2000, p. 175 et seq.; JAEGER, 1997 e FAVRO, 1993.

dentre vários possíveis⁸⁹, analisaremos a seguir alguns casos relacionados à apresentação pública do imperador e à forma como ele pretendeu construir sua imagem, através de uma breve análise de aspectos da escultura, arquitetura e urbanística. Assim, pretendemos obter alguns instrumentos para que possamos ver como Augusto valoriza a importância dos mesmos conceitos que são fundamentais para Tito Lívio – como a *pietas* e a *auctoritas* e a *pax romana*, relacionada à *concordia*.

Augusto foi membro dos quatro principais colégios sacerdotais de Roma⁹⁰. Em 12 a. C., com a morte do antigo triúnviro Lépido, o imperador tornou-se *pontifex maximus*, sendo este o mais alto posto na hierarquia religiosa romana. Durante todo o seu governo, Augusto foi paulatinamente tomando os cargos principais e assim legitimou um poder inédito, mas que institucionalmente não passava do acúmulo de cargos e honrarias já existentes no mundo romano - dessa forma, a instituição do Principado preservaria todos os elementos constitucionais da República. O cargo de *pontifex maximus* se tornaria um dos três principais pilares da força política de Augusto, sendo os outros o *imperium*, constante e universal, de caráter militar mas também impondo autoridade judicial, e o poder tribúncio – *tribunica potestas*, que conferia autoridade legislativa vitalícia, acima do Senado e dos magistrados (LACEY, 1996).

A estátua da Via Labicana⁹¹ apresenta Augusto como *pontifex maximus*, e mostra intencionalmente alguns dos aspectos tipicamente romanos da representação de figuras em escultura. O objetivo principal da estátua é a representação da *pietas* do imperador e de sua autoridade religiosa, através ainda da postura humilde do ato retratado, a oferenda. O imperador é retratado através da convenção típica romana do uso da toga, que neste caso ainda tem o caráter de vestimenta especificamente religiosa. Para isso, a

⁸⁹ Uma análise das *Res Gestae*, embora além do escopo deste trabalho, também seria interessante para esse contexto. Cf. CORASSIN, 2007.

⁹⁰ *Res Gestae* 7.

⁹¹ Roma, Museo Nazionale Romano, Palazzo Massimo alle Terme.

cobertura da cabeça é indicador preciso tanto dessa humildade quanto da própria ação retratada. Entretanto, essa humildade contrasta com aspectos divinizantes de Augusto encontrados na estátua. Em primeiro lugar, há de se notar que o tamanho da estátua não pressupõe uma representação realística – são 2,17m, o que certamente inspira no espectador uma sensação de grandeza e poder, pois é colocada num pedestal e vista de baixo. E principalmente a cabeça da estátua revela um grande cuidado na representação figurativa: as feições de Augusto são idealizadas, num semblante sereno e solene. Assim como no caso da estátua da Prima Porta e de tantas outras, a idade aparente na estátua não condiz com a aparência real do imperador⁹². Ele é sempre retratado como jovem, com o intuito manifesto de celebrar a juventude como símbolo de vigor, energia e poder renovado.

No plano urbanístico, diversas construções e alterações da paisagem da cidade de Roma feitas sob Augusto revelam também uma intenção programática destinada a exaltar a magnitude dos feitos e do caráter do imperador, simbolizando uma "nova era", uma "Roma renovada" nos seus valores republicanos essenciais – ou talvez, melhor dizendo, valores que Augusto procura construir e consolidar como essenciais. A urbanização do Campo de Marte, com a construção do complexo que incluía no meio o obelisco egípcio, em um extremo a Ara Pacis e em outro o Mausoléu, é um exemplo desse programa, e carrega uma série de significados simbólicos. Podemos destacar entre eles o cálculo para que a sombra do obelisco atingisse as portas da Ara Pacis no equinócio de outono, data do aniversário de Augusto, representando seu destino como aquele que trouxe a paz a Roma⁹³.

⁹² A datação dessa estátua tem sido interpretada como sendo do fim do Principado de Augusto.

⁹³ Também por fechar as portas do templo de Jano três vezes – *Res Gestae*, 13 – o que significava o fim das guerras nas quais lutavam os exércitos romanos.

Porém, o novo elemento arquitetônico que melhor representou a ideologia augustana foi o Fórum, inaugurado em 2 a.C. (ZANKER, 1992; GALINSKY, 1996; CHAPLIN, 2000; WALTER, 2004; GOWING, 2005a). O templo de Marte Ultor ("vingador"), dedicado por Augusto 40 anos antes em vingança pelo assassinato de Júlio César, era a parte principal desse complexo, que também abrigava dois peristilos laterais e um pátio interno na frente do templo, contendo todas as significativas esculturas. Nos peristilos, nichos nas paredes continham diversas estátuas de homens ilustres – *summi viri* – do passado republicano (LUCE, 1990), e em entradas semi-circulares dos dois lados do templo, situavam-se as estátuas mais importantes: do lado esquerdo, os reis de Alba Longa e os antepassados da *gens Iulia*, com Enéas ao meio, e do lado direito mais homens ilustres, como Camilo, Ápio Cláudio, Pompeu, Mário e Sila, com Rômulo ao meio – todos com *eulogia* especialmente escritos abaixo das imagens. No centro do pátio, uma quadriga com Augusto como *pater patriae* dominava a visão, já que a entrada do Fórum tinha sido planejada especialmente para que o visitante entrasse preferencialmente pela frente.

Tal disposição simboliza a associação que Augusto pretendia fazer com o passado republicano, em sua intenção manifesta de retomá-lo e reafirmar seus valores⁹⁴. Juntamente com a *auctoritas* evidente pela quadriga e pela magnitude da construção, a *gloria* das conquistas militares fica explicitada: o Fórum também foi dedicado ao triunfo contra os partos em 20 a.C., sobre o qual também trata a couraça da estátua da Prima Porta (ZANKER, 1992; GALINSKY, 1996). A dualidade presente nas representações de Enéas e de Rômulo, tanto nas entradas semi-circulares laterais quanto nas laterais superiores do pedimento do templo, reforça mais duas características com as quais Augusto pretende se associar – Enéas, representado carregando seu pai, Anquises, nos

⁹⁴ Cf. HOFFMANN, 1969; BURIAN, 1985. Para uma discussão teórica e exemplos mais recentes da apropriação do passado e a construção intencional de tradições, ver HOBBSAWM; RANGER, 1997.

ombros, é o símbolo da *pietas* filial, enquanto que Rômulo, carregando os *spolia opima* conquistados na guerra, mostra a *virtus* que constrói a grandeza romana⁹⁵.

O elemento mais singular de toda essa análise é a forma *sui generis* como Augusto, ou seu período, utilizou a linguagem da figura de si para veicular determinadas intenções programáticas dentro de sua política (LACEY, 1996). Devemos, porém, encarar com cuidado a idéia de que essas estátuas fizessem parte de um conjunto conscientemente planejado de "propaganda política". Essa é uma interpretação que pressupõe um plano político e ideológico pré-concebido e aplicado intencionalmente por Augusto, que reflete talvez a visão dos historiadores atuais marcada por diversas outras experiências políticas assim apresentadas (GALINSKY, 1996, p. 39-41). Assim, como podemos entender as estátuas e as construções de Augusto dentro de um propósito de veículo de "propaganda ideológica"?

A disposição visual de estátuas e de outros elementos da paisagem urbana certamente tinha uma função de linguagem que transmitia determinados significados para todos os que ali passavam. A mensagem era clara e imediata, e ainda poderia apresentar diferentes níveis de reconhecimento para a elite educada e para o povo. Como diz Favro, "*in a society in which few could read, visual imagery functioned as a literal text legible to all. Rome's inhabitants relied on images as much as verbal sources for everyday information*" (1993, p. 231). Além disso, estátuas como a da Prima Porta e da Via Labicana tinham cópias espalhadas não apenas pela cidade de Roma mas também por todo o império. Essas estátuas evocariam facilmente atributos de Augusto, tais como a *auctoritas*, a *gravitas* e a *pietas*, para qualquer espectador. Porém, isso não necessariamente significa um artifício deliberado do imperador para transmitir tais

⁹⁵ Os *Fastos* de Ovídio e a *Eneida* de Virgílio são o equivalente literário desses simbolismos (ZANKER, 1992; GALINSKY, 1996; GOWING, 2005). Sobre os *spolia opima*, FLOWER, 2000.

conceitos, pois geralmente as estátuas não eram feitas e distribuídas pelo próprio governo, mas sim através de iniciativas de particulares.

Nesse sentido, os estudos mais recentes têm revisto o conceito de propaganda no governo de Augusto e procurado entender a nova linguagem iconográfica não só como algo deliberado, mas especialmente como um espelho dos interesses coletivos da época. Segundo Zanker (1992, p. 19-20),

*"la experiencia moderna ha inducido a suponer em este caso la existencia de um aparato de propaganda. Jamás existió tal cosa. Aquello que a posteriori aparece como un sofisticado sistema es el resultado de una combinación de la forma en que el monarca se presentaba públicamente y de los homenajes que le eran tributados com mayor o menor espontaneidad. Se trata, eso sí, de um proceso autónomo en sus grandes lineamientos."*⁹⁶

Podemos finalmente transpor essas conclusões também para Tito Lívio, se fizermos um paralelo com essas análises feitas acima. A *pietas* é também elemento-chave para a definição quintessencial do mundo romano no historiador. Vale a pena citar as conclusões de Levene (1993, p. 244-245):

"More significant (...) is (...) the way in which Livy centers his treatment of religion around clear moral premises. Correct behaviour is identified with the following of certain rules, both religious as narrowly defined, but also moral in a wider sense, such as appropriate behaviour in sexual and family matters, but above all in the political and military sphere with which the vast bulk of his narrative is concerned. This morality is then consistently linked with divine favour or disfavour and consequent success or failure for Rome⁹⁷. (...) The Augustan parallels are clear. Augustus not only gave great emphasis to religious rites, but also passed substantial moral legislation which was itself given religious overtones, as the guarantee of divine backing for Rome (...) In the Res Gestae he

⁹⁶ Para uma crítica a Zanker, por não considerar as diferenças sócio-culturais e de origem do público observador, ver WALLACE-HADRILL, 1989 e EDWARDS, WOOLF, 2003, p. 6.

⁹⁷ Idéia que também defendemos adiante, na análise sobre o conceito de *pietas*.

stresses several times his morality in war, both in his support of the Roman state against a 'factio' and in his just treatment of foreign nations, and indeed he presented his successes here directly in religious terms. All of these aspects appear as central to his presentation of his rule; in Livy similar moral principles are projected backwards in time to become the fundamental pillars upon which the Roman state's relationship to the divine rests."

Também vimos algumas formas de como Augusto procura basear sua legitimidade através da afirmação de sua *auctoritas*. A necessidade da *auctoritas* está relacionada à perda da autoridade moral representada pela atitude da aristocracia nos últimos tempos da República - exatamente pelas mesmas razões que Tito Lívio apresenta como as responsáveis pela decadência de Roma no prefácio:

"The crisis of the Roman Republic is a crisis of authority through which the social system is constructed. From the Gracchi onwards, and even before, we can observe the Roman ruling class setting about demolishing the authority on which its own dominance was based. (...) An elite that attributes its position to its superior mores, its trusteeship of ancestral values, and judges its success by its ability to inspire emulation, imitatio, fatally exposes its power when its monopoly of those values is questioned" (WALLACE-HADRILL, 1997, p. 11).

A *pax romana* foi celebrada por Augusto por conta da estabilidade política e social que o fim da guerra civil trouxe, e essa estabilidade é fundamental em Tito Lívio para o desenvolvimento e a afirmação da grandeza de Roma.

Como conclusão, podemos seguir os estudos mais recentes que afirmam não um alinhamento proposital e programático de Tito Lívio com Augusto ou, pelo contrário, uma independência bastante crítica ou mesmo oposição ao imperador, mas sim uma confluência de interesses e necessidades entre os dois, com demonstrações convergentes de um determinado *Zeitgeist*: *"What makes Livy an Augustan author,*

therefore, is not a fixed ideology, but his constant formulation and reformulation of some of the central ideas of his age" (GALINSKY, 1996, p. 283)⁹⁸.

⁹⁸ Cf. KRAUS; WOODMAN, 1997, p. 74: *"the principal (and perhaps unconscious) concerns of Augustan writers was to make sense of Augustus and his new world by inscribing them into the values and traditions with which those writers were familiar."*

2. *AB URBE CONDITA* E OS VALORES DO PASSADO EM TITO LÍVIO

O título original da *História de Roma* escrita por Tito Lívio, *Ab Urbe Condita*, remete diretamente à importância da narrativa das origens da cidade. Conseqüentemente, esta seria a história não apenas da fundação e do desenvolvimento de Roma, mas também, através das ferramentas de interpretação que o próprio Tito Lívio nos traz, das refundações literais e/ou simbólicas da cidade. Nessa visão, podemos dizer que há um elemento de circularidade da história romana em Tito Lívio, que demonstra sua originalidade em retrabalhar a tradição para especificar seus objetivos na construção do caráter romano e da definição de uma identidade. Essa proposta de interpretação tem sido adotada em trabalhos como os de Kraus (1994) e Serres (1991), e pretendemos aqui fazer uma leitura que tem primeiramente como base essas mesmas idéias. Seguimos, contudo, um pouco mais além, para identificar em primeira instância alguns paralelismos entre as narrativas e construções das figuras de Rômulo e Camilo no *Ab Urbe Condita* com a posição de Augusto na obra de Tito Lívio. Assim, poderemos entender como se dá a dinâmica da associação entre a Roma do autor e o passado idealizado, cuja retomada se faz necessária.

É possível entender estes três momentos – de Rômulo, Camilo e Augusto – como pontos onde a renovação, tanto física, da cidade de Roma, e simbólica, de uma identidade romana, são cruciais para o desenvolvimento e consolidação do poderio romano⁹⁹. É claro que existem riscos nessa leitura, dado que obviamente não temos os livros de Tito Lívio relativos ao período augustano, mas podemos inferir vários elementos úteis no relacionamento entre Tito Lívio e Augusto, tanto reconhecíveis no

⁹⁹ EDWARDS, 1996, p. 48-52. Sobre a comparação entre os três, especialmente Camilo, ver BURCK, 1992, p. 170-176.

texto quanto indiretos e externos, para que seja possível pelo menos uma tentativa de interpretação.

Um outro problema que devemos primeiramente considerar para verificar paralelismos de renovação de Roma em Rômulo, Camilo e Augusto é o aparente desequilíbrio na leitura do texto de Tito Lívio, na medida em que avaliaremos para tanto apenas os livros 1 (Rômulo), 5-6 (Camilo) e teoricamente os livros contemporâneos ao autor, descartando assim uma grande parte dos 142 livros do *Ab Urbe Condita*. Mas, quanto a isto, também deve ser observado que há um valor especial na primeira década de Tito Lívio, pelo caráter inicial de construção dos elementos da identidade romana que depois apenas se reafirmam, no decurso da História dentro do texto.

Tomemos como base os seguintes elementos: 1) o livro I narra o período monárquico fazendo uma esquematização de cada um dos reis de acordo com uma característica ou virtude, simbolizando o surgimento dos diversos atributos morais, cívicos e religiosos do povo romano. Assim, por exemplo, Numa Pompílio¹⁰⁰ seria o consolidador das instituições religiosas e da *pietas*, Tulo Hostílio da ênfase na guerra (PENELLA, 1990), Anco Márcio dos rituais religiosos em tempo de guerra, e assim por diante (HAFFTER, 1987); 2) na primeira pêntade, cada um dos livros é representativo de uma virtude-símbolo do caráter romano (OGILVIE, 1965, p. 30), e de como ela é aplicada através do exemplo dos indivíduos ou deturpada pelo exemplo de seus vícios. Então temos, entre outras, a *libertas* no livro 2, como oposição à tirania monárquica de Tarquínio, o Soberbo, a *moderatio* e a *pudicitia* no livro 3, pela vitória da coletividade contra a ambição dos decênviros e a luxúria de Ápio Cláudio contra Virgínia, no livro 4 ainda a *moderatio* e a *disciplina* que permite a vitória contra os inimigos e a *pietas* no livro 5, que salva a cidade dos gauleses; 3) é interessante considerar também os

¹⁰⁰ Sobre Numa como *exemplum*, ver WALTER, 2004, p. 374-382.

paralelismos temporais entre os três personagens, já que há um sugestivo equilíbrio na distância de tempo entre a fundação de Roma por Rômulo (cuja data fixada por Varrão seria equivalente a 753 a. C.), a invasão de Roma pelos gauleses e depois reconquista por Camilo em 390 a.C. (AUC 364), e a consolidação institucional de Otaviano no poder (quando lhe é outorgado o título de Augusto - 27 a. C./AUC 726 – exatamente o dobro da data anterior). Este aspecto, que às vezes é tratado atualmente como pouco mais do que uma curiosidade, indica bem uma característica peculiar do mundo romano, que é a valorização de paralelos temporais na história da cidade e do império (FEENEY, 2007)¹⁰¹.

Como sugere Serres (1991¹⁰²), há na tradição da origem da cidade de Roma a necessidade de um padrão de violência, destruição e reconstrução sucessiva de cidades até o seu estabelecimento. Assim, tendo como início a queda de Tróia, o ciclo se caracterizaria pela continuidade troiana na chegada e estabelecimento de Enéias no Lácio: Tróia é destruída para que Enéias se estabeleça em Lavínio. Depois, Alba Longa é destruída para que Tulo Hostílio consolide a força de Roma. Mas o ciclo ainda continua com a destruição e reconstrução da própria Roma no livro V, primeiro indiretamente pela tomada de Veios e depois pela da *Urbs*, com os gauleses. Segundo Tito Lívio, em duas ocasiões os romanos propõem abandonar Roma para se estabelecer em Veios, no começo e no fim do livro V, mas, como veremos, Camilo finalmente rompe com o ciclo da troca de cidades e convence os cidadãos a não abandonarem Roma e seus deuses – Roma é literalmente refundada em cima de si mesma. Tanto isso é claro para Tito Lívio que ele inicia o livro VI com um prefácio onde utiliza novamente a expressão "*ab urbe condita*":

¹⁰¹ Presente por exemplo nas questões sobre os Livros Sibílinos, mas também em situações mais triviais, como em Tácito, *Anais*, XV, 41.

¹⁰² Cf. KRAUS, 1994, p. 270-271.

"Os feitos dos romanos, *da fundação da cidade de Roma até a sua captura*, primeiro sob os reis, depois sob os cônsules, ditadores, decênviros e tribunos consulares, guerras no exterior, sedições domésticas, narrei em cinco livros. (...) De agora em diante, uma história das guerras e acontecimentos internos mais clara e precisa será narrada, *a partir da segunda origem da cidade*, que renasceu, assim como de raízes, mais vigorosa e fecunda."¹⁰³

E, assim como Camilo refundou Roma após a destruição pelos gauleses, Augusto também refunda Roma após a destruição da guerra civil. Mesmo dentro do padrão da mudança física de cidades, Augusto pode ser visto como um paralelo a Camilo se considerarmos o que diz Suetônio¹⁰⁴ a respeito de Júlio César, com o forte boato que se espalhara em Roma de que ele queria transferir a capital do império para Alexandria ou Tróia.

Levando-se também em conta todas as demonstrações conscientes da política de Augusto para erguer e mostrar uma Roma renovada, presentes na reforma urbanística da cidade, na literatura, e na *Res Gestae*, entre outros, podemos vislumbrar os três personagens como pontos cruciais na vida da cidade. Rômulo é responsável pela fundação física e religiosa, na medida em que estabelece o culto principal a Júpiter *Optimus Maximus*; Camilo, por sua vez, "refund" Roma quando expulsa os gauleses e impede o abandono da cidade por uma nova ocupação de Veios, num aspecto não só físico como também moral/simbólico e de piedade religiosa por se recusar a abandonar os deuses da cidade; e, por fim, Augusto "refund" Roma tanto fisicamente, pois ele a

¹⁰³ VI. 1: "*quae ab condita urbe Roma ad captam eandem Romani sub regibus primum, consulibus deinde ac dictatoribus decemuirisque ac tribunis consularibus gessere, foris bella, domi seditiones, quinque libris exposui. (...) clariora deinceps certioraque ab secunda origine uelut ab stirpibus laetius feraciusque renatae urbis gesta domi militiaeque exponentur.*"

¹⁰⁴ Júlio César, 79.

"encontrou feita com tijolos e a deixou em mármore"¹⁰⁵, quanto moralmente, pelas reformas institucionais e religiosas.

Vejamos mais detalhadamente como cada um dos três personagens "refunda" Roma para Tito Lívio. Rômulo é a figura primordial, e tem características bastante peculiares que irão delinear o caráter do desenvolvimento e poderio posterior de Roma. Ele apresenta um típico elemento divino que legitima o fundador de uma cidade (CARANDINI, 2003), pois seria descendente direto dos deuses, filho de Marte. Tito Lívio resolve selecionar propositalmente uma dentre diversas tradições a respeito do nascimento de Rômulo, mas na verdade não chega a confirmar se essa versão é realmente legítima. Porém, isso não invalida o mérito de Rômulo:

"Mas o destino já tinha, como acredito, determinado a origem desta grande cidade e a fundação do maior império sob os deuses. Tendo a Vestal, violentada com força, dado à luz gêmeos, nomeou Marte como responsável pela paternidade suspeita – fosse por que realmente acreditasse nisso, ou fosse porque a falta pareceria menor se fosse atribuída a um deus."¹⁰⁶

Mesmo com a incerteza sobre sua origem divina, Rômulo consegue se impor, em parte porque os deuses assim o querem – é vontade divina e destino certo que Roma seja a cidade mais poderosa do mundo -, mas também como uma espécie de "self-made man" do Lácio primitivo. Conquista tudo e a todos pelo seu valor e caráter, não apenas pelo mérito de suas origens. Sua infância e juventude são simples, num ambiente rústico, e isso se refletirá na sua austeridade, coragem e equilíbrio. É, nesse sentido, um arquétipo do romano primordial e um modelo que se reflete nos personagens

¹⁰⁵ Suetônio, *Augusto*, 28: "*marmoream se relinquere, quam latericiam accepisset.*"

¹⁰⁶ I. 4: "*sed debebatur, ut opinor, fati tantae origo urbis maximique secundum deorum opes imperii principium. ui compressa Vestalis cum geminum partum edidisset, seu ita rata seu quia deus auctor culpae honestior erat, Martem incertae stirpis patrem nuncupat.*"

posteriores oriundos do mesmo tipo de ambiente. Vale a pena citar um trecho de Miles (1995, p. 149), que sintetiza com lucidez a questão e propõe significados importantes:

"... the distinguishing emphasis of Livy's account was especially pertinent to at least three prominent themes in the ideology of his Roman contemporaries. The first is the notion that the Romans were a self-made people who surpassed Hellenistic peoples in morality, practical wisdom, and warfare. Closely related to this idea is a second notion, that the Romans were superior not in spite of but precisely because of their apparent cultural backwardness: the simple austerity of their rustic traditions fostered a strength of character that the literary sophistication of the Hellenes could not equal. A further variation of these two themes, constituting a third, arose as the consequence of the appropriation of the first two themes by noui homines, who argued that precisely because they were self-made they were closer to the traditional source of Roman excellence than contemporary nobiles were, and in fact embodied the very qualities on which the ancestors of the Roman nobilitas had based their original claims to distinction and privilege."

Dench (2005) coloca a mesma situação das origens de Rômulo como uma possível imagem negativa dos primórdios de Roma. A noção de uma cidade fundada por um sujeito que foi abandonado, amamentado por uma loba, matou seu irmão, convocou toda espécie de ralé para habitar a sua cidade e ainda promoveu um rapto das mulheres vizinhas para que os romanos pudessem casar estaria assim em contradição com os mitos de origem grandiosos e virtuosos comuns no mundo antigo. Porém, como vimos acima no argumento de Miles, é justamente esse início menos digno que traz o mérito aos romanos, pois eles se superaram e demonstraram que tinham força para dominar o mundo – sendo assim inclusive justificada a eleição da cidade como protegida por Júpiter e pelos outros deuses.

Um outro aspecto de como a atitude de Rômulo é determinante para a formação e o futuro de Roma, e onde podemos associá-lo com Augusto, é também o fato de que ele

conquista o poder, estabelece-se e se legitima através de sua própria *auctoritas*. Este é um valor-chave para Augusto, que se valeu disso para legitimar sua posição política durante décadas após Ácio sem no entanto dissolver os cargos e instituições oficiais da República. É importante observar que a *auctoritas* tem duas características principais, que estão presentes em ambos os casos de Rômulo e Augusto: ela é construída e acumulada com o passar do tempo pelas ações de um indivíduo, sendo portanto não automática, e também não pode ser imposta, mas sim atribuída ao indivíduo por outrem, em especial a coletividade (Senado, povo, exército etc.).¹⁰⁷

Ainda, Rômulo é responsável pela apresentação da *pietas* como uma das características típicas da romanidade. Ele será um símbolo a ser imitado na devoção aos deuses da cidade, mas também se torna ele próprio um deus depois de morto (lembramos que, assim como Augusto), seguindo o desejo dos outros deuses de que Roma seja grandiosa¹⁰⁸.

O próximo renovador da cidade, Camilo (BURCK, 1987c; FELDHERR, 1998; WALTER, 2004, p. 382-407), embora não tenha sido deificado, traz como uma de suas principais características essa mesma *pietas*, determinante última da existência de Roma na medida em que conservar o culto aos deuses significaria não abandoná-los, e abandonar os deuses significaria abandonar a própria Roma¹⁰⁹. Camilo é associado explicitamente a Rômulo em Tito Lívio, quando do obituário do general no início do livro VII:

¹⁰⁷ "Auctoritas is not simply a given, but needs to be constantly reacquired and validated. In that sense, it is part of the Augustan ethos that emphasized process and ongoing effort rather than fulfilment". GALINSKY, 1996, p. 15. Este trecho é parte de um capítulo exclusivamente destinado ao conceito de *auctoritas* no mundo romano e no período de Augusto.

¹⁰⁸ Mesmo que Tito Lívio seja cético em relação à divinização de Rômulo - I. 16. Cf. LIEBESCHUETZ, 1967, p. 46-47.

¹⁰⁹ Para vermos como a presença do deus e de seu culto é definidora da existência de uma cidade no mundo antigo e especialmente na Itália, um exemplo interessante é a remoção de Juno do templo em Veios, na vitória dos romanos contra a cidade, em V, 22. É importante ver como a apropriação da estátua de Juno por Roma é fonte absoluta de legitimação da sua conquista sobre Veios, ainda mais porque tem a anuência da própria deusa.

"Por vinte e cinco anos ainda (...) foi digno de uma glória grande como seu mérito, e foi considerado digno de ser nomeado, depois de Rômulo, segundo fundador de Roma."¹¹⁰

Sua carreira foi marcada por duas grandes conquistas, separadas por um exílio. Camilo foi o general responsável pela conquista de Veios, e Tito Lívio constrói a narrativa dessa conquista numa analogia que remete ao cerco e conquista de Tróia¹¹¹, retomando as sucessivas refundações vistas acima: ambos os cercos duraram dez anos, o mecanismo de invasão em ambas as cidades é semelhante, pois o túnel que os romanos escavam por baixo das muralhas da cidade permite que o exército entre sorrateiramente e ataque Veios por dentro; ambas as cidades são caracterizadas pelo seu luxo e opulência; e a profecia do harúspice etrusco de Veios (V, 15) é análoga à do adivinho troiano Heleno (*Ilíada*, 24). Mas, estariam sendo assim os romanos associados aos gregos? Kraus esclarece: *"There is a topological logic to that: if the fall of Troy is the literary archetype for all captured cities, then all besiegers will potentially be Greeks, all besieged Trojans."*¹¹² A vitória romana é, no entanto, um aviso sobre o destino, já que pela ambição e falta de fidelidade aos deuses demonstrada pelos romanos após a conquista de Veios, a própria Roma será depois conquistada.

Terminados o sítio e a destruição da cidade pelos gauleses, Camilo faz um longo discurso em Tito Lívio, onde são apresentados os argumentos que convencerão os romanos a desistir de emigrar para Veios. Em termos gerais, o discurso mostra a importância da *pietas* e da *fides* como elementos de ligação com Roma e de definição da identidade romana (EDWARDS, 1996, p. 44-48). Roma não deve ser abandonada porque

¹¹⁰ 7. 1.: *"par deinde per quinque et uiginti annos (...) titulo tantae gloriae fuit dignusque habitus quem secundum a Romulo conditorem urbis Romanae ferrent."*

¹¹¹ Analisada minuciosamente em KRAUS, 1994, p. 271-273.

¹¹² Ibid., p. 273.

é a morada dos deuses, através dos templos no Capitólio. Foi exatamente a manutenção do culto aos deuses que, em última instância, permitiu a vitória sobre os gauleses:

"Abandonados pelos deuses e pelos homens, ainda assim não interrompemos os cultos divinos. Por isso eles nos recobramos a pátria, a vitória e a glória na guerra, que tínhamos perdido. E sobre os inimigos, que, cegos pela cobiça e pelo peso do ouro, romperam o tratado e o juramento, verteram o terror, a debandada e a morte."¹¹³

Enfim, viver, estar fisicamente em Roma, assim como estão os deuses, é a condição *sine qua non* para ser romano. Sendo assim, Camilo faz com que Roma não seja a nova Tróia caída, quebrando portanto o ciclo de destruição das cidades e tornando a herança de Tróia um modelo abstrato, não mais uma realidade concreta. A Tróia que no final acaba por triunfar sobre os gregos perpetua-se em Roma.

Augusto, durante seu governo, é comumente associado a Rômulo, como um novo fundador da cidade (MILES, 1988)¹¹⁴. Suetônio relata que alguns senadores tinham mesmo sugerido a Otaviano a adoção oficial de "Rômulo" como título, mas o nome "Augusto" foi escolhido pelo seu aspecto religioso e de dignidade em relação a santuários e locais consagrados pelos áugures¹¹⁵. Mas os dois nomes ainda estão interligados, quando vemos que Augusto aparece como um segundo Rômulo no sentido de refundar os pilares religiosos que definiam a identidade própria dos romanos. Para

¹¹³ V. 51: "*deorum cultum deserti ab dis hominibusque tamen non intermisimus. reddidere igitur patriam et uictoriam et antiquum belli decus amissum, et in hostes qui caeci auaritia in pondere auri foedus ac fidem fefellerunt, uerterunt terrorem fugamque et caedem.*"

¹¹⁴ A recente descoberta da possível localização do Lupercal, a gruta onde se acreditava que a loba tinha amamentado Rômulo e Remo, pode ser uma evidência muito explícita dessa associação. As escavações, cujo resultado foi anunciado em novembro de 2007, mostram que a gruta, restaurada e decorada por Augusto, ficava exatamente embaixo de onde o imperador construiu sua casa, no Palatino. <http://www.corriere.it/cronache/07_novembre_20/Romolo_Remo_Lupercal.html>. Para a planta baixa com a localização da gruta em relação à casa de Augusto, ver <http://www.flickr.com/photo_zoom.gne?id=2050076601&context=set-72157603251450933&size=l>. Acesso em 20/11/2007.

¹¹⁵ Suetônio, *Augusto*, 7.2. Cf. SCOTT. 1925. Ver também Díon Cássio, 53.16.7, e Floro, 2. 34, 66.

isso, foram adotadas diversas medidas para a retomada de cultos antigos que haviam caído em desuso e também para a restauração e construção de templos para diversas divindades¹¹⁶.

Augusto ainda pode ser lido como um novo Camilo, pois a refundação da cidade passou, com este, também pela reconquista militar frente a uma invasão. Se Camilo derrotou os gauleses, Augusto derrota na guerra civil as forças de Marco Antônio e Cleópatra, que tinham uma forte tendência orientalizante – ou seja, de certa forma, ambas forças externas (EDWARDS, 1996, p. 47-48). Camilo ressalta, como vemos no discurso de Tito Lívio, as virtudes fundamentais que constroem o caráter dos romanos, e Augusto faz o mesmo, pelo fortalecimento desses elementos perante a orientalização do império ameaçada com Marco Antônio.

Nesse sentido, podemos entender como essa refundação de Roma por Augusto tomou um caráter conservador (LACEY, 1996; WALTER, 2004, p. 408-426). Augusto procura promover o reestabelecimento da *res publica* tradicional em todas as mudanças que realiza, seja em nível urbanístico, institucional ou em outros, pelo resgate dos princípios do *mos maiorum* - os valores antigos. O contraponto se dá explicitamente com o estado de degeneração moral da guerra civil, onde os valores tradicionais estavam corrompidos e deturpados por atitudes "não-romanas", como a ambição pelo poder e o desrespeito pela coletividade. Como observa Eder (1990, p. 87):

"His greatest political achievement consists in having promoted the development of a patriotism that combined the legacy of the Republic and his own accomplishment in preserving that legacy. The Republic lived on, because Augustus had summoned once more to the consciousness of the Romans the responsibility that was traditional to them and befit them alone, namely, the responsibility

¹¹⁶ IV, 20: "*templorum omnium conditorem ac restitutorem*".

of ruling over the earth: Tu regere impeio populos Romane memento [Virgílio, Eneida, 6.851]"

Como também vimos acima, é através da *auctoritas*, que remete a Rômulo, que Augusto irá impor suas reformas e legitimizá-las. O texto das suas *Res Gestae* é revelador nesse sentido, pois nele Augusto pretende demonstrar que seus feitos foram voltados nada mais do que para o bom funcionamento do Estado, e todo o seu poder foi conquistado e perpetuado apenas para viabilizar a volta à ordem antiga¹¹⁷. É pelo exercício de sua *auctoritas* que ambos os personagens servem de *exemplum*, pois o poder para eles não é veículo para seus interesses pessoais (como acontece com o tirano, ou com aristocratas egoístas como Ápio Cláudio – VASALY, 1997) mas sim ferramenta para a maior dedicação possível ao Estado – função principal e identificadora do romano ideal. E, assim como o poder é determinado pela *auctoritas*, ele também determina o correto equilíbrio pela *concordia ordinum*, outro conceito muito importante para Tito Lívio.

Nas crises internas de Roma descritas pelo historiador, a falta de *concordia* é o elemento desencadeador da *stasis* e do desequilíbrio, e portanto fraqueza, do Estado. Camilo é refundador de Roma também na medida em que é o elemento catalisador da necessidade de *concordia* (RUFUS FEARS, 1981) entre os cidadãos. Augusto se valerá desse mesmo elemento para buscar a ordem social e política interna em Roma e em todo o resto do Império.

¹¹⁷ "Augustus' claim was to have liberated the res publica on his own initiative and at his own expense. This is the keynote of the *Res Gestae*, fittingly amplified by the emphasis on his *auctoritas*, which he ultimately mentions explicitly in the concluding section." GALINSKY, 1996, p. 48.

2.1. *Concordia ordinum*

A *concordia* é um valor fundamental para Tito Lívio. Para ele, apenas através do entendimento mútuo entre os cidadãos e da união em torno dos interesses da maioria é que a República pode se desenvolver e fortalecer (RUCH, 1972, p. 837). Como consequência, toda vez que um indivíduo ou um grupo age em discordância com os interesses da coletividade, Roma sofre algum tipo de revés – militar, político, ou religioso (WALSH, 1961, p. 69-70).

Alguns autores apontam o conceito de *concordia*, no entanto, como sendo de origem helenística, uma tradução latina do termo grego *ὁμόνοια* (PEREIRA, 2002, p. 373-377; HURLET, 2002). De fato, podemos traçar um paralelo direto entre os dois termos, na medida em que ambos significam uma relação entre duas partes, que agem harmoniosamente em busca do equilíbrio dentro de um objetivo comum. Em ambos os casos, os termos são utilizados para denominar o balanço das forças políticas dentro de uma constituição mista (MOMIGLIANO, 1942), embora no caso romano haja ainda uma diferença que o singulariza. Como diz Momigliano, o conceito grego é fundado em uma

“idea of an organic structure in which each element is the condition of the normal life of the other elements. As such, Homonoia tends to conserve a pre-existing equilibrium. The Roman praxis of Concord emphasizes the extension of privileges from one class to another. (...) The dominant note is that extension of rights which made possible the peculiar development of Roman citizenship” (Ibid., p. 119)

– o que fica bem claro, por exemplo, na primeira década, com a discussão sobre o estabelecimento das leis e das instituições na cidade de Roma.

Uma rápida análise quantitativa do termo *concordia* também é reveladora de sua importância em Tito Lívio, pois aparece diretamente 48 vezes no texto¹¹⁸. Porém, o procedimento fundamental para uma análise mais completa deve também considerar as instâncias onde o conceito aparece indiretamente, através dos vários *exempla* que remetem a um determinado comportamento voltado para a harmonia e o equilíbrio na República. Como comparação, o termo *fides* aparece 144 vezes, mas *pietas* e *mos maiorum* apenas 7 e 6, respectivamente, sendo que esses conceitos também representam um papel fundamental para o historiador. Nesse sentido, a presença do próprio termo no texto, além dos *exempla* que ele representa, pode ser vista como reforçadora de sua importância, talvez por ser uma idéia que Tito Lívio pretendia destacar mais obviamente em relação à importância de conceitos como a *pietas* e o *mos maiorum*, que seriam mais consolidados no senso comum do leitor romano¹¹⁹.

Essa caracterização dos *exempla* traz à tona também algumas análises atuais que acusam Tito Lívio de construir uma visão estereotipada de indivíduos, os quais encarnariam determinadas virtudes e seriam assim personagens mais simbólicos do que reais¹²⁰. Porém, devemos entender essa ênfase de conceitos como a *concordia* no comportamento e na personalidade de certos indivíduos como uma ferramenta utilizada por Tito Lívio:

“Livy is not speaking here of moral qualities simply as ethical guides for individuals; he is intent upon showing how such qualities engendered and expanded the power of Rome at home and abroad. (...) Livy is hinting here (...) at his intention of using the quasi-poetical traditions of the earliest days of Rome as a theoretical

¹¹⁸ *Concordia* e *concors* - apenas superado por Cícero, com 79 ocorrências. Levantamento feito através das ferramentas do Perseus Digital Library – <<http://www.perseus.tufts.edu>>.

¹¹⁹ As mesmas ocorrências em Tácito são analisadas adiante através de uma tabela, já que se trata neste caso de mais de uma obra do mesmo autor.

¹²⁰ Como cita VASALY, 1997, p. 204 a respeito de WALSH, “Livy”, em DOREY, 1966. Cf. também WALSH, 1982.

illustration of the interaction of personality and political power"
(VASALY, 1997, p. 205).

De acordo com Tito Lívio, o primeiro templo da deusa *Concordia* em Roma data de 304 a.C.¹²¹, mas ele omite a versão de outras fontes de que um templo já teria sido dedicado anteriormente por Camilo¹²². Seja como for, o culto à Concórdia é uma demonstração da penetração da cultura grega no mundo romano do séc. IV a.C. e da originalidade da abertura e adaptação romana dessas "idéias divinizadas" (RUFUS FEARS, 1981), já que a *concordia ordinum* é referente em particular aos grupos sociais romanos (BELTRÃO, 2002).

O tema da *concordia* é particularmente importante na primeira década, por causa do estabelecimento das instituições e por conta da rivalidade entre patrícios e plebeus. A primeira vez que o termo aparece é já em I, 11, no contexto do rapto das sabinas. Hersília, mulher de Rômulo, pede clemência ao marido pelos pais das mulheres abduzidas, intervindo para que eles obtenham a cidadania romana, pois a concórdia entre todos ajudaria no fortalecimento da cidade – "*ita rem coalescere concordia posse*". Logo adiante, em I, 13, é a concórdia no reinado conjunto de Rômulo e Tito Tácio que permite a duplicação do poder romano – "*inde non modo commune sed concors etiam regnum duobus regibus fuit*". A harmonia do Estado fica aqui condicionada à harmonia das relações maritais entre romanos e sabinas, já que a cidade se reorganiza da guerra com seus vizinhos e se estabiliza politicamente apenas depois que as mulheres intervêm na busca da paz¹²³.

¹²¹ IX, 46.

¹²² Ovídio, *Fastos*, I, 641-44 e Plutarco, *Camilo*, 42. Sobre a discussão, ver MOMIGLIANO, 1942, p. 115-116: "*The conclusion is, therefore, that the temple of Camillus has not left any well-established trace in our literary tradition, except in the two passages of Plutarch and Ovid, which may attribute to Camillus the temple of Opimus. Clearly the literary evidence is weak, but is generally assumed that archaeology and epigraphy support it strongly*".

¹²³ Sobre a importância da *concordia* familiar como análoga à do Estado, ver BROWN, 1995.

Em termos gerais, sendo que esta é sempre uma relação de duas vias, podemos dizer que existem as seguintes categorias nas diferentes instâncias de *concordia* no texto¹²⁴: a harmonia entre dois grupos, entre indivíduos e grupos, e entre indivíduos. O primeiro caso seria o das referências gerais sobre patrícios e plebeus; já o segundo caso compreende, por exemplo, relações entre comandantes e seus exércitos¹²⁵, e contatos diplomáticos entre reis e a República romana¹²⁶; e finalmente o terceiro caso trata das relações particulares entre figuras públicas, como cônsules¹²⁷, censores¹²⁸ e tribunos.

No início do segundo livro, em II, 9, Tito Lívio fala das tentativas dos Tarquínios de retomar o poder e do cerco de Porsena à cidade. O comportamento do Senado perante o cerco é determinante para o fortalecimento da República e para a vontade comum de se evitar a todo custo o regime monárquico:

"E assim, essa generosa ação do Senado manteve a cidade em tal concórdia durante o cerco e a conseqüente fome, que o título de rei passou a ser odiado tanto pelos grandes quanto pelos pequenos; e nenhum demagogo jamais conseguiu ser tão popular quanto o Senado na época, depois dessa legislação beneficente."¹²⁹

Esse é o estado ideal das coisas, e, juntamente com os exemplos anteriores, forma instâncias exemplares da *concordia* que serão, daqui para frente, ou revertidas – através da discórdia que prejudicará a sociedade e o Estado como um todo –, ou reafirmadas – através de atitudes que resgatem essa mesma harmonia.

¹²⁴ Uma variação das categorias de Brown (Ibid., p. 316).

¹²⁵ Por exemplo, no discurso de Marco Valério Corvo aos seus soldados, em VII, 40.

¹²⁶ XXXVII, 35, sobre Antíoco e Roma.

¹²⁷ Por seu amor à *concordia* que Fábio Máximo adquiriu seu cognome – IX, 46.

¹²⁸ Na exortação de Quinto Metelo aos censores Marco Emílio e Marco Fúlvio, para que deixassem suas desavenças de lado e atuassem em harmonia – XL, 46.

¹²⁹ "Itaque haec indulgentia patrum asperis postmodum rebus in obsidione ac fame adeo concordem ciuitatem tenuit, ut regium nomen non summi magis quam infimi horrerent, nec quisquam unus malis artibus postea tam popularis esset quam tum bene imperando uniuersus senatus fuit".

É interessante notar também que o trecho citado acima se encontra no meio de dois outros episódios emblemáticos do estabelecimento da República. O evento que o precede é a consagração do templo de Júpiter Capitolino, que tinha sido construído no reinado de Tarquínio, o Soberbo. Argumentaremos a seguir, na seção sobre a *pietas* em Tito Lívio, sobre a importância do Capitólio como símbolo máximo da cidade, pela anuência dos deuses no destino grandioso de Roma - a consagração do templo de Júpiter nada mais é do que a afirmação desse elemento emblemático. É um episódio que revela ainda a *pietas* exemplar de Horácio, cônsul responsável pelos rituais da consagração, pois ele prossegue em seu dever mesmo tendo acabado de receber a notícia da morte do filho. E o parágrafo seguinte ao que trata dessa *concordia* narra a história de Horácio Cocles, defendendo sozinho na ponte Sublícia a entrada da cidade contra o inimigo – também outro episódio fundamental para demonstrar a coragem, virtude e *fides* romanas nessa época de harmonia e equilíbrio iniciais da cidade.

Depois disso, nos livros seguintes, as lutas entre patrícios e plebeus pelos direitos civis (OAKLEY, 2004) oferecem exemplos da discórdia e de como ela é prejudicial para a comunidade. Ainda no livro II, a batalha contra os etruscos no parágrafo 44 é o primeiro desses exemplos. Os etruscos se apoiavam na discórdia predominante na cidade de Roma para poder atacar, já que os plebeus e os patrícios estavam em posições tão antagônicas que ameaçavam rachar a cidade em duas, e o exército composto pelos plebeus se recusava a seguir ordens dos magistrados nos campos de batalha:

“Os principais cidadãos da Etrúria bradavam nas assembléias que o poder de Roma seria eterno a não ser que fosse destruído por

sedições internas - o único veneno, único mal que arruinava as cidades ricas e tornava mortais os grandes impérios”¹³⁰.

Por fim, a vitória romana só foi garantida pelo ódio dos soldados insuflado pelas provocações etruscas e porque o cônsul Marco Fábio aplicou a estratégia de parecer se retirar do combate para que os soldados se indignassem e resolvessem combater. A discórdia é superada então pela vontade dos soldados em combater e derrotar o inimigo, e, assim como vimos nos paralelos virtuosos que acompanham o *exemplum* em trechos imediatamente anteriores ou posteriores do texto, vemos aqui também a *fides* e coragem exemplar dos três Fábioes no parágrafo seguinte, na batalha contra os etruscos e veientes.

O início do governo dos decênviros é também um momento de *concordia* exemplar, ainda mais significativo por ser o momento de elaboração das leis máximas de Roma. A princípio, a relação entre eles é perfeita:

“E havia uma total concórdia entre eles, consenso esse que às vezes é inútil para cidadãos privados, mas a equidade para com os outros era perfeita.”¹³¹

Quando da elaboração das leis, também o equilíbrio e a preocupação com o senso comum prevalecem, como na apresentação das leis elaboradas pelos decênviros:

“O quanto a sabedoria e a prudência de dez homens poderiam permitir, eles estabeleceram leis iguais para todos, grandes ou

¹³⁰ “*Principesque in omnium Etruriae populorum conciliis fremebant aeternas opes esse Romanas nisi inter semet ipsi seditionibus saeuiant; id unum uenenum, eam labem ciuitatibus opulentis repertam ut magna imperia mortalia essent*”. Cf. IX, 19, na digressão sobre Alexandre: “[Nosso] soldado, porém, repeliu mil exércitos mais perigosos que os macedônios e Alexandre, e ainda repelirá, desde que perdure o amor pela paz em que vivemos e a preocupação em manter a concórdia entre os cidadãos.” “*Mille acies grauiores quam Macedonum atque Alexandri auertit auertetque, modo sit perpetuus huius qua uiuimus pacis amor et ciuilis cura concordiae*”.

¹³¹ III, 33: “*Et in unica concordia inter ipsos, qui consensus priuatis interdum inutilis est, summa aduersus alios aequitas erat*”.

pequenos. Havia, porém, maior soma de inteligência e conselho em mais homens. Deveriam, portanto, analisar minuciosamente todos os artigos da lei, discuti-los entre si, e trazer a debate o que lhes parecia supérfluo ou problemático. As futuras leis de Roma pareceriam então como que propostas pelo consenso unânime dos cidadãos, e não apenas por eles sancionadas."¹³²

Porém, esse estado das coisas não duraria muito, e a discórdia provocada pela ambição pessoal iria desequilibrar esse balanço. Logo os decênviros passaram a agir como tiranos, suprimindo liberdades e perseguindo a plebe, e como consequência - que Tito Lívio faz questão de sublinhar - perdeu-se a coragem no campo de batalha. Os decênviros como generais eram também inglórios, e o ódio do exército por eles mais uma vez levou à discórdia, e portanto à derrota. Logo adiante, Tito Lívio relata o episódio da paixão criminosa do decênviro Ápio Cláudio pela pura Virgínia, que é emblemático por representar a ambição desmedida e a luxúria que determinam os interesses pessoais acima dos interesses do Estado¹³³ - algo tão devastador que irá finalmente determinar o fim do decenvirato:

"Seguiu-se em Roma outro crime, de origem libidinosa, e de consequências não menos trágicas quanto o estupro e o suicídio de Lucrecia, que levaram à expulsão dos Tarquínios da cidade. Assim, não só os decênviros tiveram o mesmo fim dos reis, mas também perderam o poder pela mesma causa."¹³⁴

O equilíbrio posterior não foi, porém, duradouro. As lutas entre patrícios e plebeus se acirram em seguida, e o fim do livro III, nos parágrafos 65 e 66, mostra como

¹³² *"se, quantum decem hominum ingeniis prouideri potuerit, omnibus, summis infimisque, iura aequasse: plus pollere multorum ingenia consiliaque. Versarent in animis secum unamquamque rem, agitarent deinde sermonibus, atque in medium quid in quaque re plus minusue esset conferrent. Eas leges habiturum populum Romanum quas consensus omnium non iussisse latas magis quam tulisse uideri posset"*. III, 34.

¹³³ Para uma interpretação sócio-política do episódio, ver BURCK, 1987b, p. 99-100; cf. FELDHER, 1998, p. 203-212.

¹³⁴ III, 44: *"Sequitur aliud in urbe nefas, ab libidine ortum, haud minus foedo euentu quam quod per stuprum caedemque Lucretiae urbe regnoque Tarquínios expulerat, ut non finis solum idem decemuiris qui regibus sed causa etiam eadem imperii amittendi esset."*

essas divisões foram responsáveis, mais uma vez, pelo enfraquecimento da cidade perante seus inimigos – no caso os volscos e équos. Mas o discurso do cônsul Tito Qúncio Capitolino exorta os romanos a retomarem novamente a concórdia e o interesse comum como único meio de unirem forças e garantirem tanto a estabilidade interna quanto a garantia de vitória em batalha:

“Por Hércules! Quando combatíeis sob nós, os cônsules, e não sob os tribunos, no acampamento e não no Fórum, quando vosso grito de guerra aterrorizava o inimigo e não os patrícios de Roma na Assembléia, então, obtido o butim e conquistada a terra do inimigo, regressáveis triunfantes a vossas casas e penates, cobertos de riquezas e glórias públicas e privadas.”¹³⁵

Esse estado de coisas, que oscilava entre a discórdia e a reafirmação da importância da união coletiva, continua durante o livro IV, e sempre a discórdia é fonte da derrota e a concórdia, de vitória. O livro V é o ponto nevrálgico que assiste antes ao maior triunfo e depois à maior derrota de Roma (MILES, 1986), e em seu início e fim dois discursos conclamam à *concordia*, que é exemplificada pelos fatos que a referem. O primeiro discurso do livro V é o de Ápio Cláudio Crasso¹³⁶, neto do decênviro, mas oposto ao caráter geral dos Ápios, que Tito Lívio apresenta como arrogantes e ambiciosos (VASALY, 1997, p. 222-225). Ápio conclama os romanos a se unirem para conquistar Veios, contra as instigações dos tribunos da plebe. No discurso, ele defende que só a união dos romanos será suficiente para derrotar o inimigo e capturar a cidade, a maior adversária de Roma até então – “Se houvesse concórdia perpétua, quem duvidaria

¹³⁵ III, 68: “At hercules, cum stipendia nobis consulibus, non tribunis ducibus, et in castris, non in foro faciebatis, et in acie uestrum clamorem hostes, non in contione patres Romani horrebant, praeda parta agro ex hoste capto pleni fortunarum gloriaeque simul publicae simul priuatae triumphantes domum ad penates redibatis”.

¹³⁶ IV, 3-6.

de que em breve nosso poder seria maior do que o de todos os povos vizinhos?”¹³⁷. O segundo discurso, após a vitória e expulsão dos gauleses da cidade de Roma, é proferido pelo grande herói Camilo, o “refundador” da cidade, onde ele defende a permanência dos cidadãos em Roma, ao invés da transferência para Veios, como havia sido proposto. O discurso é claramente pautado pela importância da *pietas*, pois foi estritamente pela observância dos rituais e pela obediência aos deuses que Roma foi capaz de triunfar, e só continuará triunfando se essas necessidades forem mantidas. Novamente temos, por trás do aspecto religioso, a importância da união e da preservação do bem comum, que é o princípio da *concordia* (BURCK, 1987c).

Nas décadas seguintes, a *concordia* já é pouco mencionada nominalmente, pois a unidade institucional da República romana já se encontra consolidada – como, por exemplo, através da união de esforços durante toda a Segunda Guerra Púnica. Assim, os exemplos encontrados passam a se referir a indivíduos, mais do que a grupos. As atitudes desses indivíduos irão refletir diretamente no sucesso ou no fracasso contra os inimigos, e é entre os desastres das batalhas do lago Trasímene e de Canas, quando Aníbal quase consegue derrotar definitivamente os romanos, que temos um dos exemplos mais significativos de como a harmonia dos generais é necessária, e desastrosa quando em falta. Depois da derrota no lago Trasímene, atribuída em boa parte a atitudes ímpias do cônsul Caio Flamínio por sua falta de escrúpulos nos votos rituais antes da guerra, Quinto Fábio Máximo¹³⁸, tanto cônsul quanto depois ditador, alerta os novos cônsules para uma atitude cautelosa contra Aníbal. Os dois, Caio Terêncio Varrão e Lúcio Emílio Paulo, ávidos pela guerra, discordam do conselho prudente de Fábio Máximo e divergem sistematicamente entre si quanto ao comando e à

¹³⁷ “*Quae si perpetua concordia sit, quis non spondere ausit maximum hoc imperium inter finitimos breui futurum esse?*” V, 3.

¹³⁸ Sobre seu caráter, bem como em uma comparação com Marcelo e Cipião na narrativa de Tito Lívio, ver WALSH, 1982.

estratégia a ser adotada em Canas. Fábio Máximo, depois cognominado *Cunctator* – o "atrasador", alerta Emílio Paulo para os perigos da discórdia entre os dois cônsules e generais:

"Com efeito, erras, Lúcio Paulo, se julgas que terás de lutar menos com Caio Terêncio que com Aníbal; não sei mesmo se este adversário permanece maior do que aquele inimigo: combatê-lo-ás apenas no campo de batalha; contra aquele, lutarás em todos os lugares e em todos os tempos."¹³⁹

Tito Lívio utiliza o discurso de Fábio Máximo para construir um *crescendo* retórico de discórdia entre os líderes romanos, que atigirá o pico durante os momentos anteriores ao combate:

"Desde então, o acampamento romano ficou perturbado pela sedição dos soldados e pela discórdia dos cônsules: Paulo Emílio confrontava Varrão com a imprudência de Semprônio e Flamínio, Varrão objetava a Paulo Emílio que o exemplo de Fábio era próprio para generais medrosos e indolentes. Um invocava o testemunho dos deuses e dos homens de que não era sua culpa se Aníbal já possuía a Itália por uso; a ele, Varrão, o colega atava as mãos; os soldados, irritados e ávidos de combates, viam-se despojados da armadura e da espada."¹⁴⁰

Essa discórdia culminará logicamente com a derrota no campo de batalha¹⁴¹ – e, desta vez, não apenas qualquer derrota, mas a mais importante derrota jamais sofrida por qualquer exército romano em sua história. A batalha de Canas, na qual morre Lúcio

¹³⁹ XXII, 39: "*erras enim, L. Paule, si tibi minus certaminis cum C. Terentio quam cum Hannibale futurum censes; nescio an infestior hic aduersarius quam ille hostis maneat; cum illo in acie tantum, cum hoc omnibus locis ac temporibus certaturus es.*"

¹⁴⁰ XXII, 44: "*Inde rursus sollicitari seditione militari ac discordia consulum Romana castra, cum Paulus Sempronique et Flamini temeritatem Varroni Varro speciosum timidus ac segnibus ducibus exemplum Fabium obiceret testareturque deos hominesque hic nullam penes se culpam esse, quod Hannibal iam uel[ut] usu cepisset Italiam; se constrictum a collega teneri; ferrum atque arma iratis et pugnare cupientibus adimi militibus.*"

¹⁴¹ Davies (2005, p. 107-108) não percebe a importância da *concordia* no episódio, apontando apenas o destino, *fatum*, como determinante para a derrota romana. Para sua opinião a respeito do papel do destino em Tito Lívio, p. 105-123; cf. LEVENE, 1993, p. 47-50.

Emílio Paulo, dezenas de senadores e mais um número aproximado de cinquenta mil soldados romanos, representou o maior triunfo dos cartagineses, e foi apenas o erro estratégico de Aníbal de se retirar para Cápuia, e não marchar diretamente para Roma, que trouxe aos romanos a oportunidade de se recuperar e vencê-lo mais adiante.

Tito Lívio menciona no livro XXII vários episódios que remetem à *pietas* antes de Canas, com expiações feitas para trazer de volta o favor dos deuses depois do desastre do lago Trasímene. Consultam-se os Livros Sibílinos e fazem-se as expiações indicadas; realiza-se a "primavera sagrada", conjunto excepcional de sacrifícios e rituais para pedir a paz e a vitória contra os cartagineses e contra os gauleses¹⁴² e constroem-se vários novos templos. Mesmo assim, aparecem prodígios (XXII, 36) que já indicam o desastre a seguir. Veremos adiante com mais detalhes o funcionamento da *pietas* para Tito Lívio no sucesso ou fracasso direto dos romanos, mas basta aqui já perceber que não é só ela que determina o destino; a *concordia*, o relacionamento harmonioso entre as partes da comunidade, é absolutamente fundamental para a manutenção do poderio romano e o aumento de sua glória. Portanto já podemos antever como não basta a presença apenas de ações que refletem a *pietas* ou a *fides*, pois a *concordia* revela a necessidade de um equilíbrio constante entre essas relações. O equilíbrio gera a estabilidade, que gera a força necessária para derrotar o inimigo e reafirmar o destino grandioso que os deuses pretendem para Roma.

Como exemplo do sucesso romano nos livros seguintes, a harmonia entre os cônsules Marco Lívio e Caio Cláudio, em XXVIII, 9, é mostrada pela disposição em triunfar conjuntamente em Roma, pela vitória contra Asdrúbal, no que transparece novamente a ênfase nos esforços coletivos em detrimento dos interesses individuais. A concórdia aparece também em XXVII, 38, sobre a liberdade concedida aos cônsules para

¹⁴² XXII, 10. Cf. BEARD; NORTH; PRICE, 1998: 32-34.

tomarem medidas táticas na guerra contra Aníbal: “E os cônsules tomaram todas essas medidas em perfeita concórdia”¹⁴³. Todas essas são instâncias onde o comportamento individual está comprometido com o equilíbrio, e Tito Lívio pretende implicar que isso é logicamente, e automaticamente, determinante para a vitória.

Porém, a partir da terceira década, as instâncias do termo *concordia* já aparecem como pontuais e menos determinantes em relação à primeira década. Daqui para frente, atributos como a *fides* dos indivíduos passam a ser mais fundamentais para as conquistas romanas, já que agora a ênfase é dada não mais no equilíbrio interno das forças dentro da cidade, mas sim na relação de Roma com os outros poderes externos. Sendo assim, vejamos o que significa a necessidade da *fides* para Tito Lívio.

2.2. *Fides*

Como vimos, a partir da terceira década de Tito Lívio – livros XXI a XXX -, com o incremento do poder de Roma pela aquisição de um vasto império, o valor da *fides* passa a tomar maior importância em relação ao da *concordia*, pois o Estado já está mais firmemente consolidado e a ênfase na dedicação a ele é mais determinante na atitude dos cidadãos, não mais apenas a relação entre estes. Porém, a *fides* atravessa todo o texto desde o início, mesmo quando indiretamente. Toda manifestação de confiança, lealdade, boa-fé, amizade e de laços entre duas partes pode ser considerada *fides*, se uma das partes está acima da outra – é este o termo, por exemplo, que define, por exemplo, as

¹⁴³ “*ea omnia cum summa concordia consulum acta*”.

relações entre patronos e clientes¹⁴⁴. O termo tem seu equivalente na palavra grega πίστις, mas sua importância como definidora de uma identidade no mundo romano é certamente mais decisiva¹⁴⁵. O próprio Tito Lívio assim o define, quando fala do ataque de Aníbal aos aliados dos romanos na Campânia:

“Mesmo assim esse terror, embora a guerra consumisse tudo, não removeu a fidelidade dos aliados, sem dúvida porque eram regidos por um poder justo e moderado, não se recusando a obedecer o melhor – o que é o vínculo único da fidelidade.”¹⁴⁶

Ou seja, aqui fica claro que a *fides* - lealdade, fidelidade - é um atributo da relação desigual entre uma parte mais poderosa, que demonstra seu valor superior ao conceder a possibilidade de uma aliança, e a parte submissa, que aceita de bom grado esse desequilíbrio de forças, tomando como benefício a proteção oferecida. Este é um laço que envolve honra das duas partes, e veremos que a *perfidia*, a corrupção da *fides*, ocorre quando uma delas quebra sua parte – quando são os aliados de Roma, isso justifica a guerra e a conquista, mas existem também instâncias onde os próprios romanos agem "descaracterizados" de seu atributo essencial e são infiéis no pacto com os inferiores. Se Roma é a cidade mais poderosa de todas, ou ao menos destinada a ser, ela prova que é melhor e mais merecedora de sua grandeza toda vez que seus cidadãos agem reafirmando o pacto de fidelidade com outras partes.

Podemos classificar dois tipos diferentes de *fides* em Tito Lívio, de acordo com a forma de relacionamento entre as partes. Em primeiro lugar, temos a *fides* que se compõe na lealdade absoluta na relação entre o indivíduo e o Estado, e que, como vimos

¹⁴⁴ Para um histórico do uso do termo *fides*, com bibliografia, ver PEREIRA, 2002, p. 332-338. Cf. PICCALUGA, 1981 e McDONALD, 1966. Em Tito Lívio, MOORE, 1986, 1989.

¹⁴⁵ Como revela Políbio, VI, 56, 12.

¹⁴⁶ XXII, 13: “*nec tamen is terror, cum omnia bello flagrarent, fide socios dimouit, uidelicet quia iusto et moderato regebantur imperio nec abnuebant, quod unum uinculum fidei est, melioribus parere*”.

em relação à *concordia* e também veremos sobre a *pietas*, é uma característica da importância da dedicação ao bem comum acima da dedicação aos próprios interesses pessoais. Nesse sentido, é possível entender a relação entre a parte mais poderosa e a parte submissa como um atributo interno da cidade, que cimenta sua coesão – com a *concordia* – através dessa relação de dedicação absoluta do indivíduo. Em segundo lugar está a *fides* manifestada na relação entre Roma e seus aliados, ou mesmo com seus inimigos na afirmação da “guerra justa”, da manutenção de pactos, cessar-fogo e tratados, onde a relação é externa à cidade e trata da legitimação do poder de Roma sobre o mundo exterior.

Antes de apresentar mais especificamente esses dois tipos de *fides*, Tito Lívio nos revela que a importância dessa virtude é definidora do povo romano desde os seus mais remotos tempos, antes mesmo de existir a própria cidade. No primeiro parágrafo do livro I, logo após o prefácio, quando o autor narra a fuga de Enéias de Tróia e a peregrinação por terras ocidentais até chegar na região do Lácio, encontramos já a primeira vez onde a *fides* define o caráter romano primordial. Os troianos chegam à região e procedem à pilhagem dos campos, no que são interpelados pelo rei Latino e seu exército. Prestes a começar uma batalha, os dois lados, no entanto, chegam a um consenso (*concordia*) e selam um pacto de amizade e confiança:

"Ao ouvir que aqueles homens eram troianos, que seu chefe era Enéias, filho de Anquises e Vênus, refugiados de sua pátria incendiada e procurando um local para se estabelecer e fundar uma cidade, Latino, cheio de admiração pela nobreza daquele povo e de seu chefe, dispostos tanto para a guerra como para a paz, teria estendido a mão direita como fé da sua futura amizade."¹⁴⁷

¹⁴⁷ I. 1: "*postquam audierit multitudinem Troianos esse, ducem Aeneam filium Anchisae et Veneris, cremata patria domo profugos, sedem condendaeque urbi locum quaerere, et nobilitatem admiratum gentis virique et animum vel bello vel paci paratum, dextra data fidem futurae amicitiae sanxisse.*"

A grandeza e virtuosidade única dos romanos já é anunciada logo no início da obra, pois não é apenas a sua origem divina que os engrandece, com Enéias filho de uma deusa, mas também seu caráter nobre e viril, tanto na guerra quanto na paz¹⁴⁸. Esse mito de origem procura portanto legitimar desde o mais tenro início o valor da *fides* romana, que Tito Lívio apresenta como poderosa por excelência e também como característica definidora do povo romano.

A *fides* está também desde o início relacionada diretamente à *pietas* divina, pois ambas são atributos definidores do poder de Roma. Os deuses, como veremos no próximo tópico, são diretamente responsáveis pelo sucesso da cidade, pois, reconhecendo o caráter virtuoso dos romanos, favorecem-nos enquanto a aliança entre estas duas partes está firmemente consolidada. No entanto, este não é apenas o único fator que determina a grandeza romana – o papel ativo dos indivíduos em sua dedicação ao Estado – ou seja, sua *fides* – é o que retribui o favor dos deuses, juntamente com a *pietas* para com estes. O aspecto religioso da *fides* está presente já no reinado de Numa Pompílio, criador da maioria das instituições religiosas no relato de Tito Lívio, com a criação das comemorações dedicadas à deusa Fides, em I, 21:

"Instituiu também uma festa solene em honra à deusa Fides. Ordenou que os flâmines se dirigissem ao templo da deusa em carruagem coberta puxada por dois cavalos, e que durante a cerimônia mantivessem as mãos cobertas até os dedos, para significar que a fé deve ser protegida e que seu lugar é sagrado até quando está na mão direita dos homens."¹⁴⁹

¹⁴⁸ No que podemos fazer um paralelo com a origem divina e com o caráter individual de Rômulo, como analisado anteriormente.

¹⁴⁹ "Et [soli] Fidei sollemne instituit. Ad id sacrarium flamines bigis curru arcuato vehi iussit manumque ad digitos usque inuoluta rem divinam facere, significantes fidem tutandam sedemque eius etiam in dexteris sacratam esse." A referência ao procedimento dos flâmines está relacionada com a instituição da *fides* como princípio fundamental da legitimação dos procedimentos legais.

Depois disso, com o estabelecimento da República, a lealdade dos indivíduos demonstra a importância da sua dedicação à *res publica*, ainda que não necessariamente Tito Lívio qualifique suas atitudes como *fides*. Já que o termo em si nem sempre aparece explicitamente, o que se também destaca são as instâncias onde a falta de *fides* prejudica o Estado como um todo, geralmente implicando na derrota militar.

O episódio de Marco Mânlio Capitolino - um dos grandes heróis do livro V - é exemplar em relação ao tema do indivíduo que põe seus interesses acima do bem comum. Na segunda metade do livro, a invasão de Roma pelos gauleses é uma tragédia que a princípio parece não ter saída. Camilo está exilado em Ardéia, e os poucos cidadãos romanos que conseguiram se salvar dos gauleses estão reunidos na colina do Capitólio, condenados cada vez mais à fome e à desesperança. Os gauleses descobrem uma forma de invadir o refúgio romano, e resolvem escalar a rocha que subia ao templo de Carmenta, no que deveria ser o ataque final e a tomada da colina (V, 47). Entretanto, acabam sendo surpreendidos pelos gansos sagrados de Juno, que na sua gritaria despertaram Marco Mânlio. Acometido de um vigor e uma coragem dignos de um herói, Marco Mânlio reage e mata vários gauleses, dando início à reação que desencadeará a vitória sobre os invasores. Reconhecido e premiado por sua bravura, ele acaba revelando ser o oposto no livro VI, na sua sede pelo poder e na inveja da glória de Camilo. Sobrepondo portanto seus interesses pessoais aos do Estado, ele resolve aliciar os plebeus para sua causa, instigando-os contra os patrícios, agindo como um tirano e causando um grave estado de discórdia. Sua condenação e morte posteriores exemplificam o quanto tal comportamento é visto como antagônico ao modo de agir

tipicamente romano – simbolizado claramente pelo personagem que lhe é oposto, Camilo¹⁵⁰.

Em contraste, Camilo, que, como veremos adiante, é também um dos grandes exemplos de *pietas* em Tito Lívio, mostra através de sua atitude como deve se portar o romano na *fides* perante a República e perante a as relação com outros povos. Uma dupla instância de *fides* e da falta dela, a *perfidia*, está na história da traição do preceptor falisco e na reação de Camilo, em V, 27: o preceptor, querendo trair o seu povo, leva seus alunos para o acampamento do general, com o intuito de entregá-los e facilitar a queda de Falérios, já que os pais daquelas crianças eram os comandantes das forças da cidade. Camilo reage indignado e repreende o preceptor, afirmando que se recusa a aceitar uma vitória sobre crianças desarmadas. Castigando o traidor, consegue a rendição espontânea e incondicional da cidade, que reconhece sua justiça e sua *fides*. Tito Lívio assim escreve o discurso da delegação dos falérios no Senado romano:

“O desfecho desta guerra forneceu dois exemplos salutare para o gênero humano: vós preferistes a lealdade na guerra a uma vitória imediata; nós, movidos por vossa lealdade, vos entregamos espontaneamente a vitória.”¹⁵¹

Dessa forma, a glória de Camilo é ainda maior graças à sua *fides* exemplar para com a República e à sua *dignitas* no trato com os inimigos.

Outro episódio onde vemos diferentes níveis e significados de *fides* e de sua falta é a humilhação romana nas Forcas Caudinas¹⁵², no início do livro IX. O contexto vem do fim do livro VIII, quando os romanos rejeitam a capitulação dos samnitas. Indignados

¹⁵⁰ Uma análise sobre Marco Mânlio Capitolino, especialmente em sua relação simbólica com o Capitólio e a cidade de Roma, está em JAEGER, 1997, p. 57-93.

¹⁵¹ “*Euentu huius belli duo salutaria exempla prodita humano generi sunt: uos fidem in bello quam praesentem uictoriam maluistis; nos fide prouocati uictoriam ultro detulimus*”.

¹⁵² “...an exceptionally clear example of the reconstruction of the Roman past on the model of more recent events.” LIEBESCHUETZ, 1967, p. 45. Para uma análise estrutural, ver BRUCKMANN, 1987, p. 298-300.

com o orgulho e desprezo dos romanos, os samnitas resolvem se vingar e armam uma cilada para os exércitos romanos nos desfiladeiros das Forcas Caudinas. Surpresos com o estrategema e impossibilitados de atacar ou se defender pela disposição desfavorável, os romanos não vêem outra saída senão se render e passar pela extrema humilhação do jugo (ASH, 1998). Voltando cabisbaixos para Roma, são antes recebidos pelos aliados de Cápuia, mas só uma reparação militar é capaz de devolver a dignidade ao exército. Espúrio Postúmio, um dos cônsules responsáveis pela derrota, propõe ao Senado se oferecer aos samnitas como expiação, para que se legitimasse um revide romano. O samnita Caio Pôncio, porém, não aceita os termos romanos: “Nunca ficareis sem razões para não manter a palavra na derrota?... E sempre conseguis dar aparência de direito à vossa fraude”¹⁵³. O episódio termina, porém, com os exércitos romanos finalmente atacando e derrotando os samnitas.

Nesse caso, Tito Lívio acaba por não fazer um julgamento final da atitude romana (LIEBESCHUETZ, 1967, p. 46), mas por diversas vezes aparece a *fides* em um dos lados: os romanos caem na cilada das Forcas porque vão prestar auxílio aos seus aliados lucérios contra o sítio samnita; depois, esse mesmo tipo de *fides* entre povos é vista no acolhimento que os campânios oferecem aos romanos derrotados. No plano individual, Espúrio Postúmio demonstra sua *fides* à República na oferta de sua expiação particular, entregando-se ao inimigo, pela qual é louvado em Roma. Porém, as instâncias de quebra de lealdade são a que mais se destacam: os samnitas vêem o favor dos deuses no seu ataque, pois os romanos tinham desdenhado de sua *fides*, e depois a oferta romana é vista como uma quebra da legitimidade do pacto firmado quando de sua capitulação. A vingança romana final não pode se legitimar pela *fides*, já que Tito Lívio se cala neste ponto, mas sim pela coragem e vontade de se redimir de um erro por parte dos romanos

¹⁵³ IX, 11 : “Nunquamne causa defiet cur uicti pacto non stetis?... Et semper aliquam fraudi speciem iuris imponitis.”

– assim, o que parecem à primeira vista atitudes condenáveis destes se tornam, inversamente, louvadas: “Postúmio tornara-se mais célebre entre os romanos por sua rendição do que Pôncio entre os samnitas, por ter conseguido uma vitória incruenta.”¹⁵⁴ Todo o episódio é também permeado pela importância religiosa do testemunho dos deuses, da *pietas* que, corretamente observada, faz um lado ser maior merecedor de seu apoio. Mas é através das ações humanas, na *fides*, que está a natureza do mérito das relações entre Roma e o mundo que a rodeia (CHAPLIN, 2000, p. 32-49).

Como o prefixo já indica, a *perfidia* é o oposto nas relações diplomáticas da *fides*, e representa portanto a oposição direta ao comportamento que deve ser romano por excelência. Um trecho na quinta década é emblemático do significado de um relacionamento entre romanos e adversários através da *perfidia*, que demonstra arrogância e leva à desonra – o encontro entre o embaixador romano Quinto Márcio Filipo e o rei Perseu, em XLII, 38-42. Já se preparando para o ataque, mas ainda não totalmente prontas, as tropas romanas ganham um tempo extra de preparação graças a esse encontro diplomático onde Márcio engana Perseu, pois o rei confia na *fides* que o romano aparentemente lhe oferece, em busca de um acordo possível antes da guerra. O tom do encontro é, portanto, totalmente diferente das intenções reais de Márcio.

Já de volta a Roma, no seu relato ao Senado, Márcio encontra a ferrenha oposição e o ataque dos senadores mais antigos, que acusam a diferença entre a atitude romana de seu tempo e o passado representado pelos exemplos da *fides* que o mesmo Márcio deveria apresentar:

“... os velhos senadores, que recordavam os antigos modos, negavam reconhecer naquela embaixada a conduta romana: os antepassados não faziam a guerra com ciladas e batalhas

¹⁵⁴ IX, 1: “*clariorem inter Romanos deditio Postumium quam Pontium incruenta uictoria inter Samnites faceret.*”

noturnas, nem por fugas simuladas e improvisos sobre um inimigo incauto, ou se vangloriando mais da astúcia que da verdadeira virtude; estavam acostumados a declarar a guerra primeiro e movê-la depois, muitas vezes, anunciando a batalha e delimitando o local em que combateriam. Essa mesma boa-fé levava-os a informar o rei Pirro da insídia contra sua vida tramada por seu médico; ela os fizera mandar aos faliscos, acorrentado, o homem que traía seus filhos. Essa é a consciência romana, e não a astúcia dos púnicos nem a esperteza dos gregos, para os quais é mais glorioso enganar do que vencer o inimigo. Às vezes hoje em dia é mais proveitoso o dolo do que a virtude; mas apenas se triunfa verdadeiramente e definitivamente sobre alguém, não por estrategemas ou acasos, e sim quando este confessa ter sido vencido em combate justo e legítimo.”¹⁵⁵

A referência a Pirro, para nós perdida¹⁵⁶, bem como o episódio do preceptor falisco analisado acima evidenciam que a *fides* característica dos romanos é demonstrada por um conjunto de exemplos da atitude ideal encontrada no passado, e não do presente indigno da atitude de Márcio. A mesma astúcia que este vê como arma legítima pode ser vista como uma referência indireta ao estrategema samnita das Forças Caudinas, condenado em Tito Lívio pelos romanos por ser uma maneira indigna de se chegar à vitória – a maneira “romana” é sempre pela demonstração da coragem e da *fides*.

O crescimento do poderio romano, depois da vitória na Primeira Guerra Púnica, leva também a situações onde os pactos de lealdade de Roma com os outros povos não são respeitados – a ambição e os interesses pessoais já se revelam em algumas situações na terceira década. No relacionamento com os cartagineses, os romanos geralmente são

¹⁵⁵ XLII, 47: “*ueteres et moris antiqui memores negabant se in ea legatione Romanas agnoscere artes. non per insidias et nocturna proelia, nec simulatam fugam inprovisosque ad incautum hostem reditus, nec ut astu magis quam uera uirtute gloriarentur, bella maiores gessisse: indicare prius quam gerere solitos bella, denuntiare etiam interdum <pugnam et locum> finire, in quo dimicaturi essent. eadem fide indicatum Pyrrho regi medicum uitae eius insidiantem; eadem Faliscis uinctum traditum proditorem liberorum; religionis haec Romanae esse, non uersutiarum Punicarum neque calliditatis Graecae, apud <quos> fallere hostem quam ui superare gloriosius fuerit. interdum in praesens tempus plus profici dolo quam uirtute; sed eius demum animum in perpetuum uinci, cui confessio expressa sit se neque arte neque casu, sed collatis comminus uiribus iusto ac pio esse bello superatum.*”

¹⁵⁶ Na segunda década, livros XII a XIV, dos quais resta apenas o breve resumo das *Periochae*. Sobre elas, BESSONE, 1982.

mais virtuosos e merecedores da vitória – como não poderia deixar de ser para Tito Lívio. São os cartagineses que geralmente agem com *perfidia*, utilizando estratégias ilegítimas para adquirir vantagens estratégicas e militares – tanto que ficou consolidada não só no mundo romano como até mesmo hoje na língua portuguesa a expressão "fé púnica" para designar a atitude de quem é desleal, que age de má-fé. Mas isso não significa que os romanos estejam sempre isentos de um comportamento inadequado, e Tito Lívio exemplifica isso no episódio da morte de Aníbal, no livro XXXIX. O general, já velho e quase esquecido, refugia-se sob o rei Prúsias, mas é entregue por este aos romanos, acompanhados pelo legado Tito Qúincio Flaminino. Tito Lívio apresenta versões diferentes sobre a razão que levou Prúsias a entregar o general aos romanos, rompendo assim sua hospitalidade, mas é por esse estrategema indigno, pois baseado na vantagem dos romanos advinda de uma traição, que Roma finalmente se vinga de seu algoz. Antes de tomar o veneno, pois assim evitaria dignamente uma rendição, Aníbal ganha do autor um discurso em *oratio recta*, e é interessante notar que, em que pese o fato dele ser um inimigo, o artifício retórico do discurso sublinha a atitude pérfida dos romanos que os distancia das suas características, numa provocação que atinge diretamente o problema do desvirtuamento do caráter destes:

"Livremos o povo romano de suas constantes inquietações, já que julgam tão demorado esperar a morte de um velho. Flaminino não poderá obter nem uma grande nem memorável vitória sobre um inimigo traído e débil. Só este dia bastará para demonstrar quanto mudaram os costumes do povo romano. Seus pais, ameaçados pelo rei Pirro, armado e com um exército na Itália, advertiram-no para que se precavesse contra o veneno; os de hoje enviam um legado consular a Prúsias, ordenando-lhe que assassine traiçoeiramente um hóspede."¹⁵⁷

¹⁵⁷ XXXIX, 51: "*liberemus' inquit 'diuturna cura populum Romanum, quando mortem senis expectare longum censent. nec magnam nec memorabilem ex inermi proditoque Flamininus uictoriam feret. mores quidem populi Romani quantum mutauerint, uel hic dies argumento erit. horum patres Pyrrho regi, hosti*

Os livros da quarta década que narram as guerras na Grécia e na Macedônia revelam altos e baixos do comportamento romano, como já vimos, por exemplo, na história de Quinto Márcio Filipo e Perseu. É principalmente o general Emílio Paulo, conquistador dos gregos e uma das figuras mais exemplares do passado republicano, que irá representar a retomada dos valores virtuosos e também da *fides* romana característica.

Mas ainda no período em que os romanos estão agindo de maneira pérfida em relação aos flutuantes aliados e inimigos, gregos e orientais, no livro XLII, é através de um soldado raso que Tito Lívio traz a importância do resgate da dedicação abnegada ao Estado, com a demonstração da *fides* no campo militar – enfatizando retoricamente um paralelo indireto com a origem humilde dos primeiros e mais virtuosos romanos. No discurso montado por Tito Lívio, Espúrio Ligustino¹⁵⁸, um plebeu que tinha apelado aos tribunos e solicitado a palavra na assembléia, apresenta-se como sendo um velho soldado, de baixa patente, porém de muita experiência sob grandes generais em importantes batalhas do passado. Espúrio Ligustino, já passado dos cinquenta anos e tendo cumprido 22 anos de serviço, pede para ser convocado novamente e exorta os mais jovens a fazer o mesmo, colocando-se a serviço dos magistrados e do bem comum. Aqui está um exemplo de *fides* em que o autor não se utiliza literalmente da palavra, mas demonstra com uma atitude-modelo a virtude que pretende exemplificar:

"... quanto a mim, enquanto alguém encarregado do recrutamento me julgar apto para o serviço, nunca me excusarei. Que patente os tribunos militares me julgarem digna de ter, é da alçada deles; garantirei que no exército ninguém me supere em virtude. Meus

armato, exercitum in Italia habenti, ut a ueneno caueret praedixerunt: hi legatum consularem, qui auctor esset Prusiae per scelus occidendi hospitis, miserunt."

¹⁵⁸ O paralelo com as origens humildes e múltiplas de Roma (MILES, 1995; DENCH, 2005) também continua através do próprio nome do soldado – o *praenomen* Espúrio denotava um filho ilegítimo, ou cujo pai não era cidadão romano. Veja-se o virtuoso e exemplar Espúrio Postúmio, mencionado acima no episódio sobre as Forcas Caudinas.

gerais e todos os que serviram comigo são testemunhas de que sempre agi assim. Também vós, camaradas de armas, mesmo que, apelando, estejais a fazer valer vossos direitos; mesmo que, na mocidade, nunca tenhais agido contra a autoridade do Senado e dos magistrados, é justo que ainda hoje vos submetais a eles. Considerai honroso todo posto onde podeis defender a República."¹⁵⁹

É finalmente com o livro XLV que aparecem os sinais de que as coisas estão para mudar. A *disciplina* e a rigidez dos antigos ressurgem com Emílio Paulo, o comandante que captura o rei Perseu e anexa a Macedônia como província. O episódio de seu triunfo em Roma é emblemático de uma dedicação sem limites à coletividade, e também retoma os *exempla* mais antigos de abnegação pessoal e *modestia*. Emílio Paulo sofre diversas objeções ao seu triunfo após a vitória na Macedônia, vindas de Sêrvio Sulpício Galba (como Tito Lívio destaca, inimigo do general por "motivos pessoais" – "*priuatim imperatori inimicus*" – XLV, 35) e dos seus próprios soldados, inconformados com o valor baixo que receberam na divisão do butim e com a severa disciplina a que foram submetidos.

Tito Lívio não dá voz diretamente a Galba, mas sim ao ex-cônsul Marco Servílio, que faz um longo discurso em defesa de Emílio Paulo, sublinhando a glória e a dedicação do general e enumerando suas virtudes. Num imponente artifício retórico, Servílio menciona Galba para dizer como Emílio Paulo é merecedor de crédito por suas ações e como deveria ser modelo para todos os seus subordinados, que agora "não [estão] contentes de ser escravos da sua depravação, nem da sua ambição"¹⁶⁰. Vale a pena citar

¹⁵⁹ XLII, 34: "*ipse me, quoad quisquam, qui exercitus scribit, idoneum militem iudicabit, numquam sum excusaturus. quo ordine me dignum iudicent tribuni militum, ipsorum est potestatis; ne quis me uirtute in exercitu praestet, dabo operam; et semper ita fecisse me et imperatores mei et, qui una stipendia fecerunt, testes sunt. uos quoque aecum est, commilitones, etsi appellatione uostrum usurpatis ius, cum adulescentes nihil aduersus magistratuum senatusque auctoritatem usquam feceritis, nunc quoque in potestate consulum ac senatus esse et omnia honesta loca ducere, quibus rem publicam defensuri sitis.*"

¹⁶⁰ XLV, 37: "*parum licentiae, parum auaritiae suae inseruitum censent.*"

um trecho do discurso, pois nele Tito Lívio apresenta um modelo de virtude romana idealizada para o soldado, no campo de batalha e depois da vitória, modelo esse caracterizado mais uma vez pela dedicação total e pela abnegação individual em benefício do bem comum:

"Que dirias diante dos quirites romanos, Sérvio Galba? Todo teu discurso sairia truncado e seria: 'Tu resististe no teu posto com bastante esforço e solicitude; as vigílias foram circuladas com rigor e disciplina; trabalhaste mais do que o costume, pois o próprio general-em-chefe circulava como um inspetor; num mesmo dia cumpreste a etapa e te alinhaste no campo de batalha; mesmo vencedor ele não te deixou repousar, ordenando-te imediatamente em perseguição do inimigo; quando podias te locupletar com parte do butim, preferiste apresentar o dinheiro do rei no cortejo triunfal e transferi-lo para o erário.'"¹⁶¹

Servílio lembra os soldados que o triunfo não é apenas para celebrar a glória do general, mas a deles próprios, de todo o povo romano e também dos deuses. Afinal, é uma demonstração de *pietas* agradecer aos deuses e incorporar o butim ao erário público, no templo de Saturno, e terminar o cortejo do triunfo com a dedicação da vitória aos deuses no Capitólio – sobre o qual falaremos com mais detalhes no próximo item.

Aprovado o triunfo de Emílio Paulo, depois dos vitoriosos e convincentes argumentos de Servílio, o general se apresenta com pompa e glória, submetendo o próprio rei Perseu a uma humilhante apresentação, pois vinha na frente do carro triunfal a pé e acorrentado. O triunfo é descrito com detalhes por Tito Lívio, que ressalta o mérito do feito e a grandiosidade do ritual. Isso é um artifício retórico claro, feito exatamente para em seguida demonstrar a *fides* de Emílio Paulo e sua dedicação à

¹⁶¹ Ibid.: "*quid apud Quirites Romanos, Ser. Galba, diceres? illa enim tibi tota abscisa oratio esset 'in statione seuerius et intentius stetisti; uigiliae acerbis et diligentius circumitae sunt; operis plus quam antea fecisti, cum ipse imperator ut exactor circumiret; eodem die et iter fecisti et in aciem ex itinere existi; ne uictorem quidem te adquiescere passus est; statim ad persequendos hostes duxit. cum te praeda partienda locupletem facere posset, pecuniam regiam translaturus in triumpho est et in aerarium laturus'.*"

República, pois em seu discurso, que o autor qualifica como "memorável e digno de um grande personagem de Roma"¹⁶², transparecem as grandes dificuldades que ele teve de enfrentar com total discrição durante o triunfo:

"Mas, já que tudo chegou à Itália numa viagem sem contratempos e eu não tinha mais preces a formular, desejei – pois a fortuna costuma ser muito volúvel – que minha família sentisse essas mudanças antes da república. Por isso tenho esperança que a fortuna pública esteja a salvo de futuros perigos, dada a infelicidade que tão duramente me feriu, pois meu triunfo, para ironia dos acasos humanos, ficou intercalado entre os dois funerais de meus filhos. (...) Mas o que me consola da catástrofe em minha casa é a vossa felicidade e a prosperidade pública."¹⁶³

A *fides* é portanto, para Tito Lívio, não só o valor-modelo da identidade romana que define a relação com o Estado e com os outros povos, mas também da dedicação do indivíduo à coletividade da *urbs*. Essa mesma relação é também definida no plano divino, e de certa forma podemos entender a *fides* como o lado que fará contraponto imediato com a *pietas* – ou seja, a *fides* e a *pietas* podem ser vistas como dois lados da relação que legitima a existência, continuidade e prosperidade de Roma (WALSH, 1955). E há mais de um plano nessa relação: se o lado inferior do laço entre duas partes na cidade de Roma é composto pelo indivíduo, que deve agir sempre com lealdade perante o Estado, deve ele também agir com *pietas* perante os deuses. Assim, ele irá legitimar essa relação, através da estrita observância do ritual, merecendo o favor divino – nesse sentido, a própria *fides* dos deuses ao povo romano – e reafirmando o destino de grandeza que os deuses traçaram para Roma.

¹⁶²XLV, 40: "*memorabilis eius oratio et digna Romano principe*".

¹⁶³ XLV, 41: "*postquam omnia secundo nauium cursu in Italiam peruenerunt neque erat, quod ultra precarer, illud optaui, ut, cum ex summo retro uolui fortuna consuisset, mutationem eius domus mea potius quam res publica sentiret. itaque defunctam esse fortunam publicam mea tam insigni calamitate spero, quod triumphus meus, uelut ad ludibrium casuum humanorum, duobus funeribus liberorum meorum est interpositus. (...) sed hanc cladem domus meae uestra felicitas et secunda fortuna publica consolatur.*"

2.3. *Pietas*

O estudo das instâncias no texto de Tito Lívio que demonstram *pietas* é um dos aspectos da questão da religião no autor. Este tópico é realmente muito vasto, pois encontramos em Tito Lívio um grande número de referências sobre diversos aspectos da religião na história de Roma, tais como o estabelecimento de instituições religiosas, templos, festas, várias instâncias de comunicação com os deuses através de sacrifícios, prodígios e consultas a oráculos, e também, o que nos interessa sobremaneira, a atitude dos romanos na sua devoção ao panteão divino.

Independentemente da posição pessoal de Tito Lívio em torno dessas questões, como veremos através da discussão bibliográfica abaixo, é fato que os romanos davam extrema importância ao seu relacionamento com o plano divino, e a comunicação adequada com os deuses permeia todas as instâncias da vida cotidiana (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; SCHEID, 2001, 2003; BELTRÃO, 2006; RIVES, 2007). Assim, por exemplo, todo o sistema legal é baseado na legitimidade e propriedade da sanção divina, e o senso de missão conquistadora que perpassa a história da República é sempre justificado pela vontade dos deuses, Júpiter *Optimus Maximus*, Juno, Minerva (a tríade capitolina), Marte, Vênus, Quirino e tantos outros, que Roma seja a mais grandiosa e poderosa de todas as cidades – basta ver como essa idéia se consolida na *Eneida* de Virgílio, refletindo uma tradição já de longa data. Essa devoção extrema dos romanos é também apontada por Políbio como responsável por seu sucesso, em uma passagem do livro VI:

"Parece-me, porém, que a superioridade maior do povo romano está em suas concepções religiosas; na minha opinião o que entre

outros povos constitui um defeito reprovável – refiro-me à superstição – é o sustentáculo da coesão de Roma."¹⁶⁴

Políbio faz em seguida uma observação crítica a respeito dessa piedade (FELDHERR, 1998, p. 68-69), afirmando que ela nada mais é do que um instrumento político para manter o controle e a constância do povo, através da inculca do medo das punições divinas aos atos criminosos e irrefreados - ele quer, adiante, comparar a decência romana advinda desse controle com a desonestidade grega no trato com o dinheiro. No que pese a crítica de Políbio, este é mais um exemplo que serve para ilustrar a grande importância da *pietas* entre os romanos.

Este é, portanto, um recorte deliberado em todo o vasto tema da religião em Tito Lívio, e pretendemos aqui demonstrar não apenas a mecânica da busca pelo favorecimento divino nas atitudes reveladoras de um comportamento piedoso, mas também as conseqüências quase sempre diretas e automáticas do seu reverso. A atitude própria do romano virtuoso é sempre estar em sintonia com a vontade dos deuses, fazendo sua parte corretamente nos rituais e agindo com temor e reverência. Em Tito Lívio, existe uma correlação muito evidente entre esse comportamento e o sucesso romano, em especial nos episódios que envolvem glória militar a ser conquistada na guerra contra os outros povos. Por outro lado, o inverso também demonstra a mesma questão: faltar deliberadamente com a *pietas*, em geral por relegar o bem comum a um segundo plano em relação à satisfação dos interesses pessoais, significa um “agir como não-romano”, o que podemos ler como uma renegação dessa identidade romana. Agir com *impietas* significa uma garantia de fracasso individual, pois tanto os deuses quanto –

¹⁶⁴ VI, 56. Tradução de Mário da Gama Kury, POLIBIOS, *História*, Editora Universidade de Brasília, 1985, p. 346.

e principalmente - a comunidade não toleram essa atitude, e, por conseguinte, significa também a derrota militar (LEVENE, 1993; DAVIES, 2005).

Os prodígios também apontam constantemente para o sucesso ou fracasso de Roma, pois são sempre estrategicamente posicionados no texto para indicar o favorecimento ou o castigo vindos do plano divino¹⁶⁵. Há diversas instâncias do texto de Tito Lívio onde aparecem relatos de prodígios, sendo que nas últimas décadas há livros em que eles são reportados regularmente, ano a ano, num exemplo claro da estrutura analítica que caracteriza a historiografia romana (VERBRUGGHE, 1989; JAL, 1997). Tal frequência, e bem como a caracterização qualitativa dos prodígios em Tito Lívio, tem ainda levado os estudiosos do assunto a discutir a posição pessoal do autor a respeito da religião e do papel dos deuses, assim como já antecipamos acima. Um indício do possível ceticismo do historiador seria o uso da *oratio obliqua*, o discurso indireto, através de termos como *dicitur*, para reportar a ocorrência dos prodígios, como se ele próprio não acreditasse nos fatos. Porém, uma das características mais importantes dessas ocorrências é justamente o fato de não serem já de imedito públicos: fatos estranhos são observados por indivíduos, às vezes bem longe dos centros urbanos, e passam de privados a públicos através do relato das testemunhas (DAVIES, 2005, p. 28, 32).

Outras características dos prodígios também revelam seu importante papel no diálogo entre deuses e humanos. Pródígios podem ser definidos como eventos fora do padrão natural, envolvendo acontecimentos bizarros como o nascimento de um hermafrodita, um raio que cai em um determinado templo (ambos em XXVII, 37), sangue nas águas e em espigas (XXII, 1), ou um boi que fala ("*Roma, caue tibi*", "Roma, toma cuidado!" - XXXV, 21). Em especial, são sinais não de calamidades certas, mas sim de um desequilíbrio que pode ser revertido através de rituais expiatórios, muitas vezes após a

¹⁶⁵ Uma análise específica, além de LEVENE, 1993 é DELGADO, 1961.

consulta aos Livros Sibilinos ou até mesmo ao oráculo de Delfos. É a atitude piedosa dos indivíduos, no trato correto com os deuses, que irá evitar eventuais desastres anunciados, e também é nesse sentido que funciona a avaliação dos presságios observada pelos áugures e arúspices depois das cerimônias e dos sacrifícios: se forem tomadas todas as atitudes corretas, certamente os presságios serão positivos.

Alguns estudos recentes têm aliado discussões sobre a tradição historiográfica em Tito Lívio e novas abordagens sobre a religião romana, e assim a análise da *pietas* romana é hoje em dia felizmente mais provida de bibliografia específica do que da *concordia* e da *fides*. Em especial, os trabalhos de Levene (1993) e Davies (2005), partindo da discussão com Kajanto (1957) e Liebeschuetz (1967), procuram rever algumas posições sobre a visão de Tito Lívio sobre o papel dos deuses e sobre a relação entre eles e os homens. O ponto que essas obras tentam superar é o debate sobre se Tito Lívio acredita ou não na verdade desse papel, ou seja, se ele seria um religioso convicto ou um cético. Walsh (1958, 1961) procura um meio-termo, afirmando que Tito Lívio seria um adepto do estoicismo, por conta do atrelamento que faz da religião à questão moral e especialmente pelo caráter simbólico das práticas religiosas, mas Liebeschuetz contra-argumenta, afirmando que

“there is no place in this history for knowledge of the gods derived from contemplation of the regular motions of the heavens, which according to Stoic doctrine can be the source of piety and justice and of a happy life.” (1967, p. 49)

Levene (1993), num trabalho onde esquadrinha todas as circunstâncias em Tito Lívio que envolvem as diversas menções aos prodígios, nas suas causas e conseqüências, e onde também propõe uma nova leitura do significado da religião nas diferentes décadas no texto, não deixa de se ater à questão da validade da crença pessoal do

historiador. Mas voltemos a Liebeschuetz, pois ele ainda procura manter uma posição de equilíbrio entre o que às vezes pode ser lido como ceticismo de Tito Lívio e sua ênfase constante nos aspectos religiosos da história romana - e assim ele propõe, para compreender o autor:

"... thorough-going rationalism and earnest advocacy of religion are closely associated. Livy would appear to have been unaware that one was inconsistent with the other... Livy's attitude, a reflection of the overwhelmingly public character of Roman religion, was shared by many educated Romans of the age and survived into much later periods." (1967, p. 45)

Concordamos com essa visão de que Tito Lívio reflete mais uma posição da religiosidade dos romanos do que uma visão cética individual. Porém, a visão anacrônica de Liebeschuetz a respeito da incompatibilidade entre "racionalismo" e piedade religiosa em Roma é um reflexo das suposições comuns na bibliografia sobre a história da religião no mundo antigo até fins do séc. XX, pressupondo uma comparação geralmente implícita com o sistema de valores e crenças do mundo cristão ocidental. Davies (2005) dedica boa parte de seu texto a relativizar e criticar a postura dos estudiosos de hoje em relação a esse problema, já que a questão da crença de Tito Lívio é um problema que revela essa velada, porém constante, incapacidade atual de se compreender como os romanos podiam acreditar realmente em seus inúmeros e antropomórficos deuses, e na forma como esses se comunicavam com os humanos através de prodígios e do trabalho dos áugures e arúspices (BEARD; NORTH; PRICE, 1998; FEENEY, 1998; SCHEID, 2001, 2003; BELTRÃO, 2006). Isso poderia parecer à primeira vista um problema impróprio, dado o pretenso rigor metodológico que se pressupõe encontrar nesses estudos, mas colocar a questão da crença de Tito Lívio

obscurece o que é tão ou ainda mais importante, a interpretação do sentido dos temas religiosos no texto. Davies alerta,

“nothing, however, could be more anachronistic than the assumption that ancient Romans chose, as we do, between a predominantly materialistic and self-declared ‘scientific’ cosmology and a religiosity that is taken to be rationally indefensible (if liberally permissible) for those feeble-minded enough to require it”.
(2005, p. 23)

Nossa análise propõe também a superação desse debate, na medida em que pretendemos demonstrar a importância estrutural da *pietas* para Tito Lívio, na observância constante que deve ser feita no diálogo com os deuses. Assim, não importa aqui buscar nem os fatos concretos por trás da narrativa para reconstruir o significado da religião nos primórdios da República romana, tampouco discutir as nuances do texto de Tito Lívio para buscar a medida real de sua crença nas divindades. Essas são perguntas praticamente impossíveis de se responder¹⁶⁶, quando não partindo de pressupostos anacrônicos, e devemos, portanto, buscar o entendimento do sistema religioso romano dentro da lógica interna do texto do autor, passando pela consideração da sua realidade social, no seu contexto de produção.

Propomos aqui uma leitura focada na importância do Capitólio em Tito Lívio, como forma de exemplificar as instâncias de *pietas* e *impietas* entre os romanos, e suas inevitáveis conseqüências. Utilizar o exemplo do Capitólio para ilustrar essa questão, como aliás também faremos adiante com Tácito, é uma maneira de entendermos como se dá a relação entre a atitude da *pietas* individual e a noção de responsabilidade coletiva e de identificação com a cidade de Roma, já que o Capitólio é continuamente

¹⁶⁶ “... Livy’s views on religion are incapable of being discovered and, moreover, ... even if one takes the work rather than the author as the object of study, no single position emerges, but rather a carefully balanced amalgam of contradictory positions.” (LEVENE, 1993, p. 34) – no que pese a impropriedade de se estudar o texto como uma entidade independente de seu autor.

visto pelos romanos como centro simbólico, mais do que físico, da cidade, e representa sua existência última¹⁶⁷. Nesse sentido, portanto, é crucial entender a *pietas* como uma manifestação da identidade romana, que é constituída pela associação com as divindades que ocupam, literal e simbolicamente, a colina do Capitólio.

No livro *Livy's Written Rome*, Mary Jaeger (1997) trata da cidade de Roma em Tito Lívio como representação física, espacial e temporal da história romana, e logo na introdução a autora esboça alguns argumentos sobre a importância do Capitólio como extensão simbólica da *urbs*:

"Rome is the center of the empire it rules, and the Capitoline, the fixed center of Roman religion and home of the gods who are the source of Rome's supremacy, is the center of Rome". (1997, p. 3)

As idéias de Jaeger são desenvolvidas ao longo do texto, mas os argumentos apresentados no início, embora com grande potencial de interpretação, não são completamente explorados. A primeira parte desta análise não deixa de ser portanto uma tentativa de desenvolver esses argumentos através de uma leitura atenta das conexões lógicas entre as passagens de Tito Lívio analisadas brevemente por Jaeger¹⁶⁸. Entretanto, o que a autora deixa escapar, bem como outros estudos sobre Tito Lívio, é a conexão entre a representação simbólica do Capitólio neste e a representação de Tácito¹⁶⁹, pois ambas são muito semelhantes na sua ênfase no papel do Capitólio como ponto nevrálgico de Roma – tanto físico quanto religioso. Portanto, analisaremos agora o caso de Tito Lívio, e, na segunda parte desta tese, retomaremos a questão com Tácito.

¹⁶⁷ "The focal point of the Roman state religion, the Capitol was also seen by ancient Romans as the heart of their empire, the guarantee of its future, the symbol of its aspirations towards eternity." EDWARDS, 1996, p. 69.

¹⁶⁸ E também Feldherr, 1998, que Jaeger pretende complementar: pág. 5, nota 12.

¹⁶⁹ A menção a Tácito, *Histórias* III, 71 na pág. 67, nota 16 não faz essa aproximação.

Em seu prefácio, Tito Lívio faz uma comparação entre *fabulae* e *monumenta*¹⁷⁰, quando menciona os problemas inerentes à antigüidade dos fatos que narra sobre o início da história de Roma. A *fabulae* são caracterizadas como relatos imprecisos e portanto não confiáveis – representam a tradição oral, o que se fala. Mesmo que seu valor seja justificável para Tito Lívio como fonte para a construção da identidade e da grandeza da origem dos romanos, são, pelo seu próprio caráter legendário, não-históricas. Os monumentos, em contraste, são depositários por excelência da memória fidedigna da História, pois se prestam literalmente à contemplação¹⁷¹ e assim fornecem material para a lembrança dos grandes feitos do povo romano e dos *exempla* de seus cidadãos.

No decorrer do texto de Tito Lívio, os monumentos podem se apresentar de diversas formas, desde uma estátua ou um túmulo a um ponto geográfico qualquer, nem sempre construídos com o intuito de celebrar um fato, mas porque relembram indiretamente algum acontecimento memorável. Um bom exemplo disso, logo mesmo no livro I, é a rua em que Túlia mandou passar o carro por cima do cadáver do pai, Sêrvio Túlio – e que se tornou assim uma lembrança perene do crime, do caráter vil da sua perpetradora e, por extensão, do início da derrocada da monarquia¹⁷². Para Tito Lívio, os *monumenta* também podem ser documentos escritos, na medida em que sua característica principal seja sua existência concreta e palpável, que permite portanto a observação e a reflexão do leitor/espectador.

O Capitólio é um dos mais recorrentes e certamente principais dos *monumenta* em Tito Lívio. É o centro religioso da capital desde Rômulo, e se torna também seu centro simbólico. É possível notar em diversos contextos como os acontecimentos que se

¹⁷⁰ Sobre os dois termos, ver MILES, 1995, p. 16-20 e WISEMAN, 1986. Cf. KRAUS; WOODMAN, 1997 e JAEGER, 1999.

¹⁷¹ Este é o ponto de partida de Feldherr (1998), que analisa Tito Lívio a partir da metáfora da visão.

¹⁷² I. 48.

passam neste lugar são representativos da idéia de Roma como centro do império – e mesmo do mundo. Assim, o papel da colina como definidora da identidade do povo romano é construído através de sua função como lugar último da existência e duração da cidade. Tal idéia é exposta sobretudo entre a primeira pêntade e o começo da segunda, ou seja, nos livros I-VI, onde acompanhamos do início da sua ocupação e de seus primeiros templos até a invasão gaulesa e a destruição do resto da cidade. Neste último momento, os romanos se refugiam no Capitólio enquanto os gauleses destroem o resto de Roma, e, assim, só a colina fica intacta – ela se torna então o ponto de referência da manutenção da velha Roma no surgimento da nova Roma, a partir do livro VI.

É logo no começo do livro I que Tito Lívio narra a ocupação do Capitólio, embora tenha sido não esta mas o Palatino a primeira colina ocupada. No parágrafo 10, entre as hostilidades surgidas por conta do rapto das sabinas, Tito Lívio relata que Rômulo resolve depositar no Capitólio, como dádiva, os despojos de guerra de um dos chefes inimigos, dedicando no local um templo a Júpiter Ferétrio. Este templo, que é o primeiro de Roma, seria então usado para receber os despojos dos inimigos conquistados, de acordo com o desejo de Rômulo. Tal função raramente foi cumprida, pois, segundo nos diz Tito Lívio, não se pretendia obscurecer a memória do grande feito do primeiro rei, mas é sintomático notar que ela representa a idéia do destino de Roma como cidade guerreira, expansionista e conquistadora. Assim, vemos que o primeiro centro religioso da *Urbs* foi também criado com uma função militar e simbólica.

É altamente significativo notar que essa vitória de Rômulo é exatamente o primeiro triunfo militar de toda a história de Roma: após fundar a cidade e convocar homens para habitá-la, Rômulo promove o rapto das sabinas e só daí surgirão os primeiros inimigos. Na verdade, estes não serão sequer os sabinos, mas sim os seus

aliados ceninenses, que Tito Lívio caracteriza como fracos¹⁷³. Mesmo assim, Rômulo valoriza o significado dessa primeira conquista com a fundação do templo de Júpiter – e é nesse sentido que devemos entender o porquê do ritual de colher os despojos opimos não ter sido continuado com frequência, para que não fosse banalizado¹⁷⁴.

Mesmo pela omissão na narrativa, Tito Lívio valoriza a importância do Capitólio como símbolo último da "romanidade"¹⁷⁵. Depois dessas batalhas contra os sabinos e seus aliados, Rômulo faz um tratado de paz com o rei dos sabinos, Tito Tácio:

"Fez-se silêncio e todos pararam repentinamente, e então os chefes avançaram para fazer um tratado. Não apenas fizeram a paz como também fundiram as duas cidades em uma. Compartilharam o reinado, e todo o comando seria dado a Roma."¹⁷⁶

O evento em Tito Lívio não chega a ter mais detalhes, mas é importante cotejar a passagem com Dionísio de Halicarnasso para vermos como é significativa a omissão de Tito Lívio sobre o resto do episódio. Dionísio de Halicarnasso relata mais detalhes¹⁷⁷, afirmando que Tito Tácio teria ocupado o Capitólio e o Quirinal, e Rômulo o Palatino e o Célio. Para Dionísio, os dois reis teriam reinado conjuntamente por cinco anos em Roma, drenando o pântano aos pés do Capitólio para construir o Fórum e construindo diversos templos. Mesmo sem mencionar isso, Tito Lívio confirma que Tito Tácio construía e

¹⁷³ I, 10.4: "Mas enquanto [os ceninenses] devastavam o que encontravam pelo caminho, Rômulo marchou contra eles com seu exército e os ensinou que a ira é inútil sem a força." "*Sed effuse uastantibus fit obuius cum exercitu Romulus leuique certamine docet uanam sine uiribus iram esse.*"

¹⁷⁴ As outras duas únicas instâncias em Tito Lívio foram a vitória de Cosso sobre Tolúnio, rei de Veios (IV, 20 – uma das poucas passagens onde Augusto é citado) e a de Marco Cláudio Marcelo sobre Viridomaro, rei dos gauleses insúbios (*Periochae*, XX, 11 – cf. Propércio, IV, 10).

¹⁷⁵ Sobre "romanidade", vide nota 43 na introdução. Agradeço imensamente ao colega e amigo Luís Ernesto Barnabé (UNESP/Assis) por ter apontado a questão em Dionísio de Halicarnasso. Os estudos sobre Tito Lívio consultados ignoram completamente este detalhe.

¹⁷⁶ I, 13.4: "*silentium et repentina fit quies; inde ad foedus faciendum duces prodeunt. nec pacem modo sed ciuitatem unam ex duabus faciunt. regnum consociant: imperium omne conferunt Romam.*"

¹⁷⁷ *Antigüidades Romanas*, II, 50.

consagrara templos no Capitólio¹⁷⁸, o que implica indiretamente na ocupação da colina. Dionísio cita Licínio Macer como sua fonte para seu relato sobre o reinado conjunto de Tito Tácio e Rômulo¹⁷⁹, e sabemos que Tito Lívio também usou Macer como fonte. Tal fato demonstra como Tito Lívio fez uma seleção e omitiu os detalhes presentes em Dionísio de Halicarnasso. Isso demonstra a importância do Capitólio como lugar essencial para a afirmação da identidade romana, tanto física quanto simbolicamente: é importante valorizar a figura de Rômulo como construtor das fundações de Roma, e não de um rei estrangeiro. Assim, o autor refaz a tradição e a consolida de acordo com seus objetivos¹⁸⁰.

Logo após, no fim do primeiro livro, Tito Lívio narra a construção do Templo de Júpiter *Optimus Maximus* durante o reinado de Tarquínio, o Soberbo¹⁸¹, e temos aqui o trecho mais importante na caracterização do Capitólio como centro e representação de Roma. Dois eventos citados no trecho são fundamentais para anunciar o destino da cidade: em primeiro lugar, são removidos todos os santuários e altares de outros deuses que estavam no local onde será construído o templo. Todos menos um: segundo os auspícios, apenas o santuário do deus Término deveria permanecer – o que foi interpretado com sinal de que o império seria estável e duradouro. E, em segundo lugar, aparece a referência à cabeça humana com o rosto intacto (*integra facie*) que teria sido

¹⁷⁸ I, 55.4: "E para liberar a área de outros cultos e reservá-la apenas a Júpiter e ao templo deste, que pretendia edificar, [Tarquínio] resolveu dessacralizar os templos e altares que ali estavam, os quais o rei Tácio havia primeiro prometido no meio da guerra contra Rômulo, e depois consagrado e inaugurado." "*Et ut libera a ceteris religionibus area esset tota Iovis templique eius quod inaedificaretur, exaugurare fana sacellaque statuit quae aliquod ibi, a Tatio rege primum in ipso discrimine aduersus Romulum pugnae uota, consecrata inaugurataque postea fuerant.*"

¹⁷⁹ *Antigüidades Romanas*, II, 52.

¹⁸⁰ Tácito também parece confirmar a versão de Dionísio de Halicarnasso. Ver *Anais* XII, 24, onde ele afirma que o Capitólio, juntamente com o Fórum, foi integrado a Roma por Tito Tácio e não por Rômulo. Cf. também Plutarco, *Rômulo*, 16.

¹⁸¹ Também em I, 55.

encontrada no local¹⁸², associando explicitamente o Capitólio como cabeça do império e, por extensão, no decorrer do desenvolvimento de Roma, do mundo:

"Recebido este auspício sobre a perenidade do Estado [ou seja, com a necessidade de permanência do santuário do deus Término], um outro prodígio se seguiu, que anunciava a magnitude do império: dizem que uma cabeça humana com a face intacta foi encontrada enquanto se lançavam as fundações do templo. Isso anunciava, sem dúvida nenhuma, que aquele lugar estava destinado a ser a cidadela do império e a cabeça do mundo; assim profetizaram os vates, tanto os de Roma quanto os que foram convocados da Etrúria para interpretar o acontecimento."¹⁸³

A importância do Capitólio em Tito Lívio está associada à importância dos sentimentos de *fides* e *pietas* e da observância correta dos rituais religiosos. Se não é o caso de afirmarmos com certeza o quanto Tito Lívio acreditava na interferência dos deuses no mundo, como discutimos acima, certamente podemos constatar que para ele era fundamental que o respeito aos deuses fosse mantido, como prova dos laços do indivíduo com o Estado. Assim, a correta observância dos ritos no Capitólio passa a determinar o sucesso ou o fracasso de alguma operação militar. É o que diz Camilo em seu discurso no final do livro V¹⁸⁴, de volta à cidade reconquistada após a invasão gaulesa, e em seu objetivo de convencer os cidadãos a não abandonar Roma e emigrar para Veios. O ponto central de seu argumento é a necessidade de não abandonar os deuses da cidade, com a constatação de que a boa fortuna, presente divino, está em Roma – ele se refere novamente à cabeça encontrada no Capitólio. E Camilo afirma que foi justamente essa observância da religião que permitiu aos romanos, em última

¹⁸² Sobre a identidade da cabeça, CORNELL, 1995, p. 145.

¹⁸³ I, 55.5-6: "*hoc perpetuitatis auspicio accepto, secutum aliud magnitudinem imperii portendens prodigium est: caput humanum integra facie aperientibus fundamenta templi dicitur apparuisse. quae uisa species haud per ambages arcem eam imperii caputque rerum fore portendebat; idque ita cecinere uates quique in urbe erant quosque ad eam rem consultandam ex Etruria acciuerant.*"

¹⁸⁴ V, 51-54.

instância, vencer os gauleses, pois ao se refugiarem no Capitólio e manterem as celebrações aos deuses, foi-lhes permitido restituir sua cidade e sua glória.

Inversamente, a inobservância dos rituais no Capitólio pode determinar o fracasso e a derrota em uma batalha. Ou seja, a falta de *pietas* é um desserviço catastrófico para o destino de Roma. Um bom exemplo disso é a atitude de Caio Flamínio antes da batalha do lago Trasímene, na Segunda Guerra Púnica¹⁸⁵. Ao partir para a guerra, Caio Flamínio não realizou nenhum dos rituais religiosos que sua posição como cônsul exigia – em especial, não tinha ido ao Capitólio para exprimir publicamente seus votos. Portanto, ele partiria para a guerra sem os auspícios, e muitos maus presságios seguiriam suas atitudes. O resultado seria naturalmente desastroso: a derrota dos romanos no lago Trasímene (WALSH, 1961, p. 68).

Porém, Tito Lívio deixa claro que a observância correta dos rituais não significa necessariamente a vitória. No livro XLV, quando trata da partida de Roma do cônsul Públio Licínio para a guerra contra o macedônio Perseu, ele faz uma digressão e comenta sobre o fascínio que o ritual do pronunciamento dos votos no Capitólio, antes de uma grande guerra, tem sobre a população¹⁸⁶. A vitória está nas mãos da fortuna, que pode favorecer tanto o romano quanto o adversário. A importância do ritual está portanto apenas na manutenção da *pietas*, pois a fortuna dos deuses é inconstante, mas a obediência ao rito público é fundamental. Assim nos diz Tito Lívio no discurso do ex-cônsul Marco Servílio em favor do triunfo de Emílio Paulo. Embora o manuscrito apresente dificuldades, o argumento de Marco Servílio retoma a importância de se seguir o ritual aos deuses no Capitólio, ainda mais porque os costumes dos antepassados devem ser seguidos:

¹⁸⁵ XXI, 63, com o episódio inteiro analisado detalhadamente em LEVENE, 1993, p. 38-43. Cf. BRUCKMANN, 1987, p. 301-306.

¹⁸⁶ XLV, 39, citado em JAEGER, 1997, p. 3-4.

"Vossos ancestrais começaram todas as grandes iniciativas com os deuses e com eles as terminaram. O cônsul ou o pretor, quando partem para a província e para a guerra, com seus lictores em pálidos, pronunciam os votos no Capitólio: vencedor na guerra, também retorna em triunfo ao Capitólio, trazendo merecidos presentes aos mesmos deuses a quem fizera seus votos"¹⁸⁷.

Portanto, podemos ver que o Capitólio se apresenta para Tito Lívio como um símbolo do poder de Roma, e, por sua importância religiosa, é determinante para o destino da cidade e do império. Há uma associação inequívoca entre a existência e manutenção do Capitólio e o desenvolvimento de Roma no ciclo da primeira pênade, do surgimento do primeiro templo com Rômulo até a destruição e renascimento da cidade com Camilo após os gauleses. Depois disso, o Capitólio continua a se configurar como o centro de onde partem os movimentos de expansão militar romana, e para onde se retorna uma vez que a expansão tenha sido bem-sucedida.

Até mesmo uma das mais importantes figuras em Tito Lívio, Cipião Africano, aparece obrigatoriamente conectado com o Capitólio na demonstração de sua *pietas*. Para Walsh (1961, 1982), o general que derrota Aníbal é uma figura exemplar nas suas virtudes, em especial porque está sempre agindo em conformidade com suas obrigações para com os deuses, tendo também, como Tito Lívio faz questão de frisar, uma atitude ambivalente que demonstra sua consciência da importância de agir piedosamente com vistas à apreciação pública:

"De fato, Cipião foi admirável não tanto por suas virtudes, mas pela arte de lhes fazer valer, que cultivou desde a juventude. O que apresentava à multidão, era como se tivesse lhe aparecido em visões noturnas, ou sugerido por inspiração divina, fosse porque

¹⁸⁷"maiores uestri omnium magnarum rerum et principia exorsi a dis sunt et finem statuerunt. consul proficiscens praetorue paludatis lictoribus in prouinciam et ad bellum uota in Capitolio nuncupat: uictor perpetrato <bello> eodem in Capitolium triumphans ad eosdem deos, quibus uota nuncupauit, merita dona portans redit". XLV, 39.10-11.

cultivasse uma superstição própria, fosse porque queria assegurar a pronta execução de suas ordens e conselhos, vindos como que de um oráculo. Preparando os ânimos desde o início para isso, desde que assumiu a toga viril não fez nenhuma ação, pública ou privada, sem ir antes ao Capitólio, entrar no santuário, ficar geralmente sozinho por algum tempo, e secretamente. Esse costume, que conservou por toda a vida, fez com que alguns dessem fé à suspeita, proposital ou não, de que fosse de estirpe divina."¹⁸⁸

Ou seja, não basta ser piedoso, mas é também imperativo demonstrar publicamente a *pietas*, tanto como homem público quanto na vida particular. Não há nisso necessariamente uma condenação de Tito Lívio à atitude de Cipião Africano, mas sim um reconhecimento de que essa virtude deve ser exemplar e copiada por todos¹⁸⁹. É nesse sentido que também devemos entender a importância da construção do passado através do conjunto das atitudes dos antepassados, o *mos maiorum*, que servem de exemplo de comportamento para o leitor.

¹⁸⁸ XXVI, 19: "*fuit enim Scipio non ueris tantum uirtutibus mirabilis, sed arte quoque quadam ab iuuenta in ostentationem earum compositus, pleraque apud multitudinem aut per nocturnas uisa species aut uelut diuinitus mente monita agens, siue et ipse capti quadam superstitione animi, siue ut imperia consiliaque uelut sorte oraculi missa sine cunctatione exsequerentur. ad hoc iam inde ab initio praeparans animos, ex quo togam uirilem sumpsit nullo die prius ullam publicam priuatamque rem egit quam in Capitolium iret ingressusque aedem consideret et plerumque solus in secreto ibi tempus tereret. hic mos per omnem uitam seruatus seu consulto seu temere uolgatae opinioni fidem apud quosdam fecit stirpis eum diuinae uirum esse...*"

¹⁸⁹ No que poderíamos talvez imaginar uma influência de Políbio, por sua proximidade com Cipião. Veja-se a maneira como Tito Lívio compara o caráter de Cipião com o de Aníbal em Walsh (1982, p. 1068): "*The two great leaders are delineated in a manner which explains the eventual outcome of the war, and which reflects Livy's convictions about the providential ordering of the world. Hannibal is depicted preeminently as the tough, tireless, crafty, cruel, irreligious Carthaginian who puts his trust wholly in fortune, and who ultimately confesses that his trust has been wrongly based. Scipio by contrast is the fatalis dux whose piety to the gods and equity to men underlies all his attitudes; and the fortune in which Scipio trusts is the fortuna populi Romani, the providential destiny to which Rome is called. Scipio in short possesses all Hannibal's virtues and none of his vices. Hannibal's crudelitas has its antonym in Scipio's clementia; the Carthaginian's perfidia confronts Scipio's scrupulous fides; the contempt for oaths and religious observance is defeated by Roman pietas.*" Cf. WALSH, 1961, p. 93 et seq.

2.4. *Mos maiorum*

Falar sobre o *mos maiorum* não é exatamente o mesmo que sobre os outros termos analisados. Diferentemente deles, o conceito de *mos maiorum* não é uma virtude em si, divinizada como as acima, mas um conjunto de procedimentos para a vida que remete ao exemplo dos antepassados¹⁹⁰. Esse exemplo está, dentre outras características, moldado exatamente nas virtudes da *fides*, da *pietas* e até mesmo da *concordia*, entre outras, no sentido que todas essas são maneiras de se dedicar à *res publica* acima de tudo e, sendo assim, de se afirmar em uma identidade, através dos atos públicos e privados de cada um (PIÑA-POLO, 2004).

Não seria então suficiente fazer uma análise pontual de certas instâncias onde se verifica a observância e a emulação do *mos maiorum* dentro da narrativa de Tito Lívio, pois, na verdade, quaisquer retomadas dos *exempla* primordiais nas atitudes dos personagens acabam em última instância por remeter aos antepassados que moldaram essas virtudes. É interessante proceder aqui então à análise inversa, das instâncias onde o *mos maiorum* está sendo negligenciado, pois isso nos ajuda a definir no que ele se compõe e também por que é evocado como resposta, na necessidade de uma retomada desse conjunto de atitudes e valores perante uma situação ou atitude distante do modelo ideal romano. É aqui também que podemos discutir a questão da oposição do novo e do antigo, da inovação e mudança dos costumes estabelecidos *versus* a legitimidade e a segurança do *mos maiorum*.

¹⁹⁰ "... the real emphasis in Roman thinking about the way of living that is specific to 'us' in on mores, a term that embraces notions of custom, morality, and lifestyle. We often encounter Roman mores (or *mos* in the singular) in a formula, coupled with *maiorum*, 'our ancestral ways/morality/custom', and the existence and importance of this formula emphasizes the peculiar importance in Roman thought of notions of heredity and tradition, regularly stretched to include virtual heredity and tradition." DENCH, 2005, p. 66. Cf. PIÑA-POLO, 2004, p. 149: "Die Vergangenheit wird als Quelle der Wahrheit empfunden und die Tradition als Handlungsanleitung zur individuellen wie auch zur kollektiven Nutzung akzeptiert."

A principal forma que Tito Lívio utiliza para demonstrar a inobservância do *mos maiorum* pode ser lida nas diversas vezes em que menciona a afluência do luxo na sociedade romana. O tema é um dos mais tratados na bibliografia sobre o autor, especialmente na comparação que geralmente é feita com Salústio para se determinar as diferenças entre eles sobre em que período é visto o início do declínio de Roma (LUCE, 1977, p. 270-275). Para Tito Lívio, são as influências externas que contrastam diretamente com o “ser romano” na sua forma mais primordial e exemplar; o luxo e a opulência são características inerentes a esses povos com quem Roma passa a ter contato, na medida em que se torna mais poderosa, e são sinais de que a inevitabilidade das conseqüências do desenvolvimento leva também à necessidade da retomada dos valores antigos.

Isso, no entanto, é verificado paulatinamente no texto, e não apenas próximo à data que Salústio aponta para o início do declínio, ou seja, no fim da Terceira Guerra Púnica. Junto à menção dessas influências estrangeiras perniciosas, de forma direta ou indireta, está sempre a menção a *exempla* antigos, em que o autor tem a intenção de evocar o *mos maiorum* e, como diz no prefácio, utilizá-lo para servir de contraponto ao declínio mais recente dos valores. Isso não significa, porém, que Tito Lívio não veja o valor da mudança histórica¹⁹¹ ou que todos os seus *exempla* sejam necessariamente aceitos como superiores nas instâncias em que são evocados. Como diz Chaplin (2000, p. 120):

“Although his Romans repeatedly look to the past as a guide to conduct, they do not regard it as monolithic or, so to speak, monumental, but rather as changeable and of varying relevance to their lives. As their perspective on it alters, so does its meaning modulate.”

¹⁹¹ Ou que não tenha habilidade para tanto, como diz WALSH, 1982.

As primeiras referências a elementos novos na sociedade romana e à interferência que eles geram nos costumes são feitas na segunda pêntade. Isso é significativo para revelar até quando Tito Lívio considera a sociedade romana como não eminentemente influenciada por forças culturais externas, ou seja, até a reconstrução da cidade no livro VI. Porém, como vimos ao analisar a *concordia* e a *fides*, isso não significa que os valores primordiais que compõem o *mos maiorum* estejam necessariamente consolidados desde o início ou sejam incondicionalmente aplicados até então – apenas significa que Tito Lívio vê a primeira Roma, da primeira pêntade, através de um processo dinâmico de construção dos valores que moldam sua identidade primeva, e uma segunda Roma, refundada por Camilo, como aquela que realmente consolidará esses valores de forma definitiva e por isso terá força e poder suficientes para crescer e dominar os outros povos. É nesse contato, portanto, que surgem os elementos estrangeiros novos, que farão o contraponto com os valores daquela primeira Roma.

No início do livro VII aparecem as primeiras formas desse contato estrangeiro, que muda os costumes e introduz a novidade: Tito Lívio narra a origem do teatro na cidade (366 a.C.), como forma de acalmar a ira dos deuses por conta de uma peste – assim, são trazidos a Roma alguns atores etruscos:

“Foi um espetáculo pequeno, como quase tudo que começa, e, ainda mais, estrangeiro. (...) Aceito esse gênero de espetáculo, ele acabou se mantendo pela prática freqüente.”¹⁹²

Passado o aspecto de novidade, segundo Tito Lívio, essas sátiras foram se tornando menos rudes, e também passaram a ser diferenciadas das fábulas atelanas. Mesmo assim, ele toma essa inovação como algo ainda positivo e que não representa uma

¹⁹² VII, 2: “*ceterum parua quoque, ut ferme principia omnia, et ea ipsa peregrina res fuit. (...) Accepta itaque res saepiusque usurpando excitata.*”

ameaça a Roma, já que o teatro foi incorporado sem afrontar a *prudentia* e a *frugalitas*, valores essenciais nos costumes dos antigos e ameaçados pelo luxo posterior:

“Entre outras coisas que surgiram de começos modestos, deve ser mostrada a origem do teatro, para que seja aparente que o que a princípio era saudável, hoje é uma loucura tão extravagante que apenas reinos opulentos podem permitir.”¹⁹³

É também na segunda pênade que estão exemplos do que Tito Lívio vê como costumes antigos – se não superiores, pelo menos dignos de memória e de comparação com os costumes atuais. É o que diz em VIII, 11:

“Embora tenha desaparecido a memória dos costumes tradicionais sobre as coisas humanas e divinas, em favor de novidades estrangeiras e em detrimento das instituições ancestrais, julguei que não me afastaria do meu assunto ao mencionar essas tradições nos próprios termos em que nos foram transmitidas e enunciadas.”¹⁹⁴

Ele está aqui se referindo ao sacrifício voluntário do cônsul Públio Décio Mus na batalha contra os latinos, em que se oferece aos deuses para conseguir a vitória na batalha, pronunciando os votos rituais e atirando-se impetuosamente no meio das linhas inimigas. O trecho inteiro tem um aspecto dramático bastante acentuado, que realça a atitude de Décio e reafirma a *pietas* de um exemplo do passado:

“Para os que o viam em ambos os exércitos, ele parecia sobre-humano, como se enviado dos céus para expiar a cólera dos deuses e desviar a destruição de seu povo para o inimigo.”¹⁹⁵

¹⁹³ Ibid.: “*Inter aliarum parua principia rerum ludorum quoque prima origo ponenda uisa est, ut appareret quam ab sano initio res in hanc uix opulentis regnis tolerabilem insaniam uenerit.*”

¹⁹⁴ “*Haec, etsi omnis diuini humanique moris memoria aboleuit noua peregrinaque omnia priscis ac patriis praeferendo, haud ab re duxi uerbis quoque ipsis, ut tradita nuncupataque sunt, referre.*”

¹⁹⁵ VIII, 9: “*conspectus ab utraque acie, aliquanto augustior humano uisu, sicut caelo missus piaculum omnis deorum irae qui pestem ab suis auersam in hostes ferret.*” Note-se o uso do termo *augustior*. Cf. LIEBESCHUETZ, 1967, p. 47-48.

Tito Lívio afirma então que é necessário explicar o funcionamento e as regras que validam todo o ritual para que um cônsul se sacrifique pessoalmente para a vitória de suas legiões, pois diz que no tempo presente não é mais lembrado esse aspecto do *mos maiorum*.

Vale ressaltar que todo esse relato, do sacrifício de Públio Décio e dessa digressão que se segue, vem logo após a história da punição do filho do cônsul Tito Mânlio, condenado à morte pelo próprio pai por desobediência às suas ordens, num episódio classificado pelo próprio Tito Lívio como de uma *severitas* tão grande que se torna não um exemplo de virtude, mas de excesso: “A sentença de Mânlio não foi terrível apenas para sua época, mas vista como uma triste recordação para a posteridade.”¹⁹⁶ No parágrafo seguinte aparece a descrição do funcionamento do antigo exército romano, descrevendo o movimento ordenado das colunas em ataque na batalha, num texto de caráter marcadamente antiquário. Essa menção funciona como uma consequência moral positiva da punição do filho do cônsul, pois, embora esse não fosse um fato louvável, serviu para inculcar a *disciplina* entre os soldados. Assim, essa disciplina caracteriza o funcionamento perfeito do exército até então, combinado com a presença de atitudes virtuosas e heróicas, como a de Públio Décio¹⁹⁷.

Vemos nas próximas décadas, de forma tanto direta quanto indireta, a valorização de uma série de características virtuosas nos líderes e no exército romanos que pertencem ao passado e vão sendo paulatinamente negligenciadas. Mesmo assim,

¹⁹⁶ VIII, 7: “*quod ubi audiuit consul, extemplo filium auersatus contionem classico aduocari iussit.*”

¹⁹⁷ Aliás, neste trecho em particular cabe mais uma vez a discussão sobre a datação do texto e a posição de Tito Lívio sobre Augusto, quando vemos que o autor critica a valorização de tantos costumes estrangeiros em sua própria época em relação aos costumes romanos ancestrais – mas se Augusto retomou diversas práticas religiosas antigas, é possível que o trecho tenha sido escrito ainda no início de seu governo, ou que Tito Lívio esteja se referindo a um tempo mais recente de maneira mais geral em comparação com o antigo.

podemos ainda comparar os romanos com o comportamento dissoluto do exército cartaginês em Cápuia, logo após sua vitória em Canas, em XXIII, 18:

“Sono, vinho, festas, prostitutas e banhos; enfim, o ócio que o hábito torna dia a dia mais atraente, de tal forma enervaram seus corpos e mentes que as vitórias passadas já os protegiam muito mais que o poder atual.”¹⁹⁸

A associação do exército romano, quando virtuoso, com as vitórias legítimas e definitivas, em tantos pontos do texto, contrasta com o que o leitor pode antecipar já neste ponto sobre a derrota cartaginesa, pois, embora isso ainda demore vários livros para acontecer, o poderio cartaginês na guerra já está sendo efetivamente minado por conta desse afrouxamento dos costumes.

O trecho mais importante em Tito Lívio relativo ao tema do *mos maiorum* talvez seja o início do livro XXXIV e o debate sobre a Lei Ópia¹⁹⁹, introduzindo a figura austera e emblemática de Catão. O que se sobressai em relação ao debate é que ele ocupa no texto uma função mais simbólica do que determinante, já que o próprio Tito Lívio abre o tema informando que não o considera por si só de grande relevância. O discurso de Catão procura defender a manutenção da lei que restringe o uso da púrpura e do ouro para as mulheres, bem como a circulação delas em carruagem dentro da cidade, e ele argumenta criticando o comportamento das mulheres ao se manifestarem no Fórum, comparando-as com as mulheres do passado, e manifestando preocupação com o crescimento do luxo em Roma:

¹⁹⁸ “*Somnus enim et uinum et epulae et scorta balineaeque et otium consuetudine in dies blandius ita enervauerunt corpora animosque ut magis deinde praeteritae uictoriae eos quam praesentes tutarentur uires.*”

¹⁹⁹ Quanto a pares de discursos entre romanos que tratam de *exempla*, mesmo que não mencionando diretamente os antepassados, ver Fábio Máximo contra Cipião Africano, em XXVIII, 40-45 e o julgamento dos Cipiãoes, em XXXVIII, 44-50.

“... dois vícios opostos, a avareza e a luxúria, assolam a cidade, pragas que abateram todos os grandes impérios. Quanto melhor e mais feliz se torna a cada dia a fortuna da República; quanto mais o império cresce – já passamos à Grécia e à Ásia, repletas de todas as tentações libidinosas, e metemos a mão até no tesouro dos reis -, mais receio que essas riquezas nos capturaram do que nós as conquistamos.”²⁰⁰

Aqui é crucial verificar o evidente anacronismo do discurso neste trecho, pois na verdade o luxo advindo da conquista da Ásia só irá aparecer cinco anos depois, o que Tito Lívio confirma em XXXIX, 6. Mesmo no ano desse discurso de Catão, o contato de Roma com as riquezas gregas tinha se dado apenas pela tomada de Siracusa – sendo assim, o anacronismo é uma evidência da função simbólica desse trecho.

Catão perde o caso para o tribuno Valério, que contra-argumenta defendendo a posição das mulheres e afirmando que a lei tem caráter temporário, dado que foi decretada em período de crise e exceção, durante os esforços empreendidos na Segunda Guerra Púnica; no fim, a lei é ab-rogada. Até mesmo o discurso de Valério contém um anacronismo, onde Tito Lívio diz que ele cita contra Catão sua própria obra, *Origines*, ainda que na verdade estando muitos anos antes de sua publicação. A presença de dois graves anacronismos dentro de um mesmo contexto é, na verdade, significativa e reveladora: a função do discurso de Catão é simbólica na medida em que representa um aviso, que remete aos tempos que irão se seguir²⁰¹. Ele prevê a chegada do luxo e da ambição na sociedade romana, e é a figura que representa um *exemplum* ideal para servir de contraponto a essa nova realidade, pois remete a valores antigos e vistos como intrinsecamente romanos. Vemos isso no retrato que Tito Lívio faz do caráter de Catão

²⁰⁰ XXXIV, 4: “*diuersisque duobus uitiiis, auaritia et luxuria, ciuitatem laborare, quae pestes omnia magna imperia euerterunt. haec ego, quo melior laetiorque in dies fortuna rei publicae est, quo magis imperium crescit—et iam in Graeciam Asiamque transcendimus omnibus libidinum inlecebris repletas et regias etiam adtrectamus gazas—, eo plus horreo, ne illae magis res nos ceperint quam nos illas.*”

²⁰¹ Cf. CHAPLIN, 2000, p. 101, fazendo um paralelo com Salústio e o prefácio de Tito Lívio.

em XXXIX, 40, louvando suas virtudes acima de sua origem²⁰², sua *gravitas*, *severitas*, *parsimonia* e *dignitas*, ainda que seus modos rudes já fossem considerados ultrapassados para seu tempo: “Verdade é que se lhe pode censurar a rudeza de caráter, a língua cruel e a licença desmedida.”²⁰³

O estudo de Chaplin (2000) sobre Tito Lívio faz uma análise dos *exempla*, que estão relacionados com o *mos maiorum* na medida em que evocam, toda vez que são apresentados, essa série de conceitos virtuosos primordiais que compõem os costumes dos antepassados – como alguns que analisamos aqui. Vimos com o discurso de Catão que nem sempre os *exempla* fornecidos pelos indivíduos são vistos como positivos ou aproveitados como espelho de conduta dentro de seu contexto, o que revela que Tito Lívio compreende de que esses valores têm também uma historicidade própria. Nisso cabe aqui uma crítica à autora, pois ela faz uma confusão entre *exempla* com funções diferentes, na tentativa de demonstrar que “*they emerge as almost inordinately pliant, capable of meaning nearly anything to nearly anyone.*” (2000, p. 197). Essa questão pode ser exemplificada através da análise da função de Lucrecia como definidora de um padrão de conduta feminino que será solidificado como *mos maiorum*, modelo para o futuro, e no qual toda mulher virtuosa deverá se espelhar para reafirmá-lo. Chaplin atenta para o fato de que Lucrecia é quase esquecida no restante do texto, após servir no livro I como modelo emblemático da *pudicitia* – o equivalente feminino mais próximo da *virtus* no homem romano ²⁰⁴:

“In fact, within a generation she vanishes from everyone’s memory but the narrator’s. (...) For with her final words, Lucretia behaves as

²⁰² Podemos fazer um paralelo com a valorização da origem humilde do próprio Rômulo, como em MILES, 1995, cap. 4 – “Foundation and Ideology in Livy’s Narrative of Romulus and Remus”.

²⁰³ “*asperī procul dubio animi et linguae acerbae et immodice liberae fuit.*” Nem sempre essas qualidades antigas são louváveis em homens que não se encaixam de todo em seu mundo, como por exemplo a excessiva *antiquitas* de Galba em Tácito, *Histórias*, I, 49.

²⁰⁴ Sobre tal associação entre *pudicitia* e *virtus*, ver WALSH, 1955, p. 377-378.

if she had read the Preface, forecasting (albeit mistakenly) her own value as an example for others." (2000, p. 168)

Porém, Lucrecia não precisa ser lembrada o tempo todo²⁰⁵, exatamente porque sua função é estabelecer a *pudicitia* como definidora primordial do caráter feminino romano. Qualquer mulher virtuosa daqui em diante manterá exatamente essa *pudicitia*, no que então não é necessário que se retome constantemente a menção a Lucrecia – o conceito já está estabelecido para o leitor - e na verdade também para a audiência interna dentro dos eventos no texto. Miles tem a mesma visão de Chaplin:

*"Livy presents an approach to Roman history that explicitly acknowledges the value of change and that denies to the maiores and their institutions a universal and timeless value. In his history the value of institutions is most often judged by the needs of occasion, not by the more sweeping standard of the mos maiorum. Thus, the absence of appeals to the auctoritas maiorum in Livy's own narrative, made more apparent by association of such appeals with partisan interests, compliments his emphasis on variety, complexity and change in Roman history, and it leaves a wide range for political innovation."*²⁰⁶

Ambos os autores não conseguem diferenciar uma sutil mas fundamental diferença que estabelece a importância do *mos maiorum* e de conceitos primordiais de valor imutável: a mudança, e portanto o repensar do valor de um *exemplum* antigo, é reflexo do caráter mutante das instituições com o tempo. Como ambos dizem, os precedentes que mudam, que são rejeitados, e as novidades que vão sendo aceitas são positivos na medida em que se adequam às novas necessidades²⁰⁷ – no que podemos ver mais além uma possibilidade de aceitação e até mesmo de entusiasmo com as reformas de Augusto dentro do mundo de Tito Lívio. Mas os valores primordiais, como a *fides* e a

²⁰⁵ Ainda que estejamos ignorando as possibilidades de referência nos livros que nos faltam.

²⁰⁶ MILES, 1995, p. 119.

²⁰⁷ Um exemplo positivo do novo são as inovações militares de Emílio Paulo, em XLV, 33.

pietas, e também por exemplo a *auctoritas*, a *pudicitia*, a *dignitas* e a *virtus* como coragem militar jamais apresentam variações exemplares no sentido contrário. Essa é a permanência desejável, pois reafirma os valores que definem Roma, e que não estão contaminados pela ambição desmedida e pelo luxo estrangeiro.

A questão da *Quellenforschung* não influi, na verdade, sobre o aspecto que estamos tratando na visão da história em Tito Lívio. Mesmo quando ele faz um uso quase direto de suas fontes, e mesmo quando segue o ponto de vista delas, ainda assim ele faz uma seleção consciente e deliberada. Como vimos, há tempos os estudos sobre Tito Lívio já têm admitido a capacidade do historiador em fazer uma seleção consciente das fontes, mesmo por exemplo quando Tito Lívio segue Políbio de perto, apresentando uma originalidade que revela seus próprios objetivos.

PARTE II – TÁCITO

*"Gazing back at the Julio-Claudian period from the reign of Trajan, Tacitus harbors no doubts: the Principate of Augustus marked the demise of the Republic and set in motion the metamorphosis of its memory."*²⁰⁸

²⁰⁸ GOWING, 2005, p. 159.

1. TÁCITO E A READEQUAÇÃO DOS VALORES NO PRINCIPADO

1.1. Os objetivos de Tácito e seu presente

Assim como em relação a Tito Lívio, os estudos sobre Tácito sofreram grande influência dos métodos da *Quellenforschung* no século XIX (FABIA, 1893; cf. WALKER, 1960, p. 3), prosseguindo até meados do século XX. Porém, diferentemente da comparação textual possível entre Políbio e Tito Lívio, no caso de Tácito as referências às fontes são mais dificilmente trabalháveis, dado que estão em estado altamente fragmentário (CHASSIGNET, 2004). Tácito menciona suas fontes nominalmente em alguns trechos das *Histórias* e dos *Anais*, e assim sabemos que ele utilizou as obras de Fábio Rústico, Clúvio Rufo e Plínio, o Velho, que escreveram nos períodos Júlio-Cláudio e Flávio, além de outras fontes não-literárias, como as atas do Senado e discursos publicados (SYME, 1958, p. 176-190; MARTIN, 1981, p. 189-213; DEVELIN, 1983, p. 83-85). Essa lacuna historiográfica que encontramos entre Tito Lívio e Tácito, como já discutido na introdução, torna muito difícil estabelecer de que maneira este último teria se reaproveitado das narrativas anteriores, mas sua postura altamente crítica sobre o período que narra revela uma autonomia e originalidade certamente muito maiores do que se detecta em Tito Lívio.

Devido não apenas às dificuldades de estudo das fontes, mas exatamente a essa crítica *sui generis*, o tema que tem chamado mais a atenção dos especialistas tem sido outro que não a pesquisa das fontes. Desde a descoberta e publicação das obras de

Tácito²⁰⁹, seu texto tem sido utilizado como fonte de inspiração para o debate político e para as reflexões sobre a dicotomia entre tirania e liberdade. De fato, duas vertentes de interpretação se consolidaram: a primeira, defendendo os ideais republicanos que supostamente seriam defendidos por Tácito numa visão nostálgica do passado antes dos imperadores, teve como partidários, entre outros, os teóricos da Independência americana, como Thomas Jefferson; a segunda, ao contrário, via Tácito como um exemplo para a conduta sob a monarquia, numa espécie de ilustração do maquiavelismo (BURKE, 1969; SCHELLHASE, 1976; LUCE; WOODMAN, 1993).

A partir de Mommsen e Niebuhr, as questões de método que diferenciam a História como disciplina no século XIX passam a determinar a leitura de Tácito através de um rigor mais científico, e, portanto, teoricamente menos voltado para as lições morais, enfatizadas no "Tacitismo" até então (BURKE, 1969) - é daí que temos também a maior ênfase na *Quellenforschung*. Entretanto, a busca que interessa aos estudos taciteanos a partir desse período, sobre a "opinião pessoal" de Tácito a respeito do sistema político do Principado e do lugar do Senado no relacionamento com o imperador, é ainda o *locus classicus* até o fim do século XX²¹⁰, bem como a contínua ênfase dada pelos estudiosos latinistas quanto ao peculiar e difícil estilo literário do historiador (SINCLAIR, 1991). De certa forma, isso ainda é um resquício da proeminência encontrada nas duas tendências anteriores apontadas acima na leitura do autor, no sentido de que Tácito é ainda lido eminentemente como um pensador político, além da ênfase na forma literária do seu latim.

O ponto alto dos estudos taciteanos no século XX é a obra de Sir Ronald Syme, publicada em 1958. Nela encontramos um estudo minucioso do contexto político e social

²⁰⁹ A primeira edição compilada por Justus Lipsius é de 1574. Para um histórico dos manuscritos e de sua publicação e divulgação, ver MARTIN, 1981, p. 236-243.

²¹⁰ Cf, por exemplo, FLACH, 1973.

de Tácito, enfatizando a relação do autor com os diversos grupos que o rodearam, tanto no Senado quanto no caso dos imperadores individualmente. O método de Syme, já utilizado em seu *Roman Revolution*, de 1939, é a prosopografia, que procura fazer um levantamento das redes sociais da elite, esquadrinhando nomes e carreiras, na busca das motivações, preocupações e interpretações do mundo a que Tácito pertence. Syme continua até hoje como ponto de referência, embora seu trabalho tenha passado por várias críticas e releituras (GOODYEAR, 1970; LEEMAN, 1973; CIZEK, 1981; CLASSEN, 1988; McCULLOCH, 1991).

O que tais novos trabalhos apontam, em última instância, é uma certa saturação da leitura de Tácito a partir de seu entendimento sobre o Principado, nesse questionamento tradicional exaustivamente trabalhado por Syme, mas ainda reflexo de problemáticas antigas. Assim, diversos trabalhos no fim do século XX afirmavam que os estudos taciteanos estavam em vias de se estagnar, e que praticamente todas as leituras possíveis já haviam sido feitas. Herbert Benario observa no prefácio de seu livro introdutório sobre Tácito (1975, p. vii): *"The output has been so steady that some scholars ask plaintively in reviews 'Is another book on Tacitus necessary?'"*, e Ronald Mellor complementa (1993, p. IX), notando que

"scholarly writers have clearly outstripped scholarly readers; one can read only a small fraction of what is published each year. The volume and density of all this material induces timidity; it prompts prudent scholars to write carefully crafted papers on narrow topics".

De fato, muito se escreveu sobre Tácito, e principalmente sobre sua teoria política. Mas, refletindo as novas tendências metodológicas surgidas a partir do fim do século XX, o problema da estagnação dos estudos taciteanos que preocupava Benario

tem sido superado por conta de novos questionamentos e leituras. O pós-modernismo e os Estudos Culturais aparecem com força nos trabalhos publicados nas últimas décadas, refletindo as preocupações atuais com aspectos sociais e a desconstrução do texto (GINSBURG, 1984; WOODMAN, 1988, 1998; O'GORMAN, 1993, 1995, 2000; CLARKE, 2001; POMEROY, 2003; DAVIES, 2005).

Hoje é praticamente consenso que a visão nostálgica e o "republicanismo" do historiador são interpretações errôneas, e que seu relacionamento com os imperadores reflete um pragmatismo e uma aceitação, ainda que melancólica, do sistema político que lhe era contemporâneo (SYME, 1958; TANNER, 1969; BENARIO, 1964, 1968, 1975, 1991; PERCIVAL, 1980; SHOTTER, 1991). O papel do Senado não era mais o mesmo da República, mas a estabilidade sob um imperador relativamente equilibrado como Vespasiano ou Trajano era certamente preferível ao caos político, social e principalmente moral da guerra civil, como demonstraremos adiante. Talvez a questão do pessimismo de Tácito e do real sentido de seu elogio à "felicidade dos tempos" de Nerva e Trajano no *Agrícola* e nas *Histórias* seja mesmo inconclusiva, pois as grandes características de Tácito são exatamente sua fina ironia (KOEHNKEN, 1973; PLASS, 1988), sua retórica poderosa ao apresentar os dois lados de qualquer questão, e seu senso aguçado de que as coisas nunca são totalmente o que aparentam ser.

- *Dos Flávios a Trajano*

Não se sabe a data precisa do nascimento de Tácito – conjecturas atuais apontam para 56 ou 57 d.C. (SYME, 1958, p. 63), o que significa o início do período de Nero. Tácito era adolescente em 69 d.C., o ano da guerra civil e dos quatro imperadores,

e começou seu *cursus honorum* sob Vespasiano - todos esses períodos, temas dos *Anais* e das *Histórias*. Existem poucas informações a respeito da vida de Tácito, mas ele próprio nos fornece alguns breves mas importantes dados sobre sua carreira, no prefácio das *Histórias*:

"Minha carreira começou sob Vespasiano, progrediu sob Tito e avançou ainda mais sob Domiciano; isto não nego. Mas todo aquele que professa uma palavra incorrupta deve falar sem afeição ou ódio."²¹¹

A relação de Tácito com os imperadores Flávios é crucial para entendermos sua formação política, ideológica e sua visão do significado das relações sociais e de poder no Principado (FLACH, 1973, p. 104-125). Infelizmente, o que podemos dizer é na sua maior parte baseado em conjecturas, sustentadas na sua maior parte pela frase das *Histórias* citada acima (SYME, 1958, p. 611-624; MARTIN, 1981, p. 26-38). Tácito menciona o seu *cursus honorum* sob os Flávios para afirmar sua isenção como historiador, pretendendo dizer que mesmo o fato de ter sido promovido sob eles, e em especial por Domiciano, não influenciará na sua objetividade ao relatar o período. Tal afirmação faz parte da necessidade formal do historiador de se declarar isento, dentro das regras da tradição historiográfica (MARINCOLA, 1999b), mas também reflete a relação dúbia que Tácito teve com os Flávios, ao dever sua carreira política a uma dinastia que culminou com o perseguidor de tantos dos seus pares senadores.

A figura de Vespasiano em Tácito nos parece, no entanto, como uma das mais positivas entre as de todos os imperadores que o autor menciona (LEVICK, 1999, p. 203-

²¹¹ *Histórias*, 1.1: "*dignitatem nostram a Vespasiano inchoatam, a Tito auctam, a Domitiano longius propectam non abnuerim: sed incorruptam fidem professis neque amore quisquam et sine odio dicendus est.*"

204). Segundo o autor, Vespasiano foi "o único dentre todos os imperadores que mudou para melhor"²¹². É sempre conveniente ainda lembrar que não podemos fazer uma interpretação muito segura sobre a opinião de Tácito em relação a Vespasiano, dado que não temos a parte das *Histórias* onde são narrados os anos em que o imperador governou, e assim não sabemos até que ponto a afirmação acima pode ser verificada. Mas nos trechos remanescentes das *Histórias*, bem como nas duas vezes em que Tácito menciona Vespasiano nos *Anais* (III, 55 e XVI, 5), é de fato uma imagem favorável que transparece. Ash (1999) argumenta que Vespasiano é mostrado por Tácito como um general que tem uma identificação maior com a cúpula do seu exército do que com os soldados, diferentemente dos mais populares Tito e Antônio Primo. Além disso, as diversas instâncias em que Vespasiano se confronta com situações religiosas, como veremos melhor adiante, demonstram que o general era supersticioso, portanto manipulável²¹³. Talvez, se considerarmos a observação sobre o desempenho do imperador feita por Tácito nas *Histórias*, citada acima, possamos entender essas críticas não como uma constante do caráter de Vespasiano, mas sim como ilustração de que ele soube depois contornar seus problemas de autoridade e se impor perante a todos ao governar. Seu estilo, para uns austero e para outros simplesmente avarento (como diz Suetônio), reflete para Tácito uma retomada de valores morais²¹⁴ que estavam totalmente deturpados em 69 d.C., como mostraremos em seguida, e essa sem dúvida é parte importante de uma caracterização positiva do imperador.

²¹² *Histórias*, I, 50: "solusque omnium ante se principum in melius mutatus est."

²¹³ "What effects does Tacitus create by presenting Vespasian as a credulous character? Above all, he suggests that Vespasian, like his predecessors, was vulnerable to the unscrupulous men who could exploit him in order to further their own careers." ASH, 1999, p. 130.

²¹⁴ *Anais*, III, 55. Cf. MARQUES, 2004.

Nesse sentido, aparece aqui a questão da possibilidade dessa boa imagem ter sido reflexo de uma certa "propaganda flaviana" em Tácito (CHILVER, 1957; D'ESPÈREY, 1986). De fato, observa Ash (1999, p. 128; cf. DAMON, 2006):

"Vespasian happened to be the ultimate victor, but if fortuna had conspired differently, then historians might have had to write about a Vitellian rather than a Flavian dynasty, and the roles of Vitellius and Vespasian could have been reversed."

No que pese a dúbia utilidade dessas reflexões sobre o *se* na História, é perceptível uma expectativa anunciada do futuro, o qual o leitor já conhece, em diversos momentos no texto de Tácito. Quando a situação de Vespasiano e de suas tropas na Judéia é apresentada, no começo do livro II das *Histórias*, ela entra em contraste marcante com a desestabilização em Roma provocada pelo assassinato de Galba e com os movimentos das tropas de Oto e Vitélio, que, sabe-se, serão derrotadas em um futuro próximo. Imediatamente abrindo o livro II, encontramos mais uma pista de que Tácito via Vespasiano como uma figura positiva:

*"Em uma diferente parte do mundo, a fortuna já construía o início e os motivos para uma nova dinastia, cujos variados destinos trouxeram tanto felicidade e desgraça para a república quanto e prosperidade e destruição para os seus imperadores."*²¹⁵

A construção da imagem de Tito parece ainda mais positiva, nos poucos trechos das *Histórias* em que ele já aparece. Veremos também adiante que Tito é apresentado

²¹⁵ *Histórias*, II, 1: "*Struebat iam fortuna in diversa parte terrarum initia causasque imperio, quod varia sorte laetum rei publicae aut atrox, ipsis principibus prosperum vel exitio fuit.*"

como um personagem praticamente isento de defeitos: cordial, piedoso, conciliador, talvez seja apenas a juventude que possa condená-lo²¹⁶. Sendo assim, é paradoxal para quem lê Tácito como um pessimista renitente ver dois imperadores sendo caracterizados de maneira tão positiva. Mas isso serve também - e, sugerimos, principalmente - para acentuar pelo recurso da retórica as enormes diferenças dos dois em relação aos vícios e aos crimes do infame Domiciano, o irmão mais novo de Tito. O contraste é visível em todas as instâncias onde encontramos Domiciano nas *Histórias*, o que ajuda a revelar a visão negativa de Tácito sobre esse imperador, que no entanto o fez pretor e quindécênviro (SYME, 1958, p. 65).

A relação entre Tácito e Domiciano tem sido um dos mais recorrentes problemas dos estudos taciteanos (NESSELHAUF, 1952; VON FRITZ, 1957; WATERS, 1964; STÄDELE, 1988; WILSON, 2003), pois remete à construção da visão do historiador sobre o sistema político do Principado e o papel do Senado em relação aos imperadores. É na sua primeira obra, a biografia do seu sogro Júlio Agrícola, que Tácito faz o seu retrato mais importante que dispomos de Domiciano, e também onde comenta sua própria situação, revelando sua culpa e a de seus pares senadores por ter sobrevivido às perseguições do imperador. Sua sobrevivência, a princípio, poderia revelar uma atitude covarde ou omissa²¹⁷, diante da coragem dos mártires que se opuseram abertamente a Domiciano, mas é através das atitudes de Agrícola que Tácito se redime, pois demonstra - e esse é o principal objetivo de seu texto - que é possível ser virtuoso até mesmo sob um mau imperador, "*posse etiam sub malis principibus magnos viros esse*" (LIEBESCHUETZ, 1966, p. 130-134).

²¹⁶ Para possíveis críticas de Tácito a Tito, ver ASH, 1999, p. 143-144.

²¹⁷ Segundo Walker (1960, p. 78), trata-se de um ambiente onde o medo impera em todas as instâncias: "*Men know the tyrant may destroy them and so fear him; he knows their hatred and so fears them; fear makes him cruel as it makes them grasping, and egotism reacts to make them all more fearful; all lie constantly because it is the only way to gain, often the only way to survive, and because they fear truth most of all.*"

No proêmio do *Agricola*, Tácito diz como, depois da queda de Domiciano, foi finalmente possível escrever e publicar, anunciando a felicidade dos "tempos mais livres" de Nerva e Trajano. Os anos anteriores foram *quid ultimum in servitute*, o máximo da escravidão, para os senadores²¹⁸, e a culpa de ter sobrevivido às perseguições transparece quando Tácito diz que "como se diz, sobrevivemos não apenas aos outros, mas também a nós mesmos"²¹⁹. O comentário de Haynes (2006, p. 153) é bastante apropriado:

"... the circumstances of tyranny are a kind of death even for those who did not actually lose their lives, that they left behind an unrecoverable part of themselves, and that this death or loss is engendered by the repression of speech."

Nos parágrafos finais da biografia, após descrever as realizações de Agrícola como governador da Britânia, Tácito fala do relacionamento entre seu sogro e o imperador. A figura de Domiciano é retratada como um grande invejoso do sucesso militar alheio, ainda que aparentemente escondendo seus sentimentos²²⁰, pois, enquanto Agrícola conquistou todo o território da Britânia, a vitória do imperador na Germânia tinha sido de valor altamente questionável. As honras militares habituais que Domiciano concede a Agrícola são elencadas por Tácito com a sutil observação que eram na verdade um fraco substituto ao triunfo que Agrícola realmente mereceria²²¹. Considerando-se que o triunfo no Principado era concedido apenas aos imperadores – e

²¹⁸ Para a associação metafórica da idéia de escravidão com os senadores, ver JOLY, 2004.

²¹⁹ *Agricola*, 3: "*ut ita dixerim, non modo aliorum sed etiam nostri superstites sumus.*"

²²⁰ Numa caracterização que lembra a figura de Tibério nos *Anais*.

²²¹ *Agricola*, 40: "Conseqüentemente, Domiciano ordenou que fossem dados ornamentos triunfais, a honra de uma estátua ilustre, e tudo o que se dá geralmente no lugar de um triunfo, acrescentados de muitas palavras laudatórias, por decreto no Senado." "*Igitur triumphalia ornamenta et inlustris statuæ honorem etquidquid pro triumpho datur, multo verborum honore cumulata, decerni in senatu iubet...*".

nesse sentido a observação de Tácito é despropositada -, e que todas as atitudes de Domiciano são paralelamente contrastadas pela *modestia* e pela *moderatio* de Agrícola, podemos ver que estes são alguns recursos retóricos que Tácito utiliza regularmente para a construir a figura de Domiciano como um mau imperador. Dorey, ao sugerir a leitura de uma possível afinidade verdadeira entre Domiciano e Agrícola, ressalta esse aspecto retórico (1960, p. 71):

*"... it is, without question, a highly rethorical composition. Being of a rhetorical nature, it is designed to persuade its readers to adopt a certain point of view, namely that Agricola, though he served Domitian loyally and did not fall a victim to his judicial massacres, deserves to be enshrined alongside the Stoic 'martyrs', or even to be ranked higher."*²²²

De fato, a tendência atual dos estudos taciteanos nessa questão tem sido voltada para a idéia de que não se deve tomar as caracterizações do general e do imperador no *Agricola* com um valor literal. Essa postura tem se combinado com a tendência revisionista das últimas décadas, que apresenta uma perspectiva mais positiva do caráter real de Domiciano. De acordo com esses estudos, a visão de Tácito sobre o imperador tem um caráter mais retórico do que real, e é consequência de outros fatores que teriam motivado a composição do texto. Alguns autores têm se baseado na possibilidade do *Agricola* ser não apenas uma biografia, mas um texto de propaganda (NESSELHAUF, 1952) dos novos tempos, baseado no elogio que Tácito faz à "*felicitatem temporum*" de Nerva e especialmente Trajano, imperador sob o qual o texto é publicado. Syme (1958; cf. STÄDELE, 1988) é o principal nome que defende essa idéia (p. 125):

²²² Cf. WATERS, 1972, p. 226: "*Domitian's character in the Agricola is totally a construct, to fit in with the requirements of the author; and Agricola's almost equally, since the merits he is accorded are those of the rhetorical topoi.*"

"The treatise, as has been shown, is concerned with much more than the life and laudation of Tacitus' father-in-law. It is a document of Roman political literature, a manifesto for the Emperor Trajan and the new imperial aristocracy."

Ao mesmo tempo, Goodyear (em KENNEY; CLAUSEN, 1982, p. 643; cf. BEWS, 1987) defende que Agrícola seria um personagem tão inexpressivo que o texto deveria ter necessitado de muito material alheio. Realmente, a biografia do general tem uma variedade maior de tópicos do que apenas seus feitos, incluindo um trecho sobre a etnografia da Britânia, um par de discursos retoricamente sofisticados e uma *laudatio* fúnebre - e daí temos uma certa dificuldade em classificá-la como uma biografia tradicional dentro das regras estritas do gênero (MARTIN, 1981, p. 39-49). A caracterização altamente negativa de Domiciano é também geralmente vista como o mote por trás dos objetivos do texto, já que, como vimos, a lição moral que Tácito extrai da vida do sogro é o exemplo ideal de atitude a se tomar pelo benefício do Estado quando se está sujeito às vicissitudes de um governo tirânico.

Domiciano parece ser um personagem paradigmático nas fontes antigas, das pagãs às cristãs, como o imperador invejoso, cruel e incompetente militarmente por excelência. As suas circunstâncias familiares certamente contribuíram para a construção dessa imagem, pois ele teve como antecessores seu virtuoso e bem sucedido pai e seu universalmente amado irmão, morto ainda jovem. É fácil imaginar um Domiciano remoendo-se de inveja por anos a fio nos corredores do Palatino, esperando com reprimida ansiedade por sua vez de governar e de suplantar a saudosa memória de Vespasiano e de Tito com sua tirania implacável. Essa imagem terrível pode ser a princípio confirmada pela *damnatio memoriae* imposta pelo Senado quando de sua

morte²²³. Tal procedimento, já adotado antes para Sejano, Messalina e Nero, por exemplo, implica em diversos procedimentos²²⁴, nem sempre cumpridos sistematicamente: destruição das imagens, eliminação dos nomes nas inscrições públicas e revogação dos atos, no caso de um imperador²²⁵. O caso de Domiciano é, no entanto, o mais exemplar:

"Au IIIème siècle, avec les usurpations et les successions tragiques, la condamnation du prédécessor au trône devint monnaie courante et le processus de la damnatio memoriae perdit rapidement son sens et son efficacité. Domitien, le premier à subir au sens plein du terme cette atteinte à mémoire, fut aussi probablement celui qui la subit de la façon la plus accomplie." (PAILLER; SABLAYROLLES, 1994, p. 15)

Mas a pergunta que se coloca é: seria essa reação tão forte dos senadores o reflexo de uma política realmente tirânica, igual ou pior à de Nero contra sua oposição, ou parte do alívio de um sentimento de *mea culpa* dos sobreviventes aliado a uma propaganda de Nerva e principalmente Trajano para denegrir o antecessor? Os trabalhos de K. W. Waters a partir dos anos 60 e de outros autores mais recentes (JONES, 1973, 1992; SOUTHERN, 1997) têm defendido essa segunda visão, baseados em algumas evidências sobre o governo de Domiciano que contradizem, segundo eles, as versões das fontes literárias, dominadas pelo Senado²²⁶.

Os argumentos a favor da reabilitação de Domiciano suavizam sua relação com o Senado e o exército. O imperador foi cônsul diversas vezes seguidas, assim como

²²³ Suetônio, *Domiciano*, 23

²²⁴ Cf. Tácito, *Anais*, III, 17-18.

²²⁵ Ou a abolição do uso do *praenomen* pelos descendentes, como relata Tito Lívio em VI, 20 (384 a. C.).

²²⁶ Para uma visão mais balanceada, ver GRIFFIN, 2000.

Vespasiano e Tito, "*but though seven of those ten consulships were held by Domitian in consecutive years at the beginning of the reign, a change of policy came in 89 and in the remaining eight years Domitian held the consulship only three times*" (WATERS, 1964, p. 66; cf. SYME, 1958, p. 639-640) – o que implicaria numa distribuição mais equitativa do poder entre o imperador e os senadores, desfazendo a idéia de um governo completamente tirânico²²⁷. A mudança a que Waters se refere é a revolta do governador da Germânia Superior, Lúcio Antônio Saturnino, que é apontada como o estopim do recrudescimento da perseguição de Domiciano aos senadores, até o fim de seu governo²²⁸. Como vemos, porém, o afastamento o imperador das funções de cônsul indica o movimento contrário, de uma tentativa de conciliação política. De fato, ao analisarmos os números das perseguições e assassinatos sob Domiciano, podemos ver como as fontes podem fazer interpretações tendenciosas: Suetônio lista, conjuntamente e sem diferenciação cronológica, 13 assassinatos de senadores em 15 anos, mas, em comparação, uma contagem semelhante sob Cláudio lista 35 senadores e talvez 300 eqüestres (SOUTHERN, 1997, p. 116; cf. WATERS, 1964, p. 71-76; JONES, 1992, p. 180-192).

As evidências das fontes indicam que a conspiração que resultou no assassinato de Domiciano, em 96 d.C., foi um *coup* planejado e executado por um pequeno grupo da corte - segundo Díon Cássio, ligado à imperatriz Domícia -, e, portanto, sem a participação direta dos senadores. Além disso, a incompetência militar de Domiciano, anunciada por Tácito no *Agricola* como fonte de sua inveja do general, não condiz com a

²²⁷ "On this basis, it would seem that he sought its approval and approached the problem of gaining it in two different ways. First, he gradually abandoned the Flavian monopoly of the ordinary consulships so as to admit loyal or deserving senators to this greatly-prized position; therefore he promoted Nerva, Trajan, and Antoninus Pius' father and grandfather, while at the same time, a loyal Flavian such as M. Arrecinus Clemens had to be content with the lesser award of a suffect consulship. Secondly, and more boldly, potential opponents were also honoured with suffect (rather than ordinary) consulships in an effort either to silence or to neutralize them or even to gain their support." JONES, 1973, p. 91.

²²⁸ Cf. Suetônio, *Domiciano*, 3.4 e 10.

grande popularidade que o imperador tinha com as tropas (WATERS, 1964, p. 71; JONES, 1992).

Mas como escolher entre a interpretação revisionista e as fontes antigas em relação ao caráter de Domiciano, já que as duas são diametralmente opostas? Como aponta Wilson (2003, p. 524), as interpretações recentes parecem ter se tornado uma nova ortodoxia, anunciando a idéia de uma leitura crítica livre dos preconceitos das fontes e da manipulação da propaganda sob Nerva e Trajano:

"...all of Tacitus' criticism of Emperors in all his works, including the Historiae and the Annales, becomes a form of inverted flattery of the new imperial house, a vindication of Trajanic policy through contrast with the failed policies of the past." (WILSON, 2003, p. 527)²²⁹

Sendo assim, a parte obrigatoriamente complementar da visão de Tácito sobre Domiciano, que nos permite chegar a uma conclusão sobre a questão, é o relacionamento do autor com Trajano, onde nos resta perguntar qual o nível da sua sinceridade ao apontar o comprometimento do novo imperador com a *libertas*. Como diz Wirszubski, essa *libertas* estava relacionada com dois aspectos que serão essenciais na obra de Tácito, a lei e o comprometimento mútuo – ou a falta dos dois elementos:

"Two great political ideas survived the collapse of the Republic, and both of them were received as fundamental principles of the new régime: the one was the idea that law, the chief guarantor of all rights and liberties to which a Roman citizen was entitled, was above all power; the other, that the Roman State was the common concern of the Roman People. These clearly distinct ideas are in

²²⁹ Essa é a teoria de RAMAGE, 1983, 1989.

fact, as has been seen, only two different aspects of libertas. And it is precisely these two aspects of libertas that are uppermost in the conflict between freedom and the Principate." (1950, p. 129)²³⁰

No caso de Nerva e Trajano (CIZEK, 1983; BENNETT, 1997), as referências que Tácito nos deixa são tão breves e laudatórias que, paradoxalmente, deixam dúvidas a respeito de sua veracidade. Uma das grandes questões debatidas na bibliografia sobre o autor é justamente se a *felicitas temporum* mencionada nas primeiras obras é real ou apenas retórica para Tácito, e se sua opinião muda com o tempo, refletida no pessimismo maior dos *Anais*. É esse o pensamento de Syme (1958), cujo estudo sobre o relacionamento de Tácito com Nerva, Trajano e também Adriano ainda é referência. Lamentavelmente, as outras fontes que dispomos sobre Trajano padecem de uma parcialidade bastante suspeita, como no caso de Díon Crisóstomo (ROSSI, 2001) e, principalmente, Plínio, o Jovem, com seu *Panegírico*²³¹.

As interpretações dos estudos taciteanos variam entre um desapontamento total de Tácito com Trajano e as que reconhecem uma aceitação resignada da realidade do governo, que está longe do ideal pretendido (SYME, 1958, p. 219, n. 6, 7). De fato, não há como negar que a euforia presente no *Agricola* diminui nas *Histórias*, e nos *Anais* o nome de Trajano não é sequer mencionado, bem como não há qualquer observação sobre aspectos positivos de uma liberdade no tempo presente²³².

²³⁰ Sobre a *libertas* em Tácito, vide também JENS, 1957; SHOTTER, 1978 e MORFORD, 1991.

²³¹ A bibliografia sobre o *Panegírico* é relativamente escassa, e sobre isso observa Betty Radice: "... the general view is the same: the Panegyricus is indispensable but unreadable, and only a historian's sense of duty towards his sources can make him keep on until the last, ninety-fifth chapter", RADICE, 1968. Infelizmente, tendemos a concordar. Ver também, sobre o *Panegírico*, MORFORD, 1992, e BRUÉRE, 1954.

²³² Para uma interessante tabela comparativa das fontes sobre Trajano, numa linha gradativa entre os extremos favorável e desfavorável ao imperador, ver CIZEK, 1983, p. 54.

Porém, novos estudos sobre o período²³³, malgrado o problema da escassez das fontes (CIZEK, 1983, p. 26-65), têm feito um paralelo com as inovações do período de Augusto e a construção de uma memória própria do Principado, em oposição à memória republicana. Um destaque é o trabalho de Gowing (2005a²³⁴), que, mais ou menos como fazem Galinsky (1996) e Zanker (1992) a respeito de Augusto, discorre sobre as alterações urbanísticas e produções artísticas do período de Trajano, especialmente com a construção do novo Fórum e da Basílica Ulpia, que fornecem para Tácito um subsídio semelhante ao que analisamos em Tito Lívio. Ou seja, existe um paralelo possível entre o *Zeitgeist* de Augusto e o de Trajano, na medida em que ambos representam um renascimento dos tempos de prosperidade e paz depois da turbulência dos anos anteriores²³⁵. Mas os tempos de Tácito já não são os mesmos de Tito Lívio:

"The dawn of a new era in the Roman Commonwealth was no longer a novelty. Not only had three emperors, Augustus, Claudius, and Domitian, celebrated and exploited the Ludi Saeculares, reckoning centuries by the computation that happened to suit their convenience. Any reign could use the language of the golden years. With the growth of monarchy each ruler tended to annex the age and call it his own, from the day of his accession. (...) Bright hopes had been blasted before, and conventional enthusiasm discredited, when upon the annunciation of a new era of felicity followed conspiracy or civil war, when the early promise of a principate faded, disclosing black despotism." (SYME, 1958, p. 217)

²³³ Para um apanhado até a década de 1970 das interpretações sobre o séc. II d.C., PETIT, 1975.

²³⁴ Cf. WALTER, 2004. *"W. elucidates in expert detail precisely the sort of 'culture of history' that I argue underlies the process whereby the Principate individuated itself from the Republic as well as that process's attendant anxieties."* GOWING, 2005b.

²³⁵ RUFUS FEARS, 1981, p. 913, sobre as moedas do período de Trajano: *"... the great restoration issues, in which, embossed with the name of Trajan, famous coin types of the republic and early empire were reissued, were as central to Trajanic imperial ideology as the statues and elogias of great romans in the Forum Augustum were to that of Augustus. Trajanic restoration issues linked to the contemporary achievements of Trajan directly to such archetypical examples of Virtus Romana as Romulus, Numa, Horatius, and Augustus. Equally, however, in the literary and monumental sources the celebration of Trajanic Virtues is underlined by this same tripartite invocation, mixing allegory, contemporary reality, and historical archetype."*

2. OS VALORES DO PASSADO EM TÁCITO

Os quatro pontos analisados a seguir no texto de Tácito, e que também foram utilizados para a análise de Tito Lívio, são algumas das instâncias possíveis na leitura da importância do passado longínquo e ideal, e de sua premente retomada (cf. HÄUSSLER, 1965; LUCE, 1986; GOODYEAR, 1992; MARQUES, 2003). Várias análises já foram feitas das características da *virtus* e de suas inversões no historiador romano, desde os mais detalhados estudos pontuais até visões em conjunto – incluindo inúmeras contagens e estatísticas de uso dos termos estudados, comparações entre fontes e exaustivas análises filológicas e etimológicas²³⁶. É fato que fazemos aqui um recorte, sem a pretensão de tomar a *concordia*, a *fides*, a *pietas* e o conjunto do *mos maiorum* como os atributos únicos da virtude do passado e da identidade essencial romana para os historiadores estudados. Isso pode ser dito tanto porque veremos como de Tito Lívio para Tácito as ênfases nos valores acima mudam, aumentam, diminuem ou são substituídas por outras no decorrer das épocas e ao sabor das circunstâncias. É portanto exatamente essa dinâmica que mais nos interessa, pois revela não uma imutabilidade, mas uma interessante dicotomia entre o que se toma como valores perenes e o constante repensar dos mesmos no mundo romano – o que por sua vez ajuda a revelar as mudanças ocorridas nos mecanismos sociais, políticos e culturais da expansão e consolidação do Império.

Existe ainda o fato de que os quatro pontos que estudamos não são exatamente parte de um mesmo conjunto de sentido. Como vimos, *concordia*, *fides* e *pietas* são virtudes, individuais ou coletivas, mas também são divinizadas, e *mos maiorum* é um

²³⁶ Em particular no apêndice de Syme e nos comentários de CHILVER, 1979, 1985; WOODMAN; MARTIN, 1996; MARTIN; WOODMAN, 1999 e DAMON, 2003.

outro conjunto de valores, que a rigor não necessariamente exclui os enumerados acima, e que encerra uma idéia de relação no tempo, pelo que é fundamental ao tratarmos do contraponto entre essas decadências e renovações da identidade romana na historiografia.

Um aspecto particular do *mos maiorum* que nos interessa, por ser intensamente recorrente em Tito Lívio e ainda mais em Tácito, é o conjunto de virtudes que descrevem o ideal do antigo romano, simples, duro e valente, contra a degeneração de caráter proporcionada pelo contato com o mundo exterior e pela riqueza gerada pelo desenvolvimento. Esse *topos*, que já analisamos em Tito Lívio, continua em Tácito como norteador do movimento de decadência no período Júlio-Cláudio, cujo ápice se dá com a degeneração absoluta de Nero em todos os planos, e gera em última instância o caos da guerra civil nas *Histórias*. Pode-se fazer um recorte específico das características mais importantes do *mos maiorum* para esse problema, que é a oposição, por exemplo, entre as virtudes da *parsimonia*, da *dignitas* e da *severitas*, da *frugalitas*, da *disciplina* no aspecto militar e da *pudicitia* - equivalente feminino da conduta ideal do *vir* - e entre suas degenerações, provocadas e alimentadas pelo novo estado das coisas.

Em termos metodológicos, já mencionamos como os estudos que versam sobre as virtudes romanas nas fontes geralmente fazem um levantamento minucioso da recorrência direta dos termos latinos²³⁷. No caso de Tácito, porém, tal solução se torna muito menos precisa do que em Tito Lívio, quase impossível para alguns dos termos. Ele é reconhecidamente um autor difícil, talvez o mais complexo na prosa latina, com um discurso muitas vezes propositalmente truncado e indireto, permeado por ironias e constantemente mais explícito no que não fala do que no que fala (O'GORMAN, 2000; PLASS, 1988). Um breve levantamento das instâncias do texto de Tácito onde aparecem

²³⁷ SYME, 1958, p. 711-745 (seção F do apêndice) e MOORE, 1986 são alguns dos exemplos com os quais trabalhamos.

literalmente os termos analisados já é suficiente para revelar como tal procedimento metodológico é falho e incompleto para compreender o autor, dadas as suas características estilísticas:

	<i>Agricola</i>	<i>Germania</i>	<i>Dialogus</i>	<i>Histórias</i>	<i>Anais</i>
CONCORDIA*	3	-	2	14 (1)	7 (1)
DISCORDIA	3	2	2	42	33
FIDES	6	8	4	85	80
PERFIDIA	-	-	-	20	10
PIETAS	3	-	-	8	10
IMPIETAS	-	-	-	-	1
MOS MAIORUM	4	-	1	7	14
PARSIMONIA	1	-	-	2	8
SEVERITAS	2	1	5	7	21
DISCIPLINA	2	3	7	16	10

* Os números entre parênteses são instâncias do termo *concors*.

Como podemos analisar na tabela²³⁸, algumas das conclusões a serem apresentadas abaixo já podem ser inferidas, como por exemplo a diminuição brutal da importância da *concordia* em detrimento da sua inversão, sinal de que os tempos para Tácito estão de fato alterados na sua ordem desejável. Porém, o mesmo não pode ser dito da diferença de ocorrências entre *fides* e seu oposto, a *perfidia* – com uma diferença que, apenas lida pelos números, jamais significaria que o período Júlio-Cláudio e a guerra civil de 69 d.C. tivessem sido marcados pela falta de lealdade legítima. Nos *Anais*, é constante a traição na corte, a falsidade e a adulação, e nas *Histórias* há diversos exemplos de inconstância das alianças militares e falta de lealdade entre os comandantes e as legiões. Como veremos adiante, ocorrem também diversos e importantes momentos onde a *impietas* marca as ações dos personagens, alcançando seu pior grau com Nero, mas Tácito se esquia de citar a palavra diretamente. No caso

²³⁸ Levantamento feito através das ferramentas do Perseus Digital Library, <<http://www.perseus.tufts.edu>>.

do *mos maiorum*, mesmo que tenhamos feito um breve recorte, fica também evidente que as características que o compõem são muito menos apresentadas através de sua menção literal do que das ações que as exemplificam.

Sendo assim, a análise das instâncias relevantes ao nosso tema só pode ser feita mediante uma leitura que abarque o contexto mais abrangente dos pontos e ênfases de Tácito, não apenas pelo levantamento dos termos utilizados de forma literal. Os *exempla*, virtuosos ou degenerados, são também suficientes para o autor no que pretendem ensinar aos leitores, na medida em que os conceitos ilustrados já se pressupõem, portanto, na maioria das vezes, como interiorizados pela audiência.

2.1. Da *concordia* à *moderatio*

Vimos em Tito Lívio que a *concordia* é o elemento fundamental para a solidificação da República romana, através do balanço de relações de poder entre as “ordens” ²³⁹ – a *concordia ordinum*. É na primeira pêntade que essa importância está expressa de maneira mais literal, e a *concordia* geralmente se apresenta como uma relação entre grupos - como no caso da solução dos conflitos entre patrícios e plebeus – ou indivíduos que terminará por permitir o fortalecimento do poder romano e a expansão territorial após a reconstrução da cidade, no livro VI. Ainda que mais adiante Tito Lívio não mencione tanto o termo de forma literal nas relações, cada vez mais individualizadas, de harmonia entre as partes, a idéia de que a *concordia* é fundamental para o equilíbrio social continua subjacente – mesmo porque fica claro que a *discordia*

²³⁹ O termo hoje é controverso na historiografia, mas escolhemos mencioná-lo entre aspas utilizando uma tradução literal para remeter ao seu uso pelos próprios autores antigos.

apenas poderia enfraquecer os laços que compunham as forças políticas da República e deveria ser evitada a todo custo pelos cidadãos.

Com o principado, a mecânica dessas relações muda radicalmente, por conta da introdução do personagem que irá mudar e determinar todo o arranjo das forças de poder no Império. A supremacia da figura do imperador, que com Augusto é resultado de um projeto excepcional, consolida-se com Tibério e os imperadores seguintes de forma ainda imprecisa em alguns aspectos, mas constrói imediatamente um novo conjunto de relações políticas, pelo que não mais podemos falar na mesma *concordia ordinum* da República. A *concordia* agora se torna um atributo não mais da relação entre as “ordens”; continua significando harmonia entre duas partes, mas da atuação do imperador perante seus inferiores e destes perante ele.

Seria ainda adequado, portanto, entender essa relação como *concordia* propriamente dita? Essa não é mais a mesma idéia que Tito Lívio nos apresenta, e podemos ver aqui um bom indício da mudança de tal conceito. Apesar da expressiva mudança do seu significado, nominalmente o estado das coisas não muda tanto assim. O culto à deusa Concordia continua, e basta lembrar como as representações de sua figura são comuns em vários tipos de relevos e outras representações figurativas no decorrer do Império, bem como sua presença nas moedas (RUFUS FEARS, 1981; LEVICK, 1982; WALLACE-HADRILL, 1991; HOWGEGO; HEUCHERT; BURNETT, 2005), para vermos que não ocorre para os romanos um esvaziamento de sentido, mas sim uma reinvenção do significado da *concordia* sob a influência do imperador.

A concordia entre as “ordens” dá espaço para as relações equilibradas, ou que pelo menos idealmente o deveriam ser, entre imperador, Senado, eqüestres e povo. Como tudo isso se dá em torno de um só indivíduo, o equilíbrio de forças acontece agora dentro do sutil e pantanoso terreno das relações pessoais dentro da elite e da corte

imperial. Nesse sentido, propomos que a *concordia* passa a dar lugar, em termos práticos, à importância da *moderatio* na atitude perante o imperador, o que aparece não explicitamente no período de exceção da guerra civil nas *Histórias*, mas sim na estabilidade durante os Júlio-Cláudios e Flávios. Ter uma relação harmônica com o imperador significa servir à *res publica*, sabendo também lidar com as idiossincrasias do governante, sem no entanto cair na adulação desmedida. Esse é um dos pontos nevrálgicos do pensamento de Tácito, que se reflete na sua caracterização de personagens como Germânico, Trásea, Corbulão, entre outros diversos comandantes e senadores – estes todos, no entanto, falhos de uma forma ou outra no sucesso do equilíbrio. O grande e perfeito exemplo dessa *moderatio* é apenas Agrícola, e a passagem na *laudatio* final sumariza seu caráter e sua relação com o imperador:

"De fato, é um princípio da natureza odiar quem tens prejudicado, mas mesmo assim Domiciano, de temperamento colérico, e quanto mais reservado, mais implacável, foi pacificado pela moderação e a prudência de Agrícola, posto que nem a obstinação nem a vã ostentação de liberdade provocaram sua fama e seu destino. Saibam todos os que têm por hábito admirar apenas o que é ilícito, que é possível ser um grande homem até mesmo sob maus imperadores, e que a submissão e a moderação, se presentes com ação e vigor, alcançam a glória que muitos obtêm por caminhos perigosos, porém inúteis para a república e coroados por uma morte ostentadora."²⁴⁰

²⁴⁰ *Agricola*, 42.4: "*Domitiani vero natura praeceps in iram, et quo obscurior, eo inrevocabili, moderatione tamen prudentiaque Agricolae leniebatur, quia non contumacia neque inani iactatione libertatis famam fatumque provocabat. sciant, quibus moris est illicita mirari, posse etiam sub malis principibus magnos viros esse, obsequiumque ac modestiam, si industria ac vigor adsint, eo laudis excedere, quo plerique per abrupta, sed in nullum rei publicae usum ambitiosa morte inclaruerunt.*". Como também observa Liebeschuetz (1966, p. 127): "*The qualities of Agricola so much emphasized by Tacitus can be summed up as deliberate and consistent shunning of the limelight, with consequent avoidance of envy and enmity on the part of superiors, inferiors, and most of all the emperor himself*". *Obsequium* e *modestia* são duas das qualificações da *moderatio* do general, que também pode ser verificada através da descrição de sua formação militar e atuação no exército, influenciado pelo também moderado Suetônio Paulino - em *Agr.* 5.

Mas não apenas a *moderatio* é enfatizada por Tácito para caracterizar o período Júlio-Cláudio e o ano dos quatro imperadores. O que paradoxalmente ocorre, na verdade, é em boa parte o contrário, pois o que temos de mais característico no autor são justamente exemplos da ausência de equilíbrio em todos os níveis de relações - seja pela falta de conhecimento do melhor caminho a ser seguido, no caso especial do imperador, seja pela adulação resultante não apenas do medo mas também da cupidez da elite. Tal idéia é formulada por Tácito no início das *Histórias*, já no primeiro parágrafo, especificamente sobre os historiadores anteriores a ele, mas também como reflexo de uma atitude geral: "a verdade foi deturpada por muitas razões: primeiro, por ignorância e falta de envolvimento nos negócios da República; depois, pela apaixonada adulação, ou mesmo pelo ódio à tirania."²⁴¹ Tácito também dá bastante destaque ao conceito diametralmente oposto da *concordia*, a *discordia*, geralmente nos momentos em que o Estado romano está subordinado mais aos interesses individuais do que aos coletivos. Isso ocorre em especial nas *Histórias*, por causa da guerra civil, mas também nos *Anais*.

É nas *Histórias* que vemos com mais clareza a mecânica das relações que determinam o sentido de *concordia* no mundo que Tácito retrata. Sendo a *concordia* o atributo das relações harmoniosas, seu corolário é a associação com a paz, e conseqüentemente a *discordia* é a característica da guerra - não de qualquer tipo de guerra, mas da mais danosa para o estado, a guerra civil²⁴². Se temos que a idéia de que a *discordia* é a antítese da colaboração coletiva, pela preponderância dos interesses pessoais, logo a guerra civil representa a situação onde estes mais se exprimem, provocando o desequilíbrio em todos os planos: nas relações entre o Senado e o imperador, nos interesses do povo romano e das cidades envolvidas nos cenários da

²⁴¹ *Histórias*, 1.1: "*simul veritas pluribus modis infracta, primum inscitia rei publicae ut alienae, mox libidine adsentandi aut rursus odio adversus dominantis*".

²⁴² Sobre a visão taciteana da *pax*, LARUCCIA, 1975. Cf. RAAFLAUB, 2007.

guerra, e entre magistrados, comandantes, exército, ou mesmo no relacionamento entre os próprios soldados dentro das legiões.

Tácito faz essas associações claramente, por diversas vezes – instâncias onde o uso dos termos é de fato literal. Nas *Histórias*, já o primeiro livro contém referências claras à associação *concordia/pax* e *discordia/bellum*, revelando o estado caótico das coisas na cidade de Roma, com a conspiração otoniana para assassinar Galba, mas também imediatamente com a movimentação das tropas de Vitélio na Germânia.

Em I, 51, Tácito descreve o início da rebelião das tropas na Germânia, que irão se associar a Vitélio. Essas são as legiões que lutaram contra Júlio Víndice, quando este se rebelou contra Nero, e suas vitórias, a certeza de sua força e a sede de riquezas com os saques, os levam a considerar, por extensão, também as tropas da Gália como um inimigo a ser conquistado: "Então as legiões, antes concentradas contra Víndice, e tendo aprendido a medir suas forças com a Gália, começaram a procurar mais combates e novas discórdias; chamavam os provinciais não de aliados, como antigamente, mas de inimigos e vencidos."²⁴³ A disciplina, portanto, dá lugar à *cupiditas*, que provoca o desequilíbrio das relações entre as partes no exército, e portanto a *discordia* - como Tácito explica anteriormente, no mesmo parágrafo: "a disciplina, que na paz é inflexível, é relaxada na discórdia civil, quando em ambos os lados se encontra a corrupção e a perfídia impune."²⁴⁴

Mais adiante, as tropas de Vitélio, acompanhando o clima de degeneração total e o cúmulo da indignidade que é a figura desse imperador para Tácito, são sempre caracterizadas como as dos mais torpes generais, Valente e Cecina - este último, ainda por cima, um futuro traidor. Sendo assim, é por isso que encontramos no autor a

²⁴³ "tum adversus Vindicem contractae legiones, seque et Gallias expertae, quaerere rursus arma novasque discordias; nec socios, ut olim, sed hostis et victos vocabant".

²⁴⁴ "disciplinae, quam in pace inexorabilem discordiae civium resolvunt, paratis utrimque corruptoribus et perfidia impunita".

inversão dos valores ideais e desejados, a *concordia* e a *pax*, nas atitudes dessas legiões, numa das *sententiae* mais típicas do seu estilo literário: "é mais fácil para os maus encontrar consenso na guerra do que concórdia na paz."²⁴⁵

A 4^a e a 18^a legiões, antes leais a Galba, resolvem rapidamente derrubar suas estátuas e fazer de Vitélio o novo imperador, exatamente como a prova do *arcanum imperii* que Tácito menciona no prefácio - o segredo que um imperador podia ser feito fora de Roma, ou seja, proclamado pelos exércitos das províncias.²⁴⁶ Vitélio manda anunciar então que a paz e a concórdia só seriam alcançadas caso as outras tropas também se aliassem a ele²⁴⁷. Em Roma, no entanto, a situação não era muito diferente, e os pretorianos mediam forças com Oto para satisfazer seus interesses pessoais, sua avidez por dinheiro, butim e poder, através da indicação pelos próprios soldados dos prefeitos do pretório. Também aparece aqui a idéia de que essa situação gera a *discordia*, e acirra os ânimos no agravamento da guerra civil: "lançaram-se às sedições, às discórdias e, no extremo, à guerra civil."²⁴⁸

A paz e a concórdia, que deveriam estar lado a lado, passam então a ser apenas nomes vazios de significado. Cecina atravessa os Alpes, quase passando por um general eficiente, pois parece esconder sua crueldade e sua depravação, *saevitia ac licentia*, mas deixa os locais indignados com sua *superbia* - com sua roupa extravagante e com o exagero na atitude de sua mulher, que também cavalga e ainda usa a púrpura. Tentando ganhar a lealdade das tropas de Oto, Cecina clama por *pax et concordia*, termos impressionantes mas sem verdadeiro sentido²⁴⁹. A discórdia é uma constante entre Cecina e

²⁴⁵ *Hist.*, I, 54: "*faciliore inter malos consensu ad bellum quam in pace ad concordiam*". Sobre as *sententiae* de Tácito, baseadas em Quintiliano, e esta em particular, ver DAMON, 2003, p. 15-16.

²⁴⁶ *Hist.*, I, 4. Cf. MORFORD, 1989, p. 1588.

²⁴⁷ *Hist.*, I, 56.

²⁴⁸ *Hist.*, I, 46: "*ad seditiones et discordias et ad extremum bella civilia ruebant*".

²⁴⁹ *Hist.*, II, 20: "*speciosis et inritis nominibus iactata sunt*". Mais duas instâncias do uso conjunto dos termos *pax* e *concordia* estão adiante, em III, 70 e 80.

Valente, e os dois travam uma disputa particular por poder que terminará por enfraquecer a coesão dos vitelianos.

Se temos que para Tito Lívio a *concordia* é o cimento basilar da estabilidade e da força do povo romano, para Tácito a ênfase agora se dá na mesma idéia, só que pela sua inversão, através da *discordia* como a razão fundamental do enfraquecimento e decadência da sociedade, resultantes da guerra civil. O parágrafo 38 do livro II, uma digressão sobre o passado romano relativa às guerras civis da República e à luta pelo poder, tem inúmeras possibilidades de leitura²⁵⁰, mas aqui já podemos ressaltar particularmente o uso da *discordia* como elemento constante da desestabilização: "a mesma ira divina, a mesma cólera humana, os mesmos motivos para o crime os levaram à discórdia"²⁵¹.

Em última instância, a *discordia* deveria ser evitada a todo custo, porque a desestabilização que ela provoca não ameaça apenas a ordem interna do Império, mas também aparece como um convite para que os outros povos considerem atacar as fronteiras e adentrar o território romano. Isso acontece, por exemplo, na revolta de Júlio Civilis: divididos entre a aliança com os romanos e suas origens gaulesas, os comandantes Júlio Tutor e Júlio Sabino se reúnem com representantes dos povos germânicos rebelados para considerar um ataque à Gália. Diz Tácito dos argumentos dos generais: "Eles declaravam que o povo romano estava no furor da discórdia, as legiões em pedaços, a Itália devastada."²⁵²

Essa idéia da fragilidade potencial dos romanos, dada uma situação de instabilidade, é crucial para Tácito, e duas das passagens mais importantes do *Germania* atestam sua preocupação. No parágrafo 33, Tácito afirma que é desejável para Roma que

²⁵⁰ Uma delas feita adiante, no tópico sobre o *mos maiorum* em Tácito.

²⁵¹ "eadem illos deum ira, eadem hominum rabies, eadem scelerum causae in discordiam egere".

²⁵² *Hist.*, IV, 55: "certatim proclamant furere discordiis populum Romanum, caesas legiones, vastatam Italiam"

os inimigos estejam sempre em estado de *discordia* entre si²⁵³, para que não unam forças e um dia venham a vencer os romanos, e no parágrafo 38 há uma breve recapitulação das rebeliões tratadas nos primeiros livros das *Histórias*, sem antes deixar de mencionar outras vezes em que os germanos foram vitoriosos e subjugaram os romanos²⁵⁴.

A *concordia* aparece finalmente em Roma no término da guerra civil, com a vitória de Vespasiano e a conquista da capital pelas legiões de Antônio Primo e depois Licínio Muciano. A ordem das coisas vai aos poucos se estabelecendo, com a abertura do ano 70 d.C. feita pelos procedimentos tradicionais e com a designação de novos homens para os cargos de magistratura – entre eles Domiciano, como novo pretor. Ainda na espera de Vespasiano, Roma retorna enfim à paz e à concórdia: "todos os elementos de confusão foram removidos e a cidade retomou seu aspecto normal, suas leis e as funções das magistraturas."²⁵⁵

Nas *Histórias*, a atitude do povo é emblemática para exemplificar o caos da guerra civil, gerado pelo descompromisso total com o interesse coletivo. O povo, sempre um elemento genérico em Tácito (HERRERO, 1960; YAVETZ, 1988), está apenas interessado em sua satisfação individual, no prazer inconseqüente que compara os combates entre facções nas ruas com as lutas no circo²⁵⁶. Os sucessivos imperadores procuram ganhar o apoio desse povo, mas Tácito o vê como tão leviano que esse mesmo apoio também fica sem sentido. Por exemplo, Oto (PERKINS, 1993), tentando se

²⁵³ *Germania*, 33: "Oxalá permaneça e endureça entre os povos, se não o amor por nós, pelo menos o ódio entre si, pois enquanto urge o destino do império, a fortuna não pode nos dar nada melhor do que a discórdia entre nossos inimigos." "*Maneat, quaeso, duretque gentibus, si non amor nostri, at certe odium sui, quando urgentibus imperii fatibus nihil iam praestare fortuna maius potest quam hostium discordiam.*" Para o difícil significado desta passagem obscura, vide discussão e bibliografia em RIVES, 1999, p. 258-260, cf. BENARIO, 1968.

²⁵⁴ Como durante a República, ou na aniquilação das três legiões de Quintílio Varo, general de Augusto.

²⁵⁵ *Hist.*, IV, 39: "*sic egesto quidquid turbidum redit urbi sua forma legesque et munia magistratuum.*"

²⁵⁶ Na luta entre os partidários de Galba e de Oto, em I, 32, ou durante a destruição do Capitólio, quando o povo também assiste os combates entre os vitelianos e as tropas de Vespasiano, III, 80.

consolidar no poder, convoca uma assembléia em Roma²⁵⁷, a qual a princípio parece resgatar a dignidade do Senado e do povo romano (*"consensum populi ac senatus"*), mas que termina por nada significar, porque os interesses individuais da multidão anulam a validade da assembléia como instância decisória de caráter coletivo – o que, mesmo assim, já não seria mais realidade por conta do comando do imperador:

"O clamor e as vozes do povo seguiram o costume da adulação, excessivos e falsos; era como se seguissem o ditador Júlio César ou o imperador Augusto, e rivalizavam entre si em seu entusiasmo e bons votos. Agiam não por medo ou amor, mas pelo ardor da servidão: como se fosse em uma casa, cada um com seus estímulos privados, a decência pública de nada valendo."²⁵⁸

Com Vitélio, a mesma situação, num *crescendo* de irrelevância das atitudes que reflete a indignidade total de sua figura. A "assembléia" convocada por Vitélio é apenas um pretexto para a sua ostentação pessoal, e o povo, já acostumado com a adulação, aplaude e apóia qualquer coisa que se ofereça a ele²⁵⁹.

Como resultado de toda essa situação, depois da vitória final das tropas de Vespasiano, a cidade de Roma se torna também, como Tácito abre o livro IV, uma espécie de cidade capturada. A *discordia* ainda grassa por todos os cantos, justamente porque é o atributo de uma sociedade onde o interesse individual predomina sempre, e a ambição desmedida se reflete nos saques, assassinatos, traições e demais atos perpetrados tanto por militares quanto por civis.

O Senado é um elemento praticamente irrelevante nos três primeiros livros das *Histórias*, e volta a aparecer ativamente apenas no livro IV, com as disputas como a de

²⁵⁷ *Hist.*, I, 90.

²⁵⁸ *Ibid.*: "*clamor vocesque vulgi ex more adulandi nimiae et falsae: quasi dictatorem Caesarem aut imperatorem Augustum prosequerentur, ita studiis votisque certabant, nec metu aut amore, sed ex libidine servitii: ut in familiis, privata cuique stimulatio, et vile iam decus publicum*".

²⁵⁹ *Hist.*, II, 90.

Helvídio Prisco contra Éprio Marcelo. Nas poucas vezes em que é rapidamente mencionado no texto até então, o Senado é retratado por Tácito como uma massa amorfa – nesse sentido análoga ao povo (HERRERO, 1960; YAVETZ, 1988)²⁶⁰ – que apóia incondicionalmente os sucessivos imperadores, acostumado também ao medo e à adulação, e portanto cujo apoio também cai no vazio. Mais uma vez, a razão para isso está na predominância dos interesses privados, como no breve comentário em I, 19, onde os senadores, os que aprovam a adoção do novo César, os que se opõem e os indiferentes, estão todos mais "ocupados com seus objetivos particulares, sem interesse pelo que é público."²⁶¹

Alguns poucos exemplos de legítima *concordia* nas *Histórias* podem ser encontrados nas relações harmoniosas e bem-sucedidas entre Vespasiano e seus partidários, que retoricamente antecipam o resultado da guerra e justificam, em última instância, o sucesso do último dos imperadores de 69 d.C. Tácito monta um contraste bastante claro entre a *concordia* nas relações entre Vespasiano e seus generais e a *discordia* das tropas vitelianas comandadas por Valente e Cecina. Ainda que Antônio Primo não seja um exemplo de virtude²⁶², é com Licínio Muciano e especialmente pelas intervenções pontuais de Tito, a “delícia do gênero humano”²⁶³, que o comando de Vespasiano se mostra a salvação para Roma. Em II, 5, Tito é responsável pela conciliação entre os antes inimigos Vespasiano e Muciano, respectivamente governadores da Judéia e Síria, após a queda de Nero. Vespasiano, o soldado por excelência, duro e corajoso, mas também simples e frugal²⁶⁴, contrasta visivelmente como o sofisticado Muciano, melhor orador, mais rico, porém com mais vícios (BENARIO, 1972). Feita a aliança, esta se torna

²⁶⁰ Já que os exércitos e seus generais são os grandes atores dos acontecimentos.

²⁶¹ “*privatas spes agitantes sine publica cura.*”

²⁶² Cf. *Hist.*, II, 86.

²⁶³ É literalmente o que diz Suetônio, *Tito*, 1: “*amor ac deliciae generis humani*”. Para uma introdução a Tito, JONES, 1984.

²⁶⁴ Cf. *Anais*, III, 55.

uma combinação imbatível, demonstrando assim a importância da *concordia* e da união em busca do bem comum.

Nos *Anais*, por retratarem um período de paz interna, a situação é bastante diferente das *Histórias*. Em primeiro lugar, Tácito abre sua segunda obra histórica reafirmando a associação que já vimos entre *discordia* e guerra civil, quando no prefácio resume brevemente a história de Roma até Augusto. Este conquistou um império já cansado da guerra, e assume o poder trazendo a paz, mas também o domínio de um só homem²⁶⁵. Na digressão feita em III, 27-28, sobre a origem da legislação romana, a idéia aparece novamente: com a queda da monarquia e o fim da tirania de Tarquínio, o Soberbo, o povo, liderado por Lúcio Bruto e pelos senadores, instaura a República e estabelece a liberdade e a concórdia²⁶⁶. Tal estado das coisas, porém, irá durar apenas até a Lei das Doze Tábuas, pois a partir de então as disputas entre os lados (*"dissensione ordinum"*) e, de novo, o predomínio dos interesses particulares ante o bem comum passam a dominar cada vez mais a sociedade - como também já vimos na análise da *concordia* em Tito Lívio, num movimento que levará aos longos anos da guerra civil republicana. O desenvolvimento da lei apenas reflete essa situação, pois o aumento das normas e proibições reflete a desmedida e a *discordia*: "E agora as leis eram promulgadas não para a comunidade, mas para os interesses pessoais. Na mais corrupta república, maior era o número de leis."²⁶⁷

Assim como analisado acima nas *Histórias*, o papel do povo nos *Anais* também reflete sua pouca importância política para Tácito. Sabemos por I, 15, numa referência

²⁶⁵ *Ann*, I, 1.

²⁶⁶ "Depois da expulsão de Tarquínio, para conter as ambições dos senadores, a comunidade criou uma série de medidas visando a proteção da liberdade e o estabelecimento da concórdia." " *Pulso Tarquinio adversum patrum factiones multa populus paravit tuendae libertatis et firmandae concordiae...*" Sobre a importância de Lúcio Bruto na memória romana e na historiografia, ver WISEMAN, 2003.

²⁶⁷ *Anais*, III, 28: "*iamque non modo in commune sed in singulos homines latae quaestiones, et corruptissima re publica plurimae leges*".

quase *en passant*, que sob Tibério finalmente é extinta a Assembléia Popular. Mesmo que essa instituição já não tivesse mais uma força política muito grande²⁶⁸, é um passo determinante para que o povo passe a um papel absolutamente secundário. São poucas, portanto, as referências de Tácito à ação do povo quanto à *concordia* ou *discordia* no período Júlio-Cláudio. Alguns dos escassos exemplos dignos de nota são as reações populares em torno das apresentações públicas de Nero como artista, que escandalizam Tácito sobremaneira, mas também revelam uma adesão maciça da *plebs* urbana²⁶⁹. É importante notar que tais reações também antecipam as analogias que encontramos nas *Histórias* sobre a atitude de espectadores nos combates tomada pelo povo na Roma sob a guerra civil de 69 d.C., numa continuidade lógica com o desregramento total da cidade e a inversão dos valores romanos que Nero leva, para Tácito, às últimas instâncias.

Se nas *Histórias* o grande grupo mais destacado é o exército, nos *Anais* as elites, notadamente o Senado, são o determinador principal da *concordia* ou da *discordia*, internamente ou em relação ao imperador. Nos livros sobre Cláudio, mais focados nas intrigas da corte e de suas mulheres, não vemos tanto o papel do Senado, dos magistrados e dos equestres. Porém, sob Tibério e Nero há diversas instâncias em que Tácito qualifica a relação entre tais grupos e o imperador, constantemente pautada pela covardia, pela adulação e também pela preponderância dos interesses pessoais – basicamente, a sobrevivência política – em detrimento do bem comum.

Diversas leituras têm sido propostas na bibliografia sobre Tácito sobre a dinâmica de poder entre o imperador e as elites, destacando-se por exemplo a proposta do extenso levantamento prosopográfico de Syme (1958; cf. JOLY, 2004). Ainda hoje, porém, tais estudos são em grande parte focados na análise individualizada da atitude

²⁶⁸ Ver MILLAR, 1992, p. 302, 368-375.

²⁶⁹ Nos *Juvenalia* (59), nas duas edições do *Neronia* (60 e 65) e na “estréia” pública de Nero como cantor profissional em Nápoles (64 – todas as datas d.C.). Para uma análise dessas passagens e do significado do apoio popular a Nero, ver MARQUES, 1999.

dos governantes perante seus súditos²⁷⁰. Alguns trabalhos também focalizam determinados aspectos pontuais do texto - a leitura do caráter de Tibério (SHOTTER, 1988), em especial, se pauta em boa parte pela caracterização taciteana seu desprezo e de sua atitude *blasé* em relação a membros do Senado²⁷¹, na sua totalidade, ou nos casos que surgem sobre a aplicação da *lex maiestatis* (WALKER, 1960, p. 20-22).

É fato que Tácito destaca desde o início dos *Anais* a relação “servil” dos senadores e demais membros da elite perante Tibério:

"Em Roma, os cônsules, senadores e eqüestres lançavam-se à servidão; quanto mais ilustres, maiores eram sua precipitação e insinceridade, para não deixar transparecer felicidade excessiva pela morte do imperador nem tristeza pela ascensão de outro. As lágrimas e sorrisos misturavam-se com adulação e lamentações."²⁷²

O imperador demonstra constantemente seu desdém perante essa atitude, mas Tácito nunca deixa de enfatizar que o significado da postura de Tibério é sempre ambíguo, dissimulado e misterioso:

"Mesmo em coisas que não escondia, Tibério sempre tinha palavras obscuras e hesitantes, por natureza ou por hábito. E agora que ele estava se esforçando para esconder completamente os seus sentimentos, eles estavam ainda mais envolvidos em incerteza e ambigüidade."²⁷³

²⁷⁰ Nos manuais britânicos, por exemplo, como biografias de imperadores – LEVICK, 1999; JONES, 1984; 1992; SOUTHERN, 1997; BENNETT, 1997 - e livros mais gerais sobre Tácito.

²⁷¹ Como na menção à história de que Tibério costumava sair do Senado dizendo que os senadores eram "homens adequados para a escravidão": "*o homines ad servitutem paratos!*". *Anais*, III, 65.

²⁷² *Anais*, I, 7: "*At Romae ruere in servitium consules, patres, eques. quanto quis inlustrior, tanto magis falsi a festinantes, vultuque composito, ne laeti excessu principis neu tristiores primordio, lacrimas gaudium, questus adulationem miscebant*".

²⁷³ *Anais*, I, 11: "*Tiberioque etiam in rebus quas non occuleret, seu natura sive adsuetudine, suspensa semper et obscura verba: tunc vero nitenti ut sensus suos penitus abderet, in incertum et ambiguum magis implicabantur*." Cf. I, 81, para mais um exemplo da atitude críptica do imperador.

São diversos os exemplos onde essa situação ocorre no autor, e podemos citar uma delas como exemplo para mostrar exatamente o caráter de aparência da normalidade e continuidade das instituições republicanas em contraste com o domínio implícito de Tibério, a incerteza do Senado em lidar com essa nova situação e a escolha da maioria dos senadores por uma *adulatio* servil. Em II, 35, Tácito menciona um debate no senado entre Cneu Pisão e Asínio Galo, em que o primeiro sugere que a ausência do imperador nas sessões era uma razão a mais para que essas fossem realizadas, para assim se dar continuidade ao *status* de independência das instituições republicanas. Asínio Galo, "antecipado por Pisão numa aparência de liberdade", propõe o contrário, alegando que "nada seria ilustre o suficiente e adequado à dignidade do povo romano se não fosse feito na presença e sob os olhos de César"²⁷⁴. Note-se o comentário de Tácito a respeito da liberdade senatorial (*speciem libertatis*), diretamente contrastada com a reação de Tibério a todo o debate. O imperador, como de costume, não interfere na discussão, o que, para Tácito, é apenas uma forma de se manter essa aparência, na verdade falsa, de autonomia do Senado.

A morte de Druso, filho de Germânico, e a ascensão definitiva de Sejano, tendo completo controle sobre o imperador, é tomada por Tácito como o ponto de mudança final para o governo de Tibério. Se antes essa aparência de normalidade das instituições prevalecia, com o prestígio aparentemente intocado dos cônsules e dos magistrados e o imperador se submetendo aos procedimentos legais de praxe²⁷⁵, agora a influência de Sejano, combinada com o isolamento definitivo de Tibério em Capri, transforma a *concordia*, ainda que antes para Tácito mais aparente do que real, em *adulatio* e submissão completa, preponderando o medo e as perseguições.

²⁷⁴ "quia speciem libertatis Piso praeceperat, nihil satis inlustre aut ex dignitate populi Romani nisi coram et sub oculis Caesaris."

²⁷⁵ *Anais* IV, 6, onde Tácito se utiliza de um artifício retórico destinado a enfatizar o estado de exceção de uma situação que deveria ser natural, mas não mais o é.

Na digressão onde Tácito reclama da pequenez dos assuntos que trata, em IV, 32 (MARTIN; WOODMAN, 1989, p. 169-172), vemos mais uma admissão desse fato, quando ele compara as narrativas antigas com seu objeto. Juntamente com as edificantes histórias de guerras e conquistas romanas, os assuntos domésticos também eram muito mais dignos e importantes: "mesmo quando os assuntos domésticos eram o tema, relatavam-se livremente digressões sobre as discórdias entre cônsules e tribunos, as leis agrárias e frumentárias e as disputas entre plebeus e patrícios"²⁷⁶. Se a menção às discórdias antigas é ressaltada positivamente, isso nada mais significa, por oposição, que o terrível estado das coisas sob a perniciosa influência de Sejano remove até mesmo a discórdia das relações sociais e políticas, restando apenas a *adulatio* e o medo.

Porém, não é apenas o fator Sejano que determina essa nova situação. Os próprios senadores acabam sendo responsáveis por ela, e também o imperador, através do ressurgimento e posterior agravamento dos casos de perseguição motivados pela *lex maiestatis*. Já no início do principado de Tibério, e mesmo antes, de forma ainda incipiente, sob Augusto, começam as acusações e julgamentos dos suspeitos de traição, por difamação pública ou privada do imperador. Tácito apresenta a *lex maiestatis* num momento retoricamente estratégico, no mesmo parágrafo em que cita a atitude pretensamente modesta de Tibério ao rejeitar o título de *pater patriae* e negar a moção, já aprovada pelo Senado, de obediência a seus decretos.

A partir de agora, porém, inúmeros casos, como o da condenação do historiador Cremúcio Cordo²⁷⁷, mostram a completa perversão da lei, que passou da defesa da estabilidade na República, da *concordia ordinum* propriamente dita, para a proteção do

²⁷⁶ "aut si quando ad interna praeverterent, discordias consulum adversum tribunos, agrarias frumentariasque leges, plebis et optimatum certamina libero egressu memorabant"

²⁷⁷ *Anais*, IV, 34-35. Cf. MARTIN; WOODMAN, 1999, p. 176-186.

poder do imperador, e, por tabela, para o benefício particular dos acusadores - que adquiriam prestígio na corte e não raro recebiam uma parte dos bens do acusado.

Seguem-se nos próximos livros dos *Anais*, em especial o último de Tibério e depois sob Nero, diversos casos onde Tácito demonstra sua estupefação ante o uso contínuo e crescente das acusações de *maiestas*, diversas vezes levianas e claramente levadas a cabo unicamente pela busca de benefícios pessoais para os acusadores (HENDERSON, 1998, p. 275). Podemos questionar o uso retórico que Tácito faz dessas situações, pois na verdade não foram tantos os processos, dado o tamanho real da elite da cidade de Roma (WALKER, 1960, p. 83). Entretanto, interessa-nos menos a comprovação dos fatos em si, em contraste com os objetivos do historiador, do que justamente a importância contida na ênfase que ele dá a tais processos, pois isso revela o grande destaque dado à inversão de valores para Tácito durante o período Júlio-Cláudio. A *concordia* “verdadeira”, a antiga *concordia ordinum* que encontramos em Tito Lívio, não mais existe²⁷⁸, tendo sido substituída não pelo seu oposto direto, como na situação escancarada da guerra civil nas *Histórias*, mas sim pela ausência completa de um papel autônomo no Senado. A *adulatio* é a saída mais condenável e também mais comum²⁷⁹, e portanto a única saída digna e possível é a *moderatio*, rara entre os personagens taciteanos – podemos apontar como exemplo absoluto, como vimos, apenas seu sogro Agrícola²⁸⁰.

²⁷⁸ "La conception biologique de Tacite insiste sur la nécessité du principatus, conséquence de l'étendue de l'imperium. C'est là que son approche constitue une nouveauté par rapport à Cicéron et à Salluste, qui croyaient que l'on pouvait remédier à la décomposition de l'organisme de la res publica par le rétablissement de l'ancienne concordia républicaine." HAVAS, 1991, p. 2985.

²⁷⁹ Cf. MARTIN, 1990, p. 1531, em um dos estudos que fazem esse mesmo paralelo: "As book 1 has ended with the contrast between libertatis imago and impending servitium, so book 2 seems about to end with a contrast between libertas and adulatio, the inseparable concomitant of servitium."

²⁸⁰ Cf. CIZEK, 1983, p. 243, que vê um renascimento da *concordia ordinum* na política de Trajano.

2.2. A *fides* e o papel do exército

Dois planos diferentes de *fides* foram delineados em Tito Lívio, relacionados à natureza de cada uma das duas partes envolvidas. Um deles seria entre o indivíduo e o Estado, e o outro entre Roma e seus aliados. Em Tácito podemos desenvolver um pouco mais essa categorização, subdividindo a primeira categoria em duas, pois no autor as diferenças entre elas se tornam bastante claras. Por um lado, a frequência de menções à *fides* entre o indivíduo e o Estado cede lugar ao relacionamento particularizado entre dois indivíduos, em muitos casos refletindo a transformação do relacionamento dos cidadãos com o Estado republicano para o relacionamento com a pessoa do imperador. Por outro lado, a idéia de *fides exercituum* (FROMCHUCK, 1972) adquire grande importância, especialmente nas *Histórias*, pois se torna fundamental a lealdade das legiões aos seus comandantes e aos imperadores que apóiam durante a guerra civil. Já a relação entre Roma e seus aliados - ou inimigos - está mais presente nas narrativas sobre as províncias nos *Anais*²⁸¹, em especial quanto aos germanos e aos partos (GONÇALVES, 2005).

Tácito também utiliza diversas vezes o termo *fides* como indicador da qualidade de um relato, seja o seu próprio ou outros que ele reproduz. Já no *Agrícola* temos um exemplo desse sentido, quando Tácito critica os autores anteriores que escreveram sobre a Britânia e sugere que, diferentemente deles, seu relato será fiel²⁸².

Mas será mais adiante, no ápice retórico da obra que é o par de discursos de Calgaco e Agrícola²⁸³, que encontraremos o sentido de *fides* que nos interessa, enquanto

²⁸¹ "What is most clear about *fides* is that she is a strong bond helping to cement the diverse interests and desires of peoples coming together to form society." FROMCHUCK, 1972, p. 9.

²⁸² *Agr.*, 10. Sobre a importância da fidelidade do relato do historiador, ver MARINCOLA, 1999, p. 63-127. Outras instâncias podem ser encontradas, por exemplo, em *Hist.*, I, 22 e II, 72.

²⁸³ *Agr.*, 29-35. Para um apanhado das opiniões sobre o discurso, vide BENARIO, 1991.

qualificador das ações de dedicação absoluta ao Estado. Calgaco, o líder dos bretões, profere sob a pena de Tácito um discurso baseado na defesa da liberdade, lembrando os soldados da submissão e escravidão a que serão submetidos se perderem a batalha. No terceiro e último parágrafo de seu discurso, o argumento retórico de Tácito na voz de Calgaco se volta para uma condenação da suposta *fides* dos exércitos romanos, em especial das tropas auxiliares compostas por germanos, gauleses e também alguns bretões. No discurso, os romanos não são vitoriosos por seu próprio valor, mas apenas porque "são os nossos desentendimentos e discórdias que lhes trazem fama: o erro do inimigo se torna a glória do seu exército"²⁸⁴, o que é a mesma idéia que Tácito apresenta no *Germania* quando digressiona sobre ser o futuro do Império dependente da falta de coesão dos inimigos²⁸⁵. A razão para que esses "estrangeiros" lutem do lado romano é radicalmente distinta da razão que forma a união do exército de Calgaco, e apenas a vitória os mantém unidos. Não há nas tropas romanas, dentro do argumento de Calgaco, lealdade e afeição, *fide et adfectu*, mas "o medo e o terror são débeis vínculos de amor à pátria; quando são removidos, os que param de temer começam a odiar."²⁸⁶ Os laços de afeição que cimentariam a força e a *fides* entre os bretões são exatamente o que aqueles que lutam ao lado dos romanos não têm - o comprometimento com a família, esposas e pais, com suas casas e com a terra.

Já a resposta de Agrícola, discursando às legiões, ressalta a coragem, a bravura dos soldados e o sucesso das campanhas. Sabemos que, como recurso retórico da narrativa latina, os pares de discursos estão dispostos geralmente como sendo o primeiro do lado perdedor, e o segundo do lado vitorioso. Tácito quer narrar aqui a glória definitiva de Agrícola, e portanto seus argumentos se destinam a anular

²⁸⁴ Agr., 32: "*nostris illi dissensionibus ac discordiis clari vitia hostium in gloriam exercitus sui vertunt.*"

²⁸⁵ Vide nota 253.

²⁸⁶ Agr., 32: "*metus ac terror sunt infirma vincla caritatis; quae ubi removeris, qui timere desierint, odisse incipient.*"

completamente os pontos do discurso de Calgaco²⁸⁷. Assim, é já logo no início de sua fala que o general apresenta as razões que confirmarão a vitória no campo de batalha, antes intenção e depois fato: "Este é o sétimo ano, companheiros soldados, em que venceis na Britânia pela virtude e pelos auspícios do Império Romano, e pela vossa lealdade e iniciativa combinadas."²⁸⁸ Ou seja, a *fides* do exército romano está relacionada com a virtude e o favor divino que marcam sempre a grandeza de Roma quando há também o empenho coletivo para o bem de todos (*opera vestra*).

Nas *Histórias*, por conta do próprio clima da guerra civil, a *fides exercituum* é um dos pontos fundamentais do texto de Tácito, pois é através dela que vemos as respostas das legiões ao comando dos generais e ao sucesso ou fracasso de cada um dos imperadores. Revelado o segredo que um imperador podia ser feito fora de Roma²⁸⁹, isso significa que o poder real estava nas mãos do exército que conseguisse obter uma vitória sólida para poder comandar a capital e lá instalar o imperador de sua escolha²⁹⁰. Isso é explícito com Vitélio e Vespasiano, mas mesmo que não tenhamos o relato do fim de 68 d.C., quando Galba se instala em Roma, e já encontremos Oto na capital no início do livro I, o mesmo ocorre com estes dois. Oto procura sua base de apoio entre a guarda pretoriana, mas enfrenta a iniciativa de Pisão, o sucessor adotado por Galba²⁹¹, que discursa para a guarda do palácio alegando a indignidade de Oto e apelando para a lealdade das tropas ao imperador – ainda que esse próprio os tenha abandonado: "De

²⁸⁷ Para a discussão sobre o problema da análise do par de discursos de Calgaco/Agrícola, ver LIEBESCHUETZ, 1966; GASCOU, 1991; o capítulo de Brent D. Shaw em BOWMAN; GARNSEY; RATHBONE, 2000; CLARKE, 2001 e EVANS, 2003.

²⁸⁸ *Agr.*, 33: "*septimus annus est, commilitones, ex quo virtute et auspiciis imperii Romani, fide atque opera vestra Britanniam vicistis.*"

²⁸⁹ Como já mencionamos acima. *Hist.*, I, 4: "*evulgato imperii arcano posse principem alibi quam Romae fieri.*"

²⁹⁰ O giro que Tácito faz sobre a situação dos exércitos nas províncias, no parágrafo 9, é sintomático dos acontecimentos futuros, já que são ressaltadas as situações dos exércitos da Germânia Superior e da Germânia Inferior. A *fides exercituum*, numa situação onde os ânimos já estão acirrados, só manteria ainda a coesão entre todos os exércitos justamente porque eles estariam afastados entre si e portanto não poderiam combinar forças.

²⁹¹ Sobre o discurso de Galba adotando Pisão, em *Histórias* I, 15-16, ZÚÑIGA, 1993.

vez em quando ouvimos sobre legiões que se rebelam contra seus comandantes, mas vossa lealdade e fama até hoje permanecem inabaladas. Mesmo Nero foi quem vos abandonou, não vós a ele."²⁹² O discurso de Oto às tropas²⁹³, mortos Galba e Pisão, procura resgatar uma certa dignidade, dado porém que o estado das coisas na cidade tenha se tornado agora caótico e fora de controle. É apenas com um pagamento extra e um discurso moderado e conciliador, sem punições severas, que Oto conquista a lealdade dos pretorianos e procura acalmar os ânimos em Roma.

Isso demonstra o maior problema da *fides exercituum*, que é sua inconstância e sua mudança ao sabor das circunstâncias, as legiões movidas mais pela perspectiva de benefícios - aderindo ao lado mais forte - do que pela dedicação à República acima de tudo. Tal problema é uma constante durante a guerra civil, e Tácito já o apresenta numa *sententia* relativa ao prefeito do pretório aliado de Galba, Cornélio Laco: "Seu plano foi interrompido por uma sucessão de notícias alarmantes e pela deserção de seus partidários, tão lânguido era o zelo daqueles que foram os primeiros a ostentar sua lealdade e coragem"²⁹⁴. Essa *fides* titubeante e insincera marcará a rápida adesão das tropas aliadas a Galba a um dos dois novos lados, Oto ou Vitélio. Aliás, sobre último, Tácito constantemente apresenta o fato de que as tropas eram menos leais a ele do que aos generais que as lideravam diretamente, Valente e Cecina²⁹⁵.

Como vimos, essa inconstância da *fides exercituum* está sempre ligada à contraposição entre os interesses coletivos e particulares, o que remete ao mesmo tema subjacente à *concordia* que vimos acima. Dessa forma, citemos na íntegra o parágrafo 7

²⁹² Hist., I, 30: "*legionum seditio adversus duces suos audita est aliquando: vestra fides fama que inlaesa ad hunc diem mansit. et Nero quoque vos destituit, non vos Neronem.*"

²⁹³ Sobre os discursos das Histórias, KEITEL, 1991.

²⁹⁴ Hist., I, 39: "*et turbavere consilium trepidi nuntii ac proximorum diffugia, languentibus omnium studiis qui primo alacres fidem atque animum ostentaverant.*"

²⁹⁵ Cf. Hist., I, 52 para Valente e 53 para Cecina, bem como o rearranjo de alianças no já comentado parágrafo 56.

do livro II, sobre as motivações gerais dos exércitos, que afirma claramente essa preocupação de Tácito com o desvirtuamento da *fides*:

"Os comandantes estavam cientes do ímpeto das tropas, mas enquanto os outros lutavam, eles decidiram esperar. Numa guerra civil, tanto os vencedores quanto os vencidos nunca desenvolvem uma lealdade sólida, e não fazia diferença se a fortuna favorecesse Oto ou Vitélio. Mesmo grandes generais se tornam insolentes na prosperidade; os soldados são indisciplinados, indolentes e licenciosos, e com isso destruiriam um dos rivais na batalha, e o outro na vitória. Então eles adiaram a guerra até uma melhor oportunidade, e embora Vespasiano e Muciano tivessem recentemente decidido por lutar, outros já fizeram o mesmo antes. Os melhores homens estavam estimulados pelo amor à república, muitos pela possibilidade atraente de fortuna, outros por razões particulares e ambíguas. Assim, bons e maus, por diferentes motivos e com o mesmo entusiasmo, esperavam sedentos pela guerra."²⁹⁶

Também as rivalidades internas entre os exércitos das diferentes províncias evidenciam essa questão, já que Tácito enfatiza que elas estão ligadas a uma preocupação de glória particular das legiões, competindo entre si ao demonstrar mais força e sucesso, e nisso esquecendo do propósito elementar de sua existência como protetores da *res publica*.

Em última instância, a derrota de Oto está diretamente ligada ao problema da falta de *fides*, pois Tácito afirma que o afastamento do imperador do campo de batalha, refugiando-se no acampamento em Cremona, desmotivou e destruiu o elemento aglutinador que ligava suas tropas, tão diversas entre si, na defesa de sua causa²⁹⁷. A

²⁹⁶ "Non fallebat duces impetus militum, sed bellantibus aliis placuit expectari. bello civili victores victosque numquam solida fide coalescere, nec referre Vitellium an Othonem superstitem fortuna faceret. rebus secundis etiam egregios duces insolescere: discordia militis ignavia luxurie et suismet vitiis alterum bello, alterum victoria perituro. igitur arma in occasionem distulere, Vespasianus Mucianusque nuper, ceteri olim mixtis consiliis; optimus quisque amore rei publicae, multos dulcedo praedarum stimulabat, alios ambiguae domi res: ita boni malique causis diversis, studio pari, bellum omnes cupiebant."

²⁹⁷ *Hist.*, II, 33. Para a composição das tropas, que ia dos pretorianos a gladiadores, ver II, 11.

vitória das tropas de Vitélio, como tudo o que caracteriza esse imperador em Tácito, é também a vitória da desordem e do caos, antecipada pela atitude das tropas otonianas²⁹⁸, que destroem a Itália como se fosse campo inimigo. Nas legiões de Vitélio, comandadas por dois generais cheios de desmedida ambição, orgulho e rivais entre si, a distorção da *fides* se dá completamente após não apenas a vitória em Cremona, mas na marcha e na chegada à capital²⁹⁹. Tácito aponta o próprio Vitélio como instigador da *perfidia* e condenador da *fides*, numa inversão de valores que é constante nos períodos mais caóticos para o autor³⁰⁰. Capturados Suetônio Paulino e Licínio Próculo, generais de Oto, estes apresentam sua defesa louvando sua própria traição, no que Tácito diz: "Vitélio deu crédito à sua perfídia, e os absolveu do crime de lealdade."³⁰¹ A traição de Cecina, fechando o livro II, vem apenas a corroborar a idéia de que os mais indignos dentro da guerra civil são aqueles que se dedicam única e exclusivamente aos próprios interesses, procurando sempre estar do lado vencedor para salvar sua pele a qualquer custo³⁰².

As tropas de Vespasiano, lideradas por Antônio Primo, também a princípio não são um perfeito exemplo de *fides*, como por exemplo na revolta das legiões da Mésia, em III, 11 ("antigamente os soldados romanos competiam entre si em virtude e modéstia, mas agora o faziam em insolência e petulância"³⁰³). Também os flavianos tinham problemas com indisciplina, rivalidades internas entre as legiões, sede de butim e de destruição – vide todo o relato da destruição de Cremona e da ocupação de Roma após a

²⁹⁸ *Hist.*, II, 12.

²⁹⁹ *Hist.*, II, 92-95.

³⁰⁰ "Under Otho and Vitellius, then, *fides* is not a virtue but a crime (*crimen*) or moral failing (*obstinatio*)."
DAMON, 2006, p. 264.

³⁰¹ *Hist.*, II, 60: "*et Vitellius credidit de perfidia et fidem absolvit.*"

³⁰² Tácito aponta exatamente sua falta de *fides* para justificar a derrota dos vitelianos, em III, 9.

³⁰³ "*olim virtutis modestiaeque, tunc procacitatis et petulantiae certamen erat*".

derrota final de Vitélio, ambos frutos do descontrole total após a vitória flaviana³⁰⁴. Porém, é a *fides* entre os generais de Vespasiano que faz a diferença e determina, já desde o início, o sucesso. Tácito introduz os flavianos no cenário das *Histórias* por um importante artifício estrutural, pois termina o livro II com a vitória dos vitelianos e a ocupação de Roma, e abre o livro III com as articulações no Oriente. A primeira ênfase sobre Vespasiano é exatamente a *fides* de seus generais: "Sob melhor sorte e lealdade, os líderes dos Flávios discutiam os planos de campanha."³⁰⁵

Um elemento contrastante nesse quadro, porém, é a caracterização de Antônio Primo, o general que irá conquistar Roma em nome de Vespasiano. Apontado por Tácito como um criminoso sob Nero que conseguiu recuperar seu *status* por causa da situação caótica na guerra civil, Antônio Primo era um dos generais de Galba na Panônia e tentou passar, sem sucesso, para o lado de Oto. Ele se torna uma peça-chave do lado de Vespasiano, porém mais como um denominador útil do que digno: "opressor, pródigo, era o pior dos cidadãos na paz, mas não desdenhável na guerra."³⁰⁶ Suas tropas, como vimos, agem de maneira indisciplinada e brutal tanto em Cremona quanto em Roma, em boa parte refletindo, como Tácito quer fazer entender, o caráter de seu general.

Com tal situação, seria a princípio difícil entender por que Vespasiano foi vitorioso, já que para Tácito é inequívoca a relação entre *fides* e vitória³⁰⁷. A resposta pode ser encontrada em parte nas freqüentes menções feitas à predestinação de Vespasiano, que veremos abaixo na seção sobre *pietas*, ainda que Tácito de vez em quando ponha tais sinais em dúvida. É pela *fides* do próprio, e de seu filho Tito, que há

³⁰⁴ *Hist.*, III, 1-35 e IV, 1, respectivamente.

³⁰⁵ *Hist.*, III, 1 : "*Meliore fato fideque partium Flavianarum duces consilia belli tractabant*".

³⁰⁶ *Hist.*, II, 86: "*raptor, largitor, pace pessimus, bello non spernendus*". Sobre Antônio Primo em Roma e a degeneração de seu caráter, III, 49.

³⁰⁷ Nesse sentido, todas as situações sob os imperadores anteriores funcionam como exemplos que confirmam o sucesso de Vespasiano: "...Tacitus wanted the reader to see the parallels and contrasts, not because these events demanded inclusion. Cumulatively they constitute an explanation for the success of the Flavian beginning." DAMON 2006, p. 276.

mérito em sua vitória. Também seu irmão, Flávio Sabino, é tomado como um exemplo de dedicação ao Estado, e embora não tenha estado presente na vitória final, morto no confronto com os vitelianos no Capitólio, serve também como exemplo de *moderatio* e *iustitia* na tendência de recuperação após o fim de Vitélio³⁰⁸.

Nos *Anais* já não é tão grande a importância da *fides*, em boa parte porque a *fides exercituum* não é tão determinante para a estabilidade do Império como na guerra civil. Os exércitos aparecem nos *Anais* principalmente nas rebeliões da Panônia e Germânia no livro I, nas campanhas de Germânico, nas ações no Oriente – especialmente contra os partos, por Corbulão, e na revolta da Britânia, sob Nero³⁰⁹. É claro que devemos considerar sempre a questão das lacunas do texto, pois seria esperado se encontrar os relatos das campanhas fracassadas de Calígula e da expedição de Cláudio à Britânia, mas as instâncias que temos já são reveladoras da diferença de ênfase sobre a *fides exercituum*.

Logo no início do livro I, após o relato da morte de Augusto e da ascensão de Tibério, aparece a rebelião na Panônia, onde a *fides exercituum* se desvirtua por conta da possibilidade de desestabilização institucional com a passagem de poder em Roma, processo ainda de significado, método e legitimidade imprecisos (WALLACE-HADRILL, 1982). Druso é chamado por seu pai Tibério para conter a rebelião, e sua situação é colocada diretamente em paralelo com a de Germânico, levado à Germânia para administrar outra revolta de teor similar. As manifestações de falta de *fides* nesses casos são na verdade menos reveladoras para os objetivos de Tácito, pois o grande exercício retórico aqui é comparar a atuação e o caráter de Druso com as qualidades de

³⁰⁸ O caráter de Sabino é apresentado em seu obituário, III, 75

³⁰⁹ Para uma descrição geral das passagens relativas ao exército nos *Anais*, DUDLEY, 1968, p. 135-150.

Germânico, o grande herói dos dois primeiros livros dos *Anais* e vítima da *perfidia* de Tibério³¹⁰.

O sucesso mais sólido, efetivo e convincente de Germânico é refletido em Tácito através do discurso que faz às tropas, e pelas respostas dos soldados, antes ameaçadores³¹¹, à sua *auctoritas* e sua *dignitas*. Evocando a nobreza da linhagem de Germânico, de Agripina e seu filho Calígula, segundo Tácito, os soldados retomam sua *fides* e reconhecem seu compromisso com o bem maior do Estado, inspirados pelo discurso do general: "Nem minha mulher nem meu filho são mais caros a mim do que meu pai e a república (...). Eu sacrificaria feliz a vida de minha mulher e meus filhos para a vossa glória maior."³¹² O caráter personalista da ligação dos generais com seus exércitos, numa tendência que vem gradualmente desde os tempos de Mário e Sila, aparece então diversas vezes com Germânico, inspirador de confiança e lealdade nos que lidera. Um exemplo disso é o momento em que ele disfarça sua identidade e sai de noite vagando pelo acampamento romano, para apreender o clima da tropa antes da batalha contra Armínio, em II, 13, e assim ouve de seus soldados expressões de admiração por sua resistência, cortesia e assiduidade, o que os estimularia a lutar bem e assim demonstrar seu reconhecimento.

Corbulão é outro exemplo de um general que mantém as legiões coesas e vitoriosas, graças à sua personalidade e ao seu caráter. Sendo assim, como podemos ver, a *fides exercituum* fica aqui diretamente ligada não ao comprometimento com Roma, distante e até mesmo desconhecida para muitos soldados, mas aos comandantes diretos. De certa forma, isso não é diferente do que encontramos nas *Histórias*, ainda que nelas seja mais característica a *perfidia* dos generais e de suas legiões do que a *fides*

³¹⁰ Para análises sobre o papel e caráter de Germânico em Tácito, ver DEVILLERS, 1993 e PELLING, 1993.

³¹¹ *Anais*, I, 34-36 e especialmente 39.

³¹² *Anais*, I, 42: "Non mihi uxor aut filius patre et re publica cariores sunt ... Coniugem et liberos meos, quos pro gloria vestra libens ad exitium offerrem."

propriamente dita. Mas o que podemos tomar como uma diferença significativa é justamente o fator da guerra civil como desestabilizadora por definição dos laços de fidelidade e comprometimento com o bem comum, distorcendo bem mais a *fides exercituum* do que as rebeliões pontuais ou as eventuais derrotas apresentadas nos *Anais*.

Essa *fides*, apresentada por Germânico no início dos *Anais*³¹³, perde gradativamente a importância, e nos livros sobre Cláudio e Nero está praticamente ausente, a não ser pela presença de seu oposto, a *perfidia*, para a qual o melhor exemplo é Agripina, a mãe de Nero. Embora não use textualmente o termo muitas vezes³¹⁴, Tácito exemplifica essa traição³¹⁵ pelas constantes maquinacões de Agripina em busca do poder. De início, vemos a remoção de Messalina, que abre o caminho para que Agripina se case com o imperador, mesmo desafiando o tabu da proibição do casamento entre tio e sobrinha³¹⁶. Auxiliada por Pallas, seu liberto de confiança e amante nas horas vagas, ela consegue convencer os senadores de que a “novidade” beneficiará Roma, ao invés de prejudicar o Estado, convencendo também o próprio Cláudio através da sedução. Seu objetivo, como afirma Tácito, também era fazer com que Cláudio adotasse Nero e este se casasse com Otávia, para o que era necessário remover o pretendente Lúcio Júnio Silano Torquato.

Adotado Nero e convenientemente preterido o próprio filho de Cláudio, Britânico³¹⁷, Agripina passa então para os planos de envenenamento do imperador, com o propósito de fazer de seu filho o novo *princeps*, e, de acordo com Tácito, chegar o mais

³¹³ Mais um exemplo é a atitude respeitosa de Germânico diante dos restos mortais das legiões de Quintílio Varo, na floresta de Teutoburgo, em I, 71.

³¹⁴ Como vimos na tabela acima, apenas dez vezes. Mas é sintomático que sete delas apareçam nos livros sobre Cláudio e Nero.

³¹⁵ Se tivéssemos o relato da queda de Sejano no livro V, talvez pudéssemos incluir seu exemplo. Com o texto remanescente, ainda são incipientes as atitudes de Sejano para caracterizar a traição mais do que a ambição.

³¹⁶ *Anais*, XII, 5.

³¹⁷ *Anais*, XII, 25.

perto possível do poder. A rigor, praticamente todas as ações de Agripina são permeadas pela *perfidia*, nas constantes maquinações para eliminar, afastando ou mandando assassinar, todos os que ofereciam obstáculos a ela ou a Nero. Seu próprio filho, e essa é a visão que Tácito propõe, passa a temer seus planos, e o assassinato de Britânico é mostrado como uma tentativa de Nero de se impor à sua mãe e evitar que ela ameaçasse a própria permanência dele no trono³¹⁸.

A *perfidia* de Agripina é resultado direto da distorção do papel que lhe é reservado enquanto mulher, pois, na visão de Tácito, ela tem uma ambição “masculina” pelo poder. Isso é tão significativo no historiador que o sucesso do plano de Agripina para se casar com Cláudio faz com que o autor veja isso como um divisor de águas na Roma dos Júlio-Cláudios:

"A partir de então o Estado se transformou, e completa obediência se fazia a uma mulher; não pela lascívia, como Messalina, mas causado por um despotismo rigoroso, quase masculino."³¹⁹

Daqui para frente, ocorre de fato uma transformação fundamental na visão de Tácito, que acaba por nos revelar, a princípio indiretamente, mas, sob uma leitura mais atenta, de forma clara e inequívoca, a tendência de distorção completa e total dos valores romanos sob Nero. A *perfidia* se torna regra, através de incontáveis perseguições e assassinatos, e a *fides* aparece com destaque apenas na figura de Corbulão, construído por Tácito como o personagem de oposição por excelência a Nero e às perversões da capital³²⁰. A mesma coisa irá acontecer com a *pietas*, e o conjunto desses fatores

³¹⁸ *Anais*, XIII, 15. Cf. HENDERSON, 1998, p. 289-292.

³¹⁹ *Anais*, XII, 7: “*versa ex eo civitas et cuncta feminae oboediebant, non per lasciviam, ut Messalina, rebus Romanis inludenti. adductum et quasi virile servitium.*”

³²⁰ Mesmo que o general não seja essencialmente virtuoso: “*The failure of Corbulo is partly due to the jealousy of Nero, but also to his own low character. He is shown as boastful, quarrelsome, and self-seeking, and, Tacitus also implies, fraudulent in the composition of his memoirs. In this he is typical of his age.*” WALKER, 1960, p. 29.

demonstra como Tácito vê uma degeneração tão completa no século dos Júlio-Cláudios que só terá como consequência natural o caos da guerra civil após a queda de Nero.

2.3. *Pietas*

A compreensão dos termos aqui analisados na obra de Tácito tem na *pietas* talvez o melhor exemplo de como a análise filológica direta das ocorrências do termo não é necessariamente eficaz. O termo em si é pouco mencionado em sua obra, e o sentido utilizado costuma ser muito específico. No *Agricola*, as três instâncias onde Tácito menciona a *pietas* são relacionadas a um único significado que a palavra toma, que é a piedade filial: duas vezes de Tácito para com o sogro ao escrever a obra, e uma de Agrícola para com sua mãe, morta num ataque das tropas de Oto à sua propriedade³²¹. No parágrafo 46, fechando o texto com uma *laudatio* bastante pomposa do sogro, temos um bom exemplo do que seja esse sentido de *pietas* no mundo romano: "Possamos nós honrá-lo não apenas com perpétuos louvores, mas, se nossa força permitir, com nossa emulação: esta é a verdadeira honra, a verdadeira piedade de vossos parentes."³²² Ou seja, a piedade filial, aqui no caso do genro, mas sempre se considerando a *familia* como um todo, está relacionada à manutenção da memória e à emulação das virtudes da pessoa que é objeto dessa *pietas*.

A seguir, tanto nas *Histórias* quanto nos *Anais*, o mesmo ocorre quando da presença do termo no texto. Nas *Histórias*, encontramos também uma instância da *pietas*

³²¹ Respectivamente, *Agr.*, 3, 46 e 7.

³²² "*admiratione te potius et immortalibus laudibus et, si natura suppeditet, similitudine colamus: is verus honos, ea coniunctissimi cuiusque pietas.*"

relacionada à atitude do exército³²³, e apenas uma instância ligada aos deuses, no relato da reconstrução do Capitólio em IV, 53. Nos *Anais*, embora vejamos diversas referências ao plano divino, através notadamente de relatos de prodígios, também o uso da palavra *pietas* em si geralmente é restrito à menção literal da necessidade de uma relação de respeito e submissão aos pais³²⁴. No entanto, e aí está o problema desse tipo de levantamento, a *pietas* relacionada aos deuses está também constantemente presente, embora não explícita. É de se imaginar, portanto, que a ausência do termo nesses casos signifique apenas que essa relação está tão assumidamente presente para o leitor que não é necessário explicitá-la todo o tempo³²⁵.

Tal associação é uma parte absolutamente constante da vida e do caráter da religião romanas: a observância religiosa, o correto diálogo e entendimento da vontade dos deuses é *pietas*³²⁶, e conseqüentemente a falha nessa relação é *impietas*, que implica num rompimento, ainda que temporário, da *fides* dos deuses com a cidade. Vimos em Tito Lívio que essa associação é imediata, especialmente quando ocorrem instâncias em que algum responsável por um sacrifício falha no seu dever, sejam quais forem as razões para tanto:

"A military crisis, a crop failure, or other problem could be attributed to divine anger over human neglect of religious obligations (e.g. Livy 22.57; Cicero Marcell. 18 and Verr. 4.114; Ovid Fasti 2.547-56; Horace Carm. 3.6; Valerius Maximus 1.1.16-21). The continuity of society and its prosperity depended on the Roman people maintaining their end of the reciprocal relationship, and doing so perpetually." (KING, 2003, p. 303)

³²³ I, 83.

³²⁴ Por exemplo, de Augusto para César, em I, 9 e 10, e de Nero para Agripina, em XIII, 5 e XIV, 3.

³²⁵ O que não é observado por BEWS, 1987, embora ela também reconheça o uso praticamente exclusivo da *pietas* no sentido familiar, especialmente no *Agrícola*.

³²⁶ "Pietas was a correct social relation with the gods, it meant giving them the honors due to their rank and associating them with the government of the res publica, as fellow citizens, or rather as good patroni of the city." SCHEID, 2003, p.: 177.

Portanto, é necessário que para Tácito vejamos as relações diretas ou indiretas da ação dos deuses na vida romana, e também a resposta dos cidadãos, e principalmente do imperador, através da adequação ou não de suas atitudes, nem que com isso não encontremos o termo *pietas* utilizado literalmente.

O tema da religião em Tácito tem trazido um problema para a bibliografia (DAVIES, 2005, p. 150-153). A princípio, o autor nos parece cético e distante de uma postura religiosa tradicional, pondo constantemente em dúvida a real interferência dos deuses, a veracidade de prodígios e questionando a relação entre o divino e o humano na predeterminação ou casualidade dos desígnios da vida³²⁷. Porém, parece-nos mais coerente entender a posição de Tácito com base na direção apontada nas reflexões acima sobre *concordia* e *fides*: o autor analisa o período Júlio-Cláudio e a guerra civil como períodos onde a distorção de tais valores é determinada pela ausência gradativamente maior do interesse pelo bem comum, entre a elite, o exército, o povo e o próprio imperador. Quando a *res publica*, ainda nominalmente uma realidade, dá lugar a interesses particulares, também a *pietas* é desvirtuada de seu significado ideal. Talvez seja exatamente por isso que Tácito é descrente sobre a interferência dos deuses no período que narra, já que, diferentemente do que vimos quanto aos primeiros livros de Tito Lívio, não se observa uma relação imediata entre a falta de *pietas* dos romanos e sua punição.

Este é exatamente o sentido direto do comentário mais importante de Tácito sobre a atuação dos deuses nas *Histórias*, logo no prefácio, e que tem dado margem às interpretações voltadas para o ceticismo do historiador (CHILVER, 1979, p. 44-45). Resumindo o assunto da sua obra, ele sintetiza:

³²⁷ Vide em especial a digressão em *Anais*, VI, 22. Cf. DAVIES, 2005.

"Além das múltiplas calamidades das coisas humanas, ocorreram prodígios no céu e na terra, advertências dos raios e presságios do futuro, felizes e agourentos, duvidosos e certos. De fato, nunca antes maiores desgraças do povo romano, ou evidências mais conclusivas, provaram que os deuses não se importam com nossa segurança, mas sim nossa punição."³²⁸

Isso não significa necessariamente que os deuses tivessem como característica a indiferença pelos homens, mas é o reflexo da sensação de abandono que perpassa o período. Isso mais uma vez reforça, agora pelo sentido oposto, a associação esperada de uma resposta imediata dos deuses à *impietas* dos homens, já que, como temos visto, a guerra civil é o período da reversão por excelência do estado equilibrado da sociedade.

Diversos episódios esparsos nas *Histórias* cumprem a função de mostrar ao leitor essa inversão da normalidade, atentando não somente para a *impietas* contida na atitude dos personagens, mas também para a falta de punição dos perpetradores de ações condenáveis. Este é um recurso retórico poderoso para Tácito, especialmente quando contrastado com algum outro episódio de virtude demonstrada, mas geralmente despercebida ou desvalorizada. É o caso, por exemplo, do relato da morte de Pisão nas *Histórias*, cheia de indignidade e desrespeito pelo sagrado, numa combinação de uma circunstância infortunada com um caráter deplorável. Um centurião pretoriano, Semprônio Denso, é designado por Galba para proteger Pisão, em meio à balbúrdia em Roma que resultará na derrota do imperador pelo grupo de Oto. Tácito destaca a bravura e desprendimento do centurião, que, a serviço da *res publica*, desvia a atenção dos assassinos de Pisão para que este pudesse escapar. O César, porém, não se mostra

³²⁸ Hist., I, 3: "praeter multiplicis rerum humanarum casus caelo terraque prodigia et fulminum monitus et futurorum praesagia, laeta tristia, ambigua manifesta; nec enim umquam atrocioribus populi Romani cladibus magisve iustis indiciis adprobatum est non esse curae deis securitatem nostram, esse ultionem."

digno da atitude do centurião, e se esconde covardemente no templo de Vesta³²⁹ – e, como Tácito ressalta, a proteção veio "não pela santidade nem pelo culto, mas pelo refúgio imediato."³³⁰ Arrastado para fora do templo e apunhalado na entrada, Pisão é então assassinado por dois soldados, que por sua vez também reiteram a *impietas* pela falta de respeito pelo templo de Vesta.

Vitélio, que para Tácito é de longe o pior imperador de todos os que relata (cf. ASH, 1999), também apresenta uma *impietas* muito significativa. Tal característica, porém, é aliada a um caráter baseado não na perversidade sofisticada, como em Tibério, ou em uma crueldade sádica, como em Domiciano, mas sim à indignidade mais baixa, da comida, da indolência e do prazer imediato. Sendo assim, Vitélio é também constantemente associado a Nero, e leva a um pior nível a já indigna situação sob este; pela realização de eventos gladiatoriais - mais violentos do que os festivais artísticos de inspiração grega de Nero -, nas demonstrações de extravagância e na influência perniciosa dos libertos na corte imperial, como diz Tácito em II, 95. Neste trecho, o autor realça o horror da situação através da comparação, sempre um recurso retórico altamente estratégico, com a sociedade romana antiga, quando relata com detalhes os serviços fúnebres dedicados a Nero por Vitélio:

"Ele agradou os mais infames e suscitou o desgosto dos bons ao construir altares no Campo de Marte e cumprir os rituais fúnebres para Nero. Vítimas foram mortas e cremadas em favor público; os fachos foram acesos pelos Augustais, cujo sacerdócio, assim como Rômulo fez para o rei Tito Tácio, foi consagrado por Tibério para a família Júlia."³³¹

³²⁹ O que também remete a Domiciano, que se esconde no templo em III, 74, quando do incêndio do Capitólio.

³³⁰ *Hist.*, I, 43: "*non religione nec caerimoniis sed latebra inminens.*"

³³¹ "*laetum foedissimo cuique apud bonos invidiae fuit quod exstructis in campo Martio aris inferias Neroni fecisset. caesae publice victimae cremataeque; facem Augustales subdidere, quod sacerdotium, ut Romulus Tatius regi, ita Caesar Tiberius Iuliae genti sacravit.*"

A menção a Tibério, explicando a origem dos sacerdotes Augustais, é realçada pela comparação com nada menos do que o fundador de Roma, Rômulo, numa referência que busca as origens das instituições na cidade para realçar ainda mais a *impietas* da situação³³².

Mais um outro exemplo é bastante interessante e significativo: as legiões, como tantas vezes comentado por Tácito, tendem a perder completamente a disciplina durante a guerra civil, e essa situação acaba por levar à insubordinação e ao acirramento das disputas causadas pela *discordia* no conflito entre interesses pessoais. Como vimos, a *discordia* é um qualificador negativo das relações entre duas partes, e também a falta de *pietas* exemplifica essa situação.

O general Dílio Vócula, comandante na Gália da XXIIa. Legião, é um raro exemplo de personagens que mencionam diretamente uma invocação aos deuses e à sua aliança para a grandeza de Roma. Porém, suas tropas estão divididas: os soldados, leais a Vitélio, e os superiores, pendendo para o lado de Vespasiano. Júlio Clássico e Júlio Tutor, comandantes batavos responsáveis pelas tropas auxiliares e nominalmente subordinados a Vócula, ainda planejam a traição e a adesão ao lado de Civilis e dos germanos rebelados. Quase perdendo o controle da sua própria legião, que considera se aliar a Clássico e Tutor, Vócula ganha da mão de Tácito um discurso que apela para a reafirmação da *fides* a Roma e da *pietas* para com os deuses, numa súplica comovente pela retomada desses valores e a reafirmação da identificação dos soldados com a Roma pela qual lutam:

³³² Que é por muito tempo constante: "Roma, tão grande quanto desafortunada, padeceu no mesmo ano de um Oto e um Vitélio, tendo vivido diversa e abominável sorte sob Vínio, Fábio, Icelo e Asiático, até que foram sucedidos por Muciano e Marcelo, e por diferentes homens mais do que diferentes condutas." "*Magna et misera civitas, eodem anno Othonem Vitellium passa, inter Vinios Fabios Icelos Asiaticos varia et pudenda sorte agebat, donec succedere Mucianus et Marcellus et magis alii homines quam alii mores.*" Ibid.

"E, se os germanos e gauleses vos conduzirem às muralhas da cidade, ireis atacar sua própria pátria? A alma se horroriza com a imagem de tantos flagelos. Montareis guarda para Tutor, o trévero? Um batavo vos dará o sinal da batalha, e as hordas germanas vos suplementarão? Qual será o fim dessa infâmia, quando as legiões romanas marcharem contra vós? Desertores fugindo de desertores, traidores fugindo de traidores, errareis entre as novas e velhas alianças sob o ódio dos deuses? Rogo e suplico a ti, Júpiter Ótimo Máximo, a quem por oitocentos e vinte anos demos a honra de tantos tributos, e a ti, Quirino, pai de Roma, que, se não for de vossa vontade que este acampamento se mantenha incorrupto e inviolado sob meu comando, ao menos não permitais que seja poluído e violado por Tutor e Clássico; que deis aos soldados romanos ou a inocência ou uma penitência rápida e sem remorso."³³³

A resposta a essa situação é reveladora do caos e da inversão dos valores nesse momento das *Histórias*, pois ilustra a total irrelevância da virtude num ambiente corrompido. Mesmo depois de apelar para o que há de mais sagrado, aos deuses imortais que protegem Roma, e se preparar para a dignidade máxima do suicídio, sacrifício voluntário pela glória romana e expiação da vergonha da atitude dos soldados, Vócula é assassinado por um agente de Júlio Clássico – numa frase curtíssima, de Tácito, retoricamente planejada para contrastar com a grandeza do assunto do seu discurso.

A retomada dos *mores* antigos com Vespasiano para Tácito é bastante clara – vide *Ann.*, III, 55 (HÄUSSLER, 1965; LUCE, 1986; GOODYEAR, 1992; MARQUES, 2004) – mas aqui os próximos personagens principais ainda não são virtuosos o suficiente, em especial no caso de Antônio Primo. Como já analisamos, e também no caso de Muciano, o

³³³ *Hist.*, IV, 58: "an, si ad moenia urbis Germani Gallique duxerint, arma patriae inferetis? horret animus tanti flagitii imagine. Tutorine Treviro agentur excubiae? signum belli Batavus dabit, et Germanorum catervas supplebitis? quis deinde sceleris exitus, cum Romanae legiones contra derexerint? transfugae e transfugis et proditores e proditoribus inter recens et vetus sacramentum invisi deis errabitis? te, Iuppiter optime maxime, quem per octingentos viginti annos tot triumphis coluimus, te, Quirine Romanae parens urbis, precor venerorque ut, si vobis non fuit cordi me duce haec castra incorrupta et intemerata servari, at certe pollui foedarique a Tutore et Classico ne sinatis, militibus Romanis aut innocentiam detis aut maturam et sine noxa paenitentiam." Segundo Syme (1958, p. 56), uma "reductio ad absurdum of Tacitus' use of mos maiorum in the Histories". Cf. *ibid.* p. 610; DUDLEY, 1968, p. 155.

general é caracterizado como um homem cuja função na guerra é mais positiva no sentido pragmático do que como indicador da restauração moral da sociedade por Vespasiano. Já aparece aqui, porém, um mínimo de melhora em relação à *impietas* total de Vitélio, quando Antônio Primo cogita acalmar as tropas e esperar na entrada da ponte Mílvia antes da invasão de Roma e do embate com as tropas vitelianas³³⁴. Mas ainda não é hora de se restaurarem os valores na cidade, e essa menção está em direto contraste com o que se segue no parágrafo seguinte. Aqui, o Capitólio já foi incendiado com o furor na luta entre os partidários do fugitivo Flávio Sabino e os vitelianos, e o que se segue na invasão da cidade pelas legiões de Antônio Primo é a já citada situação de caos total, com o povo assistindo combates como se fosse entretenimento, numa falta absoluta de *dignitas* e respeito pela grandeza de Roma. Destruir a própria *urbs*, morada dos deuses e *caput mundi*, é a forma maior de *impietas*, no sentido de macular a aliança com eles e inverter completamente o papel requerido dos cidadãos na sua parte, de salvaguardar o bem comum e construir a grandeza de Roma coletivamente, justificando o favor dos deuses.

Nem tudo é *impietas* para Tácito durante a guerra civil. Vespasiano, o único imperador segundo Tácito que melhorou com o tempo³³⁵, está constantemente envolvido em prodígios e histórias que afirmam sua predestinação para governar. Tácito, porém, não se deixa levar por essa parte da propaganda flaviana e lembra que nem todas essas histórias podem ser consideradas verdadeiras: "os fatos misteriosos, presságios e oráculos que destinaram Vespasiano e seus filhos ao poder, neles acreditamos só após seu sucesso."³³⁶ As menções ao favor divino de que desfruta Vespasiano são diretamente relacionadas aos prodígios negativos que rondam os outros

³³⁴ *Hist.*, III, 82.

³³⁵ *Hist.*, I, 50: "*solusque omnium ante se principum in melius mutatus est*".

³³⁶ *Hist.*, I, 10: "*occulta fati et ostentis ac responsis destinatum Vespasiano liberisque eius imperium post fortunam credidimus*".

imperadores, como Galba, em I, 18, anunciando o dia nefasto que marcará seu assassinato, e mais uma vez Vitélio, em atitudes que abertamente desconsideram a *pietas* que deveria mostrar³³⁷, devido à sua total indignidade³³⁸. A *fortuna* sorri constantemente para Vespasiano, que, mesmo de maneira involuntária – o que talvez possa até mesmo ser lido como uma influência da propaganda flaviana das fontes utilizadas por Tácito – está sempre cercado por bons presságios e sinais de que os deuses, até mesmo os estrangeiros, o favorecem³³⁹.

Por exemplo, Tácito apresenta Vespasiano pela primeira vez no livro II, anunciando imediatamente o qualificador do papel que irá desempenhar, a *fortuna*³⁴⁰. Segue-se o relato da visita do futuro imperador ao templo de Vênus em Pafos, o qual recebe uma digressão sobre sua origem. Tal passagem é bastante significativa no seu contexto, já que Vênus, mãe de Enéas, é a deusa considerada como ancestral dos romanos. Logo depois, no parágrafo 78, aparecem as histórias da previsão dos astrólogos, do prodígio do cipreste nas terras de Vespasiano, que cai para depois se reerguer com mais vigor, e de “Basilides”³⁴¹, o sacerdote oriental que também prevê o seu futuro grandioso. Por fim, a visita a Alexandria e posterior digressão sobre Serápis no livro IV são mais um artifício para engrandecer a figura de Vespasiano frente a todos os outros personagens que o cercam e a contrastar ainda mais claramente suas virtudes com os vícios dos imperadores anteriores. Estando em Alexandria e esperando o clima favorável para atravessar o mar, “aconteceram muitos milagres, que pareciam revelar

³³⁷ *Hist.*, II, 91.

³³⁸ *Hist.*, III, 56.

³³⁹ Para mais exemplos de *pietas* e sucesso dos imperadores, CHARLESWORTH, 1943.

³⁴⁰ Vide nota 215. A referência, obviamente, também é para Tito e Domiciano.

³⁴¹ Um nome genérico (“filho do monarca”), que aparece de novo adiante no texto, indicando imprecisão no relato e talvez influência da propaganda flaviana das fontes de Tácito. Sobre “Basilides”, ver CHILVER, 1979, p. 238 e LEVICK, 1999, p. 68, 227-228.

Vespasiano como o objeto do favor dos céus e da inclinação dos deuses"³⁴². A princípio cético e relutante, ele acaba curando um cego com sua saliva e um outro com mão enferma ao pisar nela, aconselhado pelo deus Serápis e pelos médicos, que o garantem de antemão que ambas as enfermidades eram passíveis de cura e que ele não passaria pelo ridículo caso atendesse aos pedidos dos enfermos. Tácito, como vimos, também é cético em outros momentos quanto a todos os presságios divinos relacionados a Vespasiano, e neste caso procura garantir a veracidade do fato, por testemunhas oculares e um atestado explícito de imparcialidade – "mesmo depois, quando não há ganho com a mentira"³⁴³. Depois, Vespasiano consulta os sacerdotes de Serápis e outras pessoas no local para descobrir que um outro "Basilides" que esteve diante dele, enquanto o imperador estava absorto na veneração aos deuses³⁴⁴, era na verdade uma aparição divina, já que o sacerdote estava na verdade a muitos quilômetros de distância. Seja como for, o que é ressaltado por essas histórias é o caráter peculiar da *pietas* do ainda general, que não é espontânea ou necessariamente voluntária, mas que revela diretamente o contraste absoluto com a *impietas* dos imperadores anteriores.

Um contraste muito significativo com os presságios das *Histórias* se dá nos *Anais*. A presença de sinais divinos em pontos-chave do texto não implica quase nunca numa correlação direta com fatos que confirmem um destino funesto. Isso é importante ao compararmos com o que ocorre em Tito Lívio, onde vimos que, até o fim da narrativa que temos preservada, há uma relação imediata de causa e efeito entre os prodígios e os fatos negativos que os confirmam. No caso dos *Anais*, Tácito faz um paralelo entre a menção aos prodígios e presságios e a gradual decadência dos *mores*, especialmente da *pietas*, de Tibério a Nero. Quanto mais se avança nos livros dos *Anais*, mais eventos

³⁴² *Hist.*, IV, 81: "multa miracula evenere, quis caelestis favor et quaedam in Vespasianum inclinatio numinum ostenderetur."

³⁴³ *Ibid.*: "postquam nullum mendacio pretium."

³⁴⁴ *Hist.*, IV, 82: "ingressus intentusque numini respexit."

relacionados ao divino e a um futuro agouroto aparecem, bem como mais episódios de *impietas* e uma perplexidade maior quanto à falta de relação entre esses eventos e uma punição direta.

Nos livros sobre Tibério, apenas a partir da ascensão de Sejano é que Tácito faz menções significativas sobre a ação dos deuses e o futuro de Roma. Abrindo o livro IV, surge uma mudança de rumos no principado – "quando, de repente, a fortuna perturbou tudo, o imperador se tornou um tirano ou também permitiu a tirania de outros homens."³⁴⁵ A crueldade do imperador é estimulada e, mais ainda, superada pela do ambicioso chefe da guarda pretoriana, um homem que galga o caminho do poder pela via da bajulação e dos interesses escusos e dissimulados. Tibério passa a confiar totalmente em Sejano, ainda mais após o exílio permanente em Capri, e Tácito aponta, *en passant*, durante a descrição do caráter de Sejano, uma razão ligada aos desígnios divinos: foi por causa da ira dos deuses contra Roma que tanto sua ascensão quanto sua queda foram desastrosas³⁴⁶. Infelizmente, como já observado, não temos o relato da queda de Sejano no livro V, mas é possível apontar com clareza uma relação direta entre a crítica que Tácito faz ao crescimento do poder de Sejano e a condenação divina. Tibério está cada vez mais afastado de sua função como governante, refugiado longe de Roma e mais interessado em sua vida particular, e relega ao comandante pretoriano toda a responsabilidade da administração direta. Para Tácito, isso nada mais significa do que um comportamento altamente condenável do obtuso imperador, pois ele seria diretamente responsável pela ascensão de um indivíduo que irá prejudicar enormemente o Estado. Tibério, filho adotivo de um deus, *pontifex maximus* e primeiro

³⁴⁵ *Anais*, IV, 1: "*cum repente turbare fortuna coepit, saevire ipse aut saevientibus viris praeberere.*"

³⁴⁶ *Ibid.*: "*deum ira in rem Romanam, cuius pari exitio viguit ceciditque.*"

dos cidadãos, comete aqui um ato de *impietas* e lesa a aliança de Roma com os deuses, sendo Sejano a punição sua e de todos³⁴⁷.

Tibério pode não ter sido estritamente piedoso para com os deuses, mas sua relação com os céus e seu destino passavam com confiança pelas mãos de um astrólogo, categoria odiada e desprezada, mas avidamente consultada no mundo romano (CRAMER, 1996). Trasilo, figura freqüente em Capri, é o nome que guia Tibério em suas decisões, e também o mote para a digressão de Tácito em VI, 22, sobre a indeterminação da *fortuna* dos indivíduos. Antes de elencar as diferentes correntes de pensamento antigas sobre o assunto, mesmo que não as nomeando explicitamente, Tácito expressa sua opinião, que, dentre tantas outras, é também marcada pela incerteza³⁴⁸: "mas quanto a mim, toda vez que ouço tais coisas, suspendo meu julgamento sobre se é o destino, a necessidade imutável, ou o acaso que faz desenrolar as coisas humanas." Essa importante passagem não tem sido discutida com freqüência na bibliografia taciteana³⁴⁹, mas podemos ver que, mais além dessa dúvida em seu pensamento, importa a Tácito fazer uma relação entre as atitudes do imperador e dos outros personagens, no âmbito da dedicação ou não à *res publica*, e a resposta divina gerada por elas. É essa relação, de fato, que define a *pietas* na religião romana (SCHEID, 2001, 2003, cf. RIVES, 2007).

Como contraponto à *impietas* de Tibério e à indeterminação do futuro de Roma pelo envolvimento ou não dos deuses, Tácito usa a estrutura dos próximos parágrafos no livro VI para mencionar exemplos de personagens virtuosos e piedosos, que morrem ou são assassinados. Tal recurso retórico, de sobrepor narrações estrategicamente de acordo com os temas, é comum no autor, e serve aqui para sublinhar os aspectos

³⁴⁷ Porém, sempre cabe em Tácito uma nota de dúvida na determinação divina da fortuna dos homens - cf. IV, 20.

³⁴⁸ "*Sed mihi haec ac talia audienti in incerto iudicium est fatone res mortalium et necessitate immutabili an forte volvantur*". Como, por exemplo, sobre os ciclos morais, MARQUES, 2004.

³⁴⁹ Ausente em Syme, 1958, o que é observado por Davies, 2005, p. 172-175, com discussão da bibliografia. Cf. BENARIO, 1975, p. 152-154 e MELLOR, 1994, p. 70.

negativos na sua narrativa, do caráter vicioso e indigno de Tibério. Sendo assim, logo após a digressão do parágrafo 22, temos a narrativa da morte de Druso³⁵⁰, de fome – incluindo detalhes mórbidos como o fato dele ter sobrevivido por oito dias comendo coisas como o enchimento de seu colchão; depois imediatamente a morte de Agripina Maior, viúva de Germânico, sobre a qual falaremos adiante; o suicídio do jurista Coceio Nerva³⁵¹, que Tácito alega ter sido causado pelo desgosto de presenciar tantas perseguições³⁵²; e finalmente de Plancina, mulher de Pisão e também envolvida em acusações sobre a morte de Germânico, num raro exemplo de *iustitia* dentre tantas mortes lamentáveis³⁵³.

Agripina Maior é um personagem trabalhado retoricamente de maneira estratégica para sublinhar a *impietas* de Tibério, Sejano, Pisão e todos os vilões desse período. Assim como a *fides* de seu marido, Germânico, contrasta com os interesses escusos do imperador, como vimos acima, a *pietas*³⁵⁴ de Agripina ao segui-lo fielmente em vida³⁵⁵, e depois, ao cultuar sua memória de maneira digna e virtuosa, é vigorosamente apresentada por Tácito em diversas passagens dos livros relativos ao período de Tibério. No fim do livro II e início do livro III, o autor se utiliza de recursos descritivos que acentuam a carga dramática do sofrimento de Agripina, de sua luta pela preservação da memória do marido e da indignação pela morte dele:

"Quando Agripina desceu do navio com os dois filhos, carregando a urna funerária, os olhos fixos, houve um mesmo gemido de todos; não se podia distinguir os próximos dos desconhecidos, ou os lamentos dos homens dos das mulheres, e apenas as

³⁵⁰ Aqui o filho de Germânico. *Anais*, VI, 23-24.

³⁵¹ Avô do imperador Nerva.

³⁵² *Anais*, VI, 26.

³⁵³ *Ibid.*

³⁵⁴ Aqui não se trata de *fides*, mas sim de *pietas*, dado que a relação de Agripina perante seu marido é de um lado inferior para outro superior.

³⁵⁵ Cf. *Anais*, I, 40-44.

acompanhantes de Agripina, exaustas de tanto pesar, eram precedidas pelos enlutados mais recentes que as encontravam."³⁵⁶

A situação, porém, só tende a piorar daqui para frente, pois as perseguições sob Tibério aumentam gradativamente no livro VI, até sua morte. Como não temos o relato do principado de Calígula nem o início do período de Cláudio, encontramos o livro XI já muito diferente em termos de menções a assuntos religiosos e à *pietas* para com o divino. Característica deste e do próximo livro, que também trata de Cláudio, boa parte dessas referências tem um caráter antiquário, refletindo os interesses do imperador, e também demonstrando indiretamente sua alienação relativa aos fatos que o circundavam – como o comportamento de Messalina e as intrigas dos libertos da corte (VESSEY, 1971). Assim, se no livro XI Tácito menciona a organização dos Jogos Seculares, em 47 d.C., o trabalho de Cláudio como censor e a criação de um novo colégio de harúspices³⁵⁷, o grande escândalo que se segue demonstra a falta de real comprometimento com o sagrado na corte, que é o “casamento” de Messalina e seu amante Sílio e o completo desconhecimento do fato pelo imperador.

Tal evento é deveras significativo da situação de falta de *pietas* sob Cláudio, que irá apenas se desintegrar mais adiante com Nero. Tácito atenta para o fato de que o “casamento” de Messalina e Sílio tenha se dado em termos públicos, e o autor descreve em detalhes a execução de todo o ritual prescrito para um casamento legítimo. Sendo assim, ele pretende explicitamente ressaltar o absurdo da situação e a inversão total de valores, bem como a omissão característica de Cláudio:

³⁵⁶ *Anais*, III, 1: “*postquam duobus cum liberis, feralem urnam tenens, egressa navi defixit oculos, idem omnium gemitus; neque discerneres proximos alienos, virorum feminarumve planctus, nisi quod comitatum Agrippinae longo maerore fessum obvii et recentes in dolore antibant.*” Cf. WOODMAN; MARTIN, 1996, p. 79-84.

³⁵⁷ *Anais*, XI, 11, 13 e 15 respectivamente. No mesmo tom, podemos citar também o alargamento do *pomoerium*, a fronteira sagrada da cidade de Roma, em XII, 23-24.

"Parece fabuloso, sei muito bem, que, numa cidade que sabe de tudo e nada está em silêncio, alguns mortais pudessem se sentir tão seguros; tanto mais tivessem um cônsul designado e a esposa do imperador, marcado o dia, ante signatários convidados, unido-se como se fosse em um casamento, para o propósito de ter filhos, ouvido as palavras dos auspícios e sacrificado para os deuses; que o par se alojasse entre os convivas, beijando-se e abraçando-se, e passando finalmente a noite na licença conjugal. Mas nada invento de extraordinário; relato a verdade que os antigos ouviram e escreveram."³⁵⁸

A grande diferença entre os governos de Tibério e de Cláudio e Nero se faz presente nesses detalhes. Se resumirmos em termos simples, podemos dizer que, para Tácito, Tibério é cruel, Cláudio é bobo, e Nero é cruel e bobo³⁵⁹. Ou seja, com os dois últimos imperadores do período Júlio-Cláudio, Tácito procura deixar claro que o clima geral tanto da corte quanto da sociedade tende a se degenerar a olhos vistos, e as intrigas e maquinações ocultas e dissimuladas da corte em Tibério passam a ser agora evidentes, até mesmo quase impunes aos olhos divinos. Sendo assim, o livro XII contém significativas citações sobre a incongruência entre os atos indignos dos personagens e sua impunidade quase total, com seguidas menções sobre prodígios que anunciam punições divinas ao povo romano como um todo e à corte em particular, mas que na verdade não incorrem em absolutamente nada.

Como expressivo exemplo disso, temos o casamento entre Cláudio e Agripina, que contém também um elemento de *impietas*, pela mácula do seu caráter sagrado com

³⁵⁸ *Anais*, XI, 27: "Haud sum ignarus fabulosum visum iri tantum ullis mortalium securitatis fuisse in civitate omnium gnara et nihil reticente, nedum consulem designatum cum uxore principis, praedicta die, adhibitis qui obsignarent, velut suscipiendorum liberorum causa convenisse, atque illam audisse auspicum verba, subisse, sacrificasse apud deos; discubitu inter convivas, oscula complexus, noctem denique actam licentia coniugali. sed nihil compositum miraculi causa, verum audita scriptaque senioribus tradam." Cf. DEVELIN, 1983, p. 69.

³⁵⁹ Cf. HENDERSON, 1998, p. 266, para mais uma comparação menos formal de Tibério com seus sucessores. Sobre o contraste entre Cláudio e Tibério, KEITEL, 1981, p. 208: "Tiberius is marked by control and sentience, Claudius by ignorance and passivity. The neat antithesis between these two sets of traits in responsive parts of the narrative suggests deliberate irony." Cf. WALKER, 1960, p. 26-27.

o tabu da relação incestuosa entre tio e sobrinha. A seguir, anunciando o prenúncio de tempos piores por vir, temos dois conjuntos de prodígios em XII, 43 e 64, separados porém por três anos – ou seja, não há uma uniformidade de conseqüências para tais presságios negativos. O primeiro conjunto não leva a punições diretas aos romanos, mas o segundo ocorre logo antes do assassinato de Cláudio, no que Tácito comenta, ao abrir a narrativa do ano, que "uma série de prodígios indicou mudanças para pior."³⁶⁰ Porém, o grande motor das coisas agora não é a manifestação dos deuses, mas sim a ambição de Agripina – e nesse sentido ela parece personalizar a punição divina aos romanos, assim como Sejano antes.

Envenenado Cláudio, finalmente o filho de Agripina pode reinar – e ela também, indiretamente. Porém, Nero procura já de início se libertar da influência da mãe e afirmar seu poder, com a conspiração armada para assassinar Britânico³⁶¹, seu irmão adotivo mais novo e filho de Cláudio. A narrativa de Tácito sobre o funeral de Britânico faz menção aos maus presságios insinuados pelo tempo ruim, e tomados por alguns como uma punição divina pelo particularmente ímpio assassinato entre irmãos, num relacionamento já antes maculado pela violação³⁶². Mais ímpio ainda é o fato de o assassinato ter-se dado durante a refeição, no que Tácito comenta sobre o caráter sagrado da mesa – “*inter sacra mensae*”³⁶³.

Esse exemplo de *impietas*, no entanto, é apenas um prenúncio de outros comportamentos mais degenerados ainda. O cúmulo da *impietas* nos *Anais*, e por tabela em todo o período Júlio-Cláudio para Tácito, é o assassinato de Agripina, no início do

³⁶⁰ *Anais*, XII, 64: “*mutationem rerum in deterius portendi cognitum est crebris prodigiis.*”

³⁶¹ *Anais*, XIII, 15-17.

³⁶² *Anais*, XIII, 17: “*stupro priusquam veneno pollutum.*”

³⁶³ Mas Dudley (1968, p. 100) alfineta a virtude inquebrantável de Britânico e de sua irmã, Otávia, no texto de Tácito: “*Yet one wonders by what influences, of heredity or environment, the children of Messalina could have been so noble as Octavia and her brother?*” Seria essa imensa virtude um recurso retórico para contrastar com o caráter de Nero?

livro XIV. O assassinato da própria mãe, de todos o maior crime, é a porta que se abre para o desregramento total de Nero no resto de seu reinado³⁶⁴. Em primeiro lugar, há de se notar como o relato é iniciado e como se aplicam as ferramentas retóricas que Tácito usa através da disposição da narrativa: no fim do livro XIII há uma menção breve e aparentemente solta sobre o *ficus ruminalis*, a árvore que abrigou os infantes Rômulo e Remo. Cabalmente importante em termos simbólicos para Roma, a árvore parece começar a morrer, pois ressecaram os galhos e o tronco, "o que foi tomado como um prodígio, mas logo ela reviveu com novos brotos."³⁶⁵ Tal menção é condizente com os outros presságios sob Cláudio e Nero, pois é na verdade um alarme falso. Porém, precede imediatamente a morte de Agripina, numa correlação entre um possível desfavor dos deuses aos romanos e a *impietas* do *primus inter pares*.

O livro XIV abre com o plano mirabolante elaborado por Nero e pelo escuso liberto Aniceto, de construir um barco que rachasse estrategicamente, derrubando Agripina no mar. Fracassado parcialmente, o plano leva desespero ao imperador, que termina por mandar matar a mãe de uma forma um tanto escancarada, depois de inventar uma suposta conspiração que teria sido armada por ela para matá-lo³⁶⁶. Tácito qualifica constantemente o ato como escandaloso, e mesmo que não use o termo *impietas*, a idéia está claramente implícita no ato do assassinato em si.

Daqui em diante, Nero revelará seu caráter e seus reais interesses, e é muito significativo que Tácito mencione como primeiro evento após a morte de Agripina o interesse do imperador pelas corridas, música, drama e poesia e a organização dos jogos

³⁶⁴ "The conduct of the Julio-Claudian emperors becomes over time increasingly bizarre and extreme, while the praise that greets such conduct keeps pace with its most frightful and perverse manifestations. By the reign of Nero the value system has been utterly confounded... The emperor's entry into Rome in AD 59 marks the culmination of the process as we see it in the extant books of the 'Annals'". LUCE, 1991, p. 2919. Cf. SCOTT, 1974 e MORFORD, 1989, p. 1605.

³⁶⁵ *Anais*, XIII, 58: "*prodigii loco habitum est, donec in novos fetus revivisceret.*"

³⁶⁶ O relato todo está em *Anais*, I, 13. Ver DEVILLERS, 1995.

Juvenais, os *Juvenalia*. Para o historiador, é um grande exemplo do caráter absolutamente degenerado de Nero a sua dedicação pelas artes de inspiração grega, muito acima do permitido para sua posição. Mais adiante, quando Nero organiza os dois festivais culturais, *Neronia*, em 60 e 65 d.C., estas são mais oportunidades para Tácito fazer importantes digressões criticando o espírito geral da época em Roma e realçando a inversão de valores característica do período, não apenas pelas ações do imperador mas também pela reação do povo e pelo envolvimento de segmentos significativos da própria elite³⁶⁷.

A mesma situação que havia sob Cláudio, de prodígios que não resultam em nenhuma consequência imediata, aparece novamente logo a seguir³⁶⁸, com a aparição de um cometa – tomado tradicionalmente como presságio da morte do imperador – e de outros pequenos sinais interpretados como divinos, e que geram rumores sobre a possibilidade de Rubélio Plauto suceder Nero. Contudo, ainda estamos a oito anos do suicídio deste, e o máximo de consequência direta que encontramos como resposta à sua *impietas* é uma doença contraída pelo imperador por se banhar na fonte sagrada que abastecia o aqueduto de *aqua Marcia*, na sua busca cada vez maior pelo luxo³⁶⁹.

Todos os presságios negativos que se seguem são interpretados por Nero como portentos positivos, dentro dessa inversão de valores que se acentua cada vez mais. Assim, quando de sua “estréia” pública em Nápoles em 64 d.C., em uma apresentação de canto, o fato de o teatro ter desabado após a apresentação, depois de os espectadores o haverem deixado, é alternadamente interpretado como sinistro ou providencial,

³⁶⁷ "Nero thrives because he finds a corrupt society redy to his hand. If Tiberius was a wild beast thirsty for blood, Nero is like a magot feeding on decay." WALKER, 1960, p. 31. Para uma discussão pormenorizada do tema, MARQUES, 1999. Um aspecto particularmente interessante do retrato de Nero em Tácito é sua inabilidade oratória, mesmo tendo o imperador ganhado todos os prêmios de oratória nos festivais. Segundo Scott (1998), "... since Tacitus prevents Nero from speaking well – or in most cases, from speaking at all -, Tacitus, in his original rhetorical device of denying Nero a rhetorical demonstration, has successfully proved the depravity of the emperor in the final books of his Annals."

³⁶⁸ *Anais*, XIV, 22.

³⁶⁹ *Ibid.*

dependendo do ponto de vista de quem o interpretasse³⁷⁰ – no que vemos mais uma vez a dubiedade dos sinais divinos para Tácito. E assim, Nero está constantemente agradecendo aos deuses, mesmo que por razões duvidosas ou flagrantemente escusas³⁷¹.

O Senado acompanha o imperador – menos, é claro, o rebelde Trásea Peto (HELDMANN, 1991) – e por diversas vezes faz oferendas e agradecimentos aos deuses por razões completamente opostas a uma correta demonstração de *pietas*, em situações que Tácito deixa clara a contradição. Talvez o melhor exemplo disso³⁷² seja a reação descrita sobre as condenações depois da descoberta da conspiração de Pisão, no livro XV, onde Tácito relata os “agradecimentos” feitos aos deuses pela morte dos conspiradores, que formavam um vasto número de senadores, eqüestres e outras pessoas relacionadas. A descrição é também particularmente carregada de artifícios retóricos e dramáticos, e destaca-se a obviedade das aparências falsas:

"Mas Roma estava repleta de funerais, e o Capitólio de vítimas para os sacrifícios; Os que perderam um filho, o irmão, parente ou amigo assassinados, davam graças aos deuses e ornavam suas casas com louros, ajoelhando-se prostrados perante Nero e cansando a mão direita dele de beijos." ³⁷³

E enfim, no livro XVI, que infelizmente não sabemos se é ou não o último dos *Anais*³⁷⁴, Tácito nos apresenta sua visão da *ira deorum* que trouxe a desgraça de Roma

³⁷⁰ *Anais*, XIV, 34, cujas conseqüências e relações são analisadas por WOODMAN, 1998, p. 168-169.

³⁷¹ No primeiro caso, por exemplo, as reações exageradas pelo nascimento e depois morte da filha, Cláudia Augusta (XV, 23) e no segundo os agradecimentos pela morte de Agripina, onde Trásea Peto aparece se rebelando contra Nero pela primeira vez (XIV, 12).

³⁷² Veja-se também *Anais*, XIII, 8 e 41.

³⁷³ *Anais*, XV, 71: “*Sed compleri interim urbs funeribus, Capitoliam victimis; alius filio, fratre alius aut propinquo aut amico interfectis, agere grates dies, ornare lauru domum, genua ipsius advolvi et dextram osculis fatigare.*”

³⁷⁴ Essa é a teoria das hêxades de SYME, 1958, p. 686-687, dividindo os *Anais* em três grupos de seis livros cada (I-VI – Tibério, VII-XII – Calígula e Cláudio, XIII-XVIII – Nero). A teoria é refutada por GOODYEAR,

sob Nero, não sem antes anunciar mais um conjunto de presságios negativos e desastres ainda sem conexão direta com a queda do imperador³⁷⁵. Quando o autor reclama da indignidade e do horror do banho de sangue que descreve, com a punição e perseguição de vários membros da elite – e logo mais da *virtus ipsa*, Trásea e Bárea Sorano (MORFORD, 1989, p. 1620-1623) – é que podemos entender com mais propriedade a tão aparentemente contraditória visão taciteana do papel dos deuses e de sua ação no mundo dos homens. Não é necessariamente uma punição direta, como em Tito Lívio, que acomete os romanos em sua *impietas*, mas sim a desgraça causada por suas próprias ações, pela manutenção de um imperador dissoluto, e, mais ainda, pela adesão das elites a ele, a *adulatio* que visa à sobrevivência a todo custo. Vemos essa situação desde Tibério, mas ela chega agora a um ponto tão insustentável com Nero que acabará por desencadear a guerra civil retratada nas *Histórias*³⁷⁶. Diz Tácito: "tal foi a ira dos deuses com os assuntos romanos - não apenas algo isolado que merecesse uma única menção, como a derrota dos exércitos e a captura das cidades."³⁷⁷

Vejamos agora um exemplo muito particular e significativo dessa tendência à *impietas* em Tácito, assim como fizemos acima em Tito Lívio. Nas *Histórias* e nos *Anais*, o Capitólio aparece em situações-chave que caracterizam certos momentos cruciais de uma espiral moralmente decadente do Principado. Sendo um dos objetivos de Tácito retratar a progressiva degeneração do caráter dos imperadores, individualmente mas também em sua sucessão (MARQUES, 2004), o Capitólio aparece como local que

1970, p. 17-19 e McCULLOCH, 1984, p. 171-175, que alegam que os *Anais* terminam realmente no livro XVI – posição com a qual tendemos a concordar.

³⁷⁵ *Anais*, XVI, 13.

³⁷⁶ Cf. MARINCOLA, 1999a, p. 397: "[Tácito] portrays the decline as lasting several generations, and complete only at the end of Nero's reign, precisely where he wished to begin."

³⁷⁷ *Anais*, XVI, 16: "ira illa numinum in res Romanas fuit, quam non, ut in cladibus exercituum aut captivitate urbium, semel edito transire licet."

simboliza a deturpação dos valores morais e religiosos, que antes definiriam o caráter da identidade romana, nas ações do imperador.

É sugestivo notar como isso acontece predominantemente, de novo, em Nero. Mesmo com o problema das lacunas no texto, o levantamento das passagens que mencionam o Capitólio em Tácito evidencia uma desproporcionalidade entre a menção à colina e aos seus templos nos livros sobre Tibério e nos outros livros subsequentes. Na primeira hêxade³⁷⁸, temos apenas duas menções passageiras, sem relação direta com a caracterização do imperador³⁷⁹. Já em Cláudio há dois tipos de menções, as de caráter antiquário³⁸⁰, indiretamente refletindo os interesses do imperador, e as que funcionam como prenúncio da inversão de valores e da tirania do tempo que viria³⁸¹. É nos livros sobre Nero que finalmente ocorre a inversão do papel solene do Capitólio, de representação da *pietas* e do caráter religioso dos triunfos militares. Existem oito menções ao Capitólio nos livros XIV e XV³⁸², e todas têm algum tipo de conexão com as atitudes deturpadas do imperador. Em XIV, 13, Nero entra no Capitólio como conquistador, não por conta de alguma batalha mas sim em uma espécie de triunfo sobre a morte de Agripina, apresentada por ele como a eliminação de um grande risco para a República. Indeciso quanto à reação do Senado e do povo em Roma, Nero é convencido pela sua corte a adentrar a cidade³⁸³ com a firme decisão de confirmar seu

³⁷⁸ Vide nota 374. A divisão é polêmica, mas para os argumentos aqui levantados a polêmica não inviabiliza o uso do termo, utilizado para dar maior clareza à divisão da narrativa entre os imperadores.

³⁷⁹ *Anais*, III, 36 e VI, 12.

³⁸⁰ XI, 23, no discurso também conservado na tabuleta de Lyons (GRIFFIN, 1982), mencionando a tomada de Roma pelos gauleses, e XII, 24, cf. nota 16.

³⁸¹ Em XII, 42, Agripina entra no Capitólio carregada numa liteira cerimonial, imitando os sacerdotes e arrogando-se tal prestígio. Em XII, 43 e 64, Tácito menciona prodígios agourentos ocorridos no Capitólio e em outras partes de Roma.

³⁸² Mas nenhuma no que resta do livro XVI. Além das passagens analisadas adiante, temos XIV, 61 (o povo protesta contra o casamento de Nero e Popéia, clamando pela volta de Otávia), XV, 23 (votos pelo nascimento de Augusta, a filha de Nero), XV, 36 (Nero entra no templo de Vesta, sente medo e desiste de uma viagem ao Egito) e XV, 44 (votos pela reconstrução de Roma após o incêndio).

³⁸³ Ele estava em Nápoles – XIV, 10.

poder, agora finalmente livre da influência materna³⁸⁴. Em XV, 18, erguem-se troféus e arcos no Capitólio pela vitória de Corbulão sobre os partos, mas Tácito aponta para o significado vazio dessas iniciativas:

"[as homenagens] tinham sido votadas pelo Senado enquanto a guerra ainda estava em curso, e agora não foram abandonadas – consultaram-se as aparências enquanto que a verdade era ignorada."³⁸⁵

Em XV, 71 e 74, inversões ainda mais explícitas: após a descoberta da conspiração de Pisão e por conta das diversas execuções que se seguiram, tanto Nero quanto os próprios parentes dos condenados se dirigem ao Capitólio para fazer oferendas e agradecer pela salvação do imperador e pela punição aos insurgentes. Tácito mostra Roma (ou, mais especificamente, o Senado) imersa num clima de terror e de submissão onde as aparências deturpam o sentido da *fides* e da *pietas* familiar em busca da sobrevivência, num paradoxo moral de enunciação retórica típica do autor, como vimos acima em XV, 71. Nero vai também ao Capitólio consagrar a arma que seria utilizada no crime a Júpiter Vingador, sem que se notasse o evento como prenúncio do triunfo de outro "vingador", Júlio Víndice³⁸⁶.

Nas *Histórias*, diversas menções ao Capitólio ocorrem no livro I, graças ao fato de que a conspiração dos partidários de Oto para assassinar Galba acontece entre a colina e o Fórum³⁸⁷. Em boa parte, seriam referências quase incidentais, não fosse pela significância simbólica do local, como Tácito explicita em I, 40 ao narrar o avanço dos assassinos pela multidão até o local onde se encontrava Galba:

³⁸⁴ XIV, 13.

³⁸⁵ "*decreta ab senatu integro adhuc bello neque tum omitta, dum aspectui consulitur sprete conscientia*".

³⁸⁶ O general que inicia uma rebelião contra Nero na Gália Lugdunense em 68 d. C. e, mesmo derrotado, inicia o processo de queda do imperador completado por Galba.

³⁸⁷ *Histórias*, I, parágrafos 2, 33, 39, 40, 47, 71 e 86.

"Tais homens não se amedrontavam nem pela visão do Capitólio, pela santidade dos templos que pairavam ao alto, nem pela lembrança dos imperadores passados ou que estavam por vir..."³⁸⁸

É na guerra civil de 69 d.C. que o Capitólio é mencionado como símbolo máximo da destruição e decadência de Roma. Para Tácito, essa guerra civil é certamente a mais indigna de todas, pois nenhum dos adversários – Galba, Oto ou Vitélio – é suficientemente digno para justificar a luta pelo poder³⁸⁹. A cidade de Roma está imersa no caos no final do livro III, e Vitélio já não tem mais força política ou autoridade institucional alguma – logo ele será morto, de maneira totalmente degradante. E dentre os eventos que tornam toda essa situação o cúmulo da desordem para Tácito está a invasão e queima do templo de Júpiter *Optimus Maximus* pela turba incontrolável, alheia à importância simbólica do monumento.

O parágrafo III, 72 é um obituário do Capitólio, escrito à maneira dos obituários de personagens importantes, pois ele é "morto" pelo confronto desordenado entre as forças flavianas e vitelianas descrito no parágrafo anterior. Tácito retoma a história da construção do templo de Júpiter que encontramos em Tito Lívio e ressalta que, apesar de ter sido construído sob os reis,

"a glória da obra estava reservada para a liberdade: depois da expulsão dos reis, Horácio Pulvilo, no seu segundo consulado, a dedicou, e sua magnificência era tão grande que as riquezas adquiridas posteriormente pelo povo romano mais adornaram do que aumentaram seu esplendor"³⁹⁰.

³⁸⁸ "*nec illos Capitolii aspectus et imminentium templorum religio et priores et futuri principes terruere...*" Note-se a presença do monumento como inspirador, como vimos acima em Tito Lívio. Cf. EDWARDS, 1996, p. 76-77.

³⁸⁹ Como veremos adiante em *Hist*, II, 38.

³⁹⁰ "*sed gloria operis libertati reservata: pulsus regibus Horatius Pulvillus iterum consul dedicavit ea magnificentia quam immensae postea populi Romani opes ornarent potius quam augerent*"

A solenidade da descrição da "vida" do Capitólio contrasta com o paradoxo da destruição do símbolo máximo da cidade e do Império³⁹¹. O maior absurdo da situação é exatamente o paradigma total da decadência vista por Tácito, e assim ele o apresenta para justificar a importante afirmação que dá início ao obituário: "este foi o crime mais triste e mais vergonhoso que o Estado romano jamais sofreu"³⁹².

O colapso não se deveu a qualquer força externa³⁹³, como antes havia ocorrido através de Porsena ou dos gauleses no começo da República, ou mesmo por algum ataque feito por *fraude privata*, como o ocorrido em 83 a.C. Nem mesmo os deuses interferem no desastre³⁹⁴, pois sua causa é o ápice da degeneração do caráter dos indivíduos, ilustrado por uma sucessão fatal de imperadores totalmente incapazes e dissolutos - ou seja, o maior desastre da história romana se deveu única e exclusivamente às suas lideranças. O relato da construção e desenvolvimento do esplendor do Capitólio é outro elemento acentuador da magnitude dos dramáticos acontecimentos. Toda a situação, incluindo seu contraste com a glória antiga, é exageradamente sublinhada; este é enfim o ponto mais baixo a que se pode chegar, o colapso derradeiro³⁹⁵.

Assim como em Tito Lívio, a observância do ritual e a obediência à religião como fator de dedicação à República aparecem em Tácito, só que de uma forma invertida. A ausência total de *fides* e *pietas* em Nero ou durante a guerra civil descaracteriza e

³⁹¹ "In this all the various threads explored above [III, 72] come together. While the destruction of the temple is normally seen as just another sordid act of civil war, in religious terms it is one of the key moments of the entire account and the logical conclusion of the decline of the previous decades." DAVIES, 2005, p. 207.

³⁹² "*facinus post conditam urbem luctuosissimum foedissimumque rei publicae populi Romani accidit*". Edwards (1996, p. 79-81) também ressalta o significado simbólico da destruição do Capitólio, sem no entanto reconhecer explicitamente o episódio como o ápice da decadência em Tácito.

³⁹³ O paralelo com o obituário de Cremona (III, 34) também é evidente e intencional: "... in the same way that Cremona is untouched by foreign invasion and falls victim only to civil war." SAGE, 1991, p. 3398.

³⁹⁴ Compare-se com a indiferença dos deuses para Tácito no prefácio das *Histórias*: I, 3.

³⁹⁵ McCULLOCH, 1991, p. 2928: "*The chaos and destruction that beset the world in AD 69 – the wanton violence, the corruption of the armies, the very burning of the Capitoline temple – exercised the single most important influence on Tacitus' conception of history. ...what occurred before and what occurred after the cataclysmic civil war were part of a continuum of the historical process obsessively controlled and dictated by base human motives.*"

enfraquece terrivelmente a grandeza romana, através da corrupção da moral individual e pelo desrespeito com o Estado e seu componente religioso - representados pelo Capitólio.

Portanto, a forma como Tácito mostra isso passa, também, assim como em Tito Lívio, por colocar o Capitólio como ponto crucial representando a cidade e seu destino. Em um primeiro momento da história romana, através do que narra Tito Lívio, todo o avanço do poderio romano é garantido pelos deuses através da observância religiosa, pela qual a colina do Capitólio foi ocupada e o conjunto de seus templos construído. Mesmo ainda na República, o fracasso advém da falta de reconhecimento dessa importância. Tácito apresenta, através do *crescendo* narrativo, o cúmulo dessa inobservância pela deturpação de seu sentido e depois pela destruição do seu significado – destruição essa física, com o incêndio e os saques, e simbólica, pelo comportamento dos diversos grupos na *urbs*. Como consequência disso, talvez possamos então afirmar que essa idéia representa para Tácito a decadência última de Roma, ou ainda, da identidade que dá significado à idéia de Roma - mesmo que, como nos lembra Edwards (1996, p. 72):

"Both Livy and Tacitus harness the associations of the Capitoline for their own literary and historical ends: in Livy's case a teleological account of the rise of Rome and in Tacitus' an ironic account of its decline (though the ironies and ambiguities of Tacitus' writing are such that the starting-point for any decline remains elusive and the possibilities for progress are never wholly excluded)."

2.4. *Mos maiorum*

No debate sobre *mos maiorum* em Tito Lívio, discutimos alguns aspectos da definição do termo e do recorte aqui utilizado. A maneira mais clara que empregamos para ler Tito Lívio foi através da leitura das instâncias onde ele cita uma determinada negligência do *mos maiorum* na ação de algum personagem ou da coletividade, e a forma mais característica disso para o autor é a presença do luxo na sociedade romana, uma novidade externa trazida pela conquista do Oriente e pela prosperidade econômica. Já no caso de Tácito, o luxo não é mais algo recente, mas sim largamente disseminado entre a elite da cidade. O caminho para analisar o *mos maiorum* em Tácito se torna então ligeiramente diferente, pois as referências aos costumes dos antepassados, pela menção aos próprios ou emulação no tempo narrado, são bem mais pontuais³⁹⁶.

Consideremos aqui, portanto, eventos onde alguns aspectos do *mos maiorum* estejam ou presentes, ou flagrantemente desvirtuados, como no caso da *dignitas*, da *severitas*, da *disciplina*, da *frugalitas* e da *parsimonia*, bem como a questão do luxo, presente em especial nos *Anais*.

São diversas as passagens em toda a obra de Tácito que mencionam personagens cujo comportamento remete aos costumes dos antepassados, mesmo que, em boa parte das vezes, quem e de quando sejam esses antepassados não apareça definido com precisão. É possível ler esse problema como revelador de uma tradição já consolidada na mentalidade romana, mesmo talvez restrita apenas à elite, que estabelece uma série de padrões de comportamento e moral definidores do que seria o conjunto coerente de valores romanos por excelência – não contaminados pelas

³⁹⁶ O que reflete de certa forma a fluidez do conceito de *mos maiorum* no mundo romano: "Der Begriff *mos maiorum* steht im Lateinischen für Tradition schlechthin, aber war kein starres, sondern ein dynamisches und formbares Konzept, dessen Inhalt immer wieder neu interpretiert wurde. *Mos maiorum* symbolisiert die Stabilität und Kontinuität der römischen Gesellschaft und des römischen Staates." PIÑA-POLO, 2004, p. 163.

influências externas nem pela ambição provocada pelas riquezas. O que é interessante analisar aqui é a medida de como Tácito considera esses valores desejáveis dentro do novo contexto do Principado, ou se algum tipo de inovação dentro desse conjunto de valores é bem-vindo em alguma circunstância³⁹⁷.

Já no início das *Histórias* vemos como nem sempre os costumes dos antigos são benéficos em determinadas situações. Um exemplo de aspecto negativo da moral antiga é a excessiva *severitas* de Galba, que se torna um problema particularmente danoso ao imperador quando ele resolve não pagar um grande donativo às tropas pretorianas – que logo irão aderir ao mais perdulário Oto. Sua severidade é louvável em si, mas prejudica o equilíbrio das forças em Roma e ajudará a agravar a guerra civil: "Para coroar tudo, Galba declarou, 'eu escolho, não compro, meus exércitos' - palavras nobres para a República, mas arriscadas para ele."³⁹⁸ Tácito chega a condenar claramente a atitude de Galba mais adiante, revelando uma visão de que nem sempre os *mores antiqui* são adequados em seu próprio tempo: "Ele foi arruinado por seu rigor antigo e severidade excessiva, coisas que já não mais podemos aceitar."³⁹⁹ No obituário do imperador, o veredicto é também condenatório nesse mesmo sentido, pois Tácito entende que Galba falhou em compreender as necessidades de seu próprio tempo, e por isso não era capaz de exercer o governo de maneira adequada – "era consenso entre todos que ele seria capaz de governar, caso não tivesse governado."⁴⁰⁰

Porém, a situação com os próximos dois imperadores apenas tende a se deteriorar cada vez mais, pois tanto Oto quanto Vitélio são, por outro lado, um reflexo

³⁹⁷ Sobre o problema da inovação nos costumes e na percepção da história no mundo romano, ver LE GOFF, 2003.

³⁹⁸ *Hist.*, I, 5: "*accessit Galbae vox pro re publica honesta, ipsi anceps, legi a se militem, non emi.*" Para um exemplo de *severitas* positiva, ver *Anais*, VI, 30, onde ela é balanceada com a *clementia*.

³⁹⁹ *Hist.*, I, 18: "*nocuit antiquus rigor et nimia severitas, cui iam pares non sumus.*"

⁴⁰⁰ *Hist.*, I, 49: "*omnium consensu capax imperii nisi imperasset.*" Sobre os aspectos positivos de Galba em Tácito, vide NAWOTKA, 1993.

dos elementos negativos da época. A descrição que Tácito faz do desalento dos soldados em escolher entre um dos dois concorrentes – em I, 50 – é sintomática de que, de fato, os valores estão invertidos em 69 d.C, e assim é importante citar toda a reflexão do autor para uma análise:

“Roma estava abalada ao mesmo tempo pela atrocidade do crime recente e pelo temor dos antigos costumes de Oto. Agora também estava aterrorizada pelas notícias sobre Vitélio, que tinham sido suprimidas antes da morte de Galba para que todos acreditassem que só o exército da Germânia Superior tinha se rebelado. Então a idéia de que os dois piores homens, por seu des pudoramento, indolência e luxúria, tinham sido aparentemente escolhidos pelo destino para destruir o império fez lamentar não apenas os senadores e os eqüestres, que tinham alguma parte e interesse pelo Estado, mas até mesmo o povo. Não se falava mais dos fatos recentes que tinham estabelecido tal paz sangrenta, mas reavivava-se a memória das guerras civis, das vezes em que Roma tinha sido capturada pelos exércitos romanos, da devastação da Itália, dos saques nas províncias, de Farsália, Filipi, Perúsia e Mutina, nomes notórios por desastres públicos. ‘O mundo tinha quase sido destruído, mesmo quando o poder era disputado por homens honestos, e quando César venceu, e também quando Augusto venceu, ainda o império fora mantido intacto. A República teria sido preservada caso Pompeu e Bruto tivessem vencido; mas, agora, iria-se aos templos por Oto ou por Vitélio?’ Tanto para um quanto para outro as preces seriam ímpias, e os votos detestáveis, dado que, na guerra de um contra o outro, a única certeza era que o pior sairia vencedor. Havia alguns que tinham presságios de Vespasiano e dos exércitos no Oriente, mas, embora Vespasiano fosse preferível a aqueles dois, a possibilidade de uma nova guerra e de um novo massacre os horrorizava. De fato, a reputação de Vespasiano era incerta; apenas ele, ante seus predecessores, mudou para melhor no seu governo.”⁴⁰¹

⁴⁰¹ *"Trepidam urbem ac simul atrocitatem recentis sceleris, simul veteres Othonis mores paventem novus insuper de Vitellio nuntius exterruit, ante caedem Galbae suppressus ut tantum superioris Germaniae exercitum descivisse crederetur. tum duos omnium mortalium impudicitia ignavia luxuria deterrimos velut ad perdendum imperium fataliter electos non senatus modo et eques, quis aliqua pars et cura rei publicae, sed vulgus quoque palam maerere. nec iam recentia saevae pacis exempla sed repetita bellorum civilium memoria captam totiens suis exercitibus urbem, vastitatem Italiae, direptiones provinciarum, Pharsaliam Philippos et Perusiam ac Mutinam, nota publicarum cladum nomina, loquebantur. prope eversum orbem etiam cum de principatu inter bonos certaretur, sed mansisse G. Iulio, mansisse Caesare Augusto victore*

Galba acaba de ser brutalmente assassinado pelos partidários de Oto e a cidade de Roma tem um novo imperador. Porém, os rumores da movimentação das tropas na Germânia e da aclamação de Vitélio deixam a situação mais complicada e nebulosa, e sabe-se que o resultado da guerra implica em um deles sendo obrigatoriamente o vencedor. Estes três elementos, segundo Tácito, deixam a cidade em estado de terror e de perspectivas desalentadoras. A razão para isso é a indignidade da escolha de seu futuro, pois as personalidades e o caráter dos dois candidatos são os mais torpes possíveis, combinando os vícios mais opostos à responsabilidade que a posição exige: *impudicitia*, devassidão, *ignavia*, frouxidão, e *luxuria*. Ainda mais: não bastasse tal quadro, a memória de tempos anteriores de guerra civil vem à tona, fazendo um paralelo óbvio entre as capacidades de líderes anteriores e a escolha péssima, deprimente e inútil do presente.

Roma, e também as províncias⁴⁰², esteve por muitas vezes sujeita a desastres políticos causados por disputas entre os próprios romanos, mas mesmo assim homens competentes como Júlio César e Augusto souberam manter o controle do império (Cf. SAGE, 1991, p. 3399). Até mesmo Pompeu e Bruto, se tivessem sido vitoriosos, manteriam o império e ainda a República, mas, diz Tácito, o que fazer com figuras como Oto e Vitélio? O clima é de total desesperança e apatia, que irá se refletir na falta de ação e engajamento político do Senado, dos eqüestres e mesmo da plebe. As atitudes de todos estes segmentos será, como já vimos, de *adulatio* forçada ou aceitação passiva, como Tácito descreve a respeito da presença de Oto (I, 45, 89 e 90) e Vitélio (II, 90 e III, 37) em Roma.

imperium; mansuram fuisse sub Pompeio Brutoque rem publicam: nunc pro Othone an pro Vitellio in templa ituros? utrasque impias preces, utraque detestanda vota inter duos, quorum bello solum id scires, deteriorem fore qui vicisset. erant qui Vespasianum et arma Orientis augurarentur, et ut potior utroque Vespasianus, ita bellum aliud atque alias cladis horrebant. et ambigua de Vespasiano fama, solusque omnium ante se principum in melius mutatus est."

⁴⁰² Para um comentário sobre a ordem da menção das batalhas, ver CHILVER, 1979, p. 110-111.

Devemos notar que Tácito não opõe instituições políticas (César e Augusto estão lado a lado, e quase nos mesmos termos de Pompeu e Bruto) nem necessariamente apenas o caráter virtuoso dos homens do passado contra os detestáveis Oto e Vitélio. Trata-se em particular de competência e capacidade individuais, o que seria em si até talvez circunstancial da *virtus* de cada um, não fosse o ambiente de descontrole total do império e dos exércitos, que permitiu a ascensão e escolha dos dois entre todos os possíveis candidatos ao poder⁴⁰³.

A seguir, no livro II, Tácito continua com comparações explícitas entre o presente da narrativa e o passado republicano, e o parágrafo 38 é o mais importante elemento de comparação entre os antepassados e os agentes da guerra civil feito por ele nas *Histórias*:

“A antiga paixão pelo poder, há tempos inerente à humanidade, desabrochou e cresceu quando o império se tornou grande. Quando havia poucos recursos, a igualdade era facilmente mantida. Mas depois que o mundo foi subjugado, que povos inimigos e reis foram destruídos, eis que os homens estavam livres para desejar uma riqueza garantida, e surgiram as primeiras lutas entre patrícios e plebeus. Agora um tribuno sedicioso, então cônsules usurpadores do poder, e na cidade e no fórum surgiram as primeiras tentativas de guerra civil. Mais tarde, Mário, plebeu obscuro, e Sila, o mais cruel dos nobres, derrotaram a liberdade com suas armas e a transformaram em tirania. Depois veio Pompeu, não melhor, porém mais dissimulado, e desde então nunca mais se combateu senão pela disputa do poder. As legiões dos cidadãos romanos não depuseram suas armas em Farsália ou em Filipi, muito menos os exércitos de Oto e de Vitélio abandonariam a guerra por sua própria vontade: a mesma ira divina, a mesma cólera humana, os mesmos motivos para o crime os levaram à discórdia. Que as duas guerras terminaram quase no início, foi devido à covardia dos comandantes. Mas essas reflexões

⁴⁰³ Homens bem mais qualificados poderiam ter sua oportunidade, vide o caso de Virgínio Rufo. Cf. BENARIO, 1972, p. 24 e WELLESLEY, 1975, p. 9 et seq.

sobre a moral antiga e a nova me levaram muito longe. Volto agora para o meu assunto."⁴⁰⁴

De forma a entendermos este trecho, é preciso considerar o contexto do parágrafo precedente. Neste, o autor menciona uma história presente em suas fontes, o rumor que ambos os exércitos de Oto e Vitélio estariam considerando em comum o fim da guerra, ou pelo desejo da paz, ou pela rejeição da idéia de vencer para levar ao poder um dos dois incompetentes candidatos (McCULLOCH, 1991, p. 2937-2938).

Para Tácito, a história do encontro dos exércitos é falsa, porque não haveria diferença real possível entre as atitudes dos exércitos de 69 e dos exércitos da guerra civil republicana: ambos lutavam não pela dignidade de sua causa, mas sim por conta da imutável sede humana de poder. Além disso, seria inconcebível que exércitos tão diversos em sua composição como os de Oto e Vitélio pudessem se entender, e, mais ainda, que se esperasse de uma era tão corrupta e degenerada tal sentimento nobre e digno da consideração maior pelo Estado.

A idéia geral presente em II, 38 não é nova, e Tácito repete aqui um *topos* da historiografia romana derivado diretamente de Salústio⁴⁰⁵. Tácito expõe basicamente o mesmo raciocínio: a ambição humana era ainda latente nos primórdios de Roma, mas quando o império cresceu, se expandiu e dominou seus inimigos, a riqueza fez surgir as

⁴⁰⁴ . ""*Vetus ac iam pridem insita mortalibus potentiae cupido cum imperii magnitudine adolevit erupitque; nam rebus modicis aequalitas facile habebatur. sed ubi subacto orbe et aemulis urbibus regibusve excisis securas opes concupiscere vacuum fuit, prima inter patres plebemque certamina exarsere. modo turbulenti tribuni, modo consules praevalidi, et in urbe ac foro temptamenta civilium bellorum; mox e plebe infima C. Marius et nobilium saevissimus L. Sulla victam armis libertatem in dominationem verterunt. post quos Cn. Pompeius occultior non melior, et numquam postea nisi de principatu quaesitum. non discessere ab armis in Pharsalia ac Philippis civium legiones, nedum Othonis ac Vitellii exercitus sponte posituri bellum fuerint: eadem illos deum ira, eadem hominum rabies, eadem scelerum causae in discordiam egere. quod singulis velut ictibus transacta sunt bella, ignavia principum factum est. sed me veterum novorumque morum reputatio longius tulit: nunc ad rerum ordinem venio*".

⁴⁰⁵ Em *Jugurta*, 41 e em *Catilina*, 10-11, Salústio descreve sua teoria para a causa maior da decadência do império. Esta é gerada pelo processo que leva à conquista definitiva de Cartago e a situação de total domínio romano no Mediterrâneo, de forma que já não mais existe um inimigo que Roma deve temer e então todo tipo de corrupção, ganância e luxúria assim afloram. Ou seja, paradoxalmente, o ponto culminante do poder romano é também o princípio de seu fim. KOESTERMANN, 1973.

disputas e a luta pelo poder. A *aequalitas*, igualdade, celebrada nas primeiras pântades de Tito Lívio, é portanto incompatível agora com a grandeza do império.

A partir daí, Tácito entende que, durante todo o resto da República, a *stasis* provocada pela ambição domina os governantes – e portanto a instituição da República em si não é mais garantia de *aequalitas* e de virtude. Mário e Sila substituíram, pela força das armas, a *libertas* pela *dominatio*. Pompeu consolida a tendência, que a partir daí se torna irreversível, numa linha contínua e ininterrupta. Ou seja, a discórdia entre os próprios romanos, motor de sua decadência, foi gerada dentro mesmo da República e se consolidou devido não a qualquer contradição inerente ao sistema político, mas sim por conta do caráter corruptível dos homens.

Daqui saímos do modelo de Salústio e entramos na singularidade fundamental de Tácito, que parece determinar claramente sua compreensão do Principado. Existe então para ele uma clara continuidade entre tal estado das coisas, da República para o Principado. Nenhum dos dois exércitos, os de Farsália e Filipi e os de Oto e Vitélio, tomados pela mesma cobiça, quer abdicar da luta pelo poder. Isto significa que a situação degeneradora causada pela expansão territorial durante a República se desenvolveu de uma tal forma que seu movimento descendente culminou na sua única consequência lógica, a disputa pelo poder absoluto - que Augusto finalmente conquistou. Esta portanto não é apenas a única saída aceitável na situação política corrente do período de Tácito, mas é assim o destino inevitável do desenvolvimento da história romana⁴⁰⁶.

Mais adiante, em III, 51, temos mais um exemplo interessante do contraste delineado por Tácito entre as guerras civis na República e em 69, e que também fornece dados para interpretar as questões levantadas na análise acima. É uma pequena história

⁴⁰⁶ Cf. HAVAS, 1991, p. 2970, para a idéia de uma *discordia* tornada permanente no Principado.

sobre soldados que matam seus parentes por estarem em lados opostos no campo de batalha⁴⁰⁷, que ele afirma diretamente ter retirado de suas fontes. Tais relatos, considerados banais dentro do padrão de estilo esperado para uma narrativa histórica⁴⁰⁸, são citados com o objetivo de ilustrar a grande diferença entre um tempo de atitudes virtuosas e outro que determina seu extremo oposto.

A situação é o clima de vitória das tropas flavianas depois do saque de Cremona. A distorção de valores chega a um ponto tão grande que um exército romano, por simples ganância e ambição - diretamente remanescente de II, 38 - destrói totalmente uma cidade do seu próprio império, e ainda não de uma província qualquer, mas da própria Itália. Tácito apresenta a consequência geral do clima: reverte-se aqui totalmente o sentido de certo e errado. Ele segue narrando o fato que ilustra tal conclusão: um soldado do exército flaviano chega ao cúmulo de pedir uma recompensa especial pelo assassinato de seu irmão, que lutava pelo outro lado. Tão descabido é o seu orgulho pelo ato que os seus superiores são incapazes, mais do que de premiá-lo, de puni-lo pela magnitude de seu crime. A comparação é feita com uma situação

⁴⁰⁷ "Tenho o testemunho dos mais renomados autores que os vitoriosos passaram a ter tanto desdém pela diferença entre o certo e o errado, que um soldado comum declarou ter matado seu irmão na última batalha e pediu um prêmio para seus comandantes. O senso comum não os permitiu honrar tal morte dessa forma, nem o ambiente militar de puni-la. Então eles dispensaram o soldado, afirmando que ele merecia uma recompensa maior do que a que poderia ser ali oferecida. Nada mais foi narrado sobre isso. Mas um crime semelhante ocorreu na guerra civil anterior. No combate contra Cina no Janículo, como relata Sisena, um dos soldados de Pompeu matou seu irmão, e, percebendo seu crime, suicidou-se, tanto mais agudo entre nossos ancestrais era o arrependimento pelos crimes quanto a glória nas ações virtuosas." *"Celeberrimos auctores habeo tantam victoribus adversus fas nefasque inreverentiam fuisse ut gregarius eques occisum a se proxima acie fratrem professus praemium a ducibus petierit. nec illis aut honorare eam caedem ius hominum aut ulcisci ratio belli permittebat. distulerant tamquam maiora meritum quam quae statim exolverentur; nec quidquam ultra traditur. ceterum et prioribus civium bellis par scelus inciderat. nam proelio, quo apud Ianiculum adversus Cinna pugnatum est, Pompeianus miles fratrem suum, dein cognito facinore se ipsum interfecit, ut Sisenna memorat: tanto acrior apud maiores, sicut virtutibus gloria, ita flagitiis paenitentia fuit. sed haec aliaque ex vetere memoria petita, quotiens res locusque exempla recti aut solacia mali poscet, haud absurde memorabimus."*

⁴⁰⁸ Temas pequenos e anedotas são objeto de biografias, veja-se preocupação de Tácito em justificar seu uso: *"sed haec aliaque ex vetere memoria petita, quotiens res locusque exempla recti aut solacia mali poscet, haud absurde memorabimus"* - III, 51.

semelhante ocorrida no exército de Pompeu, mas aqui o soldado que mata o irmão comete suicídio ao compreender o que tinha feito.

A implicação direta do relato é, de novo, que existe uma diferença determinante entre a demonstração da virtude antes e a incapacidade da manutenção de seu valor depois. Mas isso não significa que a República era necessariamente mais virtuosa, mesmo sob a guerra civil. Apenas nesse período anterior a degeneração ainda estava em seu desenvolvimento, formando uma seqüência que culmina gradativamente com o estado das coisas em 96 d.C. A virtude no primeiro momento é consequência de um determinado estado no processo de decadência, e não inerente à realidade do fim da República *per se*.

Nos *Anais*, essa mesma linha é desenvolvida, e vemos claros sinais de que a degeneração do *mos maiorum* não é necessariamente vinculada à passagem da República ao Principado com Augusto⁴⁰⁹. O prefácio da obra indica as linhas gerais do pensamento taciteano:

“A cidade de Roma foi a princípio governada por reis; a liberdade e o consulado foram instituídas depois por Lúcio Bruto. Ditaduras eram tomadas apenas temporariamente: nem a autoridade decemviral ultrapassava dois anos, nem o direito consular dos tribunos militares durou muito. Nem Cíneo, nem Sula dominaram por muito tempo; Pompeu e Crasso passaram rapidamente o poder para César, e também Lépido e Marco Antônio cederam suas armas para Augusto, que, encontrando tantas discórdias entre cidadãos, aceitou tomar posse do império sob o nome de príncipe. Mas as antigas glórias e desastres do povo romano já foram recordadas por eminentes escritores; e não faltaram grandes talentos para narrar a época de Augusto, até que a crescente adulação os interrompeu. As histórias de Tibério, Calígula, Cláudio e Nero foram adulteradas por conta do medo, e

⁴⁰⁹ “While the past is often invoked in the *Annals* as a standard against which to measure the present, it is not na absolute standard; nor is the view that the past was better than the present the only perspective we are given.” GINSBURG, 1993, p. 87. FREDERICKS, 1969, tem a visão oposta, que “*mos maiorum* is a concept used by Tacitus to underline the failure of the principate to live up to the ideals of the republican past.”

ainda depois de suas mortes, escritas sob ódios recentes. Portanto resolvi escrever um pouco sobre os últimos tempos de Augusto, e depois sobre o Principado de Tibério em diante, sem rancor ou partido, pois não tenho motivos para isso."⁴¹⁰

O primeiro parágrafo, também de inspiração salustiana⁴¹¹, traz uma rápida descrição da história da República até Augusto. A aparente objetividade na primeira frase, sobre o período dos reis, contrasta com o estabelecimento do consulado e da liberdade com Lúcio Bruto, comparando portanto um período de *dominatio* com um de *libertas* e associando diretamente esta com a instituição da República. Porém, tal associação não é tão simples, pois as próximas orações descrevem várias fases de *dominatio* dentro do período republicano. Dois instantes diferentes se destacam, sendo o primeiro (*neque... até longa dominatio*) marcado por exceções breves e dentro das possibilidades legais - note-se o uso de partículas de negação que exprimem tais características. O segundo instante, com os dois triunviratos, é marcado pelo aspecto militar e ilegal da *dominatio*, gradualmente consolidado até o ponto da estabilidade trazido por Augusto. Diferentemente portanto das *Histórias*, onde a *libertas* é enfatizada como tema, aqui o processo é da consolidação da *dominatio*, num ciclo que retorna evidentemente à primeira época da história de Roma, com a *dominatio* dos reis⁴¹².

⁴¹⁰ "Urbem Romam a principio reges habuere; libertatem et consulatum L. Brutus instituit. dictaturae ad tempus sumebantur; neque decemviralis potestas ultra biennium, neque tribunorum militum consulare ius diu valuit. non Cinnae, non Sullae longa dominatio; et Pompei Crassique potentia cito in Caesarem, Lepidi atque Antonii arma in Augustum cessere, qui cuncta discordiis civilibus fessa nomine principis sub imperium accepit. sed veteris populi Romani prospera vel adversa claris scriptoribus memorata sunt; temporibusque Augusti dicendis non defuere decora ingenia, donec gliscente adulatione deterrerentur. Tiberii Gaique et Claudii ac Neronis res florentibus ipsis ob metum falsae, postquam occiderant, recentibus odiis compositae sunt. inde consilium mihi pauca de Augusto et extrema tradere, mox Tiberii principatum et cetera, sine ira et studio, quorum causas procul habeo." Um detalhado comentário está em LEEMAN, 1973; cf. MARINCOLA, 1999a.

⁴¹¹ Cf. *Catilina*, 6.

⁴¹² . Como também nota Syme (1958, p. 364): "The victory of Caesar Augustus signified that a cycle ended in the long annals of Rome. In the beginning the Kings, and then the Free State, which yielded to the age of the dynasts; and the last of the dynasts brought in the monarchy again. The formulation was easy and inescapable".

As seções seguintes, que tratam do período de Augusto e de sua sucessão (O'GORMAN, 1995), trazem uma característica importante, representando a consolidação do caráter do principado, e portanto a natureza do poder imperial para Tácito, refletida em toda a extensão da obra. A narrativa enfatiza o caráter violento e opressor da tomada do poder, a eliminação sistemática da oposição, o aliciamento através do dinheiro ou a submissão pelo medo ou mesmo pela acomodação em troca do fim do estado de guerra, como deixa evidente o segundo parágrafo. A paz, enfim, consolida um mundo de valores invertidos, onde todas as atenções estão voltadas para a autoridade do imperador: "Era portanto um mundo alterado, e nada restou do antigo e íntegro caráter romano: todos, finda a igualdade, esperavam pelas ordens do imperador."⁴¹³

Depois da morte de Augusto, a ascensão de Tibério também consolida as mesmas características, através do assassinato de Agripa e da submissão do Senado⁴¹⁴, mesmo apesar da manutenção das aparências constitucionais, na qual o novo *princeps* insiste. De certa forma, tal estado das coisas é também característico da guerra civil, com a diferença fundamental que no Principado se estabelece a ordem e a paz. No entanto, o mecanismo de garantia do poder, através da coerção e da violência, é essencialmente o mesmo⁴¹⁵, e estará presente em toda a extensão dos *Anais*. O elemento novo dentro dessa continuidade é que as decisões são agora transferidas do domínio público para a esfera privada, a dos rumores e das maquinações da corte real, e o texto enfatiza tal

⁴¹³ *Anais*, I. 4: "Igitur verso civitatis statu nihil usquam prisci et integri moris: omnes exuta aequalitate iussa principis aspectare"

⁴¹⁴ Por exemplo, em *Anais* 1, 12: "O Senado, neste íterim, estava decaindo para as mais abjetas súplicas." "Inter quae senatu ad infimas obtestationes procumbente."

⁴¹⁵ "Tacitus shows the same motives and methods of civil strife at work in the reigns of Augustus' successors; the same greed and personal ambition ("cupido potentiae") motivate the nobles in peace just as in war, and the law continues to be misused by the princeps and those who seek to advance themselves through him. Furthermore, the maiestas trials display the same breakdown of traditional values and loyalties which Sallust and Thucydides associate with a society in stasis." KEITEL, 1984, p. 317-318.

paradoxo ao narrar o ambiente familiar dos Júlio-Cláudios no primeiro plano, tornando-o assim público.

Em relação ao problema do luxo na sociedade romana, que também analisamos a respeito de Tito Lívio acima, Tácito constrói um importante debate no livro III, quando trata da atuação administrativa de Tibério com o Senado⁴¹⁶. A partir do parágrafo 52, o autor relata um debate no Senado a respeito da adoção de medidas punitivas para controlar o excesso de luxo nos banquetes, *luxus mensae*. Os senadores, segundo o autor, estavam preocupados com a possível adoção de leis que punissem certos costumes já consolidados e praticados entre todos, e que tinham se tornado cada vez mais comuns. Assim, a aplicação de leis severas afetaria muitos, de maneira talvez injusta e desordenada. Pedem a intervenção de Tibério, que, reticente, prefere se omitir da decisão sobre o assunto e apresenta uma carta justificando sua atitude (parágrafos 53 e 54).

Trata-se aqui de um aspecto particular do problema da distorção do propósito da lei, a partir do qual Tácito reflete sobre os motivos da necessidade de restrições para a sociedade⁴¹⁷. Assim se justifica a presença da carta de Tibério, que omite sua opinião mas não toma medidas concretas sobre o problema. Este se resolveu pelo declínio do luxo e da ostentação a partir de 69 d.C, com a ascensão do antiquado, no bom sentido⁴¹⁸, Vespasiano. A partir daí, Tácito abstrai a questão dos *mores*, observando e conjecturando a respeito das razões da mudança de um período de ostentação para outro de parcimônia e austeridade.

⁴¹⁶ Inexplicavelmente ignorado por DALBY, 2000.

⁴¹⁷ Como destacam WOODMAN e MARTIN (1996, p. 377): "... the section is a counterpart of, and variation on, that at 25-28 above. Each deals with an aspect of social legislation; but, whereas in the earlier case Tib.'s action (25.1, 28.4) framed and was explained by a centrally placed digression on past history (25.2-28.3), here the emperor's inaction holds the centre stage and is justified by a concluding excursus on future history."

⁴¹⁸ E não como Galba.

A carta de Tibério contém elementos que auxiliam na compreensão dos argumentos taciteanos. Em primeiro lugar, Tibério fala sobre os males do presente:

“Todas as leis feitas por nossos antepassados, todas as que o divino Augusto instituiu, caíram aquelas no esquecimento, e estas, o que é ainda mais vergonhoso, foram desprezadas, e isso deu ainda mais alicerces para a luxúria. Pois se alguém deseja algo que não é proibido, teme-se uma possível proibição; mas se a lei é descumprida impunemente, não há mais qualquer medo ou pudor.”⁴¹⁹

Em seguida, discorre sobre o passado: “Por que então antigamente a parcimônia era eficaz? Porque todos se controlavam, porque éramos uma cidade unida, e nem existiam as mesmas tentações enquanto apenas a Itália estava dominada.”⁴²⁰ Finalmente, explica por que ocorreram mudanças: “Pelas vitórias externas aprendemos a consumir os recursos dos outros, pelas internas, os nossos próprios.”⁴²¹

De fato, a correspondência entre esses e os argumentos que o próprio Tácito usa nas *Histórias* (II, 28) e nos *Anais* (III, 26-28), vindos de Salústio, é muito evidente⁴²². Aqui estão presentes os mais recorrentes aspectos negativos da expansão romana - também importantes em Tito Lívio, como vimos: o perigo do contato com outras sociedades, especialmente da Ásia Menor, e o aumento da prosperidade e da ambição⁴²³. Tácito conclui, ao abrir o parágrafo 55, que, de fato, a ostentação do luxo predominou entre o início do Principado e o fim da dinastia Júlio-Cláudia, uma época em que a paz e a

⁴¹⁹ *“tot a maioribus repertae leges, tot quas divus Augustus tulit, illae oblivione, hae, quod flagitiosius est, contemptu abolitae securiorem luxum fecere. nam si velis quod nondum vetitum est, timeas ne vetere: at si prohibita impune transcenderis, neque metus ultra neque pudor est.”*

⁴²⁰ *“cur ergo olim parsimonia pollebat? quia sibi quisque moderabatur, quia unius urbis cives eramus; ne inritamenta quidem eadem intra Italiam dominantibus.”*

⁴²¹ *“externis victoriis aliena, civilibus etiam nostra consumere didicimus.”*

⁴²² Não queremos, porém, incorrer na tentação de atribuir ao discurso de Tibério à visão de Tácito numa relação direta, pois isso poderia complicar ainda mais o debate sobre a questão da figura e do caráter do imperador. Entretanto, Tácito parece oferecer a nós um aspecto positivo de Tibério. Basta ver como essa carta é a mais longa fala em *oratio recta* do imperador no texto.

⁴²³ Cf. MARTIN, 1990, p. 1528 para uma situação semelhante em *Anais*, II, 33.

estabilidade trouxeram preocupações mais relevantes aos indivíduos - o ócio e a fortuna - do que ao Estado: “Os luxos da mesa, praticados com o maior excesso nos cem anos entre o fim da guerra de Ácio e a luta pela qual Sêrvio Galba chegou ao poder, foram gradualmente postos de lado. As causas dessa mudança podem bem ser investigadas.”⁴²⁴

No parágrafo 55⁴²⁵, em primeiro lugar, Tácito fala das famílias aristocráticas tradicionais, que num primeiro momento se degeneraram devido ao seu novo apego à magnificência, correspondendo à época de *luxus mensae* delimitada logo acima, e num segundo momento, com as perseguições sob Tibério, Cláudio e Nero, se resignaram a ostentar menos suas riquezas para se proteger. Aqui, não ocorre um declínio do luxo por si próprio, pela inclinação à austeridade, mas sim por motivos externos relacionados ao terror e às perseguições políticas no período Júlio-Cláudio. Depois, Tácito fala dos *novi homines*, vindos do resto da Itália e das províncias, que gradualmente se estabelecem em Roma e trazem à *urbs* seus costumes mais frugais e comedidos, e que, mesmo tendo prosperado, mantiveram-se com mesmo caráter. Dentre eles, um se destaca em

⁴²⁴ “*luxusque mensae a fine Actiaci belli ad ea arma quis Servius Galba rerum adeptus est per annos centum profusis sumptibus exerciti paulatim exolevere. causas eius mutationis quaerere libet.*”

⁴²⁵ “As antigas famílias aristocráticas, de grande riqueza ou renome, arruinaram-se por conta de seu amor à suntuosidade. Pois ainda era legítimo cortejar e ser cortejado pelas massas, pelos aliados e pelos reis estrangeiros; e, quanto maiores a fortuna, a mansão e seus vistosos aparatos, maior era sua reputação e o número de seus clientes. Depois do tempo das terríveis execuções, quando a grandeza da fama significava a morte, os sobreviventes se converteram à sabedoria. Ao mesmo tempo, os homens novos, vindos ao Senado dos municípios, das colônias e até mesmo das províncias, trouxeram seus hábitos de parcimônia doméstica, e, mesmo que pela boa fortuna ou pelo trabalho duro tivessem adquirido riquezas na velhice, conservaram seus hábitos até o fim. Mas o principal responsável pela restrição da moral foi Vespasiano, ele próprio de antigos costumes na maneira de viver. Assim, deferência ao imperador e vontade de segui-lo foram mais determinantes do que os castigos da lei ou o medo. A não ser que talvez exista algum tipo de ciclo em todas as coisas, e assim como se sucedem as estações, também mudam os costumes. Nem tudo era melhor entre nossos antepassados, pois nossa época também produziu muitas glórias e talentos que serão imitados no futuro. Que permaneça então tal digna concorrência entre nosso presente e nosso passado.” “(...) dices olim familiae nobilium aut claritudine insignes studio magnificentiae prolabebantur. nam etiam tum plebem socios regna colere et coli licitum; ut quisque opibus domo paratu speciosus per nomen et clientelas inlustrior habebatur. postquam caedibus saevitum et magnitudo famae exitio erat, ceteri ad sapientiora convertere. simul novi homines e municipiis et coloniis atque etiam provinciis in senatum crebro adsumpti domesticam parsimoniam intulerunt, et quamquam fortuna vel industria plerique pecuniosam ad senectam pervenirent, mansit tamen prior animus. sed praecipuus adstricti moris auctor Vespasianus fuit, antiquo ipse cultu victuque. obsequium inde in principem et aemulandi amor validior quam poena ex legibus et metus. nisi forte rebus cunctis inest quidam velut orbis, ut quem ad modum temporum vices ita morum vertantur; nec omnia apud priores meliora, sed nostra quoque aetas multa laudis et artium imitanda posteris tulit. verum haec nobis [in] maiores certamina ex honesto maneat.”

particular: o imperador Vespasiano, originário da Itália central, e símbolo dos novos costumes. A última parte é uma proposta de generalização das mudanças dos *mores*, onde se encontra a idéia do ciclo destes, e uma comparação otimista entre o passado e o presente⁴²⁶.

Tácito menciona em outros trechos da sua obra o caráter de retidão de Vespasiano, como vimos na construção do personagem nas *Histórias*⁴²⁷. Entretanto, se Vespasiano é virtuoso, juntamente com Tito, o que dizer porém de Domiciano, o imperador cruel e terrível que Tácito odiava? De fato, devemos admitir que muitas variáveis e possibilidades nessa cronologia dos *mores* se devem ao seu caráter altamente esquemático e generalizado. O processo de declínio do luxo e fortalecimento da austeridade é gradual, embora balizado claramente pelo fim dos Júlio-Cláudios e pelos resultados da guerra civil de 69 d.C. Chega-se ao ponto máximo, segundo Tácito, no fim do período Júlio-Cláudio, ou seja, com Nero. O ponto de virada é 69 d.C., a partir de Galba mas especialmente com Vespasiano e o equilíbrio institucional, e a partir daí temos uma volta a modelo dos padrões antigos⁴²⁸, até a época de Trajano e do próprio Tácito. Este sentido de renovação, embora não reestabeleça exatamente o *mos maiorum* dos ancestrais no início da história romana, retoma algumas de suas características principais. Eis portanto uma razão de ser o momento presente de Tácito um tempo melhor do que o passado, entendido este como o período de declínio entre os tempos remotos e o presente.

⁴²⁶ Cf. WOODMAN e MARTIN, 1996, p. 402: “The degree of seriousness to be attached to [a terceira parte] is unclear: one of its main purposes seems to be to effect the transition to the statements with which the excursus ends.”

⁴²⁷ II, 5. Cf. Suetônio, *Vida de Vespasiano*, 1 e Flávio Josefo, *Bellum Judaicum*, IV, 585-600, 651-55, este último já evidentemente um caso de propaganda do período flaviano.

⁴²⁸ Destaque-se a caracterização da moral de Vespasiano, que era “*antiquo ipse cultu victuque*”, de modos antigos = virtuosos.

CONCLUSÃO

A primeira visita que um estudioso de Roma faz à cidade é sempre um evento crucial em sua vida. É provável que nenhuma outra cidade do mundo tenha o seu mapa tão detalhadamente gravado na memória de tantos que nunca a viram em pessoa; assim, conhecê-la é, em muitos momentos, apenas *reconhecê-la*, no meio de tantas memórias e imagens mentais já familiares. Mas ver a Roma antiga real no meio de tantas camadas de história, e de tantos turistas ávidos por fotografias, pode também ser um choque. O contraste entre uma parede que data de dois mil anos e as construções mais recentes, ambas lado a lado no centro da cidade, nos faz lembrar de maneira penosa o quanto aquele mundo antigo está distante de nós, fragmentado, esquecido no dia-a-dia da cidade e inserido forçosamente num contexto que o torna, para muitos, pouco mais do que uma curiosidade que causa estranhamento.

Para o estudioso do mundo antigo, entrar no Panteão, por exemplo, é uma lembrança gritante da distância desse passado, não só pela multidão incessante de turistas, mas também ao encontrarmos elementos inesperados, como os túmulos do pintor Rafael e do rei Vitório Emanuel II - este um gigantesco e nada discreto sarcófago construído em mármore preto à direita da entrada -, e, talvez mais ainda, pelos avisos dos horários das missas, que nos lembram que aquele lugar é hoje, na verdade, a Igreja de Santa Maria e Mártires.

Duas vistas em Roma foram particularmente surpreendentes, e me remeteram de imediato às conclusões finais a que esta pesquisa levou. Na enorme estação ferroviária de Termini, no Esquilino, os andares inferiores abrigam um típico shopping center, freqüentado por executivos, imigrantes indo e vindo com filhos e malas, e ainda também os indefectíveis turistas. Como todo shopping center que se preza, este também tem sua

praça de alimentação, naturalmente contendo um McDonalds. Eis que, nessa mais prosaica visão do mundo moderno, encontra-se, ao lado das mesas e do balcão da lanchonete, uma singular ruína, completamente desprotegida e despercebida pelos ávidos consumidores de batatas fritas. É nada menos do que um pedaço da muralha de Sérvio Túlio, a mais antiga muralha que circundava a Roma antiga.

Roma está repleta desse tipo de ruínas, e a cidade moderna se refaz continuamente ao redor do passado. Mas em alguns outros lugares, a cidade não invade mais os resquícios do mundo antigo, que hoje convivem apenas com, claro, os turistas, e os palácios e igrejas que até o século XIX se apropriavam do mesmo espaço. Um desses lugares, tão obrigatório na lista de qualquer visitante que está incluído no ingresso do Coliseu, é a colina do Palatino, ocupada desde a época de Rômulo, e que passou de local de residência de famílias aristocráticas na República para sede oficial dos imperadores no mundo antigo. Lá podem ser visitados, caso os turistas saibam o que estão vendo, a

casa de Augusto, a casa atribuída a Lúvia, diversos anexos construídos por Tibério, Nero, Trajano, o templo de Apolo e a grande área da *Domus Flavia*, o palácio de Domiciano. Díon Cássio narra o episódio do banquete macabro do imperador, que pintou as paredes do enorme *triclinium* de preto e aterrorizou os senadores convidados, fazendo-os acreditar que seriam mortos durante aquela noite⁴²⁹. Hoje, do *triclinium* resta o chão e por volta de um metro de altura de paredes em ruínas – nada em preto ou mármore lustroso⁴³⁰, mas sim um tênue padrão de mosaicos desgastados cercado pela cor cinzenta misturada com terra, que caracteriza as ruínas remanescentes do palácio.

Um aposento me foi particularmente tocante: andando pelo que um dia foram os corredores do palácio e hoje são caminhos de terra, eu me deparo com um espaço grande, cercado por uma grade alta de arame, sem nada de especial dentro exceto a grama que cresce com flores amarelas, no quente inverno italiano de 2006. Capturada pelo tamanho daquele espaço vazio, consulto meu *Blue Guide* e descubro que o espaço um dia foi a sala do trono de Domiciano. Depois de tantos anos estudando as obras de Tácito, eu me dou conta naquele instante, solitária historiadora emocionada, que todo o pensamento político de Tácito se desenvolveu a partir do que ele presenciou naquele mesmo lugar, onde hoje a grama é cercada pelo arame, e por onde passam tantas pessoas que não fazem a mais vaga correlação entre uma coisa e outra.

A primeira sensação que me veio foi de uma melancolia profunda, creio que não tão distante daquela de Goethe e dos outros viajantes de séculos passados que se davam conta das ruínas que destoam tão intensamente da grandeza do passado. Aqueles palácios todos não são mais nada do que já foram um dia; apenas algumas pedras, pedaços disformes de paredes, cercados pela terra, pela grama e pelo céu azul. Porém,

⁴²⁹ Díon Cássio, *História Romana*, 67.9.1-5. Cf. FREDRICK, 2003.

⁴³⁰ O qual Domiciano utilizava como espelho para se prevenir de eventuais atentados pelas costas. Suetônio, *Domiciano*, 14.4.

logo aparece um segundo pensamento, finalmente mais reconfortante, que nos lembra que somos nós historiadores, arqueólogos e classicistas que damos sentido para aquelas pedras, somos nós que as interpretamos e lembramos o que um dia elas foram. E também somos nós que mostramos para a cidade de Roma de hoje, e para o mundo em que ela está, a importância e o significado do que elas representam.

Roma é um lugar físico, real, uma cidade onde pessoas crescem, vivem e trabalham, hoje como há tantos séculos. Mas Roma também é um símbolo, uma idéia, uma abstração, que transcende a cidade real e tem um significado próprio. E essa percepção não é apenas nossa, mas no próprio mundo antigo já estava em desenvolvimento. Tito Lívio e Tácito são exemplos dessa dicotomia entre entender o desenvolvimento de Roma como cidade e o desenvolvimento de Roma como símbolo, ambas as instâncias relacionadas diretamente ao que podemos entender como construção da "identidade romana".

O recorte dos conceitos analisados primeiramente em Tito Lívio – *concordia ordinum, fides, pietas e mos maiorum* – reflete, em primeiro lugar, questões relevantes para a tradição historiográfica latina republicana, no sentido de que ele se utiliza dela como fonte e reafirma os fatos apresentados pelos historiadores anteriores, de acordo com os moldes metodológicos do gênero historiográfico na Antigüidade. Embora só tenhamos fragmentos dessas fontes, e a questão do uso delas por Tito Lívio seja altamente controversa, sabe-se que são de fato a base de sua visão sobre os conceitos principais que definem o caráter romano, original, por excelência. Em segundo lugar, as ênfases particulares de Tito Lívio revelam as mesmas preocupações em reafirmar o sentido o que é ser romano que encontramos no período de Augusto, seja conscientemente ou não.

Esses mesmos conceitos passam por mudanças importantes em Tácito, e se tornam menos ou mais relevantes conforme o contexto dos períodos que trata, como, por exemplo, no caso da diminuição significativa da importância da *concordia ordinum*. Podemos distinguir claramente um sentido de deturpação daqueles valores antigos que vemos construídos nos primeiros livros de Tito Lívio, por conta do comportamento da sociedade e dos imperadores do período Júlio-Cláudio, com o degrading total da situação no ano dos quatro imperadores, que se segue após a morte de Nero. Portanto, uma grande mudança é de pronto sentida em relação a Tito Lívio e a toda a tradição anterior, que é a relação dos diferentes segmentos da sociedade, em especial a elite e particularmente ainda os senadores, com a figura do imperador. Sendo assim, é possível analisar e qualificar a natureza de tais mudanças através dos quatro conceitos eleitos para análise, citados acima.

Com os resultados obtidos na análise dessas mudanças, se então podemos compilar seu sentido, temos as seguintes deduções:

a. Existe uma identidade em particular do que se entende por ser eminentemente romano, nas atitudes, na auto-representação e na relação dos indivíduos com a comunidade e fora dela. Essa tal identidade é caracterizada por ser construída pela tradição historiográfica latina, dentre tantas outras leituras de identidades que podem ser feitas para o mundo romano. Ela também é ao mesmo tempo constante, pois remete a um passado ideal consolidado no discurso dos historiadores latinos, e mutável, pelas circunstâncias da produção do pensamento de cada um deles;

b. Os *mores* primevos, deturpados, resgatados ou tornados irrelevantes com o tempo, são um conjunto de conceitos, independentemente de sua historicidade real, construído por essa tradição. A sua principal característica é que eles formam uma coesão em torno da importância fundamental da coletividade da cidade de Roma propriamente dita, também no seu aspecto concreto – vide o exemplo que analisamos do Capitólio -, e a mudança em sua natureza está diretamente relacionada com o contato com o outro, não-romano, em diversos planos espaciais e temporais;

c. A permanência desses *mores*, ou às vezes a necessidade de sua retomada, é reflexo do desejo de estabilidade que remete ao passado idealizado de Roma, já que as situações de desequilíbrio e desarmonia, geralmente surgidas na guerra civil, levam ao caos, através do desvirtuamento do interesse pelo bem-estar geral da comunidade, na predominância das ações de interesse pessoal⁴³¹;

d. A consequência lógica dessa mudança nos conceitos dessa identidade romana reflete, em termos abstratos, a tendência que observamos ao longo do crescimento do império sobre a própria cidade de Roma. Com o tempo, ela passa se constituir numa

⁴³¹ Cf. WALKER, 1960, p. 78: "*His [Tácio] interpretation of events between AD 14 and 69 may be briefly summed up as the triumph of evil. The most obvious forms of evil, which become more and more prevalent in Tacitus' Rome, are cruelty and self-interest: these are not confined to the Emperors, who successfully increase the extent and the oppressiveness of their power, but are seen in widely different social types – the callous and arrogant freedman, the brutal professional soldier, the ruthlessly ambitious woman of fashion, above all the informer.*"

metonímia: de centro real, físico, de uma sociedade moldada num caráter ideal tal, mesmo que para Tito Lívio e Tácito esse seja um discurso construído, a *urbs* se torna um símbolo, uma imagem de um determinado comportamento - e que, com a ampliação e consolidação do império, passa a representá-lo, de forma simbólica, na sua totalidade:

"The city, then, could be figured as dominating the world but also as representing or summing up the world – in terms of synecdoche constituting its head (caput mundi), in terms of metonymy standing for its totality (every region is represented within it), in terms of epitome gathering together its most precious contents."
(EDWARDS; WOOLF, 2003, p. 5).

Quanto a Tito Lívio e Tácito, nenhum dos dois historiadores nasceu em Roma, bem como tantos outros habitantes do império. Mas, mesmo assim, eles se identificam como romanos, baseados em boa parte numa identificação com os valores da *concordia*, da *fides*, da *pietas* e do conjunto mais geral do *mos maiorum* construídos pela tradição, e que vão necessitar constantemente de sucessivas reafirmações com o passar do tempo.

Existem várias formas de construção e transformação de identidades, que são sempre processuais e negociadas, mas a memória ocupa um lugar especial nesse processo, sobretudo entre os romanos. A produção historiográfica teve um papel altamente relevante em tal processo, cujas conseqüências afetam nossa visão de Roma e do Império Romano até hoje.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Fontes principais

LIVY. **History of Rome**. 14 vols. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1970. (The Loeb Classical Library).

TACITE. **Annales**. 4 vols. Paris: Les Belles Lettres, 1975.

_____. **Dialogue des Orateurs**. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

_____. **La Germanie**. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

_____. **Histoires**. 3 vols. Paris: Les Belles Lettres, 1987.

_____. **Vie d'Agricola**. Paris: Les Belles Lettres, 1942.

TACITUS. **Histories and Annals**. 4 vols. London: W. Heinemann, 1980. (The Loeb Classical Library).

_____. **Agricola, Germania, Dialogus**. Cambridge/London: Harvard University Press, 1996. (The Loeb Classical Library).

TITE-LIVE. **Histoire Romaine**. 34 vols. Paris: Les Belles Lettres, 1947-1998.

2. Outras fontes relevantes

CHASSIGNET, Martine. **L'annalistique romaine. Tome I – Les annales des Pontifes, L'annalistique ancienne (fragments)**. Paris: Les Belles Lettres, 2003.

_____. **L'annalistique romaine. Tome III – L'annalistique récente, L'autobiographie politique (fragments)**. Paris: Les Belles Lettres, 2004.

CICERO. **De Re Publica, De Legibus**. Cambridge, Mass./London: Heinemann/Harvard University Press, 1958. (The Loeb Classical Library).

CICERO. **De Oratore**. Books I-II. Cambridge, Mass./London: Heinemann/Harvard University Press, 1996. (The Loeb Classical Library).

DIO CASSIUS. **Roman History**. 9 vols. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1954-1961.

DYONISIUS OF HALICARNASSUS. **The Roman Antiquities of Dionysius of Halicarnassus**. Cambridge, Mass./ London: Harvard University Press/Heinemann, 1968. (The Loeb Classical Library).

FLORUS. **Epitome of Roman History**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1984. (The Loeb Classical Library).

HERMANN, Peter. **Historicorum Romanorum Fragmenta**. Teubner, 1883.

POLIBIOS. **História**, Tradução Mário da Gama Kury, Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1985.

SALLUST. Tradução J. C. Rolfe. Cambridge, Mass./London: Harvard University Press/W. Heinemann, 1985. (The Loeb Classical Library).

3. Obras sobre as fontes principais

ALLI, H. Livy's Language. A Critical Survey of Research. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.2, p. 1122-1147, 1982.

ASH, Rhiannon. Waving the white Flag: Surrender scenes at Livy 9.5-6 and Tacitus Histories 3.31 and 4.62. **Greece & Rome**, vol. 45, n. 1, p. 27-44, 1998.

_____. **Ordering Anarchy. Armies and Leaders in Tacitus' Histories**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.

AUBRION, E. *L'eloquentia* de Tacite et sa *fides* d'historien. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II, 33.4, p. 2597-2688, 1991.

BARNABÉ, Luís Ernesto. **Lívio e os reis romanos: a defesa de uma identidade romana**. Dissertação de mestrado, UNESP/Assis, 2006.

BEGBIE, C. M. The Epitome of Livy. **Classical Quarterly**, vol. 17, no. 2, p. 332-338, 1967.

BENARIO, Hector W. Tacitus and the Principate. **Classical Journal**, vol. 60, p. 97-106, 1964.

_____. Tacitus and the Fall of the Roman Empire. **Historia**, vol. 17, p. 37-50, 1968.

_____. *Imperium and capaces imperii* in Tacitus. **American Journal of Philology**, vol. 43, n. 1, p. 14-26, 1972.

_____. **An Introduction to Tacitus**. Athens, GA: University of Georgia Press, 1975.

_____. Tacitus' View of the Empire and the Pax Romana. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.5, p. 3332-3353, 1991.

BESSONE, L. La tradizione epitomatoria liviana in età imperiale. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.2, p. 1230-1263, 1982.

BEWS, Janet P. Language and Style in Tacitus' *Agricola*. **Greece & Rome**, vol. 34, n. 2, p. 201-211, 1987.

BOISSIER, Gaston. **Tacite**. Paris, Hachette, 1908.

BRISCOE, J. The First Decade. In: DOREY, T. A. (ed.). **Livy**. London/Toronto: Routledge & Kegan Paul/University of Toronto Press, p. 1-20, 1971. (Greek and Latin Studies - Classical Literature and its Influence).

_____. **A commentary on Livy, books 31-33.** Oxford: Clarendon Press, 1972.

_____. **A commentary on Livy, books 34-37.** Oxford: Oxford University Press, 1981.

_____. Livy and Senatorial Politics, 200-167 B.C.: The Evidence of the Fourth and Fifth Decades. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.2, p. 1075-1121, 1982.

BROWN, R. Livy's Sabine Women and the Ideal of Concordia. **Transactions of the American Philological Association**, vol. 125, p. 291-319, 1995.

BRUCKMANN, Heinz. Die römischen Niederlagen im Geschichtswerk des Livius. In: BURCK, Erich. (ed.). **Wege zu Livius**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 298-309, 1987.

BRUÉRE, Richard T. Tacitus and Pliny's *Panegyricus*. **Classical Philology**, 49, p. 161-179, 1954.

BURCK, Erich. Die römische Expansion im Urteil des Livius. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.2, p. 1148-1189, 1982.

_____. (ed.). **Wege zu Livius**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1987.

_____. Livius als augusteischer Historiker. In: (ed.). **Wege zu Livius**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 96-143, 1987b.

_____. Die Gestalt des Camillus. In: (ed.). **Wege zu Livius**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 310-328, 1987c.

_____. **Das Geschichtswerk des Titus Livius**, Heidelberg, Carl Winter Universitätsverlag, 1992.

BURKE, P. Tacitism. In: DOREY, T. A. (ed.). **Tacitus. Studies in Latin Literature and its Influence**. London: Routledge & Kegan Paul, p. 149–171, 1969.

CASTRO, Albert Dwight. **Tacitus and the 'virtues' of the Roman Emperor: the Role of Imperial Propaganda in the Historiography of Tacitus**. PhD thesis - Indiana University, 1972.

CHAPLIN, Jane D. **Livy's Exemplary History**. New York: Oxford University Press, 2000.

CHILVER, G. E. F. **A Historical Commentary on Tacitus' *Histories* I and II**. Oxford: Clarendon Press, 1979.

_____. **A Historical Commentary on Tacitus' *Histories* IV and V**. Oxford: Clarendon Press, 1985.

CIZEK, Eugen. Pour un Tacite nouveau. **Latomus**, 40, p. 21-36, 1981.

CLARKE, K. An Island Nation: Re-reading Tacitus' *Agricola*. **Journal of Roman Studies**, vol. 91, p. 94-112, 2001.

CLASSEN, C. J. Tacitus – Historian between Republic and Principate. **Mnemosyne**, vol. XVI, fascs. 1-2, p. 93-116, 1988.

COUSIN, J. Histoire et rhétorique dans l' *Agricola*. **Revue des Études Latines**, p. 326-336, 1936.

DAMON, Cynthia (ed.). **TACITUS, Histories book I**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

_____. *Potior utruque Vespasianus: Vespasian and His Predecessors in Tacitus' Histories*. **Arethusa**, 39, p. 245-279, 2006.

DARCOS, Xavier. **Tacite, ses vérités sont les nôtres**. Paris: Plon, 2007.

DAVIES, J. P. **Rome's Religious History – Livy, Tacitus and Ammianus On Their Gods**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

DEININGER, Jürgen. Livius und der Prinzipat. **Klio**, 67/1, p. 265-272, 1985.

DELGADO, J. J. Importancia de los prodigios en Tito Livio. **Helmantica**, 12, p. 27-46, 1961.

DEVELIN, R. Tacitus and Techniques of Insidious Suggestion. **Antichthon**, 17, p. 64- 96, 1983.

DEVILLERS, O. Le rôle des passages relatifs à Germanicus dans les *Annales* de Tacite. **Ancient Society**, vol. 24, p. 225-241, 1993.

_____. Tacite, les sources et les impératifs de la narration: le récit de la mort d'Agrippine (*Annales* XIV, 1-13). **Latomus**, vol. 54, n. 2, p. 324-345, 1995.

DOREY, T. A. (ed.). Agricola and Domitian. **Greece & Rome**, vol. 7, n. 1, p. 66-71, 1960.

_____. **Tacitus. Studies in Latin Literature and its Influence**. London: Routledge & Kegan Paul, 1969.

_____. (ed.). **Livy**. London/Toronto: Routledge & Kegan Paul/University of Toronto Press, 1971. (Greek and Latin Studies - Classical Literature and its Influence).

DUCOS, M. La justice dans l'oeuvre de Tacite. **Revue de Etudes Latines**, vol. LXVIII, p. 99-111, 1990.

DUDLEY, Donald R. **The World of Tacitus**. London: Secker & Warburg, 1968.

FELDHERR, Andrew. Livy's revolution: civic identity and the creation of the *res publica*. In: HABINEK, Thomas.; SCHIESARO, Alessandro. (eds.). **The Roman Cultural Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 136-157, 1997.

_____. **Spectacle and Society in Livy's History**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1998.

FLACH, Dieter. **Tacitus in der Tradition der antiken Geschichtsschreibung**. Göttingen: Vandenhoeck und Ruprecht, 1973.

FREDERICKS, Sigmund Casey. **Mos maiorum in Juvenal and Tacitus**. PhD thesis - University of Pennsylvania, 1969.

FRITZ, Kurt von. Tacitus, Agricola and the Problem of the Principate. **Classical Philology**, vol. 52, p. 73-97, 1957.

FROMCHUCK, Arlene R. **The concept of fides in the Histories of Tacitus**. PhD thesis - Bryan Mawr College, 1972.

GASCOU, J. Tacite et les provinces. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.5, p. 3451-3483, 1991.

GERBER, A. & GREEF, A. **Lexicon Taciteum**. 2v, Hildesheim: Georg Olms Verlagbuchhandlung, 1962.

GINSBURG, Judith. **Tradition and Theme in the Annals of Tacitus**. Salem: AYER, 1984.

_____. *In maiores certamina: Past and Present in the Annals*. In: LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. **Tacitus and the Tacitean Tradition**. Princeton: Princeton University Press, p. 86-103, 1993.

GOODYEAR, F.R.D. **Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1970. (Greece & Rome New Surveys in the Classics, vol. 4).

_____. **Papers on Latin Literature**. London: Duckworth, 1992.

GRIFFIN, M. The Lyons Tablet and Tacitean Hindsight. **Classical Quarterly**, 32, p. 404-418, 1982.

HÄFFTER, Heinz. Rom und römische Ideologie bei Livius. In: BURCK, Erich. (ed.). **Wege zu Livius**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, p. 277-297, 1987.

HÄUSSLER, R. **Tacitus und das historische Bewusstsein**. Heidelberg: Karl Winter, 1965.

HAVAS, László. Éléments du biologisme dans la conception historique de Tacite. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II, 33.4, p. 2949-2986, 1991.

HAYNES, Holly. Survival and Memory in the *Agricola*. **Arethusa**, 39, p. 149-170, 2006.

HELDMANN, K. *Libertas Thraseae servitium aliorum rupit*. Überlegungen zur Geschichtsauffassung im Späterwerk des Tacitus. **Gymnasium**, 98/3, p. 207-231, 1991.

HERRERO, V. J. Tácito y el vulgo. **Estudios Clasicos**, V, n. 31, p. 407-421, 1960.

HEUSS, Alfred. Zur inneren Zeitform bei Livius. In: LEFÉVRE, Eckard; OLSHAUSEN, Eckart. (eds.). **Livius – Werk und Rezeption**. München: C. H. Beck, p. 175-215, 1973.

HOFFMANN, Wilhelm. Livius und die römische Geschichtsschreibung. **Antike und Abendland**, 4, p. 170-186, 1954.

JAEGER, Mary. **Livy's Written Rome**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

_____. Guiding metaphor and narrative point of view in Livy's *Ab urbe condita*. In: KRAUS, C. S. (ed.) **The Limits of Historiography – Genre and Narrative in Ancient Historical Texts**. Leiden/Boston/Köln: Brill, p. 169-195, 1999.

JENS, W. *Libertas* bei Tacitus. **Hermes**, 84, p. 331-352, 1957.

JOLY, Fábio Duarte. **Tácito e a metáfora da escravidão**. São Paulo: EDUSP, 2004.

KAJANTO, I. **God and Fate in Livy**. Turku, 1957.

KENNEY, E. J. and CLAUSEN, W. V. (ed.) **Cambridge History of Classical Literature**, vol. II.3: The Age of Augustus. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Cambridge History of Classical Literature**, vol. II.4: The Early Principate. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

KEITEL, Elizabeth. Tacitus on the Deaths of Tiberius and Claudius. **Hermes**, 109, p. 206-214, 1981.

_____. Principate and civil war in the Annals of Tacitus. **American Journal of Philology**, vol. 105, p. 314-326, 1984.

_____. The Structure and Function of Speeches in Tacitus' *Histories*. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.4, p. 2772-2794, 1991.

KOEHNKEN, A. Das Problem der Ironie bei Tacitus. **Museum Helveticum**, vol. 30, p. 32-50, 1973.

KOESTERMANN, E. Das Problem der römischen Dekadenz bei Sallust und Tacitus. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, I. 3, p. 781-810, 1973.

KRAUS, Christina S. "No Second Troy": Topoi and Refoundation in Livy, Book V. **Transactions of the American Philological Association**, vol. 124, p. 267-290, 1994.

_____. **Livy. Ab Urbe Condita. Book VI**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994. (Cambridge Greek and Latin Classics).

KRAUS, Christina S. & WOODMAN, A. J. **Latin Historians**. Oxford: Oxford University Press, 1997. (Greece & Rome, New Surveys in the Classics, vol. 27)

LACROIX, J. *Fatum et fortuna* dans l'oeuvre de Tacite. **Revue des Études Latines**, 1951, vol. 29, pp. 247-264.

LARUCCIA, Stephen Dominic. **The Concept of Peace in the Works of Tacitus**. PhD Thesis - University of Michigan. Ann Arbor, 1975.

LEEMAN, A. D. Structure and meaning in the Prologues of Tacitus. **Yale Classical Studies**, vol. 23, p. 169-208, 1973.

LEVENE, D. S. **Religion in Livy**. Leiden/New York/Köln: E. J. Brill, 1993. (Mnemosyne - Bibliotheca Classica Batava).

LEFÉVRE, Eckard; OLSHAUSEN, Eckart. (eds.). **Livius – Werk und Rezeption**. München: C. H. Beck, 1973.

LIEBESCHUETZ, Wolfgang. The Theme of Liberty in the *Agricola* of Tacitus. **Classical Quarterly**, vol. 16, n. 1, p. 126-139, 1966.

_____. The Religious Position of Livy's History. **Journal of Roman Studies**, vol. 57, n. 1/2, p. 45-55, 1967.

LUCE, T. J. The Dating of Livy's First Decade. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, vol. 96, p. 209-240, 1965.

_____. **Livy: The Composition of His History.** Princeton: Princeton University Press, 1977.

_____. Tacitus' conception of historical change. In: MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing.** Cambridge: Cambridge University Press, p. 143-157, 1986.

_____. Livy, Augustus and the Forum Augustum. In: RAAFLAUB, Kurt; TOHER, Mark (ed.). **Between Republic and Empire - Interpretations of Augustus and his Principate.** Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, p. 123-138, 1990.

_____. Tacitus on 'History's Highest Function': *praecipuum munus annalium* (Ann. 3.65). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.4, p. 2904-2927, 1991.

LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. **Tacitus and the Tacitean Tradition.** Princeton: Princeton University Press, 1993.

MARINCOLA, John. Tacitus' Prefaces and the Decline of Imperial Historiography. **Latomus**, vol. 58, n. 2, p. 391-404, 1999a.

MARQUES, J. B. **Tempo e temporalidade nas *Histórias* e nos *Anais* de Tácito.** Dissertação de mestrado. FFLCH/USP, 2003.

_____. Um ciclo dos costumes em Tácito? *Anais* III, 55. **Boletim do CPA**, vol. 18, Campinas: CPA/Unicamp, p. 55-66, 2004.

MARTIN, R. H. Structure and Interpretation in the *Annals* of Tacitus. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.2, p. 1500-1581, 1990.

_____. **Tacitus**. London, Routledge, 1981.

MARTIN, R. H.; WOODMAN, A.J. (eds.). **Tacitus, Annals, book IV**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. (Cambridge Greek and Latin Classics).

McCULLOCH Jr., Harold Y. **Narrative Cause in the Annals of Tacitus**. Königstein: Verlag Anton Hain, 1984.

_____. The Historical Process and Theories of History in the *Annals* and *Histories* of Tacitus. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.4, p. 2928-2948, 1991.

MELLOR, Ronald. **Tacitus**. New York: Routledge, 1994.

_____. **Roman Historians**. London: Routledge, 1999.

METTE, H. J. Livius und Augustus. In: BURCK, E. (ed.) **Wege zu Livius**, Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1987.

MILES, G. B. The Cycle of Roman History in Livy's First Pentad. **The American Journal of Philology**, vol. 107, n. 1, p. 1-33, 1986.

_____. *Maiores, Conditores, and Livy's Perspective on the Past*. **Transactions of the American Philological Association**, vol. 118, p. 185-208, 1988.

_____. **Livy: Reconstructing Early Rome**. Ithaca/London: Cornell University Press, 1995.

MILLER, N. P. Tacitus' Narrative Technique. **Greece & Rome**, vol. XXIV, n. 1, p. 13-22, 1977.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Camillus and Concord. **Classical Quarterly**, v.36, n. 3/4, p. 111-120, 1942.

MOORE, Timothy Joseph. **Roman Virtues in Livy**. PhD thesis - The University of North Carolina at Chapel Hill, 1986.

_____. **Artistry and Ideology: Livy's Vocabulary of Virtue**. Frankfurt, Athenäum, 1989.

MORFORD, Mark. Tacitus' Historical Methods in the Neronian Books of the *Annals*. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.2, p. 1582-1627, 1989.

_____. How Tacitus Defined Liberty. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.5, p. 3420-3450, 1991.

NAWOTKA, K. Imperial Virtues of Galba in the *Histories* of Tacitus. **Philologus**, 137, p. 258-264, 1993.

NESSELHAUF, H. Tacitus und Domitian. **Hermes**, vol. 80, p. 222-245, 1952.

OAKLEY, S. P. **Commentary on Livy. Books VI-X**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

OGILVIE, R. M. **A Commentary on Livy Books 1-5**. Oxford: Oxford University Press, 1965.

O'GORMAN, Ellen. No Place Like Home: Identity and Difference in the *Germania* of Tacitus. **Ramus**, vol. 22, n. 2, p. 135-154, 1993.

_____. On not writing about Augustus: Tacitus' *Annals* Book I. **Materiali e discussioni per l'analisi dei testi classici**, 35, p. 91-114, 1995.

_____. **Irony and Misreading in the Annals of Tacitus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

PARATORE, Ettore. **Tacito**. Milano: Istituto Editoriale Cisalpino, 1962.

PELLING, Christopher. Tacitus and Germanicus. In: LUCE, T. J.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Tacitus and the Tacitean Tradition**. Princeton: Princeton University Press, p. 59-85, 1993.

PENELLA, R. J. *Vires/robur/opes* and *ferocia* in Livy's Account of Romulus and Tullus Hostilius. **Classical Quarterly**, vol. 40, n. 1, p. 207-213, 1990.

PERCIVAL, J. Tacitus and the principate. **Greece and Rome**, vol, 27, n. 2, p. 119-132, 1980.

PERKINS, C. A. Tacitus on Otho. **Latomus**, 52, p. 848-855, 1993.

PETERSEN, H. Livy and Augustus. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, vol. 92, p. 440-452, 1961.

PHILLIPS, J. E. Current Research in Livy's First Decade: 1959-1979. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.2, p. 998-1057, 1982.

POMEROY, Arthur J. Center and Periphery in Tacitus' Histories. **Arethusa**, v. 36, p. 361-374, 2003.

REED, Nicholas. Some Neglected Evidence on the Early Career of Tacitus. **Classical Quarterly**, vol. 26, n. 2, p. 309-314, 1976.

RIVES, James. **Tacitus. Germania**. Oxford: Oxford University Press, 1999. (Clarendon Ancient History Series).

SAGE, M. M. Tacitus' Historical Works: A Survey and Appraisal. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.2, p. 851-1030/1629-1647, 1990.

_____. The Treatment in Tacitus of Roman Republican History and Antiquarian Matters. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.5, p. 3385-3419, 1991.

SCHELLHASE, K. C. **Tacitus in Renaissance Political Thought**. Chicago: The University of Chicago Press, 1976.

SCOTT, J. M. The Rhetoric of Supressed Speech: Tacitus' Omission of Direct Discourse in his *Annales* as a Technique in Character Denigration. **The Ancient History Bulletin**, vol. 12, n. 1-2, p. 8-18, 1998.

SCOTT, R. D. The Death of Nero's Mother (Tacitus, *Annals*, XIV, 1-13). **Latomus**, 33, p. 105-115, 1974.

SEAGER, R. 'Populares' in Livy and the Livian Tradition. **Classical Quarterly**, vol. 27, n. 2, p. 377-390, 1977.

SEBASTIANI, Breno Battistin. A política como objeto de estudo. Tito Lívio e a reflexão historiográfica romana do século I a. C. **Revista de História**, vol. 154, p. 297-315, 2006.

SHATZMAN, I. Tacitean Rumours. **Latomus**, vol. 23, n. 3, p. 549-578, 1974.

SHOTTER, D. C. A. *Principatus ac Libertas*. **Ancient Society**, vol. 9, p. 235-255, 1978.

_____. Tacitus and Tiberius. **Ancient Society**, vol. 19, p. 225-236, 1988.

_____. Tacitus' View of Emperors and the Principate. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.5, p. 3263-3331, 1991.

SINCLAIR, Patrick. Rhetorical Generalizations in *Annales* 1-6. A Review of the Problem of Innuendo and Tacitus' Integrity. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33.4, p. 2795-2831, 1991.

STÄDELE, A. Tacitus über Agricola und Domitian (*Agr.* 39-43). **Gymnasium**, vol. 95, n. 3, p. 222-235, 1988.

SYME, Ronald. **Tacitus**. 2 vols. Oxford: Oxford University Press, 1958.

_____. Livy and Augustus. **Harvard Studies in Classical Philology**, vol. 64, p. 27-87, 1959.

_____. **Roman Papers**. vol. 3. Oxford: Clarendon Press, 1984.

TANNER, R. G. Tacitus and the Principate. **Greece and Rome**, vol. 16, n. 1, p. 95-99, 1969.

VASALY, A. Personality and Power: Livy's Depiction of the Appii Claudii in the First Pentad. **Transactions of the American Philological Association**, vol. 117, p. 203-226, 1997.

VESSEY, D. W. T. C. Thoughts on Tacitus' portrayal of Claudius. **American Journal of Philology**, 92, n. 3, p. 385-409, 1971.

WALKER, B. **The Annals of Tacitus: A study in the writing of history**. Manchester:

Manchester University Press, 1960.

WALSH, P. G. Livy's Preface and the Distortion of History. **The American Journal of Philology**, vol. 76, n. 4, p. 369-383, 1955.

_____. Livy and Stoicism. **American Journal of Philology**, vo. 79, p. 355-375, 1958.

_____. **Livy: His Historical Aims and Methods**. Cambridge: Cambridge University Press, 1961.

_____. Livy and the Aims of *historia*: an Analysis of the Third Decade. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.2, p. 1058-1074, 1982.

WATERS, K. H. Review of *Historische Untersuchungen zum Domitianbild des Tacitus* by Ralf Urban. **Journal of Roman Studies**, vol. 62, p. 225-226, 1972.

WOODMAN, A. J. **Tacitus Reviewed**. Oxford: Clarendon Press, 1998.

WOODMAN, A. J.; MARTIN, R. H. **The Annals of Tacitus, book 3**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. (Cambridge Classical Texts And Commentaries, vol. 32).

ZÚÑIGA, J. T. Apuntes para un estudio de la imagen del *princeps* en las *Historias* de Tácito". **Nova Tellus**, vol. 11, p. 119-144.

4. Demais obras sobre temas relacionados

ADAMS, J. N. 'Romanitas' and the Latin Language. **Classical Quarterly**, vol. 53, n. 1, p. 184-205, 2003.

ANDRÉ, J. M. La conception de l'État et de l'Empire dans la pensée gréco-romaine des deux premiers siècles de notre ère. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.1, p. 3-73, 1985.

ASMIS, Elizabeth. A New Kind of Model: Cicero's Roman Constitution in *De Republica*. **American Journal of Philology**, vol. 126, p. 377-416, 2005.

BARKER, D. 'The Golden Age is Proclaimed'? The *Carmen Saeculare* and the Renascence of the Golden Race. **Classical Quarterly**, vol. 46, n. 2, p. 434-446, 1996.

BEARD, Mary.; NORTH, John.; PRICE, Simon. **Religions of Rome**. 2 vols. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

BELTRÃO, C. **Concordia Ordinum - Ética e Política no "de Officiis" de Marco Túlio Cícero**. Tese de doutorado. Niterói: Gráfica Universitária da Universidade Federal Fluminense, 2002.

_____. A Religião na Urbs. In: Mendes. N. M.; da Silva, G. V. (orgs.). **Repensando o Império Romano: Perspectiva socioeconômica, política e cultural**. Rio de Janeiro: Mauad, p. 137-159, 2006.

BENNETT, Julian. **Trajan, *optimus princeps*. A Life and Times**. London and New York: Routledge, 1997.

BENTLEY, Michael (ed.). **Companion to Historiography**. London/New York: Routledge, 2002.

BÉRANGER, J. Imperium, Expression et Conception du Pouvoir Impérial. **Revue des Études Latines**, 55, p. 325-344, 1977.

BETTINI, Maurizio. **Anthropology and Roman Culture. Kinship, Time, Images of the Soul**. Tradução John van Sickle. Baltimore/London: Johns Hopkins University Press, 1991.

BORGEAUD, Phillipe. Du mythe à l'ideologie: la tête du Capitole. **Museum Helveticum**, v. 44, n. 2, p. 86-100, 1987.

BOSWORTH, A. Brian. Plus ça change. Ancient Historians and Their Sources. **Classical Antiquity**, v. 22, n. 2, p. 167-198, 2003.

BOWMAN, A. K.; CHAMPLIN, E.; LINTOTT, A. (ed.). **The Cambridge Ancient History, vol. X – The Augustan Empire, 43 B. C. – A. D. 69**. 2nd. edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. (ed.). **The Cambridge Ancient History, vol. XI - The High Empire, AD 70–192**. 2nd. edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

BOYLE, A. J.; DOMINIK, W. J. (eds.). **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Leiden/Boston: Brill, 2003.

BURIAN, Jan. Die Vergangenheit Roms im Rahmen der Augusteischen Gegenwartspolitik. **Klio**, vol. 67, n. 1, p. 29-34, 1985.

BUSTAMANTE, R. M. C. Práticas Culturais no Império Romano: Entre a Unidade e a Diversidade. In: SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (orgs.). **Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, p. 109-136, 2006.

CANFORA, Luciano. **Studi di storia della storiografia romana**. Bari: Edipuglia, 1993.

CARANDINI, Andrea. Il mito romuleo e le origini di Roma. In: CITRONI, Mario. (ed.) **Memoria e identità – la cultura romana costruisce la sua immagine**, Firenze: Università degli Studi di Firenze, Dipartimento di Scienze dell'Antichità "Giorgio Pasquali", p. 3-19, 2003.

CARTLEDGE, Paul. Introduction. In: BENTLEY, Michael (ed.). **Companion to Historiography**. London/New York: Routledge, p. 3-10, 2002.

CARVALHO, Margarida Maria de. História da Imagem do Imperador Juliano: Iluministas em Ação. **Phoînix**, Rio de Janeiro, v. 9, p. 226-246, 2003.

CARVALHO, M. M. de.; FUNARI, P. P. A. A história militar na Roma Antiga e o testemunho de Amiano Marcelino. In: CERQUEIRA, Fábio Vergara. (org.). **Guerra e Paz no Mundo Antigo**. Pelotas: Lepaarq/Ufpel, p. 281-297, 2007.

CHARLESWORTH, M. P. *Pietas* and *victoria*: the Emperor and the Citizen. **Journal of Roman Studies**, vol. 33, p. 1-10, 1943.

CHAUSSEURIE-LAPRÉE, J.-P. Les structures et les techniques de l'expression narrative chez les historiens latines. **Revue des Études Latines**, v. XLI, p. 281-296, 1963.

CHIAPPETTA, Angélica. 'Não diferem o historiador e o poeta.' - O texto histórico como instrumento e objeto de trabalho. **Língua e Literatura**, v. 22, p. 15-34, 1996.

CHILVER, G. E. F. The Army in Politics, AD 68-70. **Journal of Roman Studies**, vol. 47, p. 29-35, 1957.

CHRIST, Karl. Arnaldo Momigliano and the History of Historiography. **History and Theory**, v. 30, n. 4, p. 5-12, 1991.

CIZEK, Eugen. **L'Époque de Trajan. Circonstances politiques et problèmes idéologiques**. București/Paris: Editura Stiintifică și Enciclopedică/Belles Lettres, 1983.

CLARKE, M. L. **Rhetoric at Rome - A Historical Survey**. London/New York: Routledge, 1996.

CONTE, G. **Letteratura latina: Manuale storico dalle origini alla fine dell'impero romano**. Firenze: Le Monnier, 1987.

COOK, S. A.; ADCOCK, F. E.; CHARLESWORTH, M. P. **The Cambridge Ancient History, vol. X: The Augustan Empire (44 B.C.- A.D.70)**. 1st. edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1934.

_____. **The Cambridge Ancient History, vol. XI: The imperial peace (A.D. 70-192)**. 1st. edition, Cambridge: Cambridge University Press, 1936.

CORASSIN, Maria Luiza. Comentário sobre as *RES GESTAE DIVI AUGUSTI*. In: JOLY, F. D. (org.) **História e retórica - Ensaio sobre historiografia antiga**. São Paulo: Alameda Casa Editorial, p. 97-118, 2007.

CORNELL, T. J. The Formation of the Historical Tradition of Early Rome. In: MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 67-86, 1986.

_____. **The Beginnings of Rome: Italy and Rome from the Bronze Age to the Punic Wars (C. 1000-264 BC)**. London: Routledge, 1995.

CRAMER, Frederick H. **Astrology in Roman Law and Politics**. Ares Publishers, 1996.

CRAWFORD, Michael. **The Roman Republic**. London: Fontana, 1992.

COTÉ, James E.; LEVINE, Charles G. **Identity, Formation, Agency, and Culture – A Social Psychological Synthesis**. Mahwah, New Jersey/London: Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 2002.

DALBY, A. **Empire of Pleasures – Luxury and Indulgence in the Roman World**. London/New York: Routledge, 2000.

DENCH, Emma. **Romulus' Asylum. Roman Identities from the Age of Alexander to the Age of Hadrian**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

DENIAUX, Élisabeth (ed.). **Rome antique – Pouvoir des images, images du pouvoir. Actes du colloque de Caen (30 mars 1996)**. Caen: Centre d'Études et de Recherches sur l'Antiquité, Université de Caen, 2000.

D'ESPÈREY, Sylvie F. Vespasien, Titus et la littérature. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II, 32.5, p. 3048-3086, 1986.

DIHLE, Albrecht. **Greek and Latin Literature of the Roman Empire – From Augustus to Justinian**. London-New York: Routledge, 1994.

EARL, D. Prologue-form in Ancient Historiography. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, I, 2, p. 842-856, 1972.

EDER, W. Augustus and The Power of Tradition: The Augustan Principate as Biding Link Between Republic and Empire. In: RAAFLAUB, Kurt; TOHER, Mark (ed.). **Between Republic and Empire - Interpretations of Augustus and his Principate**. Berkeley; Los Angeles; London: University of California Press, p. 71-122, 1990.

EDWARDS, Catherine. **Writing Rome: Textual Approaches to the City**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

EDWARDS, Catherine; WOOLF, Greg. (ed.). **Rome the Cosmopolis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

EVANS, Rhiannon. Containment and Corruption: The Discourse of Flavian Empire. In: BOYLE, A. J.; DOMINIK, W. J. (eds.). **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Leiden/Boston: Brill, p. 255-276, 2003.

FABIA, Phillipe. **Les sources de Tacite**. Paris : Imprimerie nationale, 1893.

FAVRO, D. Reading the Augustan City. In: HOLLIDAY, P. J. (ed.) **Narrative and Event in Ancient Art**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 230-257, 1993.

FEENEY, Denis. **Literature and Religion at Rome – cultures, contexts and beliefs**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

_____. **Caesar's Calendar: Ancient Time and the Beginnings of History**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2007.

FLOWER, Harriet I. The Tradition of the *spolia opima*: M. Claudius Marcellus and Augustus. **Classical Antiquity**, vol. 19, n. 1, p. 34-64, 2000.

_____. (ed.) **The Cambridge Companion to the Roman Republic**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

FOLEY, H. P. (ed.) **Reflections of Women in Antiquity**. London & NY: Gordon and Breach, Science Publishers, 1981.

FORNARA, Charles W. **The Nature of History in Ancient Greece and Rome**. Berkeley, LA/London: University of California Press, 1983.

FREDRICK, David. Architecture and Surveillance in Flavian Rome. In: BOYLE, A. J; DOMINIK, W. J. (eds.). **Flavian Rome: Culture, Image, Text**. Leiden/Boston: Brill, p. 199-227, 2003.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. Os debates historiográficos sobre a Antigüidade Clássica e as ciências humanas: Filologia, Literatura e Lingüística. **Anuari de Filologia, Studia Graeca et Latina**, vol. 20, p. 29-38, 1999.

_____. Uma Antigüidade sem conflitos. **Boletim do CPA**, IFCH-Unicamp, ano VI, vol. 11, p. 13-24, janeiro/junho 2001.

_____. As formas do discurso historiográfico. In: FUNARI, P. P. A. (org.). **Repensando o Mundo Antigo**, Jean-Pierre Vernant, Pedro Paulo Funari, Richard Hingley, TD 47 Segunda edição revista e ampliada. 2a. ed. Campinas: IFCH/Unicamp, p. 63-70, 2005.

_____. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. Review of Globalizing Roman Culture, by Richard Hingley 4/1/2007. **História e-História**, p. 01-03, 2007. Disponível em <<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=resenhas&id=13>>. Acesso em: 05 set. 2007a.

_____. Historiografia antiga: algumas questões epistemológicas atuais a partir de Salústio. In: SEBASTIANI, Breno. (org.). **Segundo Simpósio de Estudos Clássicos da USP**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, p. 225-238, 2007b.

GABBA, E. True History and False History in Classical Antiquity. **Journal of Roman Studies**, vol. 71, p. 50-62, 1981.

GALINSKY, Karl. Multiculturalism in Greece and Rome. **Classical and Modern Interactions: Postmodern Architecture, Multiculturalism, Decline and Other Issues**. University of Texas Press, p. 116-153, 1992.

_____. **Augustan Culture: an interpretive introduction**. Princeton: Princeton University Press, 1996.

_____. (ed.). **The Cambridge Companion to the Age of Augustus**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

GALLIA, Andrew B. **Remembering the Roman Republic, AD 68-117**. PhD thesis - University of Pennsylvania, 2003.

GETTY, Robert J. Romulus, Roma, and Augustus in the Sixth Book of the Aeneid. **Classical Philology**, v.45, n. 1, p. 1-12, 1950.

GILLIS, John R. (ed.). **Commemorations: the Politics of National Identity**. Princeton: Princeton University Press, 1994.

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. Conflito e Oposição no Alto Império Romano: Breve Balanço Historiográfico. **Boletim do CPA**. Campinas, v. 6, n. 11, p. 45-64, 2001.

_____. A Idealização da Figura do Imperador Romano: o Debate Agripa-Mecenas na Obra de Dion Cássio. **Klepsidra**, São Paulo, v. 14, p. 1-14, 2003.

_____. Romanos e Partos: Atividades Bélicas na República e no Principado. **Saeculum**. UFPB, v. 13, p. 11-20, 2005.

GOWING, Alain M. **Empire and Memory: the representation of the Roman Republic in imperial culture**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005a.

_____. Review of Uwe Walter, *Memoria und res publica. Zur Geschichtskultur im republikanischen Rom*. Studien zur Alten Geschichte, Band 1. Frankfurt am Main: Verlag Antike, 2004. **Bryn Mawr Classical Review**, 2005.07.56 (2005b). Disponível em < <http://ccat.sas.upenn.edu/bmcr/2005/2005-07-56.html>>. Acesso em: 14/11/2007.

GRIFFIN, Miriam. The Flavians. In: BOWMAN, A. K.; GARNSEY, P.; RATHBONE, D. (ed.). **The Cambridge Ancient History, vol. XI - The High Empire, AD 70–192**. 2nd. edition. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-83, 2000.

GRUEN, E. S. **Culture and National Identity in Republican Rome**. Ithaca, NY: Cornell University Press, 1992. (Cornell Studies in Classical Philology, v. 52).

_____. Cultural fictions and cultural identity. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, vol. 123, p. 1-14, 1993.

GUARINELLO, Norberto Luiz. História Científica, história contemporânea e história cotidiana. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: ANPUH, vol. 24, n. 48, p. 13-38, 2005.

GUILLEMIN, A. Le Public et la Vie Littéraire a Rome II: d'Auguste aux Antonins. **Revue des Études Latines**, vol. 14, p.65-89, 1936.

HABINEK, T. & SCHIESARO, A. **Roman Cultural Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HALL, J. B. An Edition of Florus. **Classical Review**, vol. 40, n. 1, p. 37-38, 1990.

HALL, J. F. The *Saeculum Novum* of Augustus and its Etruscan Antecedents. **Aufstieg un Niedergang der Römischen Welt**, II. 16.3, p. 2564-2589, 1986.

HALL, Jonathan. **Ethnic Identity in Greek Antiquity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

HANDLER, Richard. Memory and Identity: the History of a Relationship. In: GILLIS, John R. (ed.). **Commemorations: the Politics of National Identity**. Princeton: Princeton University Press, p. 27-40, 1994.

HARRIS, W. V. **War and Imperialism in Republican Rome 327-70 BC**. Oxford: Oxford University Press, 1979.

HARTOG, François. (org.) **A História de Homero a Santo Agostinho**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2001.

HELLEGOUARC'H, J. État present des travaux sur l'’Histoire Romaine’ de Velleius Paterculus. **Aufstieg un Niedergang der Römischen Welt**, II. 32.1, p. 404-436, 1984.

HENDERSON, John. **Fighting for Rome: Poets, Caesars, History and Civil War**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

HINGLEY, Richard. **Globalizing Roman Culture. Unity, diversity and empire.** London: Routledge, 2005.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. (orgs.). **A invenção das tradições.** São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOFFMANN, Wilhelm. Der Widerstreit von Tradition und Gegenwart im Tatenbericht des Augustus. **Gymnasium**, 76, p. 17-33, 1969.

HOWGEGO, Christopher; HEUCHERT, Volker; BURNETT, Andrew. **Coinage and Identity in the Roman Provinces.** Oxford: Oxford University Press, 2005.

HUNTER, Virginia. **Past and Process in Herodotus and Thucydides.** Princeton: Princeton University Press, 1982.

HURLET, Frédéric. Le *consensus* et la *concordia* en Occident (I^{er}-III^e siècles apr. J.-C.). Réflexions sur la diffusion de l'idéologie impériale. In: INGLEBERT. Hervé. (ed.). **Idéologies et valeurs civiques dans le Monde Romain. Hommage à Claude Lepelley.** Paris: Picard, p. 163-178, 2002.

INGLEBERT. Hervé. (ed.). **Idéologies et valeurs civiques dans le Monde Romain. Hommage à Claude Lepelley.** Paris: Picard, 2002.

JAL, M. Paul. Historiographie annalistique et historiographie thématique dans l'Antiquité Classique: quelques remarques. **Revue des Études Latines**, v. 75, p. 27-37, 1997.

JENKINS, Richard. **Social Identity**. London: Routledge, 1996.

JONES, Brian W. Domitian's Attitude to the Senate. **American Journal of Philology**, vol. 94, n. 1, p. 79-91, 1973.

_____. **The Emperor Titus**. London; New York : Croom Helm: St. Martin's Press, 1984.

_____. **The Emperor Domitian**. London: Routledge, 1992.

JONES, Siân. **The Archaeology of Ethnicity**. London: Routledge, 1997.

KIERDORF, Wilhelm. Anfänge und Grundlagen der römischen Geschichtsschreibung. **Klio**, 84/2, p. 400-413, 2002.

KING, Charles. The Organization of Roman Religious Beliefs. **Classical Antiquity**, vol. 22, n. 2, p. 275-312, October 2003.

LACEY, W. K. **Augustus and the Principate**. Leeds: Francis Cairns Ltd., 1996.

LACY, R. M. Resenha de Marincola, J. Authority and Tradition in Ancient Historiography. **Nova Tellus**, 17-2, p. 183-188, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: EDUNICAMP, 2003.

LEVICK, Barbara. Propaganda and the Imperial Coinage. **Antichthon**, vol. 16, p. 104-116, 1982.

_____. **Vespasian**. London: Routledge, 1999.

LITTLE, D. Politics in Augustan Poetry. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 30.1, p. 254-371, 1982.

MacMULLEN, Ramsay. Roman Elite Motivation. **Past and Present**, vol. 75, p. 3-16, 1980.

_____. Personal Power in the Roman Empire. **American Journal of Philology**, vol. 107, p. 512-524, 1986.

MANNING, C. E. 'Liberalitas' – The Decline and Rehabilitation of a Virtue. **Greece and Rome**, vol. 32, n. 1, p. 73-83, 1985.

MARCHAL, Luc. L'histoire pour Cicéron. **Les Études Classiques**, v. 55, p. 41-64, 1987.

MARINCOLA, J. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999b.

_____. Genre, Convention, and Innovation in Greco-Roman Historiography. In KRAUS, C. S. (ed.) **The Limits of Historiography - Genre and Narrative in Ancient Historical Texts**. Brill, Mnemosyne Supplements, vo. 191, p. 281-324, 2004.

MARQUES, J. B. Nero as artist and the political changes in the Principate. In: **Praktika, XIth International Congress of Classical Studies, FIEC**. Athens: Parnassos Literary Society, v. A', p. 101-107, 1999.

MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. **Les genres littéraires à Rome**. Paris: Nathan Scodel, 1990.

MASLAKOV, G. Valerius Maximus and Roman Historiography. A Study of the *exempla* Tradition. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.32.1, 1984, pp. 437-496.

MATTINGLY, H. Virgil's Golden Age: Sixth Aeneid and Fourth Eclogue. **The Classical Review**, vol. 48, n. 5, p. 161-165, 1934.

MCDONALD, A.H. Theme and Style in Roman Historiography. **Journal of Roman Studies**, vol. 65, p. 1-10, 1975.

MENDES, Norma Musco. Romanização e as questões de identidade e alteridade. **Boletim do CPA**, IFCH-Unicamp, ano VI, vol. 11, p. 25-42, janeiro/junho 2001.

_____. **O Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso**. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

MILLAR, Fergus. **A Study of Cassius Dio**, Oxford: Clarendon Press, 1964.

_____. **The Emperor in the Roman World**. London: Duckworth, 1992.

_____. **The Roman Republic in Political Thought**. Hannover/London: University Press of New England, 2002. (The Menahem Stern Jerusalem Lectures).

MILLER, N. P. Dramatic Speech in the Roman Historians. **Greece and Rome**, vo. 22, p. 45-57, 1975.

MOMIGLIANO, Arnaldo. Time in Ancient Historiography. **History and Theory**, vol. 6/6: History and the Concept of Time, p. 1-23, 1966.

_____. Tradition and the Classical Historian. **History and Theory**, vol. 11, n. 3, p. 279-293, 1972.

_____. The Place of Ancient Historiography in Modern Historiography. In: DEN BOER, W. (dir.). **Les études classiques aux XIXe. et XXe. siècles: leur place dans l'histoire des idées**. Genève: Vandoeuvres, p. 127-157, 1979.

_____. **La historiografía griega**. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

_____. **The Classical Foundations of Modern Historiography**. Berkeley/Los Angeles: University of California Press, 1990.

_____. **Ensayos de Historiografía Antigua y Moderna.** México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

MORFORD, Mark. *Iubes esse liberos: Pliny's Panegyricus and Liberty.* **American Journal of Philology**, vol. 113, n. 4, p. 575-593, 1992.

NICOLET, Claude. **Space, Geography and Politics in the Early Roman Empire.** Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1991.

NOE, E. **Storiografia imperiale pretacitiana: linee di sfoglimento.** Firenze: La Nuova Italia, 1984.

NORTH, J. A. The development of Roman Imperialism. **Journal of Roman Studies**, 71, p. 1-9, 1981.

OAKLEY, S. P. The Early Republic. In: FLOWER, H. I. (ed.) **The Cambridge Companion to the Roman Republic.** Cambridge: Cambridge University Press, p. 15-30, 2004.

OBER, Josiah. Models and Paradigms in Ancient History. **The Ancient History Bulletin**, v. 36, p. 134-137, 1989.

PAILLER, J.-M.; SABLAYROLLES, R. *Damnatio memoriae: une vraie perpétuité.* In: PAILLER, J.-M.; SABLAYROLLES, R. (orgs.) **Pallas, numero supplementaire: Actes du colloque 'Les anneés Domitien', Toulouse, octobre 1992.** Toulouse-Le Mirail: Presses Universitaires du Mirail, p. 11-55, 1994.

PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Tradução Manuel Losa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. Vol. 2: Cultura Romana. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.

PETIT, P. Le II^e siècle après J.-C.: État des questions et problèmes. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.2, p. 354-380, 1975.

PICCALUGA, Giulia. Fides nella religione romana di età imperiale. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II, 17.2, p. 703-735, 1981.

PLASS, Paul. **Wit and the Writing of History: the Rhetoric of Historiography in Imperial Rome**. Madison: University of Wisconsin Press, 1988.

PIÑA-POLO, F. Die Nützliche Erinnerung: Geschichtsschreibung, *Mos Maiorum* und die Römische Identität. **Historia**, vol. 53, p. 147-172, 2004.

POMEROY, S. B. **Goddesses, Whores, Wives, and Slaves: Women in Classical Antiquity**. New York: Schocken Books, 1975.

PRESS, G. A. **The Development of the Idea of History in Antiquity**. Kingston/Montreal: McGill-Queen's University Press, 1982.

RAAFLAUB, Kurt; TOHER, Mark (ed.). **Between Republic and Empire - Interpretations of Augustus and his Principate**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1990.

RAAFLAUB, Kurt. (ed.). **War and Peace in the Ancient World**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

RADICE, B. Pliny and the *Panegyricus*. **Greece & Rome**, vol. 15, n. 2, p. 166-172, 1968.

RAJCHMAN, John. (ed.). **The Identity in Question**. New York and London: Routledge, 1995.

RAMAGE, E. S. Denigration of Predecessor under Claudius, Galba, and Vespasian. **Historia**, 32, p. 201-214, 1983.

_____. Juvenal and the Establishment: Denigration of Predecessor in the Satires. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II, 33.1, p. 640-707, 1989.

RAWSON, Elizabeth. **Intellectual Life in the Late Roman Republic**. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 1985.

RICH, J. Structuring Roman History: the Consular Year and the Roman Historical Tradition. **Histos - The Electronic Journal of Ancient Historiography at the University of Durham**, vol. 1, 1997. Disponível em <<http://www.dur.ac.uk/Classics/histos/1997>>. Acesso em: 05 set. 2007.

RIVES, James. **Religion in the Roman Empire**. Oxford: Blackwell Publishing, 2007.

RUCH, M. Le thème de la croissance organique dans la pensée historique des Romains, de Caton à Florus. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, I. 2, p. 827-841, 1972.

RUFUS FEARS, J. The Cult of Virtues and Roman Imperial Ideology. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 17.2, p. 827-948, 1981.

RYBERG, I. S. Vergil's Golden Age. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, vol. 89, p. 112-131, 1958.

SALLER, R. Progress in Early Roman Historiography? **Journal of Roman Studies**, vol. 81, p. 157-163, 1991.

SANFORD, E. M. Contrasting Views of the Roman Empire. **The American Journal of Philology**, vol. 58, n. 4, p. 437-456, 1937.

SCHEID, John. **Religion et piété à Rome**. Paris: Albin Michel, 2001.

_____. **An Introduction to Roman Religion**. Bloomington & Indianapolis: Indiana University Press, 2003.

SCOTT, Kenneth. The Identification of Augustus with Romulus-Quirinus. **Transactions and Proceedings of the American Philological Association**, v. 56, p. 82-105, 1925.

SERRES, Michel. **Rome: the Book of Foundations**. Stanford: Stanford University Press, 1991.

SHOTWELL, James T. **Historia de la Historia em el Mundo Antiguo**. México: Fondo de Cultura Economica, 1940.

SILVA, Gilvan Ventura da; MENDES, Norma Musco (orgs.). **Repensando o Império Romano. Perspectiva Socioeconômica, Política e Cultural**. Rio de Janeiro: Mauad; Vitória: EDUFES, 2006.

SOUTHERN, Pat. **Domitian. Tragic Tyrant**. London/New York: Routledge, 1997.

SYME, Ronald. **The Roman Revolution**. Oxford: Oxford University Press, 1939.

TIMPE, D. Fabius Pictor und die Anfänge der römischen Historiographie. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, I. 2, p. 928-969, 1972.

TOHER, M. Augustus and the Evolution of the Roman Historiography. In: RAAFLAUB, Kurt; TOHER, Mark (ed.). **Between Republic and Empire - Interpretations of Augustus and his Principate**. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, p. 139-154, 1990.

TREGGIARI, Susan. **Roman Social History**. London: Routledge, 2002.

TROIANI, Lucio e ZECCHINI, Giuseppe. (ed.) **La cultura storica nei primi due secoli dell'Impero Romano**: Milano, 3-5 giugno 2004. Roma: "L'ERMA" di BRETSCHNEIDER, 2005.

VERBRUGGHE, Gerald P. On the meaning of *Annales*, on the meaning of Annalist. **Philologus**, 133/2, p. 192-230, 1989.

WALLACE-HADRILL, A. *Civilis Princeps*: Between Citizen And King. **Journal of Roman Studies**, vol. 72, p. 32-48, 1982.

_____. The Golden Age and Sin in Augustan Ideology. **Past and Present**, vol. 95, p. 19-36, 1982.

_____. Rome's cultural revolution, **Journal of Roman Studies**, 79, p. 157-164, 1989.

_____. The Emperor and his Virtues. **Historia**, vol. 30, p. 298-323, 1991.

_____. *Mutatio morum*: the idea of a cultural revolution. In: HABINEK, Thomas.; SCHIESARO, Alessandro. (eds.). **The Roman Cultural Revolution**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 3-22, 1997.

WALTER, Uwe. **Memoria und res publica - Zur Geschichtskultur in republikanischen Rom**. Frankfurt am Main: Verlag Antike, 2004.

WATERS, K. H. The Character of Domitian. **Phoenix**, XVIII, p. 49-77, 1964.

_____. *Traianus Domitiani Continuator*. **The American Journal of Philology**, vol. 90, n. 4, p. 385-405, Oct. 1969.

_____. The Reign of Trajan, and its Place in Contemporary Scholarship (1960-72). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 2, p. 381-431, 1975.

WELLESLEY, K. **The long year A.D. 69**. London, Elek, 1975.

WILLIAMS, G. **Change and Decline – Roman Literature in the Early Empire**. Berkeley, LA/London: University of California Press, 1978.

WILLIAMSON, George. Aspects of Identity. In: HOWGEGO, Christopher; HEUCHERT, Volker; BURNETT, Andrew. **Coinage and Identity in the Roman Provinces**. Oxford: Oxford University Press, p. 19-28, 2005.

WIRSZUBSKI, C. **Libertas as a Political Idea at Rome During the Late Republic and Early Principate**. Cambridge: Cambridge University Press, 1950.

WISEMAN, T. P. Monuments and the Roman Annalists. In: MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 87-100, 1986.

_____. The Legend of Lucius Brutus. In: CITRONI, Mario. (ed.) **Memoria e identità – la cultura romana costruisce la sua immagine**, Firenze: Università degli Studi di Firenze, Dipartimento di Scienze dell'Antichità "Giorgio Pasquali", p. 21-38, 2003.

WOODMAN, A. J. **Rhetoric in classical historiography**. Portland: Areopagitica, 1988.

WOOLF, G. **Becoming Roman - the origins of provincial civilization in Gaul**.
Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

YAVETZ, Zvi. **Plebs and Princeps**. Oxford: Transaction Publications, 1988.

ZANKER, Paul. **Augusto y el poder de las imágenes**. Madrid: Alianza Editorial, 1992.